OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA, 2

Maria M. King

Tradução: Amadeu António

OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA 2

CONFORME DESCOBERTOS NO DESENVOLVIMENTO E ESTRUTURA DO UNIVERSO

O SISTEMA SOLAR, LEIS E MÉTODO DO SEU DESENVOLVIMENTO.

A TERRA, HISTÓRIA DO SEU DESENVOLVIMENTO

SENDO UMA EXPOSIÇÃO CONCISA DAS LEIS DO DESENVOLVIMENTO UNIVERSAL, DA ORIGEM DE SISTEMAS, SÓIS, PLANETAS; AS LEIS QUE REGEM OS SEUS MOVIMENTOS, FORÇAS, ETC. TAMBÉM UMA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA TERRA DESDE O PERÍODO DA SUA PRIMEIRA FORMAÇÃO ATÉ AO PRESENTE. TAMBÉM UMA EXPOSIÇÃO DO UNIVERSO ESPIRITUAL.

LEI DA EVOLUÇÃO. ORIGEM DA VIDA, DAS ESPÉCIES E DO HOMEM. O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO.

DADO INSPIRACIONALMENTE, POR MRS. MARIA M. KING.

EM TRÊS VOLUMES. Vol. II.

HAMMONTON, N. J.: A. J. KING. BOSTON: COLBY AND RICH. CHICAGO: THE RELIGIO-PHILOSOPHICAL PUBLISHING HOUSE. 1880

PREFÁCIO

O desígnio deste volume foi brevemente declarado no prefácio do Vol. I desta série. O plano original foi mantido, o qual consistia em dedicar o segundo volume à continuação da exposição do Universo Material. É o objetivo deste volume elucidar as leis do desenvolvimento material universal, tanto quanto o seu âmbito e os assuntos em discussão o permitam.

O volume anterior concluiu a história do desenvolvimento da Terra até ao estágio planetário. Começando com o período da formação da crosta do planeta, o primeiro capítulo trata das eras planetárias, da natureza e ação característica de cada uma, e dos princípios envolvidos

nas sucessivas mudanças das condições de superfície, evolução de formas, etc.

O capítulo segundo trata do desenvolvimento progressivo da superfície e das formas, especificando estágios de progresso e meios de avanço, com leis e princípios a estes ligados da maior importância para uma compreensão adequada da lei da evolução e do caminho de progresso de um planeta desde as condições caóticas até ao estágio habitável.

O capítulo terceiro contém uma enunciação da lei da criação, ou da origem da vida, lei da evolução das espécies e do homem; traçando a origem da Força Procriadora num universo em caos, e seguindo as suas sucessivas transformações até se tornar uma força encarnada, o único e exclusivo originador de formas de todos os graus e variedades, incluindo o homem.

A chave para a lei da evolução das espécies é revelada no progresso da matéria e das formas por estágios, cada um dos quais sucessivos é uma plataforma, por assim dizer, sobre a qual o seguinte é construído, e sem a qual não poderia ser evoluído. Princípios científicos rigorosos estão envolvidos em toda esta exposição minuciosa da lei da evolução e conservação da força; e os leitores farão bem em prestar especial atenção aos princípios envolvidos e à linha de argumentação seguida ao longo do capítulo.

O quarto e último capítulo contém uma breve história da raça humana desde o período da sua evolução através da era pré-histórica, com uma análise dos princípios que regem a evolução das raças, formas sociais, línguas, etc., etc. As referências a leis e forças espirituais que este volume contém não puderam ser adiadas para o Vol. III para tratamento, uma vez que o material e o espiritual estão tão intimamente ligados nos processos evolutivos que a lei do desenvolvimento material envolve, igualmente, o desenvolvimento espiritual.

HAMMONTON, N. J., 20 de Dez. de 1879.

INTRODUÇÃO

Após quinze anos, o período que decorreu desde que a introdução do Vol. I desta série foi escrita, a autora saúda novamente o público e chama a atenção para os volumes de encerramento da obra então introduzida. É apropriado que sejam dadas as causas que tanto atrasaram a publicação dos dois volumes agora apresentados. Em 1867, foram escritos com a perspetiva, em minha própria mente, de publicação imediata, se parecesse que os meios poderiam ser dispensados para o efeito. Os volumes, como então escritos, eram volumosos, compreendendo quase o dobro da quantidade de matéria contida atualmente; e não era condizente com os recursos limitados ao dispor publicar naquela altura.

A tentativa foi, contudo, feita, e cinquenta páginas foram estereotipadas, quando outro trabalho se interpôs, menos dispendioso, o que interrompeu este por algum tempo. Finalmente, o empreendimento foi adiado para uma "ocasião mais conveniente", após as despesas das obras menores terem sido incorridas e os custos de continuar o trabalho de publicação dos volumes maiores terem sido totalmente contabilizados. Então as minhas forças falharam. Parece que esgotei a energia nervosa que poderia ser dispensada naquele período da minha vida, e o trabalho desta natureza teve de ser abandonado por um tempo.

O "vale" foi alcançado, interpondo-se entre dois estágios de labor; e o repouso e a revigoração das energias espirituais foram necessários para me capacitar para mais trabalho. Os volumes foram "postos na prateleira" quase em desespero; e os anos passaram, não trazendo qualquer perspetiva de concluir a obra, que era como a minha própria vida; tendo eu dedicado a melhor força da minha maturidade a ela, nada, nem mesmo amigos, ou os bens do mundo, ou a própria vida, parecendo ter valor igual para mim ao trabalho que me foi imposto para realizar, sem que eu o buscasse, pelos Poderes superiores.

Há alguns anos comecei a perceber, indefinidamente no início, que se os meus volumes alguma vez vissem a luz do dia, teriam de ser abreviados. Na espera, reuni força e energia para reescrever os dois

volumes na íntegra, mas em forma abreviada. Em Fev. de 1878, retomei o trabalho, pensando em analisá-lo e deixar de fora porções que pudessem ser dispensadas do texto original. Para minha surpresa, comecei a reescrevê-lo; trabalhando naquele ano até que as minhas forças se esgotaram na primavera, pelo regresso da Asma periódica, que fora a minha maleita durante anos.

Este flagelo relaxou muito do seu rigor, conforme apareceu com o avançar do verão, e comecei a achar que tinha realmente, como fora levada a esperar, superando-o de tal modo que o trabalho no meu campo designado poderia ser continuado, e o objetivo das minhas esperanças alcançado na conclusão desta obra e de algumas outras prometidas. O inverno de 1878-9 encontrou-me capaz de continuar o labor iniciado no anterior, o qual levei até à conclusão neste inverno de 1879-80.

Fui conduzida, de passo em passo, nesta experiência, como pela mão de alguém que pudesse discernir o fim desde o princípio, conforme me parece agora. Enquanto nas profundezas do "vale" que ladeava a minha "montanha de poder", eu não conseguia perfurar a escuridão que me envolvia; — não conseguia conceber por que haveria de ser assim chamada para um trabalho que não podia terminar. O meu espírito foi submetido à aquiescência pela reflexão de que nada seria ganho em murmurar contra o destino, mas muito se perderia para mim se permitisse que a perturbação mental agravasse as minhas fraquezas corporais.

Sofri a exaustão das minhas faculdades físicas a tal ponto que estive perto de desistir para morrer; embora o ponto quase nunca tenha sido alcançado em que eu pudesse acreditar que o meu trabalho na terra estava terminado. "A vontade de Deus é o melhor", pensei eu, "o meu fraco trabalho para a humanidade pode bem ser dispensado, visto haver tantos trabalhadores mais capazes do que eu no campo que ocupo como escritora."

Vez após vez, reiterei este sentimento para comigo mesma, tentando silenciar as queixas que surgiam, apesar de toda a filosofia que conseguia reunir. Uma taça foi pressionada contra os meus lábios que era difícil de esgotar; e fui poupada. O trago que substituiu aquele, cuja amargura

tinha sido provada, foi um néctar doce e inspirador. A luz do dia que finalmente raiou foi tão brilhante quanto a escuridão da longa noite tinha sido densa e aterradora. Regozijei-me com grande alegria quando pareceu que eu não tinha sido enganada por um *fogo-fátuo* ao ser levada a acreditar que o meu trabalho, tal como era, deveria ser feito conforme prometido. O meu reverenciado mestre e mentor espiritual não tinha iniciado a sua guerra com a minha natureza imperfeita, para a cultivar até ao estágio onde pudesse servi-lo, sem contar o custo até ao último centavo.

Descobri que os anos de quietude e fraqueza física tinham dado frutos ricos. Os meus poderes tinham brilhado com uma aquisição de força espiritual. O desenvolvimento progrediu, servindo a fraqueza como meio de espiritualizar as minhas forças. A experiência, a observação e alguma leitura aumentaram a minha capacidade de ser uma expositora de princípios. O meu mestre planeara tudo, fazendo as circunstâncias servirem os seus propósitos; mas não me revelara o que não me serviria de nada saber; e, pela ocultação, efetuando o que não poderia ser por outros meios.

Os leitores do primeiro volume desta obra não precisam de ser lembrados das suas imperfeições de estilo, composição, etc.; mas eu diria em relação a ele que, à medida que o meu desenvolvimento avançou desde a sua publicação, notei as imperfeições e lamentei-as. Senti que a obra era digna de um cérebro melhor do que o meu, de uma mente melhor provida de factos e princípios, para servir de base sobre a qual o mestre pudesse construir a sua estrutura de princípios.

Cheguei à conclusão, contudo, de que é melhor submeter-me pacientemente ao inevitável; sabendo, como sei experimentalmente, que a mediunidade é progressiva; e o trabalho deve ser iniciado, se o for de todo, antes de um sujeito estar tão bem qualificado para ele como ele ou ela se possa tornar sob a tutela de um mentor sábio. Espero que o meu trabalho aqui esteja melhor feito, como certamente deveria estar, como fruto de uma experiência extensa e severa de anos de espera ansiosa e de suportar a disciplina de um guia, tão severo nos seus métodos quanto pode ser, em justiça para com a minha constituição física e mental.

Ao apresentar os dois volumes restantes ao público, peço indulgência ao observar, a respeito da autoria mediúnica, que esta não deve ser julgada exatamente pelo padrão aplicado aos autores comuns. A diferença entre os dois graus é esta: um é mestre do seu assunto antes de começar o trabalho de o escrever — ou, pelo menos, supõe-se que o seja — e escreve a partir de um plano pré-arranjado, tendo um arranjo de ideias na sua mente que é o seu labor transferir para o papel; ao passo que o outro escreve sob o ditado de outrem o que é novo para a sua mente, fluindo a linguagem e as ideias conforme impelidas através do canal do seu cérebro a partir de outro cérebro.

Ora, o que é inconcebível para a maioria das pessoas nos dias de hoje é isto: que é uma vantagem para o mentor, ao assegurar os melhores resultados, manter a mente do sujeito, ou escritor, em expetativa, enquanto a prepara para ser o canal para o seu pensamento. Na minha própria experiência, o plano foi rigidamente executado de me ocultar os princípios mais importantes até ao momento da sua entrega para transmissão para o papel. Houve, inevitavelmente, uma luta, como um trabalho de parto do cérebro, antes do nascimento de pensamentos que me pareceram transcendentemente grandiosos; como se a lei fosse aqui aplicável, a qual estabelece que as dores precedem cada nascimento nobre.

Estou confiante de que o exercício da mente e do cérebro induzido pelo agravamento da espera e da expetativa do que não vem facilmente, e o esforço para agarrar o pensamento apenas vagamente concebido, se é que concebido de todo, e revolvendo todos os modos possíveis de expressar alguma ideia, concebida como a correta, é precisamente a disciplina necessária das forças para as preparar para dar a expressão adequada a um pensamento novo para a mente.

Tenho sido severamente provada por este método imposto, pois tem sido aparente para mim que estou em desvantagem através dele, pelo facto de ser impossível para um mentor espiritual dar a mesma expressão ao pensamento através do cérebro de um sujeito como ele próprio faria diretamente; ou fazer-lhe igual justiça como no último caso, ou, na verdade, fazer justiça exata ao sujeito, cuja capacidade para expressar

pensamento da sua própria mente nem sempre deve ser medida pelo que diz por impressão espiritual. Um mentor não pode imprimir o seu estilo exato na composição transmitida através de um médium; nem pode ele imprimir o deste último; pois o seu esforço para dar ao seu pensamento a expressão mais clara possível envolve a necessidade de comandar a mente do sujeito tão completamente a ponto de obscurecer o pensamento, a memória e o poder de expressão, conforme as circunstâncias o exijam, a fim de lhe dar o uso total das forças do cérebro e da mente.

O controlo com o propósito de expressar em linguagem clara e abrangente princípios de filosofia e ciência é acompanhado de dificuldades e labores severos, dos quais o leitor comum tem pouca conceção. O instrumento partilha plenamente dos labores e perplexidades, sendo estas últimas grandemente aumentadas pela incapacidade do público em compreender as dificuldades que acompanham o esforço de fazer a melhor justiça possível à verdade, mesmo correndo o risco de a apresentar de uma maneira canhestra.

Não pretendo antecipar as críticas com estas observações, mas apenas chamar a atenção para um princípio importante a ser tido em conta no julgamento do meu trabalho. Gostaria ainda de acrescentar que o que de erro ou declaração errónea possa ser revelado nestas páginas a leitores críticos ou especialistas científicos, pode ser atribuído à minha ignorância e incapacidade de compreender o pensamento do meu inspirador.

Adquiri confiança perfeita na sabedoria e boas intenções do meu guia e mestre, por anos de intercurso familiar com ele ao atuar como seu sujeito; e estou convencida, sem margem para dúvida, de que onde existem falhas no meu trabalho mediúnico, elas são atribuíveis às minhas próprias imperfeições — não às do meu mestre, em sentido algum.

Não foi nenhum caminho florido que percorri para alcançar o meu ponto de vista atual; mas, por mais espinhoso que se tenha provado, bendigo o poder que me impeliu nele. Murmurar contra o plano do Céu mal ficaria a alguém a quem tanta bênção foi conferida com a provação.

Os sofrimentos perdem-se de vista, enquanto os anjos sorriem e abrem ao meu olhar os portões da cidade celestial, e me acenam para vistas mais extensas dentro do reino espiritual.

Estes capítulos, tal como estão agora, foram escritos sem o auxílio de um escriba; a minha própria mão realizando o trabalho que, no caso do volume um, e destes dois na sua primeira escrita e das minhas obras menores, foi imposto ao meu marido. Eu tinha superado a necessidade da interposição da força magnética de outrem para estimular a minha própria e ajudar o processo de controlo, quando este labor posterior foi iniciado.

Este foi o alcance de um estágio superior na minha mediunidade; embora a ajuda que o meu marido me deu, ao início, tenha sido extremamente valiosa para o mestre, e tenha interferido tão pouco com o controlo minucioso deste último sobre as minhas forças quanto é possível onde um ou mais são necessários para formar a corrente de força para controlar. A sua suscetibilidade a influências espirituais era quase igual à minha, nestes primeiros estágios, e as suas forças estavam, em consequência, sob o controlo do círculo em espírito que auxiliava o mestre.

As mudanças que foram feitas nos volumes pela sua revisão residem principalmente no encurtamento de detalhes. Princípios foram adicionados, os quais foram reservados para inserção agora; e alguns apresentados no Vol. I foram mais completa e claramente explicados do que podiam ser então por mim. O esforço foi o de condensar e omitir o menos possível, de forma consistente com o âmbito contraído dos volumes. Recomendo o meu trabalho ao público, sob o ditado da mente que o inspirou; esperando por ele não mais do que o crédito que os seus méritos merecem.

MARIA M. KING.

OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

CAPÍTULO V.

DESENVOLVIMENTO GEOLÓGICO DA TERRA. ERAS PLANETÁRIAS.

PRIMEIRA ERA PLANETÁRIA — SEGUNDA ERA PLANETÁRIA E EVOLUÇÃO DA ÁGUA, ETC. — INTRODUÇÃO E USO DA VIDA ORGÂNICA — TERCEIRA ERA PLANETÁRIA, A SUA AÇÃO — QUARTA, A SUA AÇÃO — LEI DA EVOLUÇÃO DA LUZ — DESENVOLVIMENTO DE CONTINENTES — VIDA NA QUARTA ERA, ETC. — ELIMINAÇÃO DE MINERAIS — EVIDÊNCIAS DE ANTIGOS CONTINENTES — QUINTA ERA PLANETÁRIA, CONTINENTES, ETC. — SEXTA ERA PLANETÁRIA, ETC.

No capítulo de encerramento do primeiro volume desta obra, é dada uma descrição minuciosa da ação das forças na evolução das condições planetárias. É desnecessário repetir isto ao narrar a história da **Primeira Grande Era Planetária**, a qual é, em parte, uma repetição da era de encerramento do estágio Cometário. A ação despertou após a noite da última Era ter dado lugar à manhã desta. As eras tinham sido muitas em que o repouso fora a condição na superfície do planeta; e a matéria preparava-se para o redespertar que deveria iniciar um estágio superior — o primeiro estágio do desenvolvimento planetário.

A ordem de ação na Primeira Era Planetária e em cada uma das subsequentes foi a mesma que nas Eras Cometárias. Desenvolveu intensidade por graus lentos, conforme as eras avançavam, desdobrando, estágio após estágio, o desenvolvimento da superfície, e afetando, finalmente, a solidificação completa da matéria da superfície e a sua preparação para entrar na forma de espécies estáveis de rocha.

A ação característica da Era foi a de arrefecer, condensar e solidificar a matéria da superfície, preparando-a para a ação da era seguinte, que deveria avançar ainda mais estes objetivos, além de outro trabalho importante. As forças eruptivas periodicamente ativas sobre uma grande porção da superfície serviram o mesmo propósito que as mesmas forças tinham na última Era; a saber, o de condensar e purificar ainda mais a matéria, e eliminar os elementos da substância da superfície, em maior

pureza do que tinham existido até então. Tratava-se ainda de um trabalho de processamento da matéria através da prova de fogo que estava em progresso; e agora, muito mais era efetuado no mesmo espaço de tempo para fazer avançar o processo evolutivo do que alguma vez anteriormente. A era foi menos ativa do que aquela que precedeu imediatamente o último período de repouso, pois era a era de abertura de um novo ciclo; mas a matéria estava tão avançada para a solidificação que exigia apenas a ação mais suavizada desta era para completar esse fim.

Durante este período, a atmosfera exerceu uma influência mais poderosa, comparativamente, no sentido de arrefecer a matéria da superfície do que durante a última era ativa, devido ao facto de a sua ação elemental ter sido intensificada pela influência de forças ultraplanetárias.

Disto resultou uma maior diversidade de clima nas diferentes zonas; o calor foi modificado e o processo de arrefecimento avançou, enquanto a matéria atmosférica se tornava apreciavelmente afetada pela intensidade de ação das suas forças. As forças perturbadoras do Sistema Solar — as grandes e pequenas vibrações e oscilações — combinavam a sua influência com as do corpo individual para o avanço do processo de desenvolvimento.

A variabilidade na largura das zonas de maior calor e frio, causada pela variação na obliquidade da eclíptica, e as alternâncias de calor e frio nos hemisférios norte e sul, causadas pela mudança nas posições relativas da Terra e do Sol no verão e no inverno — efetuadas por oscilações que atingiam os seus máximos em eras amplamente separadas — estas, ocorrendo através da era de condensação da matéria cometária e através dos estágios de desenvolvimento planetário, foram forças que acrescentaram intensidade às outras em operação e, portanto, auxiliaram grandemente no desdobramento das condições planetárias.

O frio polar, cooperando com o calor equatorial na atmosfera durante as eras imensas em que o planeta era uma massa fundida e, de polo a polo, varrido por ondas de fogo, foi o meio de qualificar a

atmosfera para ser uma condutora das influências solares para a superfície. Tão aparentemente inapreciável foi esta influência durante o estágio Cometário e a era de abertura da Planetária, que era como se o vapor ígneo que reagia com a massa líquida aquecida do corpo estivesse a adquirir acréscimos de calor em vez de conferir uma influência de arrefecimento a esta última.

Contudo, as eras acumularam-se não em vão; o que era aparentemente uma repetição do mesmo processo através de eras cuja duração, para a compreensão humana, era como uma eternidade, era a ação necessária para alcançar o resultado; e nenhuma era poderia ter sido dispensada; pois, em cada uma das sucessivas, alguma nova força era desdobrada para ser acrescentada ao aumento do agregado e estimular outras.

A ação destinava-se a evoluir os elementos básicos na sua pureza; e, até que isto fosse alcançado, condições caóticas deveriam prevalecer. Difundidos na massa aquecida do corpo e da atmosfera, eles entravam perpetuamente em combinações evanescentes, à medida que o jogo de forças colocava em contacto elementos afinizados de grau para entrar em união química, mas cujas afinidades eram demasiado fracas para resistir à força desintegradora do calor intenso por qualquer período de tempo. Transmutações de energia de uma forma para outra eram, assim, a ordem, sem cessar.

Até à Era em questão, a estabilidade dos compostos químicos era impossível, devido à prevalência universal do calor. Mas agora que as forças de arrefecimento eram tão eficazes na superfície e na atmosfera, e a matéria da superfície estava qualificada para a solidificação pelo processo de refinação pelo qual tinha passado, a ação química exerceu a sua influência para propósitos mais aparentes.

Os compostos minerais começaram a assumir uma forma semipermanente. Uma crosta cristalina formou-se na massa de lava tão rapidamente quanto secções da superfície se tornavam suficientemente condensadas para resistir à ação dos fogos subterrâneos; fogos esses que causavam o erguer e a ondulação da matéria da superfície até que esta

tivesse atingido este estágio; quando as forças eruptivas encontraram saída em canais, ou em pontos onde, por alguma causa, a condensação tinha sido menos completa. Assim se formaram, inicialmente, núcleos, que agregaram a si mesmos crosta, até que a conjunção de ilhas e continentes que pontilhavam o oceano de lava formou uma crosta consolidada sobre todo o planeta, exceto onde abismos ou fissuras permaneciam como aberturas para as forças internas. Esta rocha cristalina era, de início, extremamente instável. Cedeu, repetidamente, à força do calor, após a solidificação ter formado grandes extensões de superfície sólida, como na última era; e quando, finalmente, a estabilidade da crosta foi estabelecida, ela desfez-se em cinzas perante as forças desintegradoras exercidas sobre ela.

A Era teve uma duração que teria incluído em si todo o período desde a idade Azoica até à idade do homem. É denominada A Era Ígnea, em contraposição à seguinte, A Era Aquosa; e devido à força que a caracterizou mais do que qualquer outra era planetária; a saber, o calor. Mesmo em declínio, ainda mantinha isto; pois, na superfície, até perto da sua noite, forças eruptivas estavam a trabalhar; abismos de fogo escancaravam-se e gases aquecidos ascendiam para a atmosfera a partir de inúmeras cavidades, fazendo com que esta permanecesse uma massa de vapor gasoso aquecido, demasiado grosseira para transmitir uma única influência genial do sol progenitor para a superfície.

Quando, finalmente, a noite da era se fechou sobre o planeta, houve quietude universal. A atividade das forças eruptivas tinha abrandado, as fissuras e cavidades tinham-se fechado, a superfície estava completamente consolidada. Os gases que escapavam dos fogos latentes por baixo dela encontraram canais de saída onde grandes cavidades tinham existido, e a estrutura solta da crosta forneceu as aberturas necessárias para as forças reprimidas. Energias quiescentes reuniam forças para uma ação renovada num plano superior na era seguinte.

O dia que sucedeu a esta noite abriu-se sobre um mundo envolto em névoa. Manhã gloriosa! que deu à luz a humidade incipiente que foi a precursora da água; a manhã prometida, que foi retida apenas enquanto o processo preparatório decorria para tornar a sua vinda possível! A

abertura da Segunda Era Planetária, a Era Aquosa, foi uma época importantíssima no desenvolvimento planetário. A atmosfera tinha chegado ao estágio em que a estimulação das suas forças, que marcou a introdução da nova era, instituiu uma nova ordem de ação no seu interior. Foi acrescentada às forças que até então tinham trabalhado nela e sobre a matéria da superfície, uma outra, que fortaleceu de tal modo as afinidades da substância que uma nova forma pôde resultar. As combinações dos gases que compõem a água, que antes tinham sido demasiado efémeras e incompletas para efetuar algo permanente, deram agora lugar ao composto estável, a água, na forma de névoa ou vapor de água.

Mantida em suspensão na atmosfera enquanto esta estava demasiado aquecida para permitir a agregação de partículas, formou um estrato envolvente ao corpo do planeta, que foi um agente poderoso para estimular a ação progressiva na superfície. Os fluidos gasosos que escapavam das fendas na crosta, e da rocha frágil em decomposição, eliminavam névoa; e, sobre toda a superfície, era como se todas as coisas se devessem evaporar em vapor. "As águas acima do firmamento" não foram "divididas das que estavam debaixo do firmamento", até que a condensação desta névoa resultasse do arrefecimento adicional dos estratos inferiores da atmosfera e da superfície.

A Era da Névoa compôs metade da grande era e deu lugar à Era da Chuva, propriamente chamada, pois a última metade da grande era foi caracterizada pela queda de chuva, à medida que a condensação da névoa ocorria continuamente quando a ação era suficientemente energética para a evoluir, até que três quartos desta era menor tivessem passado.

O leitor compreenderá, pelos capítulos anteriores, que uma Grande Era é composta por eras menores; que cada subdivisão de uma grande era é, ela própria, subdividida pela mesma lei; e que a subdivisão é a ordem até períodos curtos de poucos anos; o grau de energia marcando cada fase de crescimento e declínio, de acordo com a mesma lei que prevalece com as grandes eras, ciclos e ciclos compostos de períodos eternos. A ação característica muda à medida que as forças completam

alguma nova evolução; e, assim, as épocas marcam as subdivisões, grandes e pequenas, tal como marcam a abertura de uma grande era. As grandes épocas da Era Aquosa foram três; a saber: primeira, aquela que instituiu a era — o início da evolução da água; segunda, o período da primeira condensação da névoa; terceira, a da cessação desta condensação, que foi o fecho da era da chuva.

A ação característica da grande era foi a evolução da água; que foi contínua durante a maior parte da era quando a ação era energética. O declínio desta ação marcou o declínio das subdivisões, e o seu crescimento, a abertura das mesmas; enquanto a sua cessação por longos intervalos, e a quietude acompanhante de outras forças, indicavam os períodos de repouso entre as eras menores maiores; e apenas a cessação parcial destas mostrava os períodos parcialmente inativos que intervinham entre as menores. O acima exposto aplicar-se-á a todas as eras e é explicação suficiente sobre estes pontos aplicada a todos os períodos subsequentes.

Cada era é caracterizada por alguma forma de ação que lhe é peculiar mais do que a outras, e que surge com ela como a forma de energia nascida da reestimulação de forças. Assim, na Era Ígnea, a consolidação da matéria da superfície foi a ação característica; sendo-o tão peculiarmente como a evolução da água o foi para a seguinte; embora outras formas de ação tenham sido propagadas para ela a partir de anteriores, tal como esta e outras formas continuaram em eras posteriores. Progresso significa a estimulação de forças e a evolução de novas formas de força para cooperar com aquelas já existentes; e a ordem é que a sucessão de eras na vida de um mundo é a sucessão da evolução das forças que o desenvolvem e caracterizam.

Uma após outra, aparecem as formas de força que um planeta desenvolve, que são as grandes agências da evolução; sendo necessária uma era inteira ou uma sucessão de eras para o propósito de evoluir, em força suficiente, o que constituirá um fator primordial em evoluções futuras. A água, em quantidade para servir o propósito da Natureza como uma agência qualificada para cooperar eficazmente com todas as forças preexistentes para evoluir condições e formas ainda superiores, só

poderia ser produzida pela ação de uma grande era; pois o conflito de forças era tal naquele período primitivo que apenas lentamente o superior ganhava a ascendência e sujeitava o inferior ao serviço de usos superiores na escala progressiva.

O fogo ainda lutava pelo domínio enquanto a névoa prevalecia como uma cortina espessa sobre a face do planeta. Em intervalos ativos, forças eruptivas perturbavam a superfície; e crateras, fissuras e largos abismos expeliam chamas para a atmosfera, o que aparentemente retardava o processo de arrefecimento — processo esse que deve prosseguir, ou a condensação será impedida. Durante a era, formaram-se crateras que eram propriamente vulcânicas, e também cristas vulcânicas; e estas eram numerosas nas regiões equatoriais, onde as forças eruptivas são sempre mais ativas.

Como foi nestes períodos mais energéticos que a evolução da névoa procedeu mais rapidamente, parece que a ação eruptiva foi um concomitante necessário da atividade desta outra força prevalecente; e, portanto, foi uma necessidade para a sua continuação; embora o calor fosse a grande força retardadora desta nova espécie de evolução. Foi superado através da agência que ele próprio tinha sido instrumental em desenvolver; exemplificando assim o grande princípio de que um uso que é superado se torna um mal que deve ser vencido por agências que, de alguma forma, brotaram dele ou foram dependentes dele, em parte, para a sua existência.

A evaporação foi incessante durante as longas eras da era e, durante muito, muito tempo, a chuva ao cair era dissipada antes de poder atingir a superfície ou servir qualquer propósito que não fosse ser reabsorvida no véu nebuloso que derramava gotas de humidade, como a cobertura de arrefecimento de um caldeirão a ferver. As eras passaram como os momentos de um longo dia, realizando tão pouco, e no entanto cada uma no seu lugar como indispensável, e todas juntas, finalmente, provocando a importante consumação do processo de arrefecimento até ao ponto em que a superfície podia reter água sobre si. As eras passaram e outra consumação foi alcançada; — a terra estava envolta num manto aquoso. A chuva e a perpétua eliminação de água da substância gasosa

da superfície tinham formado um estrato de água acima do estrato rochoso que aguardava alguma agência para ajudar na sua consolidação adicional, além daquelas que tinham estado anteriormente ativas. Foi uma época importante quando esta força foi adicionada à Natureza; pois serviu como o peso que comprimiu a rocha quebradiça da superfície e acrescentou firmeza e estabilidade à sua estrutura, além de exercer sobre ela um forte poder solvente e extrair dela elementos que ela não cederia a nenhuma outra força existente. A prevalência de água na superfície no fecho da era foi universal.

As fissuras na crosta foram fechadas e cobertas com um estrato de água quando a ação abrandou; contudo, tal como nos dias de hoje, aberturas submarinas necessárias foram abertas pelas forças confinadas durante o longo período de quietude que interveio antes da próxima era ativa.

A água deste período inicial era de tal gravidade específica que formava um estrato condensador para a crosta quase igual em força à terra de igual profundidade. Não era o elemento translúcido que é agora, mas era espessa e viscosa, e escura com impurezas. Correspondia a todos os outros elementos daquele tempo primitivo, quando a forma estava em incipiência e a matéria de todos os graus estava misturada na atmosfera grosseira e gasosa, no corpo parcialmente condensado e nesta forma grosseira de água.

Mantinha em solução os elementos que compunham a matéria da superfície em tal quantidade que a precipitação seguiu-se como uma consequência imediata da sua acumulação na superfície. Assim, contribuiu, ao mesmo tempo, com força e material para a crosta, e preparou o caminho para as formas orgânicas. Estas últimas foram as próximas na ordem de evolução após a água e as formas minerais que resultaram da cooperação deste elemento com a matéria da superfície.

Os alicerces do Reino Mineral, que foram lançados quando uma crosta solidificada foi formada, necessitavam de ser fortalecidos pela adição de uma nova força. Esta força deveria acrescentar-lhe material de um tipo que entrasse em combinação química com os constituintes das

formas frágeis e em decomposição da rocha, e reformá-las numa base de estabilidade. Quando isto foi efetuado, tinha sido lançado um alicerce sobre o qual o Reino Orgânico poderia ser construído.

Perto do fecho da Segunda Era Planetária, quando os processos de arrefecimento tinham preparado o caminho, a vida orgânica apareceu pela primeira vez. O leito do oceano primordial desenvolveu leitos protoplasmáticos, que derivaram os seus germes de vida das Forças Magnéticas que estavam, desde a eternidade, a cooperar com a matéria grosseira para a promoção da vida. Forças espirituais e elementos magnéticos materiais interagindo, originam toda a vida e força.

Os germes de vida de cada forma possível de vida e de matéria são fornecidos pelo elemento dual composto por estas duas formas de força, consistindo o progresso no desenvolvimento desta força em formas superiores à medida que a evolução avança. Os fluidos vitalizantes circulam em correntes para o uso da matéria onde quer que haja ação em progresso que possa evoluir as suas forças para cooperar com as do espírito que gravitam para o plano material, para onde as atrações da matéria as chamam.

A evolução é, enfaticamente, o aperfeiçoamento destas forças — este desdobramento gradual até ao estágio final onde será exibido em forma aperfeiçoada o princípio de vida que é afim à Vida Deífica da Natureza. Estas correntes circulantes de força eram atraídas para onde a matéria estava em estado de eliminar uma força semelhante para cooperar com elas — onde a força incipiente que acabava de nascer se estendia em busca de um positivo com o qual se ligar para a perpetuação da vida.

A matéria progrediu em virtude da interação de tais graus de forças magnéticas com ela, que evocavam as suas forças mais elevadas — que coagiam, por assim dizer, a eliminação de um volume de força suficientemente afinizada para cooperar com ela como o seu negativo, após o estágio ter sido atingido quando o trabalho de parto começou. Esta interação culminou em nascimentos superiores e resultou após a estimulação das forças naturais ter efetuado o seu máximo no sentido de

trazer à tona as forças da matéria. No período em questão, o leito do oceano, em localidades onde a matéria estava madura para uma evolução superior à que até então tinha sido efetuada, tornou-se uma matriz onde o espírito concentrou força segundo um plano superior ao que era possível no estágio inferior da matéria.

A vida celular foi instituída como a consumação do plano prefigurado no cristal. A substância gelatinosa que forma o protoplasma era uma forma de matéria suscetível a forças que não podiam acionar a substância mineral. Era uma agregação de substância magnética em alto grau, sendo a evolução das formas mais elevadas de matéria então existentes sujeitas às forças mais elevadas que o planeta tinha desenvolvido. O leito do oceano forneceu esta matéria; pois a água foi o agente poderoso para evoluir as forças da matéria necessárias para a trazer a este estágio requerido.

O plano da vida orgânica é aquele onde o espírito assume a ascendência sobre a matéria num grau tal que molda para si um cérebro a partir do qual pode reagir com vantagem com as forças que ajuda a condensar numa forma. Os Reinos Elementar e Mineral prefiguraram ambos este plano, nos métodos que desenvolveram através dos quais a substância se agregou em formas elementares e minerais. A agregação de substância para formar um mineral é efetuada por uma lei semelhante à que opera no reino orgânico para a assimilação; mas o plano neste último caso é superior, visto que é suscetível à variação exibida no progresso deste reino, desde as primeiras formas vegetais através dos Reinos Vegetal e Animal até ao tipo Humano.

As formas organizadas prefiguram a Forma Universal, na qual a Divindade está consagrada numa Esfera de Força separada de toda a força inferior, e contudo conjunção com ela de tal maneira que atue com ela, para a perpetuação de toda a vida. Interação, interdependência, é a lei entre o interior, que é a esfera Superior do Universo, e cada átomo deste, como é entre o cérebro e todas as outras forças de um ser organizado; e não há fuga a esta lei, tanto num caso como no outro. Isto ilustra o que é pertinente à lei da instituição da vida orgânica.

O progresso tende sempre para a exteriorização do plano da vida Deífica. A minúscula célula que foi a vesícula onde primeiro se concentrou a vida magnética segundo o plano de um cérebro ou esfera, a partir do qual o espírito com as suas forças magnéticas relacionadas pode agir livre do contacto direto da matéria grosseira, era este plano em embrião, depois de ter sido concebido e estar perto do seu nascimento na Forma Animal.

O processo da sua formação foi a união de forças nestes leitos germinais, que agiram para a procriação e, assim, geraram o núcleo de uma forma, concentrando o espírito e os seus elementos relacionados em força para repelir do seu abraço próximo a substância mais grosseira, preservando assim para si o poder de reagir com esta última como uma força qualificada para construir uma forma segundo o plano orgânico. O plano estava nas essências assim concentradas; foi exteriorizado como a vida germinal exterioriza sempre o plano da organização parental, sujeito às mudanças que possam ser instituídas por mudanças radicais nas condições magnéticas operando nos pais ou progenitores ao período da geração.

A primeira forma — quem, ou o quê, a moldou? Qual foi o seu progenitor e em que matriz foi concebida? Foi moldada à semelhança da lama viscosa cujas forças conspiraram com a força dual etérea para a sua geração, e trazia também na sua estrutura a marca da força superior envolvida na sua evolução; e a matriz onde ocorreu a conceção foi a lama que germinou com a vida celular. As primeiras formas foram células incipientes. Estas multiplicaram-se sobre o leito marinho até que uma força fosse gerada para cooperar com a força espiritual de força suficiente para aperfeiçoar a célula e iniciar a construção de formas mais complexas.

O ponto de partida da variedade que viria a caracterizar o reino orgânico situou-se onde a primeira vida celular germinal foi marcada com as características das qualidades da matéria e dos elementos distribuídos pela superfície. A vida, as espécies, de todas as variedades, deveriam corresponder às variedades das formas de matéria — as combinações de que os elementos eram suscetíveis no desenvolvimento progressivo do planeta. A variação deveria ser efetuada através da lei da geração; a lei

pela qual as forças geradoras imprimem a sua imagem nas formas resultantes. Esta é a lei da parentalidade, desde a génese e nascimento de um mundo até à sua última forma gerada, ostentando a imagem das forças envolvidas na sua criação. A acreção de células por um plano, ou segundo um padrão que não estava no mundo material, é o mistério da formação, que encontra a sua solução apenas no princípio supracitado; a saber, que o Espírito impele a formação segundo um padrão interior tão estreitamente aliado àquele que incorpora a força material com a qual coopera para a geração, que é possível que os dois coincidam numa forma resultante.

Esta forma será diferente em características específicas do progenitor material, mas ostentará a marca mais forte da força espiritual, ou positiva. Foi assim que as células se tornaram globulares, segundo o padrão de uma esfera, com forças que irradiam de um núcleo. Esta forma era a que o espírito assume em toda a vida germinal, pelo facto de este atuar sempre sobre a matéria em esferas atómicas nucleadas, sendo o próprio núcleo o átomo da Vida Deífica que inspira toda a vida.

A vida não existiria, não fosse por este modo de ação prefigurado na primeira vida celular, na gota de água ou na forma globular assumida pela matéria fluida sob certas condições. O cristal é uma aproximação a esta forma quando a matéria está no plano antecedente ao orgânico. A esfera implica a ideia de ação Deífica. A célula era uma ideia personificada em elementos, tal como o mecânico personifica a sua ideia de uma máquina em material moldado pela sua mão. Foi uma ideia concebida em sabedoria, pois era o plano perfeito que não deveria ser superado nem melhorado, no que dizia respeito ao modo de vida e formação orgânica.

A vida celular deveria ser propagada como toda a vida; a esfera de força com o seu núcleo de forças concentradas para reagir com forças externas para aumentar as acreções de células, e levar a cabo o desdobramento estrutural e prolongar as atividades funcionais, era o plano perfeito, e não poderia ser superado ou substituído. Uma vez feito o início e esta força encarnada na simples célula material, o motor da vida orgânica foi acionado. As células dividiram-se; resultaram acreções de células da crescente suscetibilidade da matéria à ação das forças

superiores, após o espírito se ter encarnado para atuar como um poder propulsor para realizar as ideias de formação prefiguradas na Natureza física tal como existiam no espírito. Foi um passo de cada vez, na direção do desenvolvimento da complexidade da forma. O brotamento foi sucedido pelo modo de vida vegetal, onde as células se combinam para formar fibras; sendo construídas umas sobre as outras, à maneira do assentamento de uma pedra sobre outra para formar uma estrutura. O plano simples da primeira forma vegetal foi o aumento da força por uma acreção de células na forma de um disco; sendo o plano a radiação a partir de um centro. Assim, o tipo de vida Radiado, que foi instituído no vegetal, foi fundado.

Deve recordar-se que as forças e formas em cada passo avançado ostentavam uma marca superior à força material originária; que esta força material se espelhava na sua sucessora e, no entanto, era por ela ultrapassada, na medida em que o estágio superior alcançado quando esta última foi concebida pressupunha a adição de uma nova força às já existentes. O novo nascimento era consumado pela adição de outra célula ou aglomerado de células para construir uma forma mais complexa, e era efetuado através da influência da força superior exercida pelas correntes etéreas envolventes, fortalecidas como tinham sido pelas forças comunicadas a elas pelas formas de vida que incorporavam a força superior já existente.

Era acrescentar outra forma à Natureza — outra pedra fundamental à sua estrutura de formas. A lei da instituição da formação e da propagação de diferenças específicas está espelhada na vida germinal de cada variedade; ensinando a Embriologia a grande lição que a ciência falhou em aprender durante eras. Esta lei está também espelhada em cada nascimento superior, onde a força geradora produz algo na realidade superior aos progenitores, e que, no entanto, os reflete num certo grau.

O plano de vida incorporado no Reino Vegetal foi propagado no Animal, com o melhoramento da concentração de força em órgãos, como o cérebro e outros centros nervosos. É desnecessário especificar aqui a linha de progresso até este clímax, ou particularizar mais sobre a lei da

instituição e variação das formas. Num capítulo futuro, o assunto será retomado e ampliado ao tratar da Vida, Espécies, etc.

As condições eram mais elevadas após a época de submersão da crosta e o estabelecimento da estabilidade do Reino Mineral, e este foi o sinal para uma nova criação. Uma nova força foi criada pela elevação das condições e foi encarnada em formas orgânicas. Esta fora sempre a ordem — a evolução de uma nova força pelo processo de desdobramento de um novo estágio da matéria, e a sua encarnação em alguma forma de matéria, para auxiliar como uma força propulsora para um estágio ainda superior.

Essências germinais gravitam para a matéria de um grau capaz de as apropriar; e onde, como foi o caso na presente instância, não há incorporação de força procriadora, a lei da procriação atua através de átomos e moléculas de matéria sujeitos à influência de correntes de forças magnéticas condensadas da qualidade adequada, e resultam formas. Se esta não fosse a lei, a vida nunca teria existido; nem formas orgânicas ou inorgânicas poderiam ter resultado da cooperação da Força e da Matéria.

Houve um tempo em que a vida organizada não existia no planeta; um tempo em que estava a ser introduzida sem a agência da força reprodutiva parental; e um tempo em que o reino orgânico superior, o animal, estava a ser estabelecido por alguma outra agência que não esta. Afirmar que tudo isto foi efetuado pela vontade Criadora não o explica; pois, tanto quanto o homem tem sido capaz de traçar as obras do Criador, descobriu que todas as coisas existem por lei, sendo os produtos da operação e cooperação de leis tão antigas como a própria Natureza.

Criação significa evolução por lei; nada mais, nada menos. A fonte da lei e da força está no Espírito Deífico; esse é o Supremo Positivo da Natureza, de onde emanam as leis da matéria e as forças que operam perpetuamente dentro do universo. A Mente dirige, a Vontade guia, em todas as coisas; e o livro da Natureza aparece como que inscrito pela mão Divina com o lápis da Lei.

A encarnação da força em formas organizadas foi um passo grandioso na carreira progressiva do planeta, para ser sucedido por outro tão importante, a partir da base estabelecida por este. O Reino Vegetal formou a base do Animal, como o Mineral tinha formado a do Vegetal, e como o Reino Elemental tinha formado a do mineral. A superestrutura que deveria surgir deste fundamento deveria coroar o clímax do desenvolvimento material; pois, dele, e por ele, deveria surgir a forma culminante da Natureza: o Homem. Assim se percebe quanto foi alcançado pela evolução desta nova força.

A génese das primeiras formas de vida no planeta anunciou a era da energia formativa, na qual a matéria deveria ser sujeita a um processo de desenvolvimento superior a qualquer outro que o tivesse precedido, e eficaz para desdobrar as suas possibilidades intrínsecas. Daí em diante, as formas deveriam suceder-se umas às outras em tal profusão que numerá-las desde este período até à idade do homem seria como contar as folhas da floresta. A matéria do planeta deveria ser regenerada ao passar por estas formas variadas. O sepulcro de um grau deveria ser o local de nascimento de outro; as cinzas das formas decaídas de espécies inferiores eram o material a partir do qual as superiores deveriam ser evoluídas.

Pela lei acima exposta, a evolução do Reino Vegetal foi a criação de uma força que, em cooperação com todas as outras, empurrou a matéria para um plano ainda mais elevado. A partir do ponto de partida estabelecido no reino Vegetal — o Tipo Radiado — a evolução alcançou o estabelecimento do Reino Animal. Isto foi levar a cabo a ideia original de formação até ao ponto em que a semelhança da ideia perfeita foi estampada nas formas. O primeiro tipo animal incorporava vagamente a ideia que encontrou expressão perfeita no Homem — a ideia incorporada na Natureza como um todo.

A vida celular, na sua consumação, originou a forma viva, que respira e se move, dotada de cérebro, nervos, fluidos circulantes vitais e órgãos vitais para servir a forma, um corpo complicado na sua estrutura, ajustado a este mecanismo vital complexo. Prodígio dos prodígios! que força é este Princípio de Vida condensado na Esfera infinitesimal dentro da célula nucleada!

O Reino Vegetal era germinal quando o Animal o sucedeu através dele; isto é, estava em incipiência, tendo até então desenvolvido apenas ordens inferiores de plantas marinhas. A interdependência dos dois reinos é fixada pela lei da constituição de cada um. Consequentemente, seguiu-se que, quando a vida vegetal se desenvolveu em profusão sobre os leitos sedimentares, criou-se uma forte força de atração por algum elemento que faltava para fortalecer a energia vital das espécies e acrescentar estabilidade à estrutura das plantas.

Era isto que se requeria para cooperar com outras forças da Natureza para a introdução de uma força superior, uma que devesse ser encarnada numa ordem de formas superior à vegetal. Esta força atrativa coagiu, por assim dizer, a encarnação da força superior seguinte — a instituição da vida Animal. Assim parece que a interação das forças elementares dos dois reinos resultou assim que o inferior foi concebido, por assim dizer; assim que existiu em força suficiente para evoluir a força acima designada. O Reino Animal forneceu o elemento necessário para completar a estabilidade do Vegetal.

Este princípio foi ilustrado na consolidação e conclusão da cristalização da rocha de superfície pela adição de água às forças da Natureza, que foi ela própria uma evolução efetuada precisamente sobre os mesmos princípios que a que acaba de ser descrita. O Reino Elemental derivou estabilidade através do Mineral, o seu sucessor imediato, tal como este último a obteve através da água e das formas de vida de ambos os reinos orgânicos aos quais este elemento foi instrumental em dar nascimento, que sobreviveram à sua evolução.

Assim parece que a interação de formas relacionadas superiores e inferiores é a lei da sua existência; uma interação tal que torna o inferior, que tem prioridade de existência sobre o superior, dependente deste último para uma força que ele próprio não possui; um princípio importantíssimo, a ser considerado plenamente na discussão da origem das espécies.

As formas vegetais mais primitivas eram tão instáveis como as formas mais primitivas de rocha. Após o advento da vida Animal, quando

ambos os reinos estavam na sua infância, as formas de ambos eram frágeis e desfaziam-se em cinzas facilmente pela ação das forças exercidas sobre elas. Eram terrosas na sua estrutura e serviam para eliminar da terra e da água elementos de impureza que, ao passar por esta primeira prova de formação, se tornavam aptos para outras. As águas deste período inicial, impostas sobre leitos de rocha da qualidade adequada, tornaram-se um cadinho onde a matéria estava a sofrer o processo de refinação indispensável para a preparar para entrar na constituição de formas elevadas de rocha e de vida marinha e terrestre.

Os alicerces rochosos do grande abismo estavam incompletos até que os testáceos tivessem, durante eras, semeado o leito do oceano e se tornado consolidados em rocha, após decomposição completa ou parcial. As formas instáveis das eras anteriores da era formativa (como a era da evolução da vida orgânica e do desdobramento de ambos os reinos pode, com propriedade, ser denominada) não estão preservadas em restos fósseis; no entanto, deixaram o seu registo nas rochas estáveis dos leitos Azoicos mais baixos; e os seus sucessores das eras imediatamente seguintes, quando um grau de estabilidade das formas orgânicas tinha sido estabelecido, testemunham a eficácia dos depósitos de Testáceos na formação de rocha de alta qualidade.

As formações de calcário dos leitos Azoicos são monumentos que registam o modo pelo qual a Natureza construiu, a partir da rocha imperfeitamente cristalizada das eras primitivas, uma estrutura de superfície cuja estabilidade pudesse resistir às mudanças que necessariamente decorreriam enquanto o planeta estivesse a processar os seus estágios superiores. Os insignificantes habitantes do abismo foram os arquitetos que moldaram a crosta em forma depois de as águas a terem preparado para o seu trabalho manual. Assim se percebe como as formas da Natureza são interdependentes — as superiores das inferiores, bem como as inferiores das superiores.

Os vestígios mais antigos de vida animal atualmente existentes encontram-se nos calcários Azoicos; e de vida vegetal, na antracite e grafite que estes leitos rendem escassamente. As eras inumeráveis das primeiras três Grandes Eras e uma porção da primeira parte da Quarta

foram consumidas na deposição da formação Azoica; e durante esse período imenso, desde a última época retrocedendo até ao início da última parte da segunda era, a vida orgânica de ambos os reinos floresceu e decaiu; geração após geração assumindo o trabalho de reorganizar os elementos, até que este estivesse de tal modo realizado que uma nova ordem de coisas pudesse ser introduzida.

A Segunda, ou Era Aquosa, foi sucedida pela Era da Tempestade, como a terceira é chamada, devido à ação que a caracterizou. Foi uma era de tempestades de vento espasmódicas. A atmosfera tinha chegado a um estágio em que os seus elementos podiam ser acionados, mais do que anteriormente, desde o seu estrato superior até ao inferior, pelo frio do espaço; mas não como nos dias de hoje, em que este serve como uma influência equalizadora, modificando o calor equatorial e o frio polar. A atmosfera gasosa e vaporosa daquela era era de tal densidade que impedia esta equalização minuciosa da temperatura, enquanto os estratos inferiores se tinham tornado suficientemente suscetíveis à influência do frio dos estratos superiores para serem balançados por uma ação convulsiva através da agência do frio.

O princípio era idêntico ao que agora produz furacões ou tempestades de vento de qualquer carácter. A ação eruptiva da era era espasmódica, ou intermitente; e em períodos em que era prevalecente, e em localidades onde prevalecia, a intensidade do calor emitido para a atmosfera e conduzido através dos estratos inferiores para onde entrava em contacto com estratos mais frios, ocorriam explosões de violência intensa, e resultava uma poderosa perturbação nos estratos inferiores. Estas explosões de vento eram como os surtos de um vulcão em violência, e como os tornados irresistíveis do presente, apenas mais irresistíveis — mais destrutivos, se o último termo for aplicável onde apenas fins benéficos são servidos pelo elemento em conflito.

Esta foi a força providenciada para auxiliar na pulverização da rocha, após esta se ter endurecido pela ação do fogo, da água e da vida orgânica. A ação eruptiva, durante a era, formou crateras e fissuras, de onde saíam chamas vulcânicas e detritos, e sublevações ao longo das fissuras e em redor das crateras, onde forças subterrâneas pressionavam

para sair, causaram a elevação da superfície, que se tornou terra à medida que crescia sob a ação dos elementos que a estavam a construir. O domínio universal das águas foi quebrado perante os poderes da terra e do ar, que guerreavam sobre elas para ganhar um apoio para uma ordem de condições mais elevada do que a que fora anteriormente possível. Os ventos conjugaram forças com as águas; e as ondas batiam nas ilhas emergentes e sobre as cristas das baixas cordilheiras em ascensão, e esboroavam as rochas, fazendo com que fragmentos chocassem uns contra os outros com tal força que os pulverizavam em átomos, que eram espalhados pelo chão do oceano.

Águas de tal gravidade específica sob a força de tais tempestades de vento convulsivas, fustigando as praias e crateras, causavam o solapamento e a demolição completa de ilhas inteiras, por vezes; nivelando as cordilheiras e varrendo para o abismo os detritos que ali eram necessários para formar leitos sedimentares de ordem superior aos que existiam anteriormente. A ação procedeu desta maneira através dos intervalos ativos da era; e o resultado foi o que a ação de cada era é — a elevação geral de todas as condições.

Ao fecho da era as águas tinham abrandado, e as ilhas estavam distribuídas pela superfície, em muitos casos, como os núcleos dos continentes do futuro; os leitos sedimentares tinham engrossado vastamente, em preparação para as sublevações que os deixariam a descoberto, como o solo de continentes ou ilhas onde a vida terrestre pudesse ser produzida; o carácter da rocha tinha mudado; a crosta quebradiça tinha-se consolidado; a atmosfera tinha-se tornado tão rarefeita que a era seguinte, continuando a ação introduzida nesta, realizaria a obra do "quarto dia", referido na escritura como a "criação" dos "grandes luminares".

A ação peculiar da Terceira Era foi, como seria de esperar, propagada na Quarta, quando se tornou gradualmente modificada, à medida que a rarefação da atmosfera avançava. A ação das tempestades continuou a ser uma das agências mais poderosas da Natureza para impelir o progresso de todas as condições da superfície, tal como acontece na era presente. A agitação da atmosfera e das águas pelas ferozes tempestades

de vento das eras primitivas, após isto se ter tornado possível em qualquer extensão, apressou o progresso maravilhosamente. A atmosfera vaporosa, acionada pelos ventos da quarta era, mudou rapidamente a sua consistência...

A luz solar começou a amanhecer sobre a terra, e raios de luz da Lua e de estrelas distantes perfuraram a escuridão da noite. Trevas perpétuas tinham pairado até então sobre a superfície, exceto onde gases flamejantes abriam caminho através de uma atmosfera demasiado grosseira para admitir a evolução do elemento etéreo, a luz atmosférica — ou cujas vibrações produzem o efeito que é a luz, na linguagem científica do dia. A luz não estava na atmosfera como um elemento iluminador até à quarta grande era, designada na escritura como o "quarto dia"; e com estrita propriedade, de acordo com os usos dos sábios que inspiraram as revelações de períodos antigos, que são baseadas em fenómenos e nas subdivisões naturais do tempo.

Será oportuno, nesta ligação, acrescentar algumas explicações relativas à luz àquelas já dadas no volume anterior desta obra, que estavam incompletas. Luz é um nome que tem sido aplicado à matéria quando está a ser evoluída e quando está a assumir a primeira forma ou estágio apreciável; que é o vapor cometário raro, visível em consequência da agregação de átomos em redor de um centro controlador, cujas forças coagem a condensação. A substância de toda a natureza é assim evoluída ou condensada a partir da matéria atómica dissipada que é inapreciável quando no estado elemental, devido à sua raridade e distribuição em forma atómica.

Acúmulos de substância de densidade diferente recebem nomes diferentes; mas o éter cósmico raro que é visível pela sua própria luz inerente é, por vezes, termo luz, como acima declarado. Isto estabelece um precedente para dar este nome aos éteres que produzem o fenómeno, luz. E mais; outro precedente é oferecido no facto de que éteres de diferentes graus de refinamento atuam sobre os órgãos da visão de diferentes graus de animais, produzindo o fenómeno, luz; enquanto o raio actínico possui propriedades que os outros do espectro não possuem; mostrando que um elemento em falta na luz está envolvido

no efeito deste raio. Os éteres do espaço são tão diversificados como as formas de matéria em mundos que neles se movem; pois são emanações destes e de toda a variedade de substância e formas que contêm. A matéria primeva que não entrou em forma no universo existente de mundos não está incluída nesta categoria, pois não é suscetível à ação de forças planetárias, tais como as que aqui estão a ser delineadas, nem é a evolução de mundos condensados.

Mundos, ao condensarem-se, evoluem atmosferas; e cada forma de substância, de igual maneira, evolui uma atmosfera peculiar a si mesma; isto é, liberta átomos de substância que são magnéticos, e são repelidos do contacto imediato com a substância de superfície, e assim formam uma esfera de matéria etérea que tem o seu centro na força central dessa qualidade de substância.

As formas animais de cada variedade evoluem esferas magnéticas, e estas são graus mistos de matéria esferal: o cérebro evoluindo um grau, o mais elevado; o tecido animal outro, etc. Estas variedades compõem os éteres do espaço, pois são tão difusivos nas suas naturezas como a força atrativa, e movem-se de um lado para o outro, por todo o universo, que é de substância semelhante em toda a sua extensão — sujeito a forças idênticas, com todos os mundos unindo as suas forças como um só, e todos sujeitos às forças de cada um, e cada um às de todos. Os éteres vibram perante as forças às quais são suscetíveis; e estas vibrações produzem efeito onde encontram um elemento correspondente, ou um que possa apreciar as suas forças.

O ar vibra perante a ação intensa gerada pela mistura de correntes frias e quentes, e estas vibrações afetam a substância grosseira aliada em qualidade elemental ao ar, enquanto a substância magnética não é afetada por elas, exceto através das suas relações com a matéria mais grosseira. A água vibra perante a ação do ar, e o efeito destas vibrações é semelhante em género ao das vibrações do ar mais fluido, ao qual ela e a terra estão estreitamente relacionadas.

Ora, fosse possível aos sentidos do homem apreciar a ação vibratória de todos os graus de éteres que entram em contacto com os órgãos

sensoriais, seria fácil perceber como estes estão aliados às vibrações dos elementos ar e água, e como cada grau, tal como os dois últimos elementos, está sujeito a certas forças, possuindo um movimento vibratório peculiar a si mesmo, e que é confinado nos seus efeitos a certos graus de substância afinizada. A luz é agora definida em círculos científicos como o efeito das vibrações de um éter do espaço sobre a retina sensível, não tendo o éter sido analisado mais além do que nos seus efeitos na produção de fenómenos visuais e relacionados.

Quando a ciência alcançar o mundo etéreo o suficiente para descobrir a origem e a gradação destes fluidos subtis, que estão tão profundamente envolvidos nos fenómenos físicos, dará o nome ao elemento ao qual a retina humana é tão sensível, e ao qual a mente responde tão prontamente, de Luz Atmosférica, se lhe der um nome apropriado. Este éter é magnético a tal grau que o fluido nervoso responde a ele, transportando impressões para o cérebro e, através deste canal, para a mente. As vibrações, que são o som, são transmitidas ao nervo auditivo através do meio de um fluido que está mais estreitamente aliado ao nervo do que o próprio ar, sendo, por isso, um condutor necessário do som para o mesmo.

O tímpano aprecia as vibrações primeiro, mas não as transmite diretamente ao cérebro, visto que o nervo não está distribuído sobre ele, mas no fluido atrás dele, que as capta e as entrega ao nervo. As vibrações sonoras não são o produto de apenas um meio, mas de vários afinizados. Assim, os fenómenos visuais não são o produto de um só grau do elemento etéreo, mas de vários, que são estreitamente afinizados e estão peculiarmente adaptados aos propósitos da visão.

A ação na superfície do Sol, que gera as vibrações que afetam o olho humano, encontra resposta no espaço através de um éter muito raro; mas na atmosfera de um planeta, esta qualidade de éter é eliminada em profusão pela ação dos raios magnéticos do sol ao passarem por ela; e daí resulta o fluxo de luz que inunda a superfície na presença do grande luminaire. A raridade dos éteres refinados no espaço torna-o escuro, tal como é frio e proibitivo em todos os aspetos. A matéria atmosférica grosseira gravita para as superfícies de planetas, sóis, etc.; mas os éteres

que são mais magnéticos, mais refinados, são como o sopro da Divindade, que é vida em todo o lado — que percorre todo o império do espaço em missões de bem que possa realizar ao serviço da Mente Soberana. Eles são, de facto, o elo que liga o universo material ao Espiritual, circulando, como circulam, livremente nas atmosferas e no espaço onde as correntes espirituais gravitam para os encontrar, e conjugam forças com eles para levar a cabo os processos da vida física.

Essências germinais, vitalizadas pelo espírito, são fornecidas a partir de correntes etéreas a cada variedade de matéria e formas; estas correntes obedecem às forças atrativas destas últimas quando as forças reprodutivas estão ativas, ou em períodos em que a ação formativa é energética e a matéria se está a agregar em toda a variedade de substâncias e formas que as superfícies planetárias desenvolvem. O intercâmbio revela-se, assim, como a lei entre as formas de superfície e os elementos etéreos que flutuam no espaço; um intercâmbio tal que reside na base de toda a vida de superfície.

Nos estágios iniciais da vida de um sol, antes de o estágio planetário ser alcançado e quando a sua atmosfera é de densidade quase igual à do próprio corpo, a matéria fluida e vaporosa que o compõe rende o elemento de luz etérea em proporções excessivamente raras, mas isto basta para o tornar luminoso e visível; e à medida que a condensação progride, o calor aumenta de intensidade e a combustão se torna mais energética, os elementos etéreos que comunicam movimento aos éteres do espaço são gerados em maior profusão, e a luminosidade do corpo aumenta enquanto este se torna um poder no seu sistema para evoluir as forças das suas formas dependentes.

Dentro das atmosferas densas de tais corpos, à superfície onde os vapores gasosos grosseiros gravitam em abundância, ainda não existe luz atmosférica. Os éteres que comunicam com o olho humano ainda não estão evoluídos nestes estratos inferiores da atmosfera em abundância suficiente para impressionar uma retina, houvesse uma então em existência. Os estratos superiores, para onde os elementos atmosféricos mais etéreos gravitam, rendem aqueles que cooperam com outros corpos do espaço. Após o estágio planetário ser atingido, esta condição

prevalece até que a atmosfera vaporosa se torne limpa e a ação magnética do seu sol progenitor produza efeito nos estratos inferiores; é então que nasce a luz que ilumina a superfície e os estratos inferiores. No início a luz é ténue, pois os éteres são raros e os vapores ainda não dissipados; mas desde o seu primeiro aparecimento, numa atmosfera brumosa e nublada, onde luta, por assim dizer, por uma vida débil, é um poderoso agente de progresso.

Durante a Quarta Era Planetária, a luz exerceu o seu efeito sobre a terra em boa medida. A vida terrestre floresceu nessa era em períodos em que as condições de superfície o permitiam, e as águas eram prolíficas em ordens de vida superiores às que tinham existido anteriormente. As influências magnéticas do sol eram então poderosas para cooperar com as do planeta, e a vida deste último era de uma ordem correspondente à superioridade das condições. Continentes apareceram pela primeira vez nesta era. A ação eruptiva foi energética nos seus períodos de abertura e aumentou de intensidade até depois do seu meridiano; e isto foi instrumental na construção de continentes.

As ilhas da Terceira Era estavam, muitas delas, acima da superfície das águas na abertura da quarta, e formaram os germes de extensões maiores, que assumiram proporções continentais antes de começar o período de declínio da era. O engrossamento e a consolidação da crosta tinham confinado as forças ígneas do planeta no seu interior, e estas não podiam permanecer assim encerradas após a reestimulação de energia que introduziu a era, mas procuraram saída através de velhas crateras e fissuras, e onde quer que a rocha fosse de um carácter que atuasse como condutor para correntes elétricas externas e internas.

Planaltos naturais estavam espalhados pelo leito do oceano. Estas eram secções onde a ação eruptiva tinha empilhado detritos vulcânicos e os restos de testáceos estavam amontoados quase à altura de montanhas, misturados com a escória e a matéria ejetada decomposta. Estas secções eram invariavelmente aquelas onde ocorriam sublevações que acompanhavam surtos de ação vulcânica na terceira e quarta eras; e nesta última, as cordilheiras que estavam ou inteiramente submersas, ou apenas um pouco acima da água, alargaram-se e alongaram-se, à medida

que a energia vulcânica rompia e soerguia a crosta, e criava montanhas e picos vulcânicos, para derreter e espalhar material por todo o lado sob o seu enorme poder, combinado com o das outras agências em funcionamento.

Estes primeiros continentes eram de carácter instável, devido a duas causas: foram desenvolvidos antes do engrossamento da crosta ser suficiente para impedir a séria ação ondulatória que resultava da atividade incessante das forças internas; e foram construídos a partir de cordilheiras estreitas, que se alargaram pela adesão de novas cristas e pela acumulação de matéria nas suas margens, inclinando-se estas últimas para o mar e, assim, sujeitas a submersões a cada oscilação da crosta. Estes continentes eram labirintos de cordilheiras montanhosas, empilhadas umas sobre as outras em total confusão, e vulcânicas a um grau excessivo em intervalos ativos; enquanto, intercaladas entre elas, existiam planícies de extensão comparativamente pequena e vales que desciam para planícies mais baixas e para o mar.

Não existiam planícies continentais intercaladas com cordilheiras e raiadas com canais de rios permanentes; em vez disso, os rios, que apenas corriam periodicamente, abriam caminho através de vales e de quaisquer obstruções que se tivessem acumulado nos antigos canais durante os intervalos em que não corriam, e encontravam o seu caminho para o mar. Os canais dos rios alargavam-se de era para era, a menos que fossem permanentemente obstruídos por sublevações; e as inundações depositavam material e formavam, finalmente, planícies aluviais, que se tornavam produtivas, numa era, de formas baixas de vegetação terrestre, apenas para serem desnudadas na seguinte e transformadas em desertos áridos ou cordilheiras vulcânicas.

O declive era abrupto das grandes cadeias centrais em direção ao mar; e lagos ou mares interiores não existiam, exceto quando as águas represadas de inundações avassaladoras demoravam algum tempo em gargantas de montanha. Os antigos continentes estavam sujeitos a forças que podem ser caracterizadas como as mais intensas; mais do que quaisquer que tenham prevalecido em qualquer era subsequente. Estas eram periódicas e, num certo grau, espasmódicas durante uma parte da

era, mas tornaram-se mais reguladas durante os períodos finais. A ação vulcânica era de uma intensidade desconhecida em eras posteriores. Bastou para construir continentes. Esta é uma história suficiente desta força neste vasto período.

Para auxiliá-la na preparação de material para os continentes que viriam a existir, os ventos, as chuvas, as cheias, os transbordamentos e as submersões das regiões costeiras prevaleceram periodicamente. Picos e cordilheiras montanhosas, que tinham sido construídos pela força vulcânica, desmoronaram-se através da agência desta e de outras forças, e os leitos sedimentares foram enriquecidos pela ordem elevada de material que só poderia ser fornecido por tais meios. Assim, as compensações da Natureza são certas.

Estes continentes eram quatro em número e ocupavam porções das grandes áreas dos oceanos atuais. As latitudes polares eram, naquela era remota, mais prolíficas em superfície terrestre do que em quaisquer eras subsequentes. Isto deveu-se, em parte, à direção das forças naquela era e à sua força extraordinária. Os espasmos convulsivos do planeta foram sentidos de polo a polo; e onde as águas eram mais rasas, o que acontecia perto dos polos, e em hemisférios opostos aos ocupados pelos atuais, desenvolveram-se continentes.

A principal razão pela qual, nas eras primitivas, a terra era mais abundante nas regiões polares do que nas equatoriais era a maior profundidade das águas nestas últimas, que aí se acumulavam em obediência à força centrífuga. Para compensar isto, a ação é sempre mais energética nas regiões equatoriais, e as sublevações realizam mais para as latitudes tropicais e temperadas do que para as polares.

A ação característica da Quarta Grande Era foi a evolução da vida. Tendo a luz sido adicionada à soma das forças operantes na abertura da era, a estimulação resultante foi sobretudo apreciável pelas forças vitais da ordem que vivifica a vida orgânica. Esta floresceu, consequentemente, como não acontecera antes. Indivíduos, espécies, ordens e tipos multiplicaram-se rapidamente; e a vida terrestre desenvolveu-se. A terra daquele período remoto não favorecia a perpetuação de nenhuma

espécie de vida terrestre além de certos limites; contudo, espécies baixas desta ordem de animais e plantas apareceram por volta do fecho da era, após os elementos se terem regulado de modo a admitir a sua evolução e propagação. A vida vegetal podia existir em poucas variedades onde a vida animal não podia, e o período final da era, incluindo a sua noite, deixou registos desta vida nos estratos Subcarboníferos. Alguns Anfíbios das primeiras ordens na escala ascendente desse Tipo foram também desenvolvidos, e os seus restos fósseis nos mesmos leitos contam a história de que existiu terra em grandes secções antes da existência dos continentes atuais.

Mas a vida marinha atingiu o seu clímax, num certo sentido, no decurso deste vasto período. A Idade Silúrica começou na primeira parte desta era, que, nas suas idades posteriores, incluiu o Devoniano e o Subcarbonífero; este último estendendo-se até à manhã da Quinta Era. Sobre a vida destas idades geológicas, é desnecessário falar aqui particularmente. O leitor encontrará descrições da mesma nas obras geológicas de cientistas eminentes. As plantas e animais da terceira e quarta eras, bem como os da Idade Carbonífera — o período de abertura da Quinta Era — eram altamente betuminosos e carbonáceos, derivando estas substâncias dos elementos, que estavam então sobrecarregados com elas.

Vastas jazidas de óleo mineral foram criadas onde os estratos o permitiam, antes de os depósitos de carvão poderem ser estabelecidos; e após isto, as fendas de estratos desconjuntados e cavidades — reservatórios naturais dentro da crosta — foram preenchidas com este óleo. As forças destrutivas que atuaram, durante eras, sobre a crosta, causaram estragos neste material tesouro; contudo, os seus elementos permaneceram no seio da terra, onde o calor não os dissipou, como os tesouros de eras futuras, que colheriam ricas colheitas dos produtos destas eras primitivas.

As águas, a terra e o ar estavam então todos sobrecarregados com cada variedade de matéria que agora existe em forma mineral; e foi o trabalho especial das forças em ação eliminar os minerais distintivamente e depositá-los; purificando assim os elementos e fornecendo o material

necessário para servir os usos do tempo futuro. Nenhuma ordem elevada de vida, tal como as que são contemporâneas do homem e que viveram durante muitas eras antes do aparecimento da raça humana, poderia então existir. Como afirmado anteriormente, animais de respiração aérea das ordens mais baixas apareceram antes da era do Carvão; mas não foi senão após as longas eras que compuseram esse período em que as energias da Natureza se concentraram no trabalho de clarificar os elementos, que quaisquer ordens elevadas apareceram.

A vegetação seguiu a lei que governava no reino animal, na medida em que a flora de uma idade correspondia a outras condições, sendo do grau que os elementos determinavam. Como o Reino Vegetal precedeu o Animal com o propósito de preparar as condições para este último, seguiu-se que, através de toda a era formativa, até que as ordens mais elevadas de ambos os reinos tivessem tomado os seus lugares lado a lado, a Flora de uma idade tinha o propósito de preparar as condições para a Fauna da seguinte, e assim correspondia mais a esta do que à Fauna da sua própria idade. Assim, a vegetação terrestre da era do Carvão preparou os elementos para a existência dos répteis da idade seguinte, e correspondia a eles mais do que a quaisquer animais terrestres da idade anterior.

Os Monstros que ocuparam as terras da idade Reptiliana respiravam uma atmosfera que tinha sido limpa do seu excesso de carbono através da vegetação da idade precedente; mas eram anfíbios, animais de sangue frio, e tais que viviam principalmente em pântanos e se alimentavam da vegetação das terras húmidas, que existia em profusão para seu uso; enquanto uma ordem superior se desenvolvia nas terras mais altas para o uso de uma ordem superior de animais quando estes aparecessem, e para os quais a nova Flora estava a preparar o caminho.

Os Mamíferos Terciários foram precedidos por uma Flora que quase correspondia à do presente. Palmeiras e muitas ordens de Endógenas e Exógenas apareceram como precursoras da Mammalia; e antes do aparecimento dos Mamíferos Pós-Terciários, a Flora do globo foi regulada para se adequar a eles e ao homem. Assim se ilustra nos registos geológicos o princípio da interdependência de eras, reinos e tipos

sucessivos — a lei pela qual todas as coisas vieram à existência. A preparação da terra para cada tipo de vida estava completa em todos os aspetos antes de este aparecer. Cada tipo serviu uma multiplicidade de usos na sua existência, entre os quais o principal foi preparar o caminho para os seus sucessores.

No vasto laboratório do abismo, a ação química preparou o caminho para a deposição dos minerais que a vegetação e os organismos animais tinham recolhido dos elementos num estado mais bruto do que o compatível com a sua deposição antes de sofrerem um processo de refinação. A decomposição era rápida em águas tão impregnadas com sais de cada variedade como o eram todas as águas do período; e assim, à medida que as submersões e emersões alternadas de extensões de terra se sucediam, decorria o processo incessante de eliminação de um elemento e depois de outro, de muitas das variedades minerais que existem em profusão atualmente, nas várias formas em que são encontradas na crosta estratificada.

O calor serviu um propósito importante para eliminar matéria mineral de alguns tipos das formações aquosas, onde estava incrustada em restos de vários géneros. Antes de poder haver uma deposição ou uma eliminação de substância mineral pura, existia o processo indispensável ao qual a matéria bruta deveria ser sujeita; a saber, a sua passagem pelo cadinho da forma. As rochas que agora rendem, ou alguma vez renderam, minerais por qualquer forma de ação, foram formadas a partir de depósitos aquosos trabalhados e retrabalhados neste cadinho.

A Idade Carbonífera fornece uma ilustração perfeita desta lei, que pode ser estudada por todos. Submersões periódicas de terras produtivas causaram a desintegração de material orgânico, o qual formou leitos onde uma Flora densa foi produzida, quando a emersão novamente as trouxe à superfície. As eras são inúmeras nas obras Geológicas onde se sabe que este processo estava a decorrer; mas entende-se bem que foram muitas e longas.

Esta lição é de importância no que diz respeito a dar uma pista para a existência dos antigos continentes. Os leitos Carboníferos mais antigos devem ter sido enriquecidos com depósitos de terras diferentes das extensões de baixa altitude que formavam tudo o que havia nos continentes do presente. Estas extensões ondulantes das grandes áreas continentais forneciam material umas às outras à medida que alternadamente emergiam e subsidiam; mas este não estava enriquecido com uma suficiência do material de rocha vulcânica, que é um ingrediente importante nos solos e, sem ele em certas proporções, estes não são prolíficos.

Nas eras primitivas, quando os solos se estavam a formar, este ingrediente foi introduzido em profusão; e requereu a ação aquosa para o modificar de tal forma que os seus elementos pudessem ser apropriados pela vida orgânica. No período primitivo em que os continentes existentes eram germinais nas terras baixas da Era do Carvão, faltava nessas terras a condição para criar elementos de solo perfeitos, pois faltava, em parte, a ação vulcânica para os fornecer. Mas as terras em justaposição com estas eram aquelas para onde as forças mais ativas da era tendiam, e estas forneciam o material, como foi afirmado anteriormente, para enriquecer as terras dos continentes em ascensão.

Quando, finalmente, a ação ali abrandou, para despertar novamente no hemisfério oposto, e os antigos continentes desapareceram, deixando poucos vestígios reconhecíveis atrás de si, este vestígio importante permaneceu, para deixar a sua marca nas eras seguintes, de modo que os sábios pudessem exumar, em teoria, os continentes que foram — que devem ter sido — e escrever a sua história como escrevem a dos continentes de hoje, a partir do período em que as terras do delta das correntes dos antigos continentes se estavam a formar. Essas terras de delta não eram outras senão as extensões germinais dos novos continentes. Foram preparadas para produzir a vegetação da Era do Carvão por fertilização da maneira descrita.

Os antigos continentes tinham servido o seu propósito quando prepararam o caminho para os novos, até que sublevações posteriores e outros processos de construção de continentes causassem a emersão de

terras onde estas se encontravam. Estão agora a formar-se terras de delta, e depósitos de coral estão a construir, em leitos rasos, os alicerces de terra que será superfície continental estável, em algum período após a ação convulsiva ter adicionado força suficiente à dos minúsculos construtores, para que assim seja.

Restos dos antigos continentes, e das terras da terceira era, existem atualmente; formando partes dos continentes e ilhas nas Zonas polares. A fronteira ocidental da América do Norte, incluindo a cordilheira da Sierra Nevada com a sua extensão alguns graus para norte, e a encosta do continente a oeste desta — que é um labirinto de montanhas de menor magnitude, com planícies intercaladas entre as cordilheiras subsidiárias à grande cordilheira, e com vales inclinando-se para o mar — é uma secção de um antigo continente; que foi elevado após a subsidência, pela ação que soergueu o planalto continental. Isto forma um exemplo do carácter dos antigos continentes numa forma modificada.

O carácter altamente cristalino das montanhas nesta região, como é agora exibido, é um resultado das forças da sexta era a atuarem sobre a formação cristalina de cristas que eram vulcânicas na quarta era, mas que estiveram debaixo das águas durante a maior parte da quinta. Estas formações eram de carácter elevado; e quando a ação foi energizada sob o grande Planalto Continental, a leste do antigo continente do qual esta secção fazia parte, foi propagada, em parte, a partir desta secção; e devido ao facto de ser uma porção periférica do antigo continente, e uma onde a ação fora menos energética na quarta era do que em terras mais ocidentais, as forças da matéria não estavam então tão completamente exauridas como nestas últimas. Aqui, consequentemente, houve um núcleo onde a força foi gerada, que culminou na sublevação da secção, após o planalto Continental ter sido parcialmente estabelecido.

As terras Azoicas das Zonas polar e temperada são também, em parte, secções de continentes da quarta era. Estas terras foram cedo sujeitas ao processo de retrabalho mencionado numa página precedente, tendo estado debaixo das águas até endurecerem para a sua consistência atual, o que foi efetuado por meio de calor e pressão sobre rocha preparada no cadinho da formação. Estas terras foram núcleos

necessários para os continentes, antigos e novos. Tendo estado expostas a influências atmosféricas durante longas eras, foram geradoras de força que instituiu sublevações, tendo estas extensões estáveis resistido a mudanças que, em alguns casos, submergiram áreas continentais adjacentes.

A forma estável de continentes que sucedeu à antiga, na Quinta Era, foi construída sobre vastos planaltos, criados, em parte, a partir do sedimento derivado destes anteriores; e elevada por graus pela ação ondulatória, que, em cada oscilação sucessiva da crosta em engrossamento, deixava porções mais elevadas do que na anterior, quando esta era mais suscetível à sua ação. Estes planaltos, apresentando gradualmente secções das suas superfícies acima das águas às influências atmosféricas e solares, tornaram-se energizados e propagaram energia por todo o território dentro da sua influência; e quando, finalmente, esta ação culminou, ocorreu uma sublevação geral de todas as vastas áreas, com exceção de algumas bacias onde a crosta subsidiava periodicamente e não respondia às forças ativas do período.

Os Planaltos Continentais, como são chamados, foram emergindo gradualmente, como descrito, durante a quarta era, e cresceram sob as suas forças; embora a ação fosse muito menos energética nessas secções do globo do que nas áreas continentais do período. As marés de energia sobem num quadrante enquanto baixam noutro, durante períodos ativos; como é demonstrado pelas oscilações da crosta, que têm sido contínuas sobre a superfície desde que a crosta foi formada, e também pelas alternâncias de atividade vulcânica entre diferentes cordilheiras e em diferentes continentes. Esta lei prevalece entre as nações. Estas simpatizam nas suas energias vitais com forças inferiores; e quando a atividade nacional ou o progresso na civilização esmorece, na presente grande era ativa, é uma indicação segura de que as forças do planeta nessa secção estão em refluxo.

As grandes sublevações que se seguiram à Idade Carbonífera, no Continente Americano, que ilustrarão outras, instituíram o Planalto gradualmente; a ação convulsiva fraturando a crosta por longas distâncias, nalguns períodos, e soerguendo a superfície adjacente de um

lado, enquanto do outro a crosta subsidiava ainda mais. No caso da secção do continente referida noutra página, a fratura enfraqueceu a crosta onde a Grande Bacia a oeste das Montanhas Rochosas se junta à cordilheira da Sierra Nevada, e a primeira extensão obedeceu ao impulso de subir com maior prontidão do que a última; a qual, embora fosse uma secção energizada, era sobrecarregada pela sua ligação com a grande área continental que estava a subsidiar com as oscilações da crosta que estavam a trazer os novos continentes à existência. Emergiu, contudo, a tempo de formar parte do novo continente, e as suas energias foram propagadas sobre a vasta área do continente a oeste da "Grande Bacia Continental Interior", que ocupou a região do Vale do Grande Mississippi até um período comparativamente tardio.

A encosta oriental do planalto desenvolveu gradualmente os seus contornos atuais sob a ação das forças energéticas que prevaleceram; todo o continente assumindo proporções, à medida que as eras avançavam, até que as suas cordilheiras, os seus planaltos elevados, os seus vales, leitos de rios, mares, lagos e rios fossem estabelecidos sobre uma base estável. O mesmo aconteceu com os outros continentes. A ação simultânea nos dois hemisférios, Oriental e Ocidental, desenvolveu os continentes simultaneamente, aparecendo a maior quantidade de terra nos hemisférios Oriental e do Norte.

As forças no hemisfério Norte são positivas em relação às do Sul, o que explica a maior quantidade de terra ali do que no Sul. O Oriental é também positivo em relação ao hemisfério Ocidental, conforme as forças foram até agora equilibradas; mas mudanças podem ainda efetuar a oscilação do equilíbrio até que a preponderância descanse na escala oposta. Isto deve depender de circunstâncias físicas. Em relação aos hemisférios Norte e Sul, uma mudança no equilíbrio de forças é impossível para eles, devido ao facto de que, no período da formação do corpo, o equilíbrio foi fixado por forças preexistentes, cujo domínio era equivalente ao decreto do destino, no que dizia respeito ao arranjo das suas forças polares — positivas e negativas.

Os polos da terra coincidem com o carácter das correntes elétricas e magnéticas, que influenciaram a ação quando esta evoluiu dentro do sol

progenitor e foi enviada para procurar a sua órbita dentro do sistema. O equilíbrio destas forças seria fatal para o desenvolvimento do planeta, de acordo com a lei da força declarada no volume anterior; enquanto a oscilação de forças subordinadas, como do hemisfério oriental para o ocidental, ou de uma secção para a adjacente, é produtiva de condições de desenvolvimento necessárias. A ação e reação do positivo e do negativo é, assim, para sempre a lei de todo o desenvolvimento.

A Quinta Grande Era foi, de longe, mais curta do que a quarta; e a sexta, do que a quinta; estando as condições em progressão sujeitas a estimulações por forças mais fortes, à medida que os tipos avançavam, e todos os elementos correspondentemente. As Grandes Eras, ou grandes subdivisões do tempo, em ciclos anteriores, foram de tal duração que seriam períodos incompreensíveis; e no último, até ao de fecho, foram quase demasiado vastas para serem medidas em anos para a compreensão do homem no seu primeiro estado; mas a presente, e a precedente, são mais compreensíveis quanto à sua duração.

As suas épocas, como reveladas nas rochas, estão claramente marcadas, e os intervalos entre elas são um traçado de circunstâncias de desenvolvimento de tal natureza que podem ser lidos por peritos na ciência, podendo os períodos ser assim medidos com precisão aproximada.

A ação que caracterizou esta era, além da de propagar vida e espécies, foi a de sublevações e de tal progresso incidente das condições de superfície que estabeleceu os Grandes Planaltos Continentais sobre uma base firme. Havia ainda muito a ser alcançado no que toca a acrescentar estabilidade a secções situadas no interior e na costa, onde as cristas incipientes, que deveriam formar grandes cordilheiras, estavam ainda mal acima do nível do oceano, ou onde bacias ainda tinham de ser sujeitas a força de soerguimento para fixar a estabilidade de porções das mesmas.

A intervenção da idade de fecho da grande era, o Período Cretáceo, travou o progresso das condições de superfície, e subsidências de secções instáveis resultaram do esmorecimento das energias do planeta. Contudo,

durante esta idade, houve um progresso importante em terras que se tinham tornado qualificadas para resistir às circunstâncias desfavoráveis que forçaram outras a sucumbir. As terras estavam a superar as formas monstruosas que as ocuparam na última idade, e estas estavam a desaparecer através da ação de subsidências e declínio gradual. Algumas espécies sobreviveram para propagar o seu género em períodos subsequentes; mas estas também declinaram nessa idade, embora possuíssem uma tenacidade de vida que permitiu a algumas sobreviver até ao presente; as terras da terra fornecendo localidades adequadas para elas, e onde servem o propósito que os seus primeiros progenitores serviram no seu tempo; a saber, o de absorver os elementos grosseiros — os miasmas de pântanos tropicais e selvas, particularmente.

Servem o mesmo propósito em latitudes mais elevadas, onde são encontradas em menor abundância e em variedades mais inofensivas do que nas latitudes mais quentes. Algumas espécies avançaram além do plano geral do grande tipo e propagaram-se a partir dessa elevação; a sua progenia tomando um escalão mais elevado do que elas, na próxima grande era.

A Sexta Grande Era coroou o trabalho da Natureza. Foi uma era de intensa atividade de energia vital; todas as forças do planeta participando no trabalho energético de preparar a superfície para assumir a permanência necessária após as ordens permanentes de vida serem introduzidas. Os períodos que compuseram esta era foram descritos com precisão por Geólogos, e a ação de cada um delineada tanto quanto as observações revelaram.

No próximo capítulo serão delineadas, particularmente, as atividades mais marcadas e importantes desta Grande Era, bem como as da Sétima Era. É desnecessário prolongar este capítulo para especificar os estágios progressivos das Eras restantes até ao presente, a Oitava Era Planetária, visto que é o objetivo do próximo capítulo descrever o desenvolvimento progressivo através das Grandes Eras até ao clímax alcançado nas posteriores, cujas condições exigem uma especificação particular.

CAPÍTULO VI

DESENVOLVIMENTO PROGRESSIVO DA SUPERFÍCIE PLANETÁRIA

DESENVOLVIMENTO DA SUPERFÍCIE — CAUSA DAS SUBLEVAÇÕES — VIDA PROGRESSIVA DO GLOBO — REGULAÇÃO DO CLIMA — ÉPOCA GLACIAR — EVOLUÇÃO DE CONDIÇÕES E TIPOS ESTÁVEIS — PREPARAÇÃO PARA O HOMEM — LEI DE INTRODUÇÃO DE ERAS, TIPOS, ETC. — PERÍODO E CONDIÇÕES DE INTRODUÇÃO DO HOMEM — PROGRESSO ATRAVÉS DA SÉTIMA ERA ATÉ AO PRESENTE.

Ao introduzir este capítulo, convém notar que o seu propósito é levar à sua conclusão os assuntos introduzidos no anterior, mas num plano consistente com o tratamento mais minucioso de alguns do que o admissível naquele. O desenvolvimento da superfície do planeta já foi considerado até ao início do estágio mais ativo da Quinta Era, no que diz respeito à ilustração do carácter das eras sucessivas; será necessário, contudo, retomar circunstâncias e leis ligadas ao desdobramento das condições planetárias que as eras sucessivas, desde a primeira, revelam. Isto envolverá pouca repetição.

Os ciclos progressivos de eras que compõem a vida de um planeta tecem na teia dessa vida a variedade que é um ingrediente essencial em toda a vida. A vicissitude é a condição da vida, o seu atributo necessário; quer se trate da vida de um mundo, quer de qualquer forma deste. A mudança escreve-se em caracteres que são a marca da Lei, em todas as coisas pertencentes ao tempo. Mundos evoluídos do seio da imensidão são os palcos sobre os quais se representam as Leis que governam no Universo Infinito de Deus; sendo cada mundo separado um universo em miniatura, e governado por leis tão universais na sua aplicação como o é o governo Divino.

"A Terra era sem forma e vazia"; — esta primeira linha na história de vida do planeta é rica em sugestões relativas à utilidade das mudanças às quais foi sujeita — o plano pelo qual a ordem foi extraída da confusão caótica dos seus elementos primordiais. A Divindade inscreveu-se nas leis que governam o desenvolvimento progressivo de uma superfície planetária; e quem quer que falhe em lê-la ali, perde o significado de uma

das lições mais importantes que podem ser dadas ao homem para estudar. O balançar do pêndulo do tempo através das eras marca, com cada vibração, um capítulo de "Providências Especiais"; ou, o que é o mesmo, de intervenções da lei que servem o propósito especial de provocar mudanças necessárias e, assim, impulsionar o desenvolvimento. "Nem um pardal cai ao chão sem o Seu conhecimento"; nenhuma maré de desastre varreu a superfície, ou reinado de terror e confusão adveio nas eras primitivas, sem que, nos seus resultados finais, denotasse sabedoria, supervisão.

O modo pelo qual o progresso foi alcançado é Divino; pois nunca falha o seu propósito. Não houve flutuações de propósito, que implicam ignorância e fraqueza; mas uma adesão firme ao plano único traçado pela lei como o eficaz. Tudo isto aparece evidente para a mente pensante familiarizada com o plano de desenvolvimento da Terra até ao estágio presente, tal como é revelado nas eras que podem ser estudadas pelo homem no planeta, o qual, com qualquer fé num Poder Supervisor na Natureza, compara as evidências de Supervisão Divina exibidas na sua própria vida individual com aquelas reveladas na história de vida do planeta, tanto quanto a pode ler.

A revelação de Deus na Natureza é aparente até para o pensador superficial, mas para o filósofo profundo ou cientista, cujo trabalho é descobrir e definir os modos da Natureza, o Ateísmo, na sua verdadeira significação, é tão impossível como a descrença na própria lei. Lei regida pela Inteligência; — esta é a lição incutida por um estudo dos princípios de desenvolvimento operantes na evolução de condições planetárias avançadas a partir de um mundo em caos. Reverentemente, então, como na presença da Omnipotência, estude o homem a história do lar do seu nascimento — o planeta cuja vida prefigura a sua própria, sendo uma sucessão de experiências cujo propósito é superar todas as tendências malignas e exibir o bem inerente em relevo acentuado.

O leitor que estudou cuidadosamente o capítulo anterior está familiarizado com o modo de desdobramento de uma crosta planetária estável, e também compreende a natureza das forças envolvidas no processo de regulação da estrutura da superfície. Os continentes do

presente existem como monumentos da eficácia do plano que desdobrou a terra através da instrumentalidade da água e das forças que operam para convulsionar a crosta. Sublevações, após depósitos sedimentares e o calor terem formado uma crosta estável, instituíram a superfície terrestre, a princípio, depois de as águas terem prevalecido o tempo suficiente para fixar esta estabilidade de modo a fazer com que as terras soerguidas servissem o propósito de núcleos para áreas maiores que a ação futura desdobraria.

A cooperação de forças atmosféricas com forças internas através das pequenas extensões de crosta exposta, as primeiras em existência, foi necessária antes que as energias da matéria planetária pudessem ser suficientemente despertadas para causar sublevações extensas, tais como as que elevariam áreas continentais. Na Terceira Era, como já afirmado, os núcleos foram formados em extensões que permaneceram como superfície estável até que outras sublevações expusessem crosta de um carácter mais apto para servir, em eras futuras e mais avançadas, o mesmo propósito que estas já tinham servido.

Muitas destas terras que outrora bordejavam os continentes em diferentes localidades subsidiaram, após servirem o importante propósito de núcleos para as forças auxiliarem na geração de sublevações extensas, e assim ajudarem a cingir os novos continentes com cordilheiras de montanhas que eram para eles uma estrutura indestrutível, capaz de desafiar as forças destrutivas de todo o tempo vindouro.

O rumo das cordilheiras montanhosas e a direção dos soerguimentos denotam a direção a partir da qual as forças foram propagadas; como no caso da cordilheira dos Apalaches na América do Norte; a força aqui foi propagada a partir do oceano a Leste, ou, melhor, Sudeste, o que deu a direção Nordeste e Sudoeste à cordilheira. Assim dizem as obras Geológicas. Os soerguimentos são o resultado de uma complicação de causas.

O interior da terra é fundido em redor de um centro de substância aquecida solidificada; a matéria central do corpo sendo tão suscetível à força condensadora que solidificou mais cedo do que a outra matéria do

corpo não sujeita às influências da superfície através da crosta. Dentro desta câmara subterrânea, especialmente em eras ativas, geram-se perpetuamente forças expansivas; e estas devem encontrar saída através da crosta. A ação vulcânica e os sismos, na era presente, são o resultado destas forças confinadas que procuram e encontram saída. Em idades passadas, mais do que na presente, a contração da crosta devido ao arrefecimento gradual foi uma força poderosa para a perturbar, visto que nas eras primitivas era mais fina e flexível do que atualmente.

É também um facto significativo que, nas eras primitivas, quando havia vastamente mais matéria fundida dentro da circunferência do planeta do que atualmente, e o calor de todo o corpo era muito superior ao das eras recentes, gerava-se uma quantidade imensamente maior de força expansiva dentro da crosta fina do que a que é possível pelas forças modificadas do presente, o que explica a atividade intensa das forças eruptivas nas eras primitivas.

A cooperação destas duas formas de força explicará todos os fenómenos de soerguimentos, dobras, fraturas, etc., que não se devam à tensão causada por oscilações. No entanto, resta afirmar que os movimentos oscilatórios da crosta são causados pela geração das supramencionadas forças interiores em maior abundância em algumas localidades do que noutras; e que a superfície terrestre é um fator importante na operação; facto esse que já foi referido anteriormente.

As áreas em subsidência, tendo exaurido a sua vitalidade em grande grau, não são os fortes fomentadores de força que se requerem para sublevações do tipo das que ocorreram na quarta e quinta eras, quando os grandes continentes foram soerguidos. As terras cujas forças não estavam exaustas — e que, portanto, não estavam em subsidência por falta de força — que existiam antes do início dos soerguimentos, na vizinhança das áreas onde as forças estavam a despertar para a atividade após um intervalo de repouso, foram os fomentadores das forças poderosas que deveriam soerguer as amplas extensões e fixar a sua estabilidade.

Na Idade Carbonífera, por exemplo, na vizinhança, a leste das áreas carboníferas em gradual ascensão e da cordilheira dos Apalaches dos Estados Unidos, existia uma superfície terrestre deste carácter; e após o início dos extensos soerguimentos da idade seguinte, existiam ilhas no Oceano Atlântico não muito distantes da costa, e também secções a ela subjacentes, que pertenciam às áreas em subsidência, mas que, tendo sido formações mais recentes do que as terras interiores do antigo continente, retiveram a sua vitalidade por mais tempo e permaneceram fixas à crosta em ascensão e como parte do continente, por um tempo, em virtude da atividade das suas forças.

Foi após a atividade intensa da fase inicial da era Mesozoica ter completado de tal modo a exaustão da sua vitalidade que, sendo terras costeiras, já não conseguiram manter os seus lugares acima do nível do oceano, que estas subsidiaram; e, ao subsidiarem, arrastaram parcialmente consigo regiões costeiras dos novos continentes. As forças oscilatórias tinham mudado a sua base; isto é, a geração de gases expansivos continuou sob a área em ascensão, tendo abrandado sob as terras que se afundavam.

As terras Azoicas das latitudes polares tornaram-se superfície estável em consequência da sua posição favorável. Propagaram força sobre os continentes emergentes como áreas estáveis que, em troca, receberiam tanto quanto tinham transmitido, sendo mais suscetíveis às forças revigorantes da superfície adjacente do que as terras mais tropicais. Não tinham sido exaustas por uma ação vulcânica intensa continuando em intervalos por eras vastas, como estas últimas tinham sido; sendo isto atribuível à sua situação fora da cintura equatorial.

Dentro desta cintura, as forças foram positivas em relação às das latitudes polares desde o início; pois ali arderam os fogos mais ferozes, gerados pelo movimento superior e alimentados pela radiação solar mais apreciável; ali a atmosfera foi sempre operada por influências superiores àquelas que podiam prevalecer nos quadrantes opostos do globo; e ali a matéria da superfície mais cedo cedeu à força condensadora e solidificou. A consequência de tudo isto foi que a terra assumiu uma forma segundo o modelo perfeito da Natureza, cuja existência é perpetuada por meio

desta diversidade de forças. Iniciando a sua carreira como um mundo sob circunstâncias de posição, movimento e forma que fixaram a necessária diversidade das suas forças, o desenvolvimento foi a consequência natural da sua existência, e por um modo determinado pelas leis que governam a matéria; e por uma força constantemente acelerada.

As forças externas eram positivas em relação às internas; e tal interação destas, que resultou nos fenómenos de ação eruptiva e soerguimentos onde as forças eram mais fortes, foi a consequência natural. Correntes de força Superior seguiam as linhas costeiras onde a crosta era mais fina e a interação mais energética; correntes essas que eram constantemente fortalecidas por correntes de alta qualidade provenientes da matéria da superfície, como leitos minerais de diferentes tipos e matéria orgânica e vida orgânica.

Correntes elétricas e magnéticas circulavam na atmosfera, fluindo de polo a polo e do equador para cada polo, obedientes ao princípio da cooperação do positivo e do negativo, e estas eram balançadas pelas forças que a matéria da superfície rendia em superabundância, em diferentes localidades. Estas correntes cooperavam com todas as influências de superfície e forças internas para fixar a direção dos soerguimentos, o rumo das grandes cordilheiras montanhosas do globo e as linhas costeiras dos continentes. A direção geral destas tem sido, em todas as eras, de norte a sul.

Quaisquer desvios desta linha que existem agora e existiram outrora devem-se a circunstâncias de situação da terra e dos leitos minerais de ordem elevada e baixa, e à maior ou menor prevalência de superfície aquática e deposições marinhas de grande profundidade, etc., etc., nas eras primitivas, quando as terras da terra se estavam a formar; causas essas que foram todas determinadas por algumas precedentes, dependentes para a sua existência da lei da força acabada de explicar. Os continentes foram moldados por estas forças, que existiam, na natureza das coisas, antes de haver terra ou água, ou mesmo uma crosta no globo.

Os continentes moldaram as correntes atmosféricas e oceânicas, mas agindo em subordinação às forças que foram, e sempre devem ser, Omnipotentes no planeta para moldar os seus destinos.

O tempo Mesozoico, que em fraseologia Geológica significa o período médio da história Geológica da terra, está incluído na quinta grande era; a sua idade de fecho, o Cretáceo, compreendendo a noite da era ou o seu período final. Este foi um período de subsidências gerais, como a idade Subcarbonífera, a última da quarta era. A Geologia confirma a teoria da subdivisão do tempo em grandes eras, entre as quais intervêm períodos de subsidência geral da energia das forças planetárias, quando reconhece a natureza destes dois períodos, que são suficientemente recentes para serem compreendidos através das suas formações.

Existem também marcos para apontar eras mais antigas e o carácter da energia nelas exercida, bem como a ação que as caracterizou; como, por exemplo: as evidências de perturbações que ocorreram algures na era Azoica, que aparecem nas dobras e na cristalização dos leitos; as acumulações de formações de vasta espessura e a evidência da prevalência de vida marinha exclusivamente nelas, o que significa um período de formação rochosa universal de vasta duração, que necessitou da prevalência das águas e da ausência de condições que favorecessem a existência de vida terrestre, e indica também o papel que a vida marinha desempenhou na formação rochosa ou no retrabalho da matéria da crosta, em preparação para a introdução de condições de vida mais elevadas.

Períodos posteriores deixaram tais evidências do carácter dos sucessivos grandes eventos que os marcaram, que não deixam margem para questionar a autenticidade da história anterior do globo, a qual traça os princípios na sua operação até períodos recentes, onde são exemplificados à luz da ciência pelas investigações e descobertas de homens doutos.

A verdadeira história da vida do globo encontra-se registada nas rochas; e a ciência está a lê-la e a desvendar, para a compreensão da geração presente, a revelação maravilhosa que diz mais, na realidade, do

que os próprios expositores estão geralmente dispostos a admitir. O facto da sucessão de tipos e espécies, a gradação da vida animal e vegetal que se observa ter sido a ordem na terra desde que a vida foi introduzida, é sugestivo da origem das espécies e da própria vida; questões que as revelações da geologia trouxeram proeminentemente perante o público pensante. A verdadeira solução destas questões importantes só é possível através de uma compreensão minuciosa dos princípios colhidos de um conhecimento dos modos da Natureza, do primeiro ao último, tanto quanto tal seja possível.

O facto proeminente do povoamento dos continentes com vida terrestre, após a longa ocupação exclusiva da terra pela vida marinha, ocorrendo como consequência das condições alteradas do globo, leva à conceção desta verdade; a saber, que as Condições à superfície determinam o carácter da vida de diferentes idades, sendo instrumentais na sua introdução. Esta verdade é plenamente ilustrada pelas mudanças recorrentes nas condições terrestres e marinhas através das diferentes eras. Formas vivas sobreviveram às mudanças sucessivas das eras planetárias primitivas em pequena proporção face à grande multidão e variedade que as marcaram.

Perturbações periódicas, locais e gerais, que foram a ordem através das eras primitivas e que precederam a instituição de novas e mais elevadas condições, foram de um carácter tal que se revelou destrutivo para a vida de ambos os reinos, mas especialmente para a vida animal. Áreas oceânicas foram despovoadas por ação eruptiva quando a crosta era fina; e depois de esta se ter tornado mais capaz de resistir a surtos, os leitos marinhos continuaram suscetíveis a soerguimentos e mudanças de nível e temperatura da água, que foram desastrosos para a vida em geral.

Contudo, a exterminação completa das espécies estava fora de questão, considerando todas as circunstâncias que favoreciam a preservação de remanescentes. "Arcas de segurança" a Natureza providenciara, onde os "poucos eleitos" poderiam refugiar-se, os quais os "mais aptos" encontrariam, através dos seus instintos superiores, e assim viveriam para propagar a vida sobre uma superfície renovada. A Natureza era tão poupada nas suas energias quanto as circunstâncias permitiam; e,

portanto, quando a vida tinha sido desenvolvida através da ação da força reprodutiva, exercida através do reino inorgânico, era perpetuada pela mesma força operando através do modo superior que os reinos mais elevados desdobraram. Teria sido uma retrogressão totalmente inconsistente com o progresso permanente se a destruição completa da vida tivesse resultado de catástrofes, e se assim o restabelecimento da mesma pelo único método possível se tivesse tornado necessário. Uma contingência tão contrária a toda a lei e precedente não é suponível; visto não ser possível calcular o que resultaria de uma mudança na ordem e relações estabelecidas das coisas.

A vida terrestre estava sujeita à mesma lei que a marinha, no que diz respeito a catástrofes e à preservação de remanescentes através da lei da "seleção natural". Cada nova modificação de condições era seguida por uma maior variedade de vida; uma variedade que correspondia às forças em ação nos períodos sucessivos, cada um dos quais, na sua instituição, acrescentava à soma anterior.

Os tipos expandiram-se com a expansão das áreas habitáveis; e as espécies foram prolíficas, tais como as que estavam qualificadas para propagar uma ordem elevada de vida. Forças destrutivas serviram o propósito de livrar secções da grande massa de formas vivas que as condições estavam a superar; prevenindo assim a deterioração dos remanescentes preparados que deveriam propagar-se numa nova era, e a degradação das condições em tal era por uma ordem de vida inferior.

As varreduras e limpezas pelas quais a terra e diferentes localidades espalhadas sobre ela passaram em diferentes períodos foram suficientes para o propósito de ralear as velhas ordens de vida, para preparar lugares para novas, e para as livrar de elementos impuros que não poderiam ser propagados para novos períodos, consistentemente com a preservação de condições mais elevadas.

O Dilúvio de Noé foi assim prefigurado, repetidamente, nas eras antes de o homem viver para exercer a sua ingenuidade superior na conceção de meios para corromper a sua raça e a terra também. A Natureza é sempre potente para lidar com as suas forças, sejam elas quais

forem; e o homem tem de aprender a lição de que vive para ser um elemento de progresso, se viver através da sua progenia por muitas gerações. A lei que operou para destruir, por exemplo, a vasta massa de muitas das raças Paleozoicas no final desse período, para abrir caminho para tipos superiores e para livrar os elementos da sua influência degradante, prevalece em todo o tempo; e raças de homens e famílias estão tão sujeitas a ela como os tipos animais.

O progresso não deve ser impedido por obstáculos que se atravessam no caminho de tudo o que é bom, ou que saiba a felicidade humana; e assim foram pronunciados julgamentos por profetas contra pecados nacionais e individuais — julgamentos esses que a natureza registou no Grande Livro da Lei.

A introdução dos sucessivos tipos de vida, marinha e terrestre, deu-se através da lei da evolução declarada no último capítulo, e envolvida em todo o desenvolvimento e progresso das condições de superfície. A vida terrestre seguiu a marinha, e o seu aparecimento foi uma indicação de que as condições tinham atingido um estágio onde o progresso seria rápido, e o povoamento da terra continuaria por um plano superior ao inicial. Tipos, famílias e espécies seguiram-se uns aos outros na terra, enquanto a vida marinha passava também por uma transformação adequada ao avanço das condições.

O tipo culminante do reino orgânico foi o Homem, e a sua evolução foi o produto das atividades de todas as forças de todos os estágios de ação antecedentes. O capítulo dedicado à discussão da Vida, Espécies, etc., tratará particularmente da lei da evolução de tudo isto. Os sucessivos grandes eventos, como a introdução de novos tipos, etc., marcaram épocas na história da terra; cada um recorrente mais tarde denotando o ritmo de progresso no anterior. Estágios menores intervenientes foram os marcos ao longo das eras entre as estações importantes onde reforços de forças eram fornecidos aos elementos em progressão que compunham o multitudinário conjunto do planeta. Estes marcos apontavam cada um um lugar de paragem parcial; como se o novo e fresco começo que deveria ser feito exigisse repouso e preparação, para fornecer a energia necessária para o realizar. E assim foi, da forma mais enfática. A Natureza

é uma viajante de diligência, verdadeiramente, ao estilo dos tempos antigos; mas ultimamente o seu ritmo de progresso assemelha-se mais à velocidade ferroviária do que outrora, quando era tal que podia ser comparado ao da diligência à moda antiga, que avançava pesadamente sobre estradas acidentadas e parava durante a noite em estações de muda.

O povoamento dos continentes com vida terrestre e aérea, e a distribuição sobre eles de vegetação de ordens correspondentes, efetuou para a atmosfera e para a superfície o que a vida marinha fizera para as águas; a saber, a sua purificação dos elementos mais grosseiros. Animais de respiração aérea tomaram o lugar da classe oposta, sobre as áreas que foram elevadas, para levar a cabo o processo de retrabalhar os elementos num plano superior, pelo método superior de absorver diretamente da atmosfera para o sistema elementos que lhes eram adequados e que necessitavam de passar pelo processo de refinação no cadinho da Natureza, em vez de operar através de outro elemento para o mesmo propósito.

O progresso foi mais rápido depois de a atmosfera ter sido sujeita a esta influência superior, tornando-se, em consequência, uma força mais eficaz. A vida terrestre progrediu mais rapidamente do que fora possível à vida marinha fazê-lo, sob as circunstâncias mais desvantajosas. Tipos sucederam a tipos, com uma rapidez proporcional ao progresso do meio envolvente; e seguiu-se, como resultado da vasta estimulação de progresso que foi efetuada através das condições alteradas, que as eras encurtaram numa proporção que excedia a dos ciclos anteriores; épocas de mudança seguindo-se umas às outras em intervalos proporcionalmente mais curtos.

Os sucessivos grandes eventos tendentes à regulação da estrutura de superfície do planeta foram notados na sua ordem até à introdução do Tempo Mesozoico, o período mais ativo da quinta era. Este período foi uma época marcada na história da terra; sendo aquele em que a vida animal terrestre começou a florescer. A Grande Idade dos Répteis imprimiu tal marca na terra que metamorfoseou as condições completamente. No seu fecho, a face do planeta estava mudada em todas

as suas grandes características. Continentes com cordilheiras montanhosas e muita terra alta estendiam-se por áreas vastas onde, no último período, prevaleciam terras baixas — que eram áreas oscilantes — e águas; sendo as águas em excesso em relação à terra muito mais do que atualmente. Além disso, o carácter da vida mudara tanto quanto a superfície; e daí em diante, não havia em perspetiva mais tais aparentes retrogressões que envolvessem as catástrofes de vasto alcance de subsidências continentais e inundações avassaladoras pelas marés do oceano, de terra onde a ordem e o progresso tinham prevalecido por uma idade ou por eras. As áreas oscilantes ficaram confinadas a regiões costeiras e bacias interiores, e eram de extensão comparativamente pequena.

O planeta, ao superar o grande Tipo Reptiliano, estava a desenvolver um estágio superior, um onde um tipo superior de vida, animal e vegetal, pudesse florescer. O Grande Tipo Mamífero sucedeu a este na idade seguinte. Havia lugar ainda para representantes de muitos dos tipos inferiores, e havia necessidade deles; contudo, a grande massa devia ceder perante as condições em avanço, e os seus lugares serem preenchidos por aqueles adequados aos tempos. A revolução envolveu grande destruição para a ordem estabelecida, mas foi o processo renovador que precedeu uma reconstrução num plano superior ao anterior. Períodos de transição são, necessariamente, épocas de desordem, quando o velho está a ser afastado para dar lugar ao novo; mas na Natureza, o que é dispensado em tais períodos é apenas aquilo que não pode sobreviver consistentemente com o bem universal.

Foi na Sexta Era que o clima do globo se tornou regulado como atualmente, e a Fauna e Flora das diferentes Zonas fixadas. A temperatura foi um fator muito importante no processo de desdobramento dos estágios superiores do planeta; visto que dela dependiam as condições necessárias ao estabelecimento da indispensável variedade essencial à permanência do todo. Zonas de vida reagem umas sobre as outras como diferentes tipos e raças; as condições magnéticas criadas pela vida animal e vegetal, em diferentes localidades, sendo propagadas amplamente nos éteres que sobem e se misturam na atmosfera, e também através de

correntes oceânicas. As correntes do ar e do oceano que têm uma parte tão importante na regulação da temperatura das diferentes Zonas, são assim levadas a desempenhar outro papel no drama do progresso. Transportam nos seus seios, enquanto circulam pelo globo, elementos que distribuem pelo caminho, os quais vitalizam a vida, animal e vegetal, das águas e da terra, o que previne a sua deterioração. É, de certa forma, como a mistura dos indivíduos dos tipos fixos das diferentes Zonas, esta distribuição dos elementos etéreos em todas as Zonas; o efeito, contudo, é mais em consonância com o bem-estar de todos do que tal seria.

A interação através de éteres magnéticos, que se dirigem para um lado e para o outro, onde quer que forças atrativas os chamem, é o modo; não apenas todas as variedades de matéria, formas e vida de diferentes Zonas de um planeta interagindo por este meio, mas também as de diferentes planetas. A unidade do universo é estabelecida por esta lei de interação de todos os mundos através das forças comuns a todos.

Enquanto o Período Terciário estava em progresso e o grande tipo de mamíferos avançava para o ponto de culminação no desenvolvimento das ordens mais elevadas de animais desta classe, a terra passava pelo processo final de preparação para os mesmos. A conclusão dos grandes sistemas montanhosos do globo; o confinamento das águas oceânicas em canais que devem continuar fixos em relação aos continentes existentes; a fixação da continuidade de grandes vales e bacias de lagos e mares — estas circunstâncias, fixando o alcance e direção das correntes atmosféricas e oceânicas, fixaram a diversidade da temperatura das diferentes zonas e estabeleceram as linhas térmicas, se não exatamente como são atualmente, pelo menos de forma aproximada. As mudanças que introduziram a Sétima Era modificaram um pouco estas linhas, mas não o suficiente para mudar a Fauna e Flora de qualquer região extensa.

O Período Terciário encerrou-se pela intervenção de um período de catástrofe, tal como fora calculado para livrar os continentes da grande superfluidade de vida que esta idade desenvolvera; deixando indivíduos suficientes dos tipos necessários para repovoar as terras assoladas. A Época Glaciar, um enigma da Geologia, foi fecunda nos mais altos resultados para o planeta. Foi, enfaticamente, algo "novo debaixo do sol".

O Rei do Gelo assumiu a supremacia na terra de uma maneira que nunca antes assumira, e desempenhou o papel de devastador de vastas províncias; marchando com as suas coortes sobre a terra, enviando as suas frotas pelos oceanos, como um poderoso conquistador que era.

A Época Glaciar, como é designada, foi um longo período, composto por épocas alternadas de frio e temperatura graduada, hemisférios opostos, alternadamente, sendo sujeitos aos extremos de frio que introduziram a ação glaciar em grande escala. As causas que levaram à introdução e propagação de tal série de épocas foram complicadas e só podem ser declaradas de uma maneira geral aqui. Em primeiro lugar, recorde-se que a superfície do globo tinha, na abertura deste período, sido tão longe completada no seu desdobramento estrutural que os continentes tinham desenvolvido as suas funções como reguladores da temperatura nas diferentes Zonas, e os oceanos tinham fixado os seus limites dentro de certas margens ligeiramente variáveis.

A terra estendia-se quase de polo a polo, existindo então mais terra em latitudes polares do que atualmente; e a terra e o mar permutavam correntes de ar em todas as latitudes como um meio de propagar a temperatura de um para o outro, modificando assim a de ambos. Soerguimentos e correspondentes subsidências eram a ordem numa escala reduzida, e operavam como causas instituidoras de mudanças de temperatura de secções, em eras em que influências ultraplanetárias faltavam para esse fim. Uma temperatura gélida foi fixada nas zonas gélidas, como atualmente, a qual poderia ter sido propagada às latitudes temperadas em excesso por uma combinação de causas, nenhuma das quais era estranha ao planeta.

Causas estranhas combinando-se com intraplanetárias agravariam as consequências resultantes num grau proporcional a elas. Foi tal combinação que introduziu a Época Glaciar e a estendeu por muitas décadas de séculos, como acima explicado. As grandes e pequenas vibrações, afetando a obliquidade da eclíptica, e as grandes oscilações que determinavam — uma, a maior excentricidade da órbita da terra em certos períodos e, consequentemente, a maior distância do planeta em relação ao sol em certos períodos do que noutros; a outra, a variação na

distância em relação ao sol no inverno e no verão dos hemisférios Norte e Sul do planeta (sendo esta a que causa a Precessão dos Equinócios) — todas estas causas combinaram-se com as intraplanetárias para intensificar os efeitos em épocas separadas por longos períodos, mas que não podem ser distinguidas com precisão suficiente através das formações geológicas para admitir a sua descrição, ou sequer para provar a sua existência.

De facto, a ação glaciar, quando e onde foi prevalecente em maior excesso, obliterou em grande parte as evidências das mudanças que ocorreram durante a grande época; e é apenas através do estudo mais atento dos fenómenos que apontam para a existência de tal período na história da terra em todas as Zonas, e combinando isto com factos da astronomia, que se faz a descoberta de que deve ter havido períodos alternados de ação glaciar. Contudo, a era foi uma só na sua influência sobre as condições em progressão da superfície, e admite a mesma nota geral e breve aqui que outras tiveram e devem ter, em correspondência com o plano da obra.

Eras precedentes tinham sido diversificadas com mudanças semelhantes; causas iguais às que estavam em operação nesta era tinham afetado a temperatura do globo; primeiro quando este estava em estado fundido, repetidamente; e novamente em eras em que o planeta era menos suscetível a mudanças climáticas do que na Sexta Grande Era, como referido no cap. I. Os antigos continentes assemelhavam-se mais ao continente australiano do que aos atuais grandes Oriental e Ocidental, e as águas oceânicas, circulando em redor deles, impediram a extensão de influências glaciares, como na era posterior; embora a Grande Quarta Era tenha tido uma época correspondente à sexta, após os seus continentes terem assumido o seu maior tamanho e altitude.

Influências modificadoras impediram a propagação de condições glaciares nesta era remota, além do arrefecimento da crosta e da atmosfera, de modo a admitir a introdução do tipo de vida Devoniano. Este foi um efeito igual nas suas consequências ao produzido por aquele que está sob observação. Além disto, a ação elemental induzida pela mudança de temperatura impulsionou o planeta na sua carreira

progressiva, como nenhumas outras causas poderiam ter feito. Assim se ilustram os usos de toda a ação interposta em todas as eras.

Soerguimentos e depressões correspondentes acompanharam a introdução da Época Glaciar, consequências das oscilações naturais da crosta; e estes magnificaram os fenómenos dos glaciares e icebergs, tal como existiram após a época se ter estabelecido plenamente. Quando isto ocorreu, houve mudanças causadas por acumulações de gelo em latitudes gélidas, que causaram um balanço da crosta, e assim os fenómenos foram novamente magnificados, e "a bola continuou a rolar", o que viria a distribuir sobre os continentes, até aos limites dos trópicos e, nalgumas eras, até em algumas porções da Zona tórrida, glaciares e icebergs.

Hemisférios opostos, nos períodos alternados, estavam isentos do extremo da ação glaciar. Houve compensação nisto, que foi a preservação de tipos de vida que não poderiam ter sobrevivido à prevalência das mesmas condições ao mesmo tempo em ambos os hemisférios. O positivo, o hemisfério norte, propagou as suas condições, em algum grau, nalgumas épocas, para o sul; mas não o suficiente para ser destrutivo para a fauna e flora superiores das diferentes Zonas.

A destruição da vida não foi completa no hemisfério glaciado em nenhuma era, embora tenha sido grande em todas. Alguns tipos desapareceram de um hemisfério para serem substituídos pelo outro num período favorável, enquanto outros sobreviveram em força suficiente para se propagarem. O "reinado de terror" foi prolífico num bem que não poderia ter sido alcançado por nenhuns outros meios. A terra e a atmosfera experienciaram um novo nascimento pelas dores que a Natureza sofreu neste trabalho de parto de eras.

Os fenómenos glaciares foram introduzidos e propagados da seguinte forma: a extensão dos continentes para norte e para sul pelos soerguimentos que acompanharam a introdução da Época Glaciar foi acompanhada por depressões correspondentes em latitudes adjacentes, onde a crosta era suscetível às forças oscilatórias e onde o esmorecimento da energia determinou a subsidência. Como resultado

disto, as águas acumularam-se em terras baixas das latitudes temperadas extremas e, em regiões costeiras, icebergs foram transportados por correntes para onde invadiam a terra, e auxiliaram no estabelecimento de uma temperatura gélida, por toda a parte, pelos seus números e vasta distribuição. Este foi o caso no norte da América do Norte, onde existiu a grande depressão que incluía a grande Bacia Interior do Norte, e aquela onde se situa agora a Bacia do São Lourenço.

Icebergs derivados de glaciares a norte pontilhavam estas áreas vastas, e ficavam encalhados em números imensos nas costas sul destes amplos mares, causando uma temperatura ártica sobre a terra e originando glaciares onde quer que o fluxo das correntes o favorecesse, ou onde vales ou inclinações naturais iniciassem a força poderosa que, na sua marcha progressiva, se tornava demasiado irresistível para ser travada por barreiras montanhosas, rios, lagos ou canais que separavam as ilhas costeiras do continente.

Os icebergs que pontilhavam a superfície do oceano, e que ficavam encalhados em grandes números ao longo das margens, acrescentavam à frigidez do clima e distribuíam influências glaciares até à Zona tórrida. As fozes de grandes rios ficaram obstruídas por eles, nalguns casos, causando assim transbordamentos e iniciando glaciares, que abriam caminho sobre a terra tanto quanto a temperatura permitia.

As grandes barreiras de gelo que o oceano lançava assim nas margens dos continentes excluíam todas as influências geniais das brisas oceânicas, erguendo-se como sentinelas sombrias para guardar a terra, para que o processo de renovação que decorria não fosse impedido. O Velho Oceano enfureceu-se e bateu em vão contra as costas geladas durante longos séculos, e ainda assim não conseguiu recuperar o poder que fora usurpado pelo conquistador que ele próprio desembarcara na margem.

Os icebergs intensificaram a ação dos glaciares, e vice-versa. Não havia em todo o planeta, em tais períodos, uma força que pudesse quebrar o domínio da geada ou mudar as condições. Era, de facto, como se o caos tivesse regressado. A ação desusada, o varrimento terrível dos

glaciares poderosos, a prevalência de tempestades sobre as latitudes glaciares, tudo contribuiu para um reinado de horror de um tipo que os continentes não tinham presenciado anteriormente.

A evaporação deve ter sido contínua durante a Época, para ter causado tais acumulações enormes de gelo. Em regiões alpinas, a neve entra largamente na constituição dos glaciares, o que lhes confere o seu carácter peculiar; e não é possível conceber fenómenos glaciares sem a continuidade de quedas de neve e de chuva, que são o produto da evaporação. Os glaciares em movimento representam as correntes fluentes, que são alimentadas pelas chuvas e neves derretidas; e uma cessação da evaporação que fizesse com que as nascentes e correntes secassem, secaria, tão certamente, a fonte do glaciar.

A vida em vastas regiões sucumbiu ao poder dos elementos. O fluxo de correntes geladas sobre montanhas, planícies e vales varreu a vegetação e, com ela, a vida animal da superfície de amplas cinturas; e leitos de rios e de lagos foram despovoados, em muitos casos. Contudo, houve localidades, mesmo em latitudes gélidas, onde algumas espécies foram salvas. Nos leitos das correntes e lagos, houve recessos onde a vida foi preservada; e em terra, tipos resistentes encontraram refúgio onde puderam.

As secções onde os tipos terrestres que florescem em latitudes temperadas e mais quentes foram preservados foram onde a ação vulcânica prevaleceu durante o período, e em localidades distantes de glaciares e icebergs. Estas foram suficientemente numerosas para servir o propósito de preservar remanescentes de tipos. Houve espaço suficiente em correntes, lagos e oceanos onde as espécies puderam recorrer e escapar a todo o perigo de extinção devido às condições destrutivas. Instintos animais impediram a destruição total de numerosas espécies espalhadas por secções devastadas; e não é excessivo afirmar que a Providência que interveio para salvar com o Patriarca Noé e a sua família indivíduos das espécies que povoavam a sua secção, interpôs-se neste caso para salvar da destruição completa espécies que eram necessárias para se propagarem sobre a terra renovada.

Os instintos são estimulados por interposições especiais; por muito que a ideia possa ser desprezada por descrentes no sobrenatural. A verdade é que o sobrenatural, que é tão desacreditado, é muitas vezes o natural; e de acordo com uma lei tão bem estabelecida como qualquer uma das leis da Natureza.

Os usos que a Época Glaciar serviu são demasiado aparentes para serem ignorados pelo observador atento. Este período é um exemplo marcante do estabelecimento de condições extraordinárias por meios extraordinários; meios que eram naturais, seguindo-se como uma necessidade a certos fenómenos; mas, ao mesmo tempo, fora do curso comum dos eventos, tal como tinham transpirado no planeta. Os fins a serem servidos eram tão importantes quanto os meios eram singulares; e a maré de eventos avançava com uma rapidez que exigia medidas severas para os enfrentar; falando como que com referência a uma ação inteligente.

A emergência era precisamente esta: um evento vindouro devia ser providenciado, e isso dentro de um intervalo especificado. Ora, para aqueles que consideram os processos naturais a sequência de leis fixas na natureza das coisas, e fora do alcance de inteligências interpostas de qualquer grau, esta linguagem pode parecer forçada e não exatamente expressiva da verdade. Que a Natureza devesse ser realmente impelida à realização de um certo trabalho num certo tempo, exceto pela coincidência de leis e processos que inevitavelmente o provocam, está além da crença. É esta coincidência, de facto, que deve provocar cada evento; mas coincidências podem ser arranjadas pela inteligência, e eventos podem ser assim apressados; continuando a ocorrer, e em melhor época, através da operação da lei natural.

Isto é ilustrado pela interferência do homem na Natureza em toda a parte. A Arte é chamada a auxiliar a Natureza onde quer que o génio do homem ultrapasse o lento progresso dos eventos naturais. Os campos produzem vegetação sem o arado; mas este implemento, nas mãos do homem, apressa as colheitas que o cultivador plantou, em vez de esperar pela sua produção sem o seu auxílio. A inteligência acima do plano do homem terreno, supervisionando o universo, é tão fértil em expedientes

para providenciar o progresso como ele; ninguém pode duvidar disto, quem tenha fé na existência dos Poderes Celestiais; e que estes devessem usar a lei natural como o instrumento para promover o progresso, para provocar eventos necessários no tempo mais rápido possível para servir os melhores usos, é consistente com todos os precedentes. O planeta tinha chegado ao estágio em que as forças convergiam para o plano onde a formação, como de novos tipos de vida ou novas espécies, cessaria.

A era formativa estava perto do seu fim; o seu clímax era iminente, quando as forças do planeta seriam de tal modo reguladas que a permanência das ordens estáveis de vida seria estabelecida; e, daqui em diante, as energias da Natureza seriam despendidas para o seu aperfeiçoamento, em vez de para a destruição de velhas ordens e a introdução de novas. Nalgumas secções, as condições favoreciam a subsistência de ordens elevadas de vida, noutras não; e havia uma tendência para a equalização. O equilíbrio de forças através das áreas continentais do planeta poderia ser apressado por meio da mistura de solos e da destruição de ordens baixas de vida, e da purificação geral da atmosfera e da superfície.

Os meios pelos quais provocar estes diversos processos eram iminentes, a partir do curso natural do desenvolvimento progressivo; mas eles cooperariam muito tardiamente para este fim sem a interferência dos Poderes Superiores, que interpuseram por graus para estimular e acrescentar intensidade às forças em ação, para que o fim fosse alcançado em tempo apropriado. Diz-se que "há uma maré nos assuntos dos homens que conduz à fortuna", ou, poder-se-ia dizer, um ponto do qual depende o seu destino. Assim é com um planeta.

A maré, no último caso, vira para o lado que Deus, na sua Sabedoria Omnisciente, vê como melhor para o Universo; visto que Ele governa por meio de poderes inteligentes que podem intervir, e intervêm, nos assuntos de um universo de mundos, tal como fazem nos de um universo de homens.

O inverno propagado dos polos para o equador foi o meio eficaz de renovar as condições à superfície. O processo de "expulsão pelo frio" (freezing-out) era necessário após a ocupação da terra durante tantas eras pelos répteis rastejantes e hediondos da era anterior, e pelos seus sucessores do Reino Animal que eram de um grau demasiado baixo para conduzir a condições puras e saudáveis, tais como as que eram necessárias para os tipos de vida superiores que os viriam a suceder. Foi tão minucioso quanto se poderia desejar; e deixou desertos a serem repovoados, como o mundo pós-diluviano, pelos poucos favorecidos que se tinham valido dos únicos meios de salvação — as "arcas" de segurança isoladas.

O clima severo da Época Glaciar efetuou outro propósito importante na economia do planeta. Prevalecendo por um período tão longo, teve o efeito de endurecer as espécies e providenciar o povoamento das latitudes frias, após o clima das diferentes Zonas se tornar fixo. Prolongou o tempo de vida de numerosas espécies ou remanescentes de espécies que se tinham tornado enervadas e requeriam a estimulação de um clima mais fresco para promover a sua saúde. As seleções que a Natureza então fez foram das melhores, com toda a certeza, pois nenhumas outras poderiam resistir ao teste.

Os glaciares, no seu amplo varrimento sobre os continentes, foram as agências transportadoras que reuniram e distribuíram material amplamente; levando matéria de superfície de uma localidade para outra, e assim misturando elementos do solo; como o agricultor, que enriquece os seus campos com materiais que lhes são estranhos, mas que são essenciais à sua fertilidade. Sementes e raízes que foram suficientemente resistentes para sobreviver à prova foram distribuídas pela ação glaciar, e assim a vida vegetal foi propagada sobre secções assoladas, sendo preservados e localizados remanescentes por este meio, nalgumas localidades.

As evidências da força tremenda dos glaciares, que abundam nas diferentes regiões onde prevaleceram, são assombrosas; e abalariam a crença na sua real origem, não houvesse o mais forte testemunho para estabelecer a natureza e origem dos fenómenos. Estes exibem-se na

desnudação parcial de topos de montanhas de rocha cristalina e na deposição desta última em vales e planícies, onde estes mesmos elementos eram necessários para enriquecer os solos; na distribuição de leitos de cascalho sobre os vales aluviais; nas moreias que deixaram os seus rastos na terra e na variedade de solos que os depósitos de "Drift" (arrastamento) forneceram. O uso de tudo isto é aparente. A Mãe providente estava a prever o futuro; e a sua sabedoria clarividente providenciou bênçãos para as gerações de todas as eras subsequentes.

Posteriores à Grande Idade do Gelo, houve períodos de recorrência de algumas das causas que instituíram aquela; e tais épocas foram marcadas por recorrência de fenómenos glaciares. Este facto tem uma influência importante sobre a questão da idade da raça humana. Desde a Época Glaciar, fiordes foram escavados por ação glaciar; e, nalguns casos, canais de rios foram obstruídos e os depósitos de um período de "Drift" misturados com os de outro de tal forma que faz parecer que foram depósitos de um só período.

Muito do "Drift" que foi atribuído à antiga Época Glaciar é de origem mais recente; sendo os restos que nele se encontram evidência suficiente para estabelecer este facto, se não houvesse outra. Descobertas recentes levaram alguns observadores à conclusão de que o homem viveu na Grande Idade do Gelo e no Período Terciário. A idade da raça humana é uma questão que a ciência deve decidir por si mesma; no entanto, deve haver dados outros que não o mero encontro de restos em estratos julgados pertencer a esta ou àquela formação para fixar esta idade; pois é um facto bem estabelecido que existe incerteza, no estado atual da ciência Geológica, quanto à idade de certas formações, ou quanto a onde, na escala progressiva das eras sucessivas, colocar cada deposição que possa ser descoberta e examinada.

O geólogo que ousa arriscar a sua reputação como homem de ciência, um observador perspicaz dos factos revelados pela sua ciência especial, sobre os escassos dados agora disponíveis, e declarar a sua crença de que o homem viveu no Plioceno, ou em qualquer outra idade anterior à Grande Idade do Gelo, ou naqueles períodos subsequentes em que a superfície da terra e as formas de vida se tornavam modificadas

para se adequarem à raça, é mais míope e superficial do que se deveria ser, para dizer o mínimo, quem reivindica o cognome de cientista. A ordem de evolução do inferior para o superior, que foi traçada nas páginas anteriores, é a lição que a Geologia ensina, se ensina alguma coisa.

Não se pode ignorar o facto de que a adaptação de todas as condições umas às outras foi sempre a regra no planeta — deve sê-lo, na natureza das coisas. Supor que o homem pudesse existir antes das ordens de vida animal mais próximas a ele, e antes de a terra estar preparada como uma habitação para a raça na qual esta pudesse fixar a sua estabilidade sem imprevistos, é acreditar que, no caso da instituição da raça, a ordem da Natureza foi invertida; ou que nenhuma ordem foi observada na evolução da forma culminante.

A Idade do Gelo, tomada no seu todo, foi uma barreira que a raça humana na sua infância nunca poderia ter atravessado — (e, tivesse ela vivido no Terciário, por todos os precedentes conhecidos, deveria estar na sua infância ao seu fecho). Além disso, houve idades sucessivas de mudança inconsistentes com a sua estabilidade, que dependia da sua expansão sobre áreas estáveis com temperaturas reguladas e Fauna e Flora fixas, nas diferentes Zonas.

Restos que denotam a existência da raça em tempos anteriores à era histórica contam a história da aclimatização de selvagens em latitudes muito a norte, é verdade; mas não repetem a história das migrações de raças já resistentes para latitudes mais a norte do que as que os seus progenitores ocupavam, ou como estes últimos, por graus lentos, avançaram de climas sulistas geniais para aqueles incompatíveis, onde a necessidade foi uma força impelidora para fixar a estabilidade e criar a capacidade de superar obstáculos de clima, esterilidade, etc.

Não está escrito em cavernas onde ossos calcinados e implementos rudimentares jazem misturados, tão eloquentes do passado, que os habitantes das cavernas das latitudes norte não fossem do primeiro povo ou tribos da raça, mas filhos de tribos que tinham adquirido estabilidade por longa experiência e exercício das faculdades humanas — ramificações

de tais, que se tinham afastado em busca de lares seguros de molestações, que tinham caído numa selvajaria abaixo da das suas tribos ancestrais e dos primeiros tipos ancestrais da raça. Tais são os factos.

As eras têm sido longas e muitas em que o homem ocupou a terra, como as explorações claramente revelam; contudo, não alcançam além do limite no passado em que as condições proibiam absolutamente a sua existência. É seguro colocar esta fronteira à idade da raça e deixar a ciência fixá-la onde pertence nas eras; mas nunca é seguro ser enganado por factos com o sacrifício de princípios tão bem estabelecidos como o de que o sol derrama a sua luz sobre a terra. O facto deve estar a ser mal compreendido onde está em contradição com uma lei bem estabelecida, como no exemplo sob revisão.

O feitiço do Rei do Gelo foi quebrado quando as oscilações mudaram a sua direção. Houve uma era de subsidências em latitudes polares e temperadas extremas; uma reversão da ação anterior. O clima sofreu uma mudança à medida que as causas que fixavam as condições da idade anterior foram removidas. Os transbordamentos das idades deste período estão tão distintamente marcados como a ação glaciar da anterior, e nas mesmas regiões. O balanço do pêndulo não marca mais seguramente os momentos fugazes do dia do que as vibrações da crosta terrestre marcam as eras que passam. São, por assim dizer, o mecanismo do relógio, desenhado para o propósito que servem no mostrador do tempo, tanto quanto para qualquer outro dos inúmeros usos que servem.

A Época Champlain, como esta é denominada, serviu para modificar o clima da terra até aos polos. Era necessária uma idade quente para derreter o gelo que se tinha acumulado sobre a terra em tão vasta quantidade, e para remoldar as espécies o suficiente para as ajustar às Zonas quentes. A idade favoreceu a remodelação da estrutura de superfície sobre as áreas assoladas e a distribuição de material de "drift" sobre as terras.

Canais de rios foram limpos pelas águas prevalecentes ou novos canais foram cortados em redor de obstruções; e vales que tinham sido desnudados do seu solo aluvial foram cobertos com depósitos melhor

adaptados para um bom solo do que o anterior. O agricultor estava a distribuir, em localidades favoráveis e em quantidades disponíveis, o material fertilizante que tinha sido espalhado à sua mão. Este período foi rico em produtos, animais e vegetais, adequados ao estágio avançado em que o planeta entrava. Uma Época de Transição seguiu-se à última como um efeito da reversão da oscilação da crosta. Cada idade estava a aumentar a estabilidade das áreas vibrantes, e esta idade testemunhou os fenómenos de idades anteriores muito modificados.

Os terraços desta Época marcam os movimentos periódicos da crosta, a subsidência das águas e os períodos de ação intermitente. Houve um nivelamento, um processo preparatório levado a cabo, que ajustou as terras para a ocupação do homem e dos animais superiores, seus companheiros. As mudanças que depois ocorreram não foram tais que afetassem áreas extensas, apenas nuns poucos casos; e estas foram geralmente mudanças fugazes que deixaram pequena marca, comparativamente, na superfície do planeta.

À medida que a Era se aproximava do seu fim, as condições nos dois continentes, Oriental e Ocidental, tornavam-se tão reguladas que a vida animal Mamífera atingiu o seu nível mais alto, o patamar no qual passaria a existir subsequentemente, sujeita às influências que o homem e a sua era superior sobre ela exerceriam. Estava ainda reservada para a era uma mudança de carácter destinado a atuar para a evolução do Homem. Esta foi uma mudança nas condições vitais, ou magnéticas, tais como as que operaram para a evolução de uma espécie superior a qualquer outra existente.

Certas localidades no Continente Oriental tinham atingido um patamar de desenvolvimento muito acima da média dos dois continentes; nenhuma parte do Ocidental tinha avançado para este patamar, ou sequer para uma fase próxima dele. Estas áreas estiveram isentas de ações perturbadoras durante uma era, mas tinham sido recetoras dos benefícios decorrentes das condições mutáveis nas secções circundantes e, por isso, ultrapassaram estas últimas no carácter dos seus produtos. Eram suficientemente extensas para criar condições que eram exclusivamente suas, na medida em que decidiam o carácter dos

elementos vitais que permeavam os distritos, e emprestavam a sua influência ao território circundante, para modificar e elevar as condições ali presentes. As mudanças magnéticas que estavam em curso durante as eras em que as formas mais elevadas do Reino Animal tomavam os seus lugares sobre a terra, e os produtos da superfície eram de um carácter correspondente a estas, eram particularmente apreciáveis por estas localidades avançadas, e foi o culminar destas mudanças que operou a obra maravilhosa: a evolução da raça humana.

A transição na vida do globo ou das localidades marcou as épocas de encerramento de eras maiores e menores, tendo sido efetuada através de modificações de todas as condições, tais como as que acompanharam o culminar de espécies e tipos no mundo orgânico, e a evolução da vida magnética de grau superior. A ordem foi a seguinte: os tipos de vida culminavam quando o clímax das condições que os desenvolveram era atingido; o que acontecia na véspera de períodos de repouso das forças planetárias. Foi a ação invulgar que culminou na evolução de novos tipos, a qual completou a exaustão das forças da matéria ao grau de que o repouso se deve seguir.

A evolução em cada era, maior ou menor, atingiu o seu clímax precisamente antes da subsidência da ação que marcou o seu fecho. A introdução de espécies numa grande era foi marcada por períodos mais longos ou mais curtos conforme o carácter da vida que desenvolveram, cada um encerrando-se com um intervalo de repouso, que deu lugar a outro intervalo ativo. Uma grande era culminava com o culminar da sua ordem de vida característica; isto é, quando era iminente uma mudança que introduziria outra e distinta ordem.

Os tipos expandiram-se através de grandes eras pela evolução de espécie após espécie, até que as mudanças assim operadas tivessem gerado uma mudança maior, que seria efetuada com o nascimento de um tipo com características específicas diferentes de, e essencialmente superiores às do tipo mais antigo. As primeiras, ou espécies introdutórias de um tipo, eram poucas comparadas com o número desenvolvido pela expansão do tipo, e estavam parcamente distribuídas; e os indivíduos de cada espécie eram, correspondentemente, poucos. Tendo as forças

atingido o seu clímax, concentraram-se onde novas criações resultaram segundo a ordem da Natureza. A subsidência da força resultante após a evolução das formas iniciadoras de uma nova ordem de vida, foi a provisão da Natureza para a perpetuidade desta ordem.

Tendo nascido na véspera da mudança importante que introduziu uma nova ordem de coisas, deveria ser instrumental na introdução desta ordem. Deveria servir como a vanguarda das condições superiores que se aproximavam, mesmo que, através de um longo período de catástrofe e ação convulsiva, estivesse, por assim dizer, em embrião, escondida em recessos onde pudesse ser preservada e sobreviver à massa de vida deteriorada do planeta, ou de secções.

As forças vitais centram-se na vida dos graus mais elevados, em épocas de evolução; e, por conseguinte, a Natureza inferior sofre uma exaustão correspondente, que se exprime no declínio das forças planetárias, mesmo quando as atividades mais importantes que um planeta pode desenvolver nestas fases estão em curso. O avanço num plano à custa da retrogressão noutro — esta é a regra nestas épocas. Aos períodos inativos sucedem períodos ativos, quando o equilíbrio de força é revertido, de certa maneira. As atividades das forças no período inicial e médio de uma era ativa são gastas para o desenvolvimento das energias físicas em todos os tipos de vida e na matéria planetária.

O ponto culminante é onde as forças físicas atingem o seu clímax, e as formas são desenvolvidas incorporando um carácter de força superior, fisicamente, às antecedentes; e quando a balança pende, e a Natureza física está na véspera da suspensão das suas atividades invulgares, o espiritual assume a supremacia por uma temporada — o tempo suficiente para conferir à vida vindoura atributos espirituais de ordem superior aos que caracterizavam o tipo antigo.

É o espiritual que confere qualidades específicas — fixa as diferenças de formas em todos os reinos. Sendo as forças magnéticas de graus superiores evoluídas da Natureza física enquanto as suas forças estão na ascendência, cria-se uma solicitação à Natureza espiritual por um grau correspondente de forças, as quais, sendo fornecidas, retêm a

ascendência após as outras a terem perdido; prevenindo assim aquele equilíbrio perfeito que seria a estagnação total. A balança desloca-se novamente a tempo de as forças físicas retomarem o trabalho de levar a cabo a ação progressiva da matéria e formas da superfície, preparatória para outra transferência do equilíbrio de força num estágio mais elevado de ação. Assim, parece que os períodos inativos eram aqueles em que as forças físicas e espirituais tremiam na balança preparatória para a retoma da ascendência pela física, e a Natureza aguardava o aumento desta última por uma adição que nasceria do repouso.

Do que precede, depreende-se que as mudanças inauguradas nos períodos de declínio das eras ativas culminaram nos períodos de abertura das eras seguintes; sendo a suspensão de atividades entre as duas o resultado natural de causas existentes e, ao mesmo tempo, necessária para a perpetuação das novas criações que seriam a vida característica da era posterior. A compensação, condições ajustadas umas às outras, é sempre a ordem.

O entardecer da Sexta Era estava a fechar-se quando o ponto culminante das forças formativas do planeta foi atingido, na evolução do tipo Superior, o Homem. Numerosas raças de animais estavam a extinguir-se, e novos tipos tomavam os seus lugares, propagando um grau mais elevado de elementos magnéticos, e cumprindo assim as condições da lei acima mencionada.

As forças planetárias tornavam-se quiescentes e adequadas à perpetuação dos tipos infantis, cujas energias infantis não deviam ser desperdiçadas nas atividades que uma era ativa deve gerar. As novas formas deveriam desenvolver força gradualmente, enquanto as condições esperavam por elas. Nesta conjuntura importante, as forças planetárias tinham progredido além do ponto onde a atividade pudesse cessar de tal forma que perigasse a existência dos novos tipos, ou impedisse o seu progresso.

Nas localidades onde a raça humana apareceu, particularmente, tudo estava em harmonia com a ordem de vida que ali seria sustentada. Os instintos dos primeiros homens impeliram-nos a permanecer no seu

"Éden", enquanto as terras circundantes não produziam nada senão sarças e espinhos, figurativamente falando.

A terra foi povoada em toda a sua extensão e largura; e nos centros onde as espécies elevadas de animais originaram, houve a mesma provisão feita para a sua preservação como para o homem no seu domínio; pois eles eram uma necessidade para a sua existência e para o progresso do planeta.

As ordens elevadas de vida de todos os graus reagiram sobre outras forças, estimulando-as assim à atividade nas localidades que habitavam; e, a partir daí, a estimulação foi propagada, longe e amplamente; e demonstrou-se com maior força do que nunca como a vida magnética reage sobre a matéria para a energizar. O período inativo, ou noite da era, foi de curta duração, comparativamente, assim causado pelo carácter extraordinário das novas forças que foram desenvolvidas para cooperar com as mais antigas, que eram, também, de carácter elevado.

Os seis dias da criação das Escrituras Hebraicas foram completados com a Sexta Era Planetária. Um dia de descanso sobreveio então, de acordo com o antigo vidente. Este dia ou período foi a Sétima Era Planetária, a noite do primeiro ciclo de eras planetárias, que é também o primeiro período do segundo ciclo. Esta era, segundo o precedente que prevalecera desde a eternidade, foi comparativamente uma era inativa; foi menos energética que a anterior e a seguinte. A energia tinha sido despendida em vasta quantidade durante o ciclo, e deveria haver, necessariamente, um período de quiescência, que, naturalmente, seria de um carácter determinado pelo estado do planeta.

A Sétima Era foi, consequentemente, uma era de ação tardia. As forças do planeta exibiram a qualidade de energia que o entardecer da Sexta Era tinha mostrado. Houve oscilações tardias, ligeiros levantamentos e subsidências, que repetiram alguns dos fenómenos da última era numa escala menor. Houve também atividade vulcânica em algumas das cordilheiras mais recentemente elevadas e em áreas oceânicas. A ação física mais energética da era ocorreu na área do Oceano Pacífico. Vastos arquipélagos foram elevados, que desde então

subsidiram parcial ou inteiramente. A quantidade de terra naquela ampla secção, após os levantamentos, excedeu em muito a do presente ou da Sexta Era.

Havia caminhos de continente para continente que as primeiras tribos de homens podiam, e fizeram-no, atravessar, através dos meios que a sua engenhosidade simples concebeu. Foi como se a Natureza providenciasse especialmente para o povoamento do Continente Ocidental e dos Arquipélagos, por meio das cadeias de ilhas que se estendiam de um para o outro e, assim, através do Pacífico, de um continente para o outro. Muito antes do fim da Era, muitas das ilhas, e porções do Continente Ocidental, possuíam uma população de homens.

As condições gerais durante esta era, tais como o clima, a distribuição da superfície terrestre e marítima, espécies vegetais e animais, não diferiram grandemente do que eram durante as idades de encerramento da última era, ou do que são na era presente. As condições vitais eram, contudo, muito mais baixas do que atualmente, como a ação tardia de todas as forças atestava.

A idade final da era foi particularmente marcada no que diz respeito à condição debilitada de todas as forças. Houve uma subsidência geral de energia, acompanhada por fenómenos vitais que eram uma nova característica de uma era em declínio; nomeadamente, a subsidência geral da raça humana num estado de barbarismo, após ter feito bons progressos, como um todo, e no caso de algumas nacionalidades, altos feitos, comparativamente, em civilização. Sobre isto, mais será dito no capítulo final do volume.

O Dilúvio de Noé ocorreu, entre outros fenómenos do género, nesta idade; cujos efeitos em relação à renovação da terra, varrendo dela os elementos humanos degradados, já foram referidos. Transbordamentos locais do género foram numerosos no mesmo período, sobre alguns dos quais, em ambos os continentes, existem agora lendas em registos históricos e entre tribos rudimentares, cujos antepassados remotos testemunharam as inundações.

Estes cataclismos foram os arautos de uma nova era, uma idade em que a Natureza recuperaria forças, e uma terra renovada seria repovoada nas suas secções assoladas por tais remanescentes de tribos de homens que fossem aptos para propagar a sua espécie, ou pudessem fazê-lo com a perspetiva de perpetuar a espécie. A Oitava Era Planetária abriu antes do amanhecer da idade histórica, quando as pessoas estavam num estado de barbarismo demasiado baixo para usar os meios de transmitir registos fiáveis dos seus tempos às gerações futuras. Existem registos fabulosos de tempos remotos, antes e depois do Dilúvio, e estes são um comentário sobre o estado de civilização do povo.

O renascimento das energias da Natureza foi acompanhado por explosões de atividade vulcânica em muitos quadrantes. Os vulcões ativos do globo começaram então a exibir energia renovada, e muitas crateras antigas extintas foram reabertas. Os sismos eram comuns, e ocorreram levantamentos para equilibrar as subsidências que estavam em curso nalgumas secções. As áreas de subsidência foram no Pacífico e no Índico, principalmente. Estas não estavam todas destinadas a ser subsidências permanentes, mas foram temporárias no caso de algumas. Existem áreas em elevação nestes oceanos, e também aquelas que formam canais oceânicos permanentes que não podem ser elevados de forma consistente com a situação dos continentes e a altitude das terras adjacentes.

É preservada uma proporção entre a profundidade dos leitos oceânicos e as terras continentais e cordilheiras contíguas; correspondendo os levantamentos sempre às subsidências, e vice-versa. A profundidade e a abrangência do grande Pacífico correspondem à abrangência do continente Oriental e à altitude das suas montanhas; as áreas oscilantes do Pacífico correspondem às planícies e terras baixas deste continente.

Contudo, o canal que limita a borda do outro a oeste corresponde em profundidade à altitude das cordilheiras que se estendem por toda a extensão do continente Ocidental, da sua extremidade Norte à sua Sul, nesta borda. As forças que, no futuro, operarão para equalizar a superfície da terra e da água, deixarão imperturbados os canais oceânicos;

enquanto vastas áreas oceânicas que estão agora a vibrar perante as forças do planeta, se tornarão superfície terrestre estável, com bacias marítimas e canais intercalados adequadamente ao redor e sobre elas. Isto é de acordo com a lei do desenvolvimento planetário; e não pode ser de outra forma, como parecerá claro ao leitor atento.

O desenvolvimento progressivo da força planetária qualificou de tal modo a lei da transferência de ação de um hemisfério para outro, de áreas continentais para oceânicas, em diferentes eras e idades, que esta é dificilmente observável, na era atual, com referência aos fenómenos de superfície. Desde o surgimento dos continentes atuais e a fixação das bacias oceânicas, a ação desta lei é mais observável nas oscilações periódicas das áreas vibrantes nos continentes e nos oceanos.

O fortalecimento das energias vitais de secções, grandes ou pequenas, que resultam em condições de superfície superiores, modifica e equaliza as forças de tal modo que quase oblitera as evidências desta lei da Natureza. É uma daquelas regulações naturais que é modificada para se adequar às circunstâncias; tal como os positivos e negativos mudam de carácter por vezes, ou as suas forças se tornam tão próximas do equilíbrio que reagem com menos energia uns sobre os outros.

A necessidade do positivo e do negativo nunca pode cessar na Natureza, nem podem os arranjos ser outros senão os que causam a sua coexistência; contudo, as mudanças devem continuar, o que causará a equalização e transferência de forças, e a obliteração de diferenças, etc., e assim acontece que áreas continentais que outrora foram positivas e negativas entre si são agora ambas igualmente positivas ou igualmente negativas, ou positivas numa relação e negativas noutra. As grandes diferenças de períodos anteriores deixaram de ser necessárias; pois a prevalência de forças vitais sobre o planeta faz com que as reações sejam gerais, resultando em progresso universal.

A raça humana é a grande força em ação que determina as mudanças que estão agora a ocorrer e que estão destinadas a ocorrer; e à medida que desenvolve poder com inteligência, operará maravilhas no

planeta, para fazer dele um Éden onde todas as condições favorecerão o desenvolvimento do Divino na humanidade.

CAPÍTULO VII

ORIGEM DA VIDA, DAS ESPÉCIES E DO HOMEM

ORIGEM DA VIDA — FORÇA PROCREATIVA — DIVINDADE E HOMEM — FUNÇÃO DO HOMEM NA NATUREZA — LEI DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES — EVOLUÇÃO DO HOMEM.

As grandes questões da era são: "O que é a Vida, e de onde se origina?" e as questões afins: "Qual foi a origem da Espécie humana, e qual a das miríades de espécies de animais e plantas que apareceram sucessivamente desde os estágios iniciais da existência do planeta?" "A vida é o mistério do universo, o segredo de Deus", foi dito; "e não há solução para a questão — o que é a vida? dado que não há nenhuma para a outra — o que é Deus?"

Mas os homens investigarão; e os amantes da verdade, não tendo medo de uma teologia dogmática perante os seus olhos, ousam questionar a Natureza sobre o segredo da vida e o seu desenvolvimento; sentindo que a ignorância é a mãe do mistério, e que ambas estão amaldiçoadas.

A lei da evolução foi ilustrada até certo ponto em capítulos precedentes desta obra; mas a consideração das questões a que este capítulo é dedicado exigirá uma repetição de alguns dos princípios antes declarados, e uma análise mais profunda de todo o assunto, no que se refere à Vida, às Espécies e ao Homem.

A Vida era, e é, e há de ser. Não há como ir por trás ou para além dela. Força e matéria — o ator e o que sofre a ação — não há conceção da Natureza ou de Deus sem estes. O movimento de diferentes e distintos graus constituiu a vida da Natureza desde a eternidade; originou todos os fenómenos da vida, de sóis e sistemas, de planetas e de todas as formas de vida planetária. É, na realidade, todos os fenómenos vitais. O movimento inerente à matéria indica uma força também nela inerente —

um poder propulsor. Descobrir esta força, identificá-la, é descobrir a origem da vida. Traçar a sua ação no desdobramento do universo das formas — como o promotor perpétuo do progresso, a fonte e o executor da lei intelectual, cujo fim e objetivo são realizar um plano inteligente, é descobrir o seu carácter — é encontrar a revelação de Deus na Natureza, como a fonte da sua vida e dos fenómenos da evolução.

A diversidade é tanto uma lei da matéria como o movimento; e a sua influência na promoção de muito dos fenómenos de vida e movimento é bem compreendida. De facto, sabe-se que reside na base da vida e da reprodução de formas físicas; a cooperação de elementos diversos, como forças positivas e negativas, ou masculinas e femininas, originando a reprodução.

A reciprocidade de ação entre graus de matéria, graus de formas e graus de mente é a regra; e não há ação que não seja impelida por alguma contra-ação — nenhuma força exercida que não seja excitada por uma contra-força. Citar exemplos da ação desta lei pareceria totalmente desnecessário, de tão universal e bem compreendida que é; no entanto, pode ser útil dar algumas ilustrações da mesma, com o propósito de chamar a atenção do leitor para a sua importância na solução do problema da vida.

As forças atrativas de sóis e sistemas, de primários e satélites, retribuem-se mutuamente. A Terra viaja numa órbita estritamente definida pelas forças exercidas sobre a sua massa pelo sol e pelos planetas irmãos; e o mesmo é verdade para cada planeta, e para o próprio sol; este último mantém a sua estação como o centro da sua família de planetas, em virtude das suas forças combinadas ligadas às dos sistemas circundantes. Reciprocidade — intercâmbio, interação, é assim vista como sendo a fonte de vida dos sistemas do universo — de toda a vida física.

Já se descobriu o suficiente sobre a influência dos corpos celestes nos fenómenos meteorológicos da Terra para estabelecer o princípio do intercâmbio de forças magnéticas entre eles. Tempestades, sismos, erupções vulcânicas, secas, perturbações magnéticas, etc., acredita-se

coincidirem, e terem uma ligação íntima, com as manchas solares, cometas e outras perturbações das condições magnéticas ou elétricas dos vários corpos do sistema; e tais perturbações ocorrendo num planeta ou no sol, são registadas por outras semelhantes nos restantes, de acordo com a suscetibilidade de cada um e de todos à ação das forças em operação. O intercâmbio, de acordo com a lei da afinidade das forças, está aqui perfeitamente ilustrado.

Quanto esta lei opera na produção de fenómenos meteorológicos no planeta no seu presente estágio de desenvolvimento não pode ser estimado no estado atual da ciência física; contudo, pode ser estabelecido como facto que ela está incessantemente em operação, e assim sempre deverá ser, visto que a relação entre os corpos do Sistema Solar é tão estreita; sendo essa relação, de facto, a de diferentes órgãos de uma forma, ou dos membros de uma família intimamente associada. Quando um membro sofre, todos sofrem com ele, pela lei da afinidade da força, ou reciprocidade de ação das forças magnéticas, que, na família humana, se manifesta como simpatia.

Na sociedade humana, a mesma lei é ilustrada. A vida social é um sistema de reciprocidade de força, de intercambiabilidade de funções tais como a sociedade desenvolve, e que são essenciais à sua existência e à manutenção dos seus membros individuais. A unidade na diversidade é exibida como a lei da sua vida, lei que é tão universal na sua operação quanto a própria vida; — o agente e o que sofre a ação, cada qual uma força individual, mas ambos atuando para um fim, fim esse que apenas se realiza por tal cooperação.

A lei da vida desenvolve-se pela diversidade, como se observa em todos os fenómenos. O movimento resulta da diversidade, estando a lei da força repulsiva sempre a atuar para limitar o poder da força atrativa, quer na regulação dos movimentos dos sóis quer dos átomos. O semelhante procura o semelhante; contudo, formas, átomos ou elementos estreitamente aparentados desenvolvem uma força repulsiva em contacto próximo, que preserva intacta a individualidade de cada um, enquanto as forças diversas lutam pela supremacia, perpetuando assim o movimento, ou a qualidade resultante da ação. Esta lei é ilustrada nos

movimentos e posições dos corpos celestes, no nascimento dos mundos, como explicado no primeiro volume desta obra; e nos movimentos atómicos de todas as substâncias — na ação química que resulta na formação de moléculas, formas de matéria e compostos; também no mundo orgânico, onde fixa as relações e interações dos órgãos das formas, dos fluidos circulantes e das forças vitais; sendo, de facto, a lei do seu ser — o verdadeiro Princípio da Vida de toda forma viva, tal como o é de toda a própria Natureza.

O princípio motor no mundo da mente é a diversidade que faz com que mente atue sobre mente para evitar a estagnação universal, ou a destruição completa da sociedade humana; assim como átomo sobre átomo, mundo sobre mundo, ou forma sobre forma, no universo físico, para a promoção e perpetuação da vida; e que faz com que as faculdades distintas mas indissoluvelmente unidas da mente atuem umas sobre as outras para a promoção da vida e da saúde do intelecto. As forças de uma mente individual podem ser comparadas, nas suas relações e interações, às da forma física; os órgãos e fluidos conjugados do corpo cooperando para a perpetuação da vida e
:
da saúde; e todos indispensáveis a esse fim, como cada um o é na sua própria ação específica.

A interação é vida no corpo e na mente, e a vida depende da diversidade de forças ou elementos conjugados e intimamente relacionados. Esta proposição é introdutória à consideração da questão primordial: qual é a força motriz do mundo material? qual o elemento tão intimamente unido à matéria, tão estreitamente aliado a ela em todos os seus graus e formas, cuja diversidade relativamente a ela é o instigador da sua vida, o primeiro iniciador do movimento?

Esta interrogação, como todas as outras relativas aos fenómenos naturais, deve ser respondida pelos próprios fenómenos. Não existe outro indício da verdade além daquele que a Natureza revela pelos seus métodos de ação apresentados e ilustrados pelos fenómenos. A Natureza desenvolveu a sua forma representativa, um dos propósitos evidentes da qual é ilustrar os processos naturais no mundo universal; concentrando

nessa forma os elementos, forças e processos deste último — refinando-os e simplificando-os sem alterar o seu verdadeiro carácter ou significado, de modo que ela seja um microcosmo em si mesma — um epítome, um reflexo, do universo. O HOMEM é essa forma. Desde que os filósofos começaram a examinar a Natureza com olhar crítico, foi concedido ao homem este título de honra — Cabeça Representativa da Natureza. A natureza física do homem representa o universo material; a sua natureza interior ou espiritual representa as forças interiores ou espirituais do universo. Isto deve ser verdade se o homem é um epítome do universo.

O seu ser é dual; ele é, individualmente, uma unidade na dualidade; forças e elementos espirituais estando de tal modo unidos na sua forma aos materiais que formam uma unidade inseparável no plano material, enquanto conservam a sua individualidade distinta. A Natureza deve, correspondentemente, ser uma unidade na dualidade; deve possuir uma vida interior, ou forças espirituais unidas às materiais, cuja conjunção resulta na vida e em todos os seus fenómenos. Nada pode ser mais claro. Resta, então, rastrear no homem as forças que geram e perpetuam a vida e, ao mesmo tempo, ligá-lo ao grande universo do qual ele faz parte.

A gradação de elementos e forças é imediatamente percebida como a ordem da constituição humana, o modo através do qual as suas forças atuam na geração dos fenómenos vitais. Há a estrutura física com o seu envolvimento de tecidos, o sangue, os nervos, o cérebro; depois há os fluidos vitais — a força nervosa, o éter magnético que liga a parte física à espiritual; depois a mente inteligente, e o espírito Divino que a vitaliza e a todo o ser. O Espírito do Homem senta-se entronizado no templo interior do seu ser, como o Rei — o poder governante de todo o domínio.

A sua prerrogativa é comandar, enquanto a de todas as forças inferiores é cumprir as suas ordens. Isto é estritamente verdadeiro, e num sentido mais ilimitado do que geralmente se tem concebido. A inteligência é a força superior, e ela utiliza realmente todas as forças inferiores do ser como seus servos. Atua sobre a Natureza física fora da forma através das forças intermediárias que a forma desenvolve, e de nenhum outro modo. A vontade, ao seu comando, move a mente e as forças físicas, e todas juntas atuam como uma alavanca composta que

pode estender-se muito para o mundo exterior, ou concentrar poder sobre a estrutura física, para servir os diversos propósitos da sua vida. Carne e ossos não são mais verdadeiramente forças capazes de agir sobre a substância do que o são a inteligência e a vontade, as forças que os impelem à ação. As inferiores são as forças apreciáveis aos sentidos físicos, às quais estão diretamente relacionadas, como matéria grosseira; enquanto as superiores são magnéticas e inapreciáveis aos sentidos físicos, salvo nos seus efeitos. Assim, é claro que existe cooperação entre as forças superiores e inferiores, ou espirituais e físicas, do homem, para levar a cabo os processos da vida; mas até que ponto essa cooperação se estende, se ela subjaz a todos os fenómenos vitais da forma, é a questão.

As forças instintivas do homem — o poder motor do sistema, como têm sido chamadas — estão diretamente relacionadas com a inteligência, e estão sujeitas a ela através da vontade. Os apetites, as paixões, todas as propensões físicas, são estimulados pela ação da inteligência ou da mente; o pensamento, a imaginação, sendo o poder que atiça os seus fogos adormecidos até à chama, ou os envergonha até à quietude quando pretendem ultrapassar os limites da satisfação necessária.

Mesmo as forças involuntárias do corpo estão sob o controlo da vontade; e o homem pode, pela força da mente, estimular a saúde ou a doença do corpo; pode acelerar o fluxo do sangue, acalmar as pulsações do coração, apaziguar o cérebro excitado e o sistema nervoso; ou pode induzir estagnação no seu sistema, provocar histeria, doença cardíaca e outras enfermidades.

A sua mente afeta a sua saúde corporal, e vice-versa — a saúde corporal afeta a mente, quer ele queira quer não; e nada é mais comum entre a humanidade doente do que casos de hipocondria, histeria, lassidão ou sensibilidade peculiar da mente, etc., todos diretamente atribuíveis à relação íntima e à interação das forças da mente e do corpo. A mente atrai ou repele a doença. As doenças contagiosas e outras não vêm sempre como dispensações fortuitas, ou como consequência necessária da exposição; mas são frequentemente atraídas para um corpo tornado suscetível à sua influência pela mente. A imaginação, coisa tão real quanto é, estende-se ao magnetismo doentio nas suas proximidades

e atrai-o para o corpo, que assim é infetado. Trata-se, nesses casos, da interação do magnetismo da mente com o da Natureza fora da forma. Este subtil elemento da constituição humana não pode ser confinado dentro dos limites do seu tabernáculo carnal, mas vagueia livremente quando não é restringido por uma vontade cultivada, e muitas vezes causa danos fatais ao invadir terreno proibido.

Isto não é uma teoria imaginária e sem fundamento; factos severos apontam para isso como verdade; e vai mais longe do que os médicos geralmente admitem; a saber, QUE A MENTE É O PODER MOTRIZ DA NATUREZA. Os fenómenos da ação reflexa dos centros nervosos, particularmente do cérebro, são evidência do facto — um facto de grande importância nesta discussão — de que a mente atua mecanicamente com, e sobre, as outras forças do corpo.

O sistema humano é uma máquina construída segundo o mesmo princípio de qualquer outra máquina; isto é, é um sistema de forças reciprocamente dependentes; e qualquer coisa que excite movimento ou ação de qualquer parte recorre ao poder na fonte principal e tende a promover a ação do todo. O hábito é uma força que impele a ação reflexa, a cerebração inconsciente. A máquina habitua-se à ação. Mas o organismo move-se. O amor aí tem impulsionado pelos impulsos naturais da constituição, em certa medida e move-se nos sulcos das exigências naturais a para formar Pensamento de todo o sistema, inconscientemente quando o pensamento não atua para estimular o movimento. Por este meio a vida é perpetuada.

Inconscientemente a vontade consente naquilo que o ser requer para a manutenção da sua vida; ou, antes, é mantida em suspenso enquanto o espírito fornece o poder para manter as rodas da vida em movimento, obedientes às forças atrativas do sistema, entrando em uso como o poder que aplica força a qualquer ponto particular, ou para qualquer propósito especificado, ou como Regulador das forças do sistema.

A imaginação mantém a vontade cativa quando ela não está sob o controlo do intelecto, e o pensamento ou o desejo conduzem a excessos,

que são cometidos pelo consentimento passivo ou inconsciente da mente. Um forte poder de vontade persistentemente exercido é necessário para manter paixões fortes e desejos animais sob controlo; mas algumas pessoas são constituídas de tal modo que estes não podem ser controlados até que uma mudança vital tenha sido efetuada nelas. As propensões inferiores são mais fortes do que a razão e submetem todo o ser ao seu domínio; sendo a vontade tornada escrava da paixão. Quando fortes propensões animais assumem o controlo do homem, a destruição é tão certa quanto quando o maquinista é lançado para fora da locomotiva e esta é deixada a prosseguir a sua carreira louca, esmagando tudo o que encontra no seu caminho e destruindo-se a si própria.

A função reprodutiva é muitas vezes exercida inconscientemente, de acordo com os princípios acima enunciados. O corpo submete a vontade em tais casos; ou a mente e a vontade, estando em suspenso, como no sono ou na inconsciência induzida por qualquer causa, os instintos têm ascendência. A ciência médica tem especulado sobre este assunto, e opiniões adversas têm, de tempos a tempos, predominado entre a fraternidade médica. Factos indiscutíveis apontam para a verdade do princípio agora afirmado e vindicam a virtude de muitas vítimas da brutalidade do homem que, pela força, ou por meio de inconsciência induzida, foram compelidas ao exercício da função procriadora.

Muitos e variados são os modos pelos quais os fenómenos ilustram os modos de ação da mente com as forças inferiores do ser, mas nenhum pode ser seguido até ao ponto de refutar a verdade de que a interação é perpétua entre elas e que ela subjaz a toda a vida do ser. Há fenómenos que apontam para a verdade de que o homem é uma trindade na unidade, e uma dualidade na unidade; e que o espírito não atua necessariamente sempre através da forma física, a sua parte exterior, no plano material. Espírito, alma e corpo — uma trindade — o homem deve sempre ser, para perpetuar o modo de ação que é a sua vida.

Espírito e matéria interagindo como o modo desta vida constituem a sua dualidade. Nos fenómenos dos sonhos, do transe e do duplo, o espírito atua, de certo modo, independentemente da forma exterior. No primeiro caso, o corpo está em repouso enquanto a mente está em ação,

o que pressupõe uma atividade do cérebro não consonante com a lei de ação do cérebro físico quando o corpo dorme. O sono significa repouso — inatividade das funções do cérebro físico; portanto, a atividade do intelecto enquanto o cérebro físico está em repouso passivo implica a existência de um cérebro espiritual, contraparte do primeiro; e, como consequência necessária, de um corpo espiritual para sustentar esse cérebro. Alexander Bain fala de um "corpo da mente" (ver *Conservation of Energy*, de Balfour Stewart, p. 213), o que é, evidentemente, na sua opinião — e corretamente — forças sujeitas à mente que correspondem às forças de grau mais fino do corpo, cuja ação sobre a mentalidade sugere um grau correspondente de forças mentais, cuja função é transmitir a ação à própria mente.

É simplesmente raciocínio sustentar, como este filósofo faz, de facto, que o intelecto não pode atuar diretamente sobre as forças corporais, mas deve atuar através de um "corpo da mente" sobre os fluidos nervosos, produzindo fenómenos físicos. Sempre através de forças graduadas o espírito atua sobre a matéria. O corpo espiritual está tão estreitamente aliado aos elementos magnéticos físicos que alguns destes inerem na sua substância, fazendo dele uma força reagente com o espírito interior. Isto decide a eternidade da existência do homem, pois o material nunca poderá ser tão completamente separado do espiritual que cesse a ação entre a inteligência e a parte exterior do homem. Este princípio particular, tão importante de compreender em ligação com todo o assunto do presente capítulo, será novamente referido.

Parece, portanto, que nos sonhos e no transe a mente atua legitimamente, ou segundo o seu único modo de ação; estando o corpo físico, de certo modo, em suspenso enquanto o corpo espiritual assume em parte as suas funções e reage sobre o cérebro espiritual, conduzindo os fenómenos da atividade mental. A mente parece por vezes ultrapassar-se a si mesma em períodos de cerebração inconsciente. Eleva-se ocasionalmente acima do seu modo rotineiro de pensamento e entra em campos de investigação para além do alcance dos seus poderes normais. Isto acontece porque está, por um momento, parcialmente liberta dos laços do físico, que muitas vezes é grosseiro por natureza, e os seus

poderes expandem-se para apreender princípios acima da sua compreensão no estado normal. Contempla os campos da Natureza com a visão abrangente do espiritual; e quando, como acontece quase sempre, inteligências desencarnadas estimulam os poderes espirituais nas ocasiões auspiciosas em que existem as condições adequadas, o sonhador torna-se um Vidente, um profeta, um clarividente ou um leitor da mente.

O sonambulismo ilustra a ação do corpo e do cérebro espirituais sobre, e através de, o corpo físico. No estado sonambúlico o cérebro físico encontra-se num estado de tal passividade que é um instrumento totalmente inconsciente ao impelir os movimentos do corpo. Neste estado, um indivíduo manifesta perceções agudas, realizando feitos, com os sentidos físicos completamente entorpecidos pelo sono, impossíveis para ele nas suas horas de vigília; feitos que requerem grande poder de visão, julgamento exato no cálculo de distâncias, cautela e agilidade que excedem o poder da maioria das pessoas no estado normal, e tal raciocínio, facilidade e rapidez de pensamento e de ação, que mesmo as maiores emergências dificilmente conseguem provocar nas mentes mais equilibradas, autoconfiantes e ativas. Este fenómeno, tão comum e tão desconcertante para os materialistas, é inexplicável por qualquer outra teoria senão a aqui apresentada; que é a Filosofia Espiritual.

As experiências e descobertas de Franz Anton Mesmer e dos seus colaboradores foram a cunha inicial que fendeu as antigas teorias filosóficas e teológicas das escolas e dos homens da Igreja, lançando nova luz sobre a Natureza e sobre o homem; trazendo gradualmente à vista os princípios que demonstram, para além de qualquer dúvida, a dualidade da Natureza e do homem; a existência do espírito, a sua relação com a matéria e as relações do homem com o mundo espiritual. Tendo sido descoberta uma chave para os fenómenos do sonambulismo, do transe, da clarividência, das aparições, etc., o mundo entrou numa nova etapa; o pensamento sobre estes e assuntos afins foi estimulado, e surgiu uma nova Filosofia da Vida. O próprio modo pelo qual esta filosofia foi formulada em linguagem e apresentada ao mundo foi a sua ilustração mais poderosa.

O vidente Andrew Jackson Davis ilustrou, em si mesmo, todos os fenómenos acima mencionados; e, além dos volumes escritos que deu ao mundo sobre os princípios envolvidos, ele próprio é o melhor expoente da verdade da sua filosofia que poderia ser apresentado. Outros, como ele, clarividentes e sujeitos ao transe e ao estado superior, no qual a natureza física se torna sujeita à espiritual, estão continuamente a mostrar ao mundo princípios que clamam por consideração e explicação pelos líderes do mundo da mente. O espírito, difusivo como a própria vida, sendo ele próprio a fonte da inteligência, a partir do seu plano peculiar de mente — a esfera do pensamento acima daquela ocupada pelo homem físico — revela-se ao plano inferior da mente, espalha o pensamento como a chuva do céu para fertilizar o pensamento, dissemina germes de verdade viva por todo o mundo mental, que, brotando em vida vigorosa em solo preparado para eles, preparam uma rica colheita.

A reação das esferas de pensamento em planos espirituais acima do alcance das conceções do homem material, entre si e com o pensamento no plano material, é tão lei e método da Natureza como a reação entre esferas de pensamento ou graus de mente no plano material. Isto está de acordo com a lei de toda a vida e manifesta-se como verdadeiro por fenómenos tão persistentes quanto a própria vida da raça humana na Terra; acompanhando a humanidade desde a sua infância e manifestando-se em abundância extraordinária nos dias presentes. Reações de plano com plano, esfera com esfera, do universo espiritual, e destas com o universo material; pensamento, mente e Espírito Superior interagindo com tudo em e entre todos os planos, unindo assim o espírito à substância material e fazendo da Inteligência o princípio motor do universo, em todos os sentidos — esta é a lição que a presente época está a aprender.

O espírito, então, é a grande Força Positiva do universo, atuando e reagindo sobre a Natureza material como o seu negativo, sendo a ação resultante a vida de todos os graus, em todos os planos de existência, em todas as esferas, material e espiritual. A união das esferas material e espiritual e a intermistura dos elementos das esferas positivas e negativas do universo é o modo pelo qual, unicamente, a vida é possível em toda a

Natureza. Por esta lei de ação a Inteligência Suprema é feita a Força Central do universo. Por este modo o poder é propagado desde essa Fonte Central até aos limites extremos onde os elementos físicos, na forma mais grosseira possível, são repulsivos ao refinamento. No primeiro volume desta obra, a lei da intermistura das esferas de força atrativa e de influência no universo físico foi plenamente explicada; e fez-se referência à lei da evolução dos planos e esferas espirituais.

O leitor cuidadoso, estudando os princípios aí enunciados, estará mais apto para compreender o que se segue na presente ligação, na explicação da lei e do método de toda a vida, material e espiritual. Sendo este capítulo particularmente dedicado ao tema da Evolução da vida e das formas, é necessária uma análise do Espírito e do seu modo de operação com, e sobre, a Natureza física; contudo, a matéria deste capítulo não invadirá o volume dedicado à discussão do espírito distinto da matéria, e das esferas espirituais, planos, etc.

A união de elementos positivos e negativos, para atuarem e reagirem uns sobre os outros, sendo o positivo a força dominante, é plenamente ilustrada na constituição do homem. A Dualidade do homem é a Dualidade da Natureza; a Trindade do homem é a Trindade da Natureza. A estrutura material do homem — corpo e cérebro — é um tipo da do universo; e o corpo e o cérebro espirituais, com o seu espírito inteligente mais interior, tipificam o universo espiritual com o seu Espírito Inteligente mais interior.

A intermistura e as interações de espírito e corpo no homem correspondem exatamente às relações e à reciprocidade de ação destas forças distintas na Natureza fora do homem; enquanto o método de ação destas forças conjugadas, que é o mesmo no homem, em todas as formas inferiores e na matéria, e em toda a Natureza como um todo, é a Trindade de Deus. Corpo, Alma e Espírito — isto expressa a Trindade que é o todo da Natureza, incluindo a Suprema Cabeça Inteligente, cuja prerrogativa é governar nela. Os elementos e forças físicos, o corpo da Natureza, revestem os elementos magnéticos espirituais, que estão suficientemente aliados aos elementos magnéticos materiais com os quais estão intermisturados para interagir livremente com eles. Estes, coexistentes

com a matéria onde quer que ela exista, formam uma Alma, ou Corpo Espiritual, a contraparte exata em forma da Natureza material. A Inteligência do universo, o princípio que atua sobre o "corpo da mente" ou Alma — o princípio espiritual mais próximo da matéria — e através dele sobre a Natureza material, para promover a vida e o desenvolvimento, é o Espírito — o princípio interior e superior nesta Trindade.

Estes termos, Alma e Espírito, tal como aqui aplicados, o primeiro ao Corpo Espiritual e o segundo ao Princípio mais Divino no interior, são usados arbitrariamente, sendo termos intercambiáveis. Contudo, para o autor eles exprimem, assim definidos, a verdadeira ideia que se pretende transmitir, o que é razão suficiente para que sejam utilizados desse modo. Espírito, a essência da substância; Deus, o Grande Espírito residente; Alma, o princípio vital que permeia as formas e toda a natureza, o elemento que liga o corpo à mente; este é o sentido em que estes termos são aqui utilizados ao discutir a ciência da vida.

A correspondência entre a Natureza, como um todo, na correlação das suas forças e na interdependência dos seus elementos e formas, e o homem, na correlação das suas forças físicas, vitais e mentais, e na interdependência de todos os elementos e forças do seu ser, é perfeita. Na verdade, os mesmos elementos e forças estão envolvidos num caso como no outro; os mesmos fins são servidos em ambos os casos. A Inteligência é a fonte da força e só pode atuar através de elementos aliados, como aqueles exemplificados na estrutura do homem.

O cérebro e os fluidos nervosos no homem são semelhantes aos fluidos e centros de vida de outras formas; e a matéria inorgânica é substância viva, em virtude dos elementos magnéticos e elétricos que a vitalizam e que são os atributos que a impulsionam à formação e a todo o desenvolvimento; elementos esses que têm o carácter do meio circulante da vida nas formas orgânicas.

A confusão de termos produz incompreensão dos princípios envolvidos no seu uso; portanto, é apropriado aqui declarar que os termos força magnética e elementos magnéticos, tal como aqui utilizados,

aplicam-se às forças e elementos mais subtis da substância material e ao espírito, em contraposição às forças e substâncias materiais mais grosseiras. Estas forças e elementos são magnéticos no sentido da seguinte definição de magnetismo dada por Noah Webster: "O agente ou força na Natureza que dá origem aos fenómenos de atração."

As forças atrativas da matéria estão incorporadas nos fluidos vitais circulantes de todas as formas e substâncias. Os fluidos nervosos da forma humana, ao vitalizarem toda a estrutura, incorporam o elemento espiritual de um grau correspondente àquele cuja função é cooperar com a força magnética física na Natureza inferior para a promoção de todos os processos vitais. Aqui está a base da vida. "Os amores e os ódios dos átomos" são aquilo que impele a ação molecular.

O movimento atómico e molecular é a base de todo o movimento, de toda a vida. A molécula de espírito que reage com a matéria é uma esfera nucleada, como foi relatado num capítulo anterior, da força germinada em células. A força central desta molécula é o átomo do Espírito Divino que é a própria Força, sem o qual, em alguma proporção, não há ação nem vida. A molécula, espiritual e material, tal como a célula, tipifica a forma de toda a variedade; desde o universo, cuja força central é a Divindade, até à mais diminuta forma ou aglomeração de moléculas dotada de força centralizada.

A polaridade é um atributo das moléculas e dos átomos, como o é dos mundos; sendo a lei de toda a ação, de todo o movimento, dependente da interação dos princípios positivo e negativo que compõem a Vida Divina. O último Átomo Divino, o princípio de vida de qualquer átomo, molécula ou forma, possui polaridade, que ele propaga para fora. O próprio Princípio Divino é força atómica interagindo perpetuamente e propagando ação para fora, segundo o princípio do Positivo e do Negativo — Masculino e Feminino. Assim é a ação universal segundo o mesmo princípio; e assim os sexos no Reino Humano incorporam o Princípio Divino na perfeição, como se verá mais adiante.

As moléculas do espírito centralizam as moléculas materiais segundo a ordem da vida celular; e as moléculas associadas de matéria atraem-se e

repelem-se conforme são permeadas pela força que é o próprio espírito. Átomos de espírito — quem mediu a tenuidade desta substância ou encontrou o átomo último? Apenas a Divindade. Portanto, basta aqui afirmar que os átomos reagem entre si como moléculas, sendo, na realidade, tanto quanto foram investigados, moléculas. Isto é verdadeiro tanto para átomos espirituais como materiais. Assim, as forças são medidas pela intensidade da força atómica exercida a partir do Átomo Central do Espírito, ou pela intensidade da força divina aí concentrada.

Átomos de átomos desta Força até ao infinito constituem a medida da força exercida nas moléculas de matéria que passam pelo processo de serem edificadas em formas — condensando-se em substância elementar, mineral e orgânica; e, ainda assim, a Vida Divina está ali, localizada dentro das moléculas, tão certamente quanto o Santo dos Santos estava dentro do santuário do templo interior, prefigurando a morada fixa do Espírito Infinito dentro do Universo, o seu Grande Templo.

Os centros de vida incorporam este Princípio em força mais intensa; isto é, ele está menos atenuado dentro das células aí acumuladas, e a sua esfera de força é de tal vigor que cria reações da qualidade adequada para estimular força semelhante em todo o sistema; tal como todas as forças inferiores são estimuladas a partir da Esfera Divina. Centros de diferentes graus dentro da forma animal ou humana reagem entre si, estando todos os inferiores dependentes do cérebro, o centro superior, para a estimulação das suas forças, assim como a força vital dos diversos órgãos depende deles.

Assim, parece que cada grau de forma espelha, em certa medida, o Divino, tal como cada grau de força é vitalizado pelo Divino. A "Forma Humana Divina", porém, é a que espelha isto com perfeição, porque as suas funções são divinas, tornadas tais pela qualidade das suas forças. Estas forças são divinas, por derivarem de essências germinais do Corpo e da Mente, ou Inteligência, Divinos, que é a Força Divina Superior. A Esfera da Deidade, o Plano onde habita o Grau Perfeito de Mente, está permeado de vida divina, e átomos de força de todas as variedades de substância e vida nesse plano são propagados por todo o universo como germes de vida, atenuados até ao infinito na Natureza física. A Força

Divina da Mente e do Corpo é propagada diretamente a partir do Cérebro Divino e de Centros correlatos, através de graus de inteligências que incorporam esta força na proporção do seu grau. Ao longo das esferas de vida, desde a mais Alta até ao universo físico, onde o homem nasce "à imagem de Deus", esta Força Superior é propagada diretamente, e cada germe imortal é dotado de Atributos Divinos em germe, porque dentro do seu cérebro e dos seus centros corporais estão encarnados átomos desta Força Superior, isto é, a própria Inteligência e a força vital aliada a esta, tal como os fluidos nervosos por todo o corpo humano se relacionam com o cérebro; assim, ele incorpora a possibilidade de realizar uma mente inteligente e uma estrutura corporal segundo o modelo da Deidade.

A essência mental propagada diretamente da Deidade é a centelha germinal que centra o ser humano e estimula todos os seus centros corporais; e, portanto, esta é a forma típica — a Força Divina incorporada — cujo ofício na Natureza é sempre representativo do da Deidade, conforme as suas forças se desenvolvem para atuar.

Ao tratar da vida celular, afirmou-se como a impressão da esfera foi feita na primeira forma orgânica ou célula. Resultará do que foi dito acima acerca da origem das forças que centram todas as formas de vida abaixo da humana, como todas as formas nas Esferas Supremas de vida se imprimiram sobre os elementos físicos agregando-se pela lei da formação, inicialmente de modo indistinto, mas cada vez com maior clareza à medida que o progresso avançava e a matéria era submetida à lei perfeita, ao ser elevada ao mais alto estágio que o físico desenvolve.

O espírito continuou a imprimir-se sobre as formas sucessivas do mundo físico, tal como o fizera a força espiritual envolvida na evolução da primeira vida celular. A variedade no mundo material representava a variedade nas Esferas Superiores de vida, e as formas em evolução incorporavam as ideias figuradas nas formas perfeitas, tão de perto quanto possível, considerando a lentidão com que toda a matéria, neste estágio inferior, obedecia às forças atrativas do espírito.

A esfera do Espírito é coextensiva com a da matéria e, por isso, a força é propagada por todo o universo, e a matéria está sempre sujeita ao grau de força que pode apreciar. O semelhante procura o semelhante; as forças centralizam-se onde as suas atrações as chamam. Isto significa que a matéria, no seu estado caótico e elementar, está permeada por uma força aliada à Divina, que a torna suscetível à operação das correntes etéreas, como descrito, e faz com que a tendência de tais correntes, geradas em planos espirituais, se dirija para a matéria onde a formação é iminente. A tendência para obedecer à força da gravidade é inerente a toda a matéria; assim o espírito é inerente a toda a matéria; isto é, permeia-a, liga-a às forças em desenvolvimento.

A lei da vida está incorporada em sistemas físicos de mundos, onde centros de força governam, pela lei há pouco explicada. O espírito tem sempre a supremacia, estando incorporado na atração da gravitação e em toda a outra forma de força que a matéria física desenvolve. As forças magnéticas materiais incorporam espírito, derivando a sua qualidade de superioridade da sua espiritualidade — da sua densidade enquanto forças prenhes de espírito. Isto torna-as particularmente atrativas para o espírito, com o qual cooperam para criar vida germinal e para levar a cabo as funções da vida dentro das formas. Os fluidos vitais são magnéticos e, portanto, são os veículos do espírito dentro das formas organizadas. As repulsões do espírito e da matéria são propagadas através das formas nos fluidos que centralizam o espírito, e por meio disso os processos vitais são perpetuados.

Esferas de força repulsiva são desenvolvidas onde quer que a ação seja instituída pelo plano universal, em correspondência com a esfera de repulsão que a Deidade desenvolve por interação perpétua com o universo exterior, o que preserva as Forças Divinas de contaminação por forças inferiores, através dos ciclos incessantes de uma existência eterna. Este princípio é ilustrado em sistemas de mundos, onde cada forma ocupa o lugar determinado pela qualidade das suas forças — a sua semelhança e dessemelhança relativamente ao corpo central. A ilustração disso encontra-se em toda a Natureza, no modo de associação e localização de formas e forças. Assim, parece que as forças atrativas e

repulsivas se equilibram mutuamente e, desse modo, preservam o equilíbrio da Natureza.

As forças centralizam-se, como parece, no plano material, no limiar do Espírito, nas Forças Magnéticas, que podem ser denominadas a Grande Força Central do Universo Material, cujos centros locais se distribuem pelo espaço até ao infinito. Através da linha que divide os dois planos propagam-se reações que preservam a vitalidade do universo — impedem a estagnação universal. A inércia opõe-se à Força através desta linha; e a Força opõe-se à inércia. A matéria é Inércia. O espírito é Força. Uma não existe sem o outro. A matéria é inconcebível sem uma Força que a ponha em ação; e a Força é igualmente inconcebível separada da matéria. O agente e o que sofre a ação são necessários para manter em operação a lei da vida que o universo revela.

A Mente Divina distribui Força diretamente por toda a Esfera que é a sua morada imediata, impelindo assim a ação e conferindo atributos à matéria por intermédio das forças dessa Esfera, que, na sua essência, são semelhantes às da mente. Assim, as formas crescem sob a ação das forças vitais segundo um plano específico, tão fixo e invariável nas mesmas circunstâncias quanto a própria lei da vida. Assim se exibe a ação universal como ação inteligente — ação orientada para um fim e por um plano tão abrangente quanto a Deidade. Para ilustrar: a força da gravidade é a manifestação, através da substância física, da força atrativa da mente, que é o amor.

Os braços do Amor Eterno, um atributo da Deidade, estão para sempre estendidos através do império do Omnipresente e abraçam o universo físico num abraço imperecível, pela lei da gravidade. Tendendo sempre para centros onde as forças do espírito são mais fortes, a matéria é trazida sob o domínio mais direto do espírito quanto mais fortes se tornam as forças atrativas. Os amores dos átomos, exibidos nas afinidades químicas, culminam em uniões químicas que resultam no nascimento de forças.

A imutabilidade das forças e da lei no mundo material, e a adaptação universal das leis umas às outras, dos meios aos fins, e a harmonia da

criação física, são o Poder e a Sabedoria, a Justiça e a Harmonia, da Mente Perfeita, exibidos na face da Natureza material. As leis da matéria são tão fixas quanto as leis da mente, e são fixadas por estas; pois a mente é indestrutível e permeia a matéria como a força que a move à ação. Os órgãos do corpo humano, por exemplo, são os instrumentos da mente, no sentido de servirem o propósito de perpetuar a sua vida e estarem sujeitos à sua orientação.

A própria mente permeia estes órgãos como força instintiva em proporções atómicas precisamente ajustadas às suas funções separadas, individualizando assim — ou conferindo — as funções distintas de cada um. Isto é evidente pela lei da mecânica, que determina que a força propulsora de uma máquina deve ser aplicada a cada parte e em tal proporção a cada parte separada que sirva a função dessa parte. A maquinaria do universo, da forma humana e de toda e qualquer outra forma, é movida segundo o mesmo plano.

Uma lei da mecânica é tão fixa quanto o próprio Deus no universo; e tão bem poderia uma máquina a vapor ser impulsionada sem a aplicação da força gerada pelo vapor às suas várias partes, como a ordem da Natureza ser mantida sem a proporção da força original ajustada às funções de todos os átomos, elementos e formas que a compõem.

Assim são as leis derivadas da Deidade; assim é cada lei da matéria, cada elemento, forma e força distintos, investidos da sua função distinta e infalível no universo da matéria. É concebível que o universo da matéria, o corpo da Deidade, tal como a forma física do homem é o veículo de manifestação do seu espírito inteligente, esteja, desde a eternidade, investido das características de um corpo; isto é, possua as qualidades diversas da matéria necessárias a todas as funções da forma; qualidades essas que correspondem às qualidades diversas da substância no corpo humano, ou às combinações de elementos que formam essa substância e os diferentes órgãos da forma.

Desde a eternidade, o Inefável Espírito Divino existiu como a Fonte da vida e do movimento, e num corpo através do qual se exprime, como na ordem atual da Natureza. Havia os elementos incipientes conhecidos

como as bases de toda a matéria, no universo da matéria primeva, quando a única ordem que exprimia qualquer relação de átomos era a posição de massas de átomos ou estratos de átomos uns em relação aos outros. As funções da forma universal estavam suspensas em repouso completo, e a decomposição fazia o seu trabalho de criar estímulo para ela; contudo, os órgãos, ou elementos, em repouso eram ainda elementos, aguardando a ação das forças legítimas para os evoluir em forma perfeita.

As leis da matéria são forças atuando de modo inteligente, ou como se tivessem sido criadas e impelidas à ação por uma Força inteligente; e, por uma análise rigorosa desta força, a partir de todos os dados acessíveis, parece, como acima se declarou, que o universo está sujeito ao governo da Mente através de órgãos, canais de força ou qualidades da matéria, eternamente carregados a partir desse centro para os fins da sua vida.

Coexistentes, coeternos, mente e matéria — Espírito, ou Força, e matéria — lei imutável governando todos os processos da vida segundo a lei fixa da vida da forma universal; por esta ordem, parece, é a Natureza possível no seu plano presente, e por nenhum outro.

Surge aqui a questão: o que é alcançado pelo processo de desenvolvimento a que o universo é submetido durante uma eternidade de ação? ou, qual é o objeto da ação? O desenvolvimento é para a evolução das forças da matéria; ou, o que é o mesmo, é para a evolução das forças do Espírito. O ciclo de vida que constitui os "anos eternos de Deus", ou, falando mais propriamente, do universo, tal como é manifestado pelos fenómenos, consiste em séries de períodos de repouso e de ação, cujo carácter foi frequentemente referido nesta obra.

As eternidades, ciclos e ciclos compostos de períodos eternos descritos no Vol. I são estes períodos alternados, cada um dos quais está claramente assinalado pelo labor nele realizado. A alternância de repouso e de ação é uma necessidade tanto para o universo espiritual como para o material. Deus e a Natureza repousaram no "sétimo dia", segundo o Vidente. Juntos repousaram; isto é, as forças do espírito, com as da

matéria, necessitavam do vigor que o repouso concede, visto que ambos haviam cooperado no labor criador. Contudo, as atividades do espírito não declinam como as da matéria e, portanto, os períodos inativos, aqueles em que o universo material está em caos, são períodos de um certo grau de atividade no plano espiritual. A ação aí confina-se mais ao desenvolvimento desse plano, à eliminação das suas forças, do que durante as eras ativas, quando ela se concentra mais no plano material.

A ação enérgica evolui planos espirituais e formas para os revestir e povoar; e, no plano espiritual, alterna com uma ação mais débil; e esta última alterna com o repouso, ou com um grau maior ou menor de inatividade no plano material. O carácter deste baixo grau de ação está exatamente ajustado às exigências da Natureza durante o longo intervalo de repouso das forças, quando o que se requer é o arranjo das esferas de força onde coincidam com centros materiais onde a ação deve despertar mais cedo, pela lei governante. Isto parecerá mais claro no capítulo que trata das Esferas Espirituais, etc., onde o modo de ação será mais plenamente revelado.

O propósito mais elevado servido pela ação das forças universais é a evolução e o aperfeiçoamento de espíritos individualizados. O homem é o termo último da obra da Natureza; todo o progresso tende para a encarnação da mente e o desenvolvimento da inteligência, em todos os mundos. O homem é a força nas esferas espirituais que trabalha para a evolução da força, em todos os períodos. O seu lar nas esferas é aquilo que ele faz dele, sujeito à lei do espírito. Compete-lhe pôr em movimento a força pelo único método na Natureza, nas esferas do espírito até às mais elevadas — fazendo a matéria atuar sobre o espírito como força atuante, de certo modo, tal como o espírito atua sobre a matéria como força atuante no mundo material.

Eis que se revela um princípio até agora não trazido proeminentemente à vista, mas sim sugerido; a saber: que a matéria inerente ao espírito em cada plano do universo espiritual, tal como o espírito inere com a matéria em cada plano do universo material. Este é o princípio que subjaz a toda a vida de cada plano — as duas forças inseparáveis e para sempre em interação. Germes de espírito, o ponto de

partida da vida física; a matéria atómica, por assim dizer, agarrada à periferia das formas espirituais e da substância das esferas espirituais como o seu elemento mais bruto — este é o modo. No último caso, é o refinamento procurando repelir a bruteza que constitui o princípio iniciador da vida — o conflito dos átomos, que se propaga a partir dos centros de vida onde o elemento mais bruto é mais raro, mas onde o poder repelente do espírito é maior; por ser aí o mais refinado.

O semelhante procura o seu semelhante, e a matéria e o espírito de graus e qualidades correspondentes manter-se-ão unidos, cimentados pela força coesa, mas ainda assim mantidos afastados como átomos e moléculas pela força repulsiva do espírito. Ao próprio Cérebro do universo, o "Santo dos Santos", onde a Inteligência Suprema se expressa, os átomos de matéria agarram-se, como um amante ao seu par, pelo poder da força atrativa do Espírito que está eternamente a chamar a matéria para cima; e ao longo de toda a jornada ascendente é um conflito contínuo, vitória e derrota flutuando para sempre na balança, e multidões de fugitivos em retirada demorando-se por todo o caminho plano abaixo até ao estado físico, o seu reino de origem; enquanto coortes destemidas ainda avançam com números sempre decrescentes, até que o conflito se desencadeia em torno da Cidadela da Vida.

Superior ao seu sujeito, a Mente Positiva repele o agressor, e repele-o para sempre. ESTE CONFLITO É A VIDA. O Espírito Inacessível da Verdade, do Poder, da Sabedoria, do Amor, da Justiça, da Harmonia; o Deus entronizado na Natureza, está associado a ela desta forma, como a Força diversa da matéria, e repelente a esta em associação próxima, e propagando força semelhante de si mesmo através de todos os graus de espírito, para assim reagir com todos os graus de substância material. Como veículos do material, a força oposta, todos os graus de espírito abaixo da Mente Suprema são repelentes a esta última, num certo grau, e assim ela está para sempre separada como uma força de cada força inferior da mente, espírito inferior ou matéria. Isto basta para mostrar a lei da propagação da força e da vida de todos os graus, a partir da Força Central da Natureza.

Mas, para voltar ao assunto da interação entre os dois planos. O espírito, coeso com a matéria no plano desta última, tal como a matéria com o espírito no plano da primeira, é para sempre a regra. Durante os períodos de repouso da matéria, quando as forças do espírito são retiradas do trabalho de evolução, a força é latente dentro dela; os elementos mantêm o seu domínio sobre a vida, embora os fluidos vitais estejam tão raramente difundidos que deixam de fornecer germes de vida, ou centros onde as forças possam ser geradas para instituir e levar a cabo o trabalho de formação.

No plano Superior as forças reúnem-se para uma atividade renovada no plano inferior; e quando chega o período de avivamento, que ocorre quando a decomposição e degradação da matéria atingiram o ponto onde cada átomo, molécula ou elemento individual, conforme o caso, de um certo grau, pode ser individualmente estimulado por um influxo do elemento superior, então essa estimulação ocorre, por necessidade. É um princípio da fisiologia que a força vital nasce da decomposição. Ao construir tecidos vegetais e animais, as forças libertadas pela decomposição são rapidamente transformadas em afinidades nascentes, gerando estas a força vital; e os átomos no estado nascente, isto é, acabados de libertar de uma combinação pela decomposição, lançam-se em novas combinações, tendo as suas afinidades sido fortalecidas por uma força adicionada.

O processo vitalizador de um universo que se afunda no caos como preparação para surgir numa vida renovada é o mesmo que o de perpetuar a vida de formas organizadas. A força libertada pela decomposição, para ser usada na ação, sendo este processo perpetuado eternamente, é a vida universal; perpetuado com o propósito de manter a vida material das formas, é o processo da Natureza revelado em plena luz, para que "aquele que corre possa ler" a história da vida do universo.

Esferas de influência atrativa do espírito difundem-se através do espaço infinito durante os períodos de repouso da matéria, vitalizando esta última demasiado debilmente para os propósitos de formação. Quando o próprio espírito se torna reenergizado pelo processo a que foi submetido, ele alarga as suas esferas de força atrativa; isto é, a partir dos

centros de vida, as esferas onde habitam os imortais, correntes de força magnética disseminam-se, estimulando as fracas atrações do espírito sobre a matéria, e instituindo assim a germinação de centros onde a força está adormecida, aguardando a centelha de vida que a libertará da inatividade. O processo de instituição da ação, em tais épocas, e em todas as épocas de renascimento da força para a criação de mundos, foi detalhado minuciosamente no volume anterior desta obra, e aqui resta apenas descrever como o espírito é evoluído em elementos e formas para cooperar com a matéria no plano inferior, e com o propósito de translação para o plano mais elevado, o plano espiritual.

"E disse Deus: Haja luz; e houve luz. [...] E disse Deus: Produza a terra erva, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra; e assim foi. [...] E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. [...] E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi. [...]

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai", etc. [...] "E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom."

A energia criativa propagada a partir de centros em períodos, como acima declarado, difunde-se por toda a Natureza, e segue-se uma ação de um grau tal que introduz a agregação e a formação. A ação elemental culmina na formação, e a formação culmina no tipo superior de forma, o homem.

O elemento espiritual difundido, sendo, como acaba de ser explicado, de todas as qualidades e graus para se adaptar a cada qualidade e grau de matéria, fornece germes de vida para cada forma possível de substância e para cada tipo de forma. A força nasce, e no

tempo devido, de cada qualidade necessária, para reinvestir a Natureza física com todas as funções da vida ativa. O universo espiritual começa a produzir em profusão a substância elemental quando esta atividade se torna geral. Essências germinais de cada grau, inerentes aos elementos magnéticos físicos, que, pelas forças atrativas revificantes da matéria, gravitam para os vários planos físicos a partir de onde têm permanecido por falta de força física suficiente para as atrair, pressionam para o trabalho de evoluir a forma de novo neste plano inferior.

O trabalho a ser feito é usar a substância elemental na evolução da forma. No plano inferior, toda a substância é, em tal época, elemental; e o trabalho de uma eternidade de ação é evoluir dela e do seu espírito associado um universo de formas, uma variedade infinita de vida e força; para o propósito último de restabelecer planos inferiores de existência espiritual e revesti-los e povoá-los com as variedades de vida que naturalmente gravitam para eles a partir do plano material.

O mundo físico é o berço da forma. A substância material é a matriz onde a força é concebida, a qual, quando nasce para a existência ativa, pode retirar-se das atrações do mundo material o suficiente para manter uma existência num plano distinto. A formação desenvolve as forças do espírito no plano inferior ao acumular elementos espirituais em torno de centros, e fixar a estabilidade de massas destes ao cimentá-los através do plano de concentração por via da combinação química e organização. A CONCENTRAÇÃO DE FORÇA é o propósito da formação. Os objetivos a serem alcançados são a resistência eficaz à inação e o desenvolvimento das infinitas possibilidades de existência através de uma infinitude de esferas de vida.

A lei da evolução, operativa através de toda a eternidade, é a lei da Força Procriativa. Isto torna-se evidente quando a sua operação, tal como indicada nas páginas precedentes e em capítulos anteriores, é examinada. A força reprodutiva é essencialmente progressiva. Exibida primeiro na cooperação das forças magnéticas positiva e negativa de átomos qualificados, o que resulta na estimulação do movimento num universo de átomos, ela, por fim, após eras intermináveis durante as quais exibiu periodicamente uma eficiência acrescida, revela-se como uma força

encarnada; a princípio do baixo grau desenvolvido em algumas formas do reino vegetal e pelas mais insignificantes ordens de vida animal; e, depois, como uma Força Aperfeiçoada; individualizada nos seus dois princípios distintos em formas masculina e feminina, incorporando esta última o Princípio Procriativo Positivo; a primeira, o Negativo. Relativamente a esta encarnação, mais será dito numa página seguinte.

Para efetuar este grandioso resultado, que eternidade de esforço foi necessária! Que labuta de eras! E que nascimento resultou dela! A Natureza, com todas as suas legiões de forças, não poderia fazer mais do que isto, neste vasto período, com os meios à sua disposição. Sistema trabalhou com sistema, sol com sol, planeta com planeta, elemento com elemento, forma com forma, até que um clímax é atingido — um método é evoluído, que é o mais eficaz possível para exercer a função procriativa, para sempre operativa para toda a ação progressiva na Natureza. "Alegrem-se os Céus" e "rejubilem" todos os mundos! Pois, daqui em diante, os seus filhos serão multiplicados como as gotas de água, ou as areias do mar; e desenvolverão a força de gigantes!

Uma grande época é alcançada quando a encarnação da Força Procriativa é efetuada. Até agora, ela tinha realizado o trabalho de evolução através de centros onde a mistura promíscua de Positivo e Negativo num estado difundido produzia uma ação extremamente tardia. O primeiro passo na direção da centralização desta força foi a remoção da barreira que impedia o fluxo de energia criativa através do universo da matéria. Tomado este, um segundo passo foi mais fácil e mais eficaz; e, no entanto, tão pouco foi alcançado pelos passos sucessivos e progressivos até que o último resultado coroante fosse atingido que — para usar uma comparação simples, mas não exagerada — um momento de ação nos períodos seguintes era tão eficaz para realizar o progresso real no trabalho de evolução quanto uma era o fora anteriormente.

Quem mediu as eternidades que precedem a formação num universo que foi estimulado à ação após um ciclo de repouso; ou, de facto, após um único período eterno de repouso no qual apenas ocorreu uma degradação parcial da matéria? O tempo é a sucessão de eventos que constituem a vida da Natureza; e tentar medir esta sucessão em anos

é contar os pensamentos da Divindade, medir os planos do Infinito, expressos através de períodos imensuráveis, conforme a mente humana concebe o tempo. Eternidade é usado como um termo comparativo, visto que a linguagem não fornece outro que seja minimamente adequado para transmitir algo próximo de uma conceção correta da duração comparativa dos ciclos e períodos individuais de repouso e ação alternados, descritos nos primeiros capítulos desta obra e referidos no presente capítulo.

Períodos geológicos primitivos, de uma extensão tão vasta que frustram todas as conceções da mente do explorador dos estratos dessas eras, apontam para uma era para além destas — o imensurável período cometário do corpo, que deve ter excedido em duração o período planetário já passado, tal como um milhão de anos excede um dia; e ainda mais atrás nesta remota eternidade, discerne-se vagamente o período em que a terra e os seus planetas irmãos ainda não tinham nascido; quando o sol-mãe, uma estrutura nebulosa, se estava a condensar e a dar à luz, primeiro a uma, e depois a outra das suas formações; e ainda mais remoto e totalmente inacessível pela ciência humana, mas contudo por ela sugerido, está aquele provável período em que o caos abraçava no seu seio escuro e repulsivo todos os sóis, todos os mundos do espaço infinito. Eternidades multiplicadas por eternidades, e o produto apenas um momento da vida Infinita da Natureza, de Deus!

A Força Procriativa dormitava no seio da infinitude, enquanto ainda havia o caos universal — antes de o "GRANDE EU SOU" ter propagado a sua Força para começar o trabalho de encarnar a Força na forma na presente ordem da Natureza. Isto é evidente por analogia. Raciocinando retrospetivamente até ao caos através de eternidades de repouso e ação alternados, em que as esferas Espirituais e todos os seus graus de formas e substância cooperaram com a matéria para a perpetuação da ordem estabelecida, e tomando em consideração a lei do progresso, que é tão eternamente operativa na Natureza como a própria lei da vida, chega-se à conclusão inevitável de que a presente ordem teve um início. Precedendo-a, o Espírito era, a Matéria era.

O plano da Natureza era o plano atual, uma vez que a lei de ação então operativa evoluiu a Natureza tal como ela é na ordem existente. O Espírito — a Mente, cooperando com a matéria, evoluiu uma ordem que se deu pelo plano de concentração de força em formas, e encarnando a Força Deífica nas formas humanas masculina e feminina em tal proporção que fizesse com que os dois em cooperação, ao realizarem os propósitos do ser no exercício da função Procriativa e de todos os outros ofícios que lhes pertencem como seres humanos, fossem representantes da Divindade no universo Físico e através de todas as esferas da vida; sendo o fim último do seu ser o revestirem-se das Perfeições Deíficas, concentrando assim o Espírito até ao estágio final onde a Divindade exerce os atributos perfeitos da mente e do corpo.

O Homem Deífico na sua esfera de ação no universo, como um grau aperfeiçoado da humanidade, é a personificação de toda a perfeição e, por conseguinte, deve ser uma Unidade de Poder, Sabedoria e Propósito — deve ser a Divindade, de acordo com a verdadeira aceitação do termo. Não o único homem ou o único par, que são apenas como átomos de Força Deífica, mas o grau aperfeiçoado na sua totalidade. O que pode Deus ser mais do que isto? A ideia de Divindade é Perfeição; e quando o homem foi exortado por um inspirado de outrora a "ir para a perfeição", foi instado a seguir o seu caminho sinuoso até ao clímax de toda a existência possível. Esta é a única interpretação verdadeira possível da linguagem, quer os homens a tenham interpretado assim ou não. "Homem e Mulher os criou" é a linguagem do antigo oráculo. A Força Deífica é dual — Masculina e Feminina. Assim é Deus representado pelos sexos diversos. Isto está de acordo com a Bíblia dos Cristãos e com a Teologia da Natureza.

O Poder Criativo tem sido personificado devido ao facto de ser uma força composta por forças que não podem, de modo algum, ser separadas e a existência de qualquer uma delas mantida. O Homem e a Mulher são o Um a quem a Natureza conferiu a função de Criador, à Imagem da sua Grande Força Magnética Inerente, ou Criadora da vida; a qual consiste em duas forças em cooperação. Os dois são um, enquanto Criador; dois em individualidade, com relações com a Natureza e entre si

independentes da relação primordial de sexo. A designação masculina conferida ao Criador é simplesmente expressiva de poder; visto que essa prerrogativa tem sido suposta pertencer mais ao sexo masculino do que ao feminino. O título de homem, aplicado a toda a raça, a comunidades e sociedades inteiras, masculinas e femininas, tornou-se legitimado pelo uso, não fornecendo a língua um termo que exprima exatamente a ideia.

O plano elaborado pela lei natural como a presente ordem da Natureza é assim exibido como o plano eterno, tanto quanto o homem pode compreender; com os seus poderes expandidos para compreender princípios. "Deus, o mesmo ontem, hoje e para sempre", exibe as possibilidades infinitas do seu ser na molécula, no mundo das formas e na infinitude dos seus dias, em que os seus modos de ação são tão variados como os recursos da sua sabedoria. Que o homem pause nas fronteiras atuais do raciocínio analógico, e adore! acreditando que onde a Sabedoria Infinita chega, aí o Homem, o Filho do Pai, está destinado a chegar nos anos da sua maturidade.

O vidente antigo, uma parte de cuja revelação da ordem da criação é citada como introdução ao assunto em questão, e do qual nenhum deu uma delineação mais gráfica e expressiva da ordem da evolução na história da terra, representa Deus dizendo: "Façamos o homem à nossa imagem". Isto é significativo da verdade de que, nesse período, o poder Criativo era exercido por Espíritos Individualizados — personalidades que representavam a Força preexistente; que era Deus, desde toda a eternidade.

A Terra, e todos os universos de mundos agora em existência, são criações tardias na ordem que teve o seu início, como acima declarado. A mente é sempre mente, e qualquer que seja o seu modo de manifestação, age sempre da mesma forma; as suas faculdades adaptam-se às circunstâncias da sua posição no que diz respeito ao seu ambiente material. No sono, o homem físico representa um mundo em caos; isto é, as suas faculdades estão envoltas no nevoeiro da inconsciência, em consequência da falha do cérebro físico, através da influência

energizadora do sangue e dos nervos, em estimular a ação que é a consciência. A habitação material da Mente, e a própria mente, devem repousar; e o repouso do sono, e da decomposição da matéria do universo, é o resultado necessário da atividade da consciência anterior. Esta lei induz a investigação sobre o segredo da Potencialidade Sempre Existente da Natureza; no reconhecimento supremamente satisfatório de uma Inteligência Imutável como a cabeça da Natureza. Qualquer que seja o plano de manifestação, existe ainda um Deus para se manifestar. O próprio Júpiter não podia mudar os decretos do Deus cego, o Destino, que governava no caos e na noite; assim, Deus está sujeito à lei do seu próprio ser.

A Mente organizada segundo o padrão do Supremo significa mente do Supremo. A Inteligência no homem exprime o ser e o modo de ser da Inteligência na Natureza. Derivada inicialmente, no homem individual, como um germe do grande armazém da Natureza, ela colhe do seu semelhante na mesma fonte, desdobrando, gradualmente, os atributos e faculdades inerentes à mente, à medida que o homem avança para a maturidade. A Natureza entrega ao germe em expansão da Vida Deífica as proporções para completar o seu desdobramento, tal como o germe na semente retira da matriz em que está plantado a substância semelhante da forma parental, para causar a sua expansão e crescimento na semelhança parental.

O germe da inteligência é ele próprio proporcionado como mente, ou a individualização não poderia ocorrer. As faculdades da mente devem estar cada uma representada no germe, ou não poderia haver expansão em mente. Quando a conceção ocorre, um germe de mente é incorporado com essências de todos os graus formando uma organização humana, essências essas que ele vitaliza e inicia o processo de desdobramento de uma forma igual à parental. Assim, parece claro que, sem o processo de evolução, ou geração por força parental física, não pode haver individualização de germes de mente. Incorporada na forma da Natureza, cooperando com todas as forças físicas na condução dos processos de vida do universo, a mente, ao ser individualizada na forma humana, apenas executa o seu modo original de ação; simplesmente

concentra a sua ação legítima em formas, tornando-a assim mais eficaz para expressar os seus poderes e atributos. O espírito e a matéria cooperando através do centro aperfeiçoado da Força Procriativa — os órgãos reprodutores humanos Feminino e Masculino — revelam na luz mais clara o modo de Procriação de toda a força e forma, e de toda a vida. Daí que os espíritos Individualizados, feminino e masculino, sejam, na sua unidade em dualidade, uma representação perfeita da Natureza como um todo; — a sua Mente e Corpo.

O Espírito Inteligente não possui outro método pelo qual se exprimir — apenas o único modo — através das gradações de substância que formam a Natureza material e espiritual; modo esse que é expresso no Indivíduo. Portanto, segue-se que entidades inteligentes, altas ou baixas, são homens individualizados, onde quer que existam. Não pode haver reino de "elementais" ou "elementares" abaixo do humano; nenhum Anjo, Arcanjo ou Serafim, ou ser de qualquer grau, nas Esferas Supernais da vida, que não possua a Forma Humana. Não pode haver reencarnações de entidades espirituais, como não pode haver dissolução daquilo que é, na sua natureza, tão imortal como a Divindade.

Reencarnar — reinstalar noutro corpo mortal um espírito do plano superior que outrora nasceu no plano mortal — seria uma subversão completa das leis da Natureza. A função reprodutiva apenas opera com essências de Espírito e matéria — não com formas, ou organismos de qualquer espécie. A planta madura não retrocede, como um todo, para ser reincorporada com as essências germinais do solo, atmosfera, luz solar e humidade. Ela concentra essências na sua semente que a representam, sendo como ela — dela; e assim a semente produz o seu semelhante.

A Natureza tem outros usos para a planta que criou com tanto custo. Ela está empenhada no trabalho de passar o material pelo cadinho da formação, de estágio em estágio, progressivamente; utilizando sempre as formas e o material que as compõe, de graus específicos, como degraus para estágios mais elevados de ação e vida.

O homem como espírito reabilita-se em vestes de essências materiais para realizar trabalho no plano material; sendo o seu Poder de Vontade o motor pelo qual isto é realizado; e não — enfaticamente não — a força reprodutiva. Nicodemos bem poderia pausar em espanto e incredulidade, supondo uma interpretação literal à injunção de Jesus — "Importa-vos nascer de novo". Mas uma explicação completa do requisito dá-lhe um significado belo e expressivo.

Assim, há um significado para o termo reencarnação que implica uma verdade viva; uma lei em operação perpétua na reprodução da espécie humana. É o significado expresso na reencarnação dos elementos de uma planta na sua sucessora — a sua descendência. As essências da planta foram reencarnadas e ajudaram assim a compor uma nova forma. Outras essências, com as que compõem o germe, são organizadas numa forma igual à do progenitor — não o próprio progenitor.

Uma criança é uma encarnação de essências que para sempre fizeram parte da substância da mente e da Natureza exterior; que para sempre estiveram contidas numa organização, como substância atómica de todas as qualidades e graus. Por outras palavras, é o prolongamento de uma existência imortal dos elementos da mente apropriados pelo modo de concentração de força, como explicado anteriormente. Por nenhuma interpretação possível da Natureza, ou da lei do ser humano, se pode sustentar que ela tenha vivido anteriormente como uma mente ou ser individual.

A sua imortalidade na sua forma atual é a da Natureza, visto que sempre viveu em germe nesta mesma forma. O seu espírito, como mente proporcionada em atributos, foi para sempre parte da Mente Divina, e a sua estrutura corporal, correspondendo à da Natureza e proporcionada pelos seus elementos, participa da sua imortalidade. O ser deriva a existência consciente através da atração do seu semelhante, fortalecendo assim cada faculdade individual. No ventre da Natureza, serviu para formar parte da sua vida consciente; e agora que é um mundo por si mesmo, é consciente assim que a sua individualidade é assegurada.

O homem individualizado, como uma entidade possuidora de poderes semelhantes aos da Mente Suprema, é um ajudante eficaz da Natureza, assim que as funções da individualidade lhe são conferidas. Ele assume poder e controlo por graus; e não há ninguém que lhe diga — não — ao lidar com as forças sob o seu comando.

Adão e Eva — significando a raça, masculina e feminina — povoam todos os mundos do espaço preparados para a sua ocupação, constituindo assim uma força Universal; que é também uma força imortal. Uma vez que a raça assumiu o seu lugar na Natureza, assumiu funções Deíficas, como representante da Divindade. À medida que grau após grau da raça é desenvolvido, e a inteligência progride, os Atributos Deíficos são trazidos a uma luz mais forte; e à medida que um grau superior atinge todo o conhecimento da Natureza e adquire esse "domínio" que é o seu direito de nascença, assume o que por direito lhe pertence — a verdadeira função da Mente Suprema.

"Antes mesmo que os mundos fossem feitos", na presente ordem, o Grande Poder Supervisor exercia as forças da Natureza tão perfeitamente quanto a ordem então existente permitia. A matéria estava dotada, como agora, com toda a ordem de força; mas todas estas estavam em embrião até serem evoluídas pela ação necessária. A evolução produzi-las-ia na sua ordem própria, e no tempo determinado pelo grau de energia em ação. A força difundida, porém, era incompetente para realizar no mesmo espaço de tempo o que a força concentrada podia; por conseguinte, a lentidão marcava toda a ação — uma lentidão tal que é inteiramente incompreensível em comparação com o presente grau de atividade.

Sóis, sistemas de mundos, emergindo do caos com apenas forças Caóticas em operação! O próprio pensamento confunde a razão humana, contradizendo a experiência humana. O que impele à ação aquilo que inclui tudo o que há de matéria e energia? A resposta só pode ser esta: O caos não existe, no sentido aceite. Por outras palavras, aquilo que é designado por caos no que se refere ao universo em inatividade, é ordem que permite a evolução; ou a Vida, a Divindade, a Natureza não existiriam. Corpo e Espírito, o universo era, desde a afinidade, cooperando estes para sempre pelo mesmo método para a manutenção da vida. Planos de

espírito, distintos de planos de matéria, como na presente ordem, existiram para sempre; pois apenas por este método de arranjo era a evolução possível; apenas por ele poderia haver uma cooperação eficaz para iniciar a estimulação do universo da matéria, em repouso tão completo como o que se segue à dissolução das suas formas. A alavancagem é necessária para iniciar a poderosa maquinaria da Natureza e colocar as rodas do progresso em tal movimento que induza a formação.

A alavancagem da organização no plano da Mente, e a mente situada de tal modo em relação aos graus de matéria e espírito inferior, que a ação possa ser propagada pelo modo natural descrito nas páginas anteriores. O universo desde a eternidade possuiu um cérebro, do qual o cérebro humano é um modelo. O templo sagrado do espírito humano é onde as forças são adaptadas às funções desse espírito. As forças etéreas do sistema concentram-se no cérebro, em cujos recessos espirituais reina suprema a Inteligência que prefigura a Divindade nas suas atividades funcionais dentro e sobre o sistema.

A força concentrada como mente e aperfeiçoada como Divindade apenas poderia exercer o ofício de Divindade no universo. Este é um princípio exemplificado em toda a ação. O plano de força que é Deífico deve coincidir, em cada sistema universal, com o grau de espírito mais próximo dele aliado, e a ordem de arranjo que isto implica deve permanecer ininterrupta de eternidade em eternidade, no universo em ação e em repouso. Os princípios que jazem na fundação do desenvolvimento de um universo em desorganização após um único período de repouso mantêm-se em todos esses períodos, sejam eles de que duração ou caráter forem.

O universo em caos antes de a presente ordem ser instituída representava uma condição que resultaria inevitavelmente se as forças Deíficas, *per se*, fossem retiradas de cada plano de vida abaixo do mais elevado, e concentradas naquele. Em tal caso, haveria difundido por toda a Natureza universal um aroma de força que atuaria a matéria para um movimento tal que evitaria a estagnação absoluta e nada mais, até que uma estimulação extra pudesse ser efetuada.

As eternidades girariam como os ponteiros de um mostrador, repetindo-se, aparentemente iguais, às sucessivas vibrações do pêndulo, o tempo. A estimulação viria tão tardia e tão fraca que iniciaria um grau de ação progressiva como o que aqui é descrito. Esta absorção de força pelo Plano Superior seria como fechar o espírito humano dentro do cérebro espiritual através da absorção, no seu interior, dos éteres que servem para o ligar ao homem físico. Resultaria um coma que continuaria até que a estimulação efetuasse a distribuição de força necessária para causar uma qualidade de ação superior.

Ou a separação total entre espírito e corpo poderia ocorrer, visto que o homem físico está sujeito à morte, exercendo o universo espiritual a sua força para retirar o seu espírito para o seu plano quando o físico afrouxa o seu domínio. Esta separação não é morte ou desorganização do espírito, mas a sua colocação onde pertence, num plano de vida onde ainda equilibra o físico, como quando na forma, e parte do grande todo que coopera tão perfeitamente com o físico que a separação de força entre os dois é impossível. O coma das Forças Cerebrais do universo apenas poderia adiar a atividade; não poderia, de modo algum, separar as raras esferas de força que estavam misturadas e entrelaçadas em toda a extensão e largura do Infinito.

É concebível que o ciclo de vida da Divindade seja variado por períodos de repouso e inatividade do universo material, tal como se demonstra, analogicamente, ter existido o que precedeu a instituição da presente ordem da Natureza. Esta ordem caracteriza-se pela distribuição de espíritos individualizados por todo o universo nos diferentes planos de força, os quais os tornam eficazes para o desenvolvimento do universo físico. A ordem anterior era de repouso, como indicado. Precedente a essa, houve uma em que a Divindade se expressou como numa ordem ativa; pois tal é a lição ensinada desde toda a eternidade.

Sobre planos de força, esferas Espirituais, etc., mais será dito no lugar próprio. O autor gostaria de observar que, na discussão deste assunto no panfleto intitulado "Deus o Pai, e o Homem a Imagem de Deus", uma das primeiras obras do escritor, o tema não foi levado ao seu limite como aqui, por esta razão, entre outras: um panfleto não oferece espaço para a

apresentação completa de todos os princípios nele trazidos à vista. Há pleno acordo no espírito dessa curta obra com o que é apresentado nesta mais extensa.

A estimulação a partir do Plano central do universo, estando todos os planos espirituais inferiores em caos, mas arranjados pela ordem estabelecida (ver Vol. I, em referência aos planos de estratificação do universo material caótico), foi progresso, ou formação, efetuada sem os meios desenvolvidos através da atividade então gerada. Os éteres que permeavam a substância como veículos da força Deífica eram tão raros que eram condutores tardios de atividades de grau em grau.

Faltavam as formas para evoluir éteres e, por isso, os que vitalizavam a matéria eram os restos persistentes das hostes que tinham animado a Natureza na ordem ativa precedente, reforçados e estimulados ao grau de atividade que exerciam por elementos impelidos para o meio deles a partir do Plano Superior pelo Poder de Vontade Deífico. A alavancagem que este Plano possuía, através da qual se movia sobre o universo, para estimular a atividade e induzir a formação, era uma esfera de força atenuada, tão rara que mal bastava para o propósito. As essências germinais levaram eternidades incontáveis a desenvolverem-se nas forças generativas necessárias para instituir sóis.

Depois, novamente, após esta primeira grande época de formação ter sido sucedida por vastas eternidades de inação e decomposição completa, outras foram necessárias para os preparar para reformar sóis, e avançar um único passo além do estágio alcançado na época de formação precedente. Finalmente, os sóis condensaram-se em planetas; os planetas revestiram-se de elementos de superfície e formas apropriadas; e espíritos individualizados foram produzidos como o clímax da ação universal continuada durante uma série de períodos eternos tão vastos que a mente finita falha em compreender o seu número.

O Nirvana do Budista encontra a sua exemplificação na inatividade da matéria durante o período eterno de repouso de que a Natureza emergiu quando a presente ordem começou. A Divindade emergiu do Nirvana para exibir os seus atributos na obra da Criação, e toda a ação

criativa culmina no Nirvana. O céu do Budista é um estado de inatividade inconsciente ou aniquilação completa, que é o repouso completo. Um veio de verdade corre através desta teologia lendária que, sem dúvida, como a maioria dos sistemas de religião, derivou de videntes que tentaram, por símbolos ou de outra forma, dar uma história do universo.

O Filho da Esperança nasceu finalmente, e toda a Natureza foi inspirada com nova vida. A Divindade retirava-se de trás do véu da substância bruta, e os seus Atributos brilharam resplandecentes na ordem de vida que vestiu a imortalidade como uma veste. Para ilustrar a lentidão dos processos evolutivos antes da introdução do homem na presente ordem, e a eficiência da raça nesta ordem, nos mundos físicos e planos espirituais cooperativos, como colaboradora da Natureza, pode-se observar que este método de cooperação é tão mais eficaz para realizar o trabalho real, e fazê-lo bem, do que o anterior, quanto o homem é mais eficiente como lavrador do solo, cultivador dos frutos da terra e das espécies animais, e construtor, do que a Natureza sem assistência.

Na ordem das coisas, sem o homem físico, o solo é cultivado, frutos e animais são produzidos, e lugares de habitação são preparados para as ordens de vida à medida que aparecem; mas, por esta maneira de trabalhar, eras são insuficientes para realizar o que o homem pode fazer em poucos anos através do trabalho cooperativo. Os lavradores ininteligentes da Natureza têm sido muito eficientes a realizar o seu trabalho de cultivar a terra, mas os seus processos são demasiado caros em tempo e energia para serem proveitosos por mais tempo do que até terem cumprido o propósito de produzir sucessores superiores a si mesmos. O sismo, o vulcão, a inundação, o glaciar, o tornado, o fluxo e refluxo das marés do oceano, são alguns dos mecanismos que realizaram trabalho que o génio humano faz com muito menos custo e, além disso, mais perfeitamente.

A ilustração acima bastará para mostrar a analogia entre o trabalho da Natureza sem o homem e o trabalho do homem com a Natureza. O homem é mestre depois de ter aprendido bem o seu ofício; mas ele é aprendiz da Natureza na sua infância, e aprende tudo o que alguma vez saberá através da aplicação dos poderes do seu intelecto a esta, sua

professora e seu modelo. Com a aquisição de conhecimento, o trabalho cresce nas suas mãos; e ele aplica as leis descobertas nas suas lidas com a matéria e observações das forças que trabalham ao seu redor. Sozinho, ele é fraco; isto ele aprende por experiência. A cooperação é filha da necessidade. Esta nasce da relação familiar. Estendendo-se para fora a partir deste centro, desenvolve tribos de colaboradores, com quem a experiência opera prodígios como professora. O caminho para a eficiência é árduo, mas é seguro; o aluno é apto e o professor minucioso; cada curso designado completando um estágio na carreira do estudante que o prepara para aquisições mais elevadas.

Assim, a raça prossegue o seu caminho progressivo, vencedora a cada passo. Domina o seu mestre quando aprende a aplicar as leis naturais a cada uso, a cada emergência que possa surgir. O bebé não prefigura o homem mais certamente do que a raça na sua infância prefigura a Raça Aperfeiçoada. Herdeira dos atributos dos seus pais, a criança sucede ao seu património por graus, cumprindo a maturidade o legado parental. A criança ajuda os pais enquanto aprende com eles. Os seus serviços são essenciais para o lar organizado sobre a ideia da família — pais e descendência.

O lar do Progenitor Universal está organizado sobre esta ideia especial — Pais e filhos. Os filhos deste lar desempenham uma parte muito importante do trabalho da família, a parte que, antes do seu advento, ou ficava por fazer, ou era feita, por assim dizer, por mercenários.

Para abandonar a metáfora: o uso do homem no universo é exercer poder em todas as direções em que o possa desenvolver. A raça está destinada a exercer as funções da Natureza à medida que descobre como fazê-lo. Ignorantemente e "ao acaso", enquanto no seu estado infantil e ignorante do seu ofício e dos seus poderes, fá-lo-á, impelida pelos seus instintos e pelas necessidades da sua situação. Mesmo neste estado, o seu ofício é cumprido no plano físico; pois a raça está tão distribuída, tão ligada a outras formas e forças, sendo uma com elas e delas dependente, que, na natureza das coisas, não pode fazer de outro modo senão cooperar com elas de acordo com a sua maneira legítima.

A Função Procriativa, tal como aperfeiçoada no homem, necessita de mais ilustração em ligação com os princípios acima declarados. Já se disse o suficiente relativamente à natureza da Força Reprodutiva encarnada nos sexos diversos para fixar na mente do leitor a verdade importante de que a diversidade expressa no sexo é a diversidade real dos elementos operativos na função Procriativa. A lei das Diferenças, conhecida por ser a lei eficaz do progresso, é perfeitamente exemplificada na diversidade dos sexos e nas forças que cada um incorpora e representa.

Pela lei das correspondências, as forças Positiva e Negativa — força do Espírito e força Material — são representadas no plano material por forças puramente materiais em cooperação, sendo a superior a positiva, na natureza das coisas. A regra é que tudo o que combina a maior quantidade de força de qualquer tipo é positivo para tudo o que combina uma menor quantidade de força do mesmo tipo. Dos sexos, o macho é positivo e a fêmea negativa, fisicamente, como é bem entendido. Espiritualmente, é o oposto, como já foi explicado, e pela lei acabada de enunciar.

A forma feminina, sendo fisicamente mais fraca, é menos repelente ao espírito e, portanto, combina mais desta força do que o macho, que é assim tornado o negativo, espiritualmente. Por outro lado, o macho, combinando uma maior quantidade de força material do que a fêmea, é, por necessidade, a força que sobrepõe a força física da organização feminina, como um positivo faz a um negativo, sujeitando-a à interação das forças reprodutivas. O pretendente vence pelas artes sedutoras apenas possíveis ao macho; enquanto a fêmea desperta admiração, atrai um companheiro, por qualidades que possui em virtude do seu sexo.

Os impulsos de toda a Natureza num período ativo, e de todas as formas no pleno vigor da vida, são para a procriação. É o plano e, através dele, a perpetuidade da vida é assegurada. No mundo animal, onde o propósito importante a ser especialmente servido por ele é a propagação de formas semelhantes, o impulso é periódico com a fêmea; e o macho está sujeito à fêmea no seu exercício. Com os seres humanos, os senhores da Natureza, os criadores de força para o mundo abaixo deles, este impulso está sujeito a leis que não prevalecem na criação bruta.

A energia criativa convergindo na raça humana, esta última é dotada como um Criador em virtude da superioridade das forças que desenvolve. Deriva força de toda a Natureza abaixo dela, estando relacionada com todas as formas e elementos como nenhuma outra forma ou reino está. No Arco, a pedra angular é sustentada pela força combinada de todo o material abaixo dela na estrutura e, por sua vez, assegura a estabilidade do arco. Isto ilustra a posição e o ofício peculiar da raça humana entre todas as raças, formas e elementos inferiores. Através das suas Forças Magnéticas, o homem torna-se o regenerador do domínio que lhe cabe ocupar e renovar.

Ele surge no palco da ação como o produto resultante de multiplicações anteriores de força por força; e, daqui em diante, ele será o fator principal na reprodução de forças através de forças. As forças culminaram nele; por isso, ele está no topo e reage com tudo o que está abaixo dele, como a força Superior, física e espiritualmente. Uma vez que o Universo Infinito foi povoado pelo Homem, este encontrava-se num plano de desenvolvimento onde o progresso seria perpetuamente progressivo.

As forças instintivas da matéria, estimuladas por esta força adicionada, seriam progressivas à medida que a eternidade sucedesse à eternidade; cada sucessivo despertar da ação ocorrendo após um intervalo de repouso mais curto do que o anterior, e cada sucessivo período ativo realizando mais trabalho criativo do que o precedente. Aumentando a raça humana em número e eficiência à medida que as marés da eternidade fluem e recuam, o "braço direito do Omnipotente" vai ganhando força. Está-se a desenvolver poder para superar a resistência da matéria às forças da Inteligência.

O Homem, um Criador! Quem diz que não o é? No pequeno mundo, o seu lar na vida física, que prodígios ele alcança nesta capacidade! Lançado na vida num oásis num vasto deserto — ou, noutras palavras, nascido num pequeno Éden num mundo onde, fora do seu domínio contraído, a selvajaria, no sentido mais estrito da palavra, reina suprema — ele cria condições de civilização e esclarecimento, torna-se o Vice-regente de Deus, executando a Vontade da Inteligência à medida que

desenvolve inteligência para o fazer. Investido com poder para fazer o que quiser com os elementos ao seu redor, sujeito, sempre, à Inteligência Superior das Esferas acima da física, ele representa a Divindade na sua esfera de ação. Ele infunde a sua própria vida magnética por todas as suas localidades, estimulando todas as energias da matéria, impelindo a atividade aumentada de todas as forças da substância animada e inanimada, agindo assim como um Deus para a Natureza dependente. A sua presença num planeta é a promessa do progresso do corpo com um ímpeto constantemente crescente; ao passo que, sem a raça para aperfeiçoar os processos de desenvolvimento iniciados antes do seu aparecimento, a estagnação ocorreria antes de ser atingido o meridiano da vida planetária.

Para subjugar um deserto, o pioneiro leva consigo algo além do machado e do arado; e as suas colheitas, produzidas à custa de fadiga e suor e, porventura, de sangue, não são apenas os frutos da terra que enchem os seus celeiros e alegram o seu coração. A esfera magnética, que é parte da personalidade de cada indivíduo e que se imprime em todas as pessoas que entram em contacto com ela, num grau maior ou menor, é a agência potente com que o lavrador do solo está equipado — o trabalhador com a Natureza em qualquer capacidade, através da qual ele se pode imprimir na sua localidade.

Este é o meio através do qual ele impregna o que o rodeia com um elemento de vida que estimula toda a ação — revigora o solo, apressa os impulsos procriativos dos animais, impele a vida vigorosa na criação vegetal e tende a corrigir as condições elementais locais ou a infundir nova vida na atmosfera circundante. Parte da sua própria vida sai com o trabalho das suas mãos. Toda a Natureza ao seu redor está a valer-se das suas forças para manter a sua atividade. Ele sopra o hálito da vida de Deus sobre a matéria, e esta é vitalizada de novo, para servir o propósito mais elevado de atender às suas necessidades.

A cabana do colono na floresta ou no ermo é um Centro de onde emanam forças vitais que rapidamente encontram o caminho para onde são necessárias; e a floresta cresce mais luxuriante por isso; as aves trinam mais docemente as suas notas de amor, as pequenas flores contam a

história da sua vida renovada; e o lugar deserto começa a vestir um manto de verde mais escuro e a preparar-se para "florescer como a rosa".

O homem energético difunde forças energéticas por onde quer que se mova. Não é o preguiçoso, de quem o profeta falou quando disse: "Passei pelo campo do preguiçoso, e eis que estava todo cheio de espinhos; as urtigas tinham coberto a sua face, e o seu muro de pedra estava derrubado", que é assim um benfeitor. O jardim floresce, de facto, mais viçoso, as colheitas crescem mais vigorosamente para o lavrador ativo que está muito nos seus campos e cujo interesse está supremamente no seu trabalho.

Ele vive com as suas colheitas em crescimento e, eis como é recompensado! Ele pouco sabe quanto da sua vida lhes deu, ou quanto dela armazenou nas suas colheitas, ou deixou no solo adormecido, que, no futuro, retribuirá o seu investimento. Os rebanhos e manadas partilham o cuidado do agricultor, e eles também partilham as forças vitais que ele tem para dispensar. Quem, que tenha observado minimamente, falhou em notar a influência do homem sobre os animais domésticos e feras selvagens enjauladas? A inteligência é transmitida pelo mestre ou pela família aos animais que estão muito sob o seu cuidado e influência.

Não pode ser de outro modo. Os animais possuem inteligência e atraem as forças superiores da raça Superior, aumentando os seus poderes intelectuais, bem como melhorando todas as suas outras forças naturais, ao entrarem em contacto com ela. A ação subtil dos finos elementos magnéticos que vão assim estimular as forças vitais da Natureza inferior é a ação das forças reprodutivas. A vida de cada átomo, de cada forma, é perpetuamente acelerada e sustentada por um processo que é a interação dos princípios Positivo e Negativo, tal como na procriação.

A perpetuidade da vida é a perpetuidade desta ação, e o declínio ou cessação da vida é o seu declínio ou cessação. Sendo o sexo a expressão desta força, o vigor da faculdade procriativa nos sexos é a medida da sua intensidade em qualquer localidade ou em qualquer raça. O indício

seguro da degenerescência de uma raça, seja de homens ou de animais, é o declínio do vigor da faculdade procriativa. O selo da Morte está sobre um povo quando os seus filhos são poucos, por falta de capacidade de reprodução; e tão certamente está a sua localidade condenada, pois todas as condições simpatizarão com o poder dominante ali.

A relação de todas as formas, de todos os graus de vida entre si, que qualquer secção produz, é a relação de positivo e negativo, ou a interação baseada nisto. A força mais forte é aquela que tem a ascendência e cuja influência é propagada através do meio de cada uma das mais fracas com que coopera de uma forma ou de outra.

Sendo o homem positivo em relação a todas as formas possíveis em qualquer secção ou localidade, a sua é a força que tem precedência ali; e ela difundir-se-á através da agência de tudo com que ele entra em contacto direto. A atmosfera do seu lar, carregada com os seus elementos magnéticos, difunde germes de vida por toda a sua vizinhança para uso das formas inferiores. Neste sentido, ele é um Criador segundo o padrão da Divindade.

"O Espírito de Deus movia-se sobre a face das águas"; isto é, difundia-se em germes de vida, ou essências espirituais, através da agência de seres espirituais em proximidade com o planeta que deveriam vivificar os elementos e tornar possível a produção de luz. "E disse Deus: Haja Luz; e houve luz." Este ato criativo, segundo o Vidente, seguiu-se diretamente à difusão do elemento vital ou espiritual que revigorou as condições na Superfície. Isto está também de acordo com o evangelho da Natureza.

Elementos magnéticos, com o caráter dos éteres que são luz, ou que reagem como luz sobre a superfície — a única forma de substância que poderia transmitir à superfície da terra as influências magnéticas do sol parental em quantidade suficiente para ser apreciada pela matéria da superfície a ponto de causar progresso —, foram o resultado desta estimulação por forças espirituais. A luz era "boa" — servia o seu propósito legítimo. Marcou o erguer e o pôr do sol, segundo o oráculo sagrado, mesmo quando a escuridão perpétua, como o manto da morte,

envolvia o planeta; estando o sol, a lua e as estrelas ocultos atrás da espessa abóbada da atmosfera vaporosa até ao "quarto dia". Cada reestimulação da matéria por este "mover do Espírito de Deus" durante os longos dias da criação foi seguida por novas criações, segundo a mesma autoridade.

O impulso Procriativo no homem está em conformidade com as necessidades da Natureza abaixo dele. Investido com o poder de "multiplicar" a sua semente e "encher a terra e sujeitá-la", os seus impulsos para a procriação são os saques que a Natureza está a fazer sobre ele, o seu Senhor, para realizar a sua obra em todos os quadrantes do seu domínio. A criação animal responde a eles no acelerar das suas funções reprodutivas, e toda a natureza inferior, em grau; sendo o aceleramento, na realidade, propagado através de cada variedade de forma e substância.

Assim, o homem está no lugar de Deus na terra. Exerce a prerrogativa da Divindade no ofício que preenche a este respeito. Os sexos, mulher e homem, são Deus manifesto na carne, realizando os processos criativos da Natureza através da sagrada Função Procriativa; a qual, em si mesma, prefigura Deus, o Criador.

O celibato do homem e da mulher saudáveis e vigorosos é um pecado contra a Natureza; é um roubo que, inevitavelmente, será visitado com retribuição sobre as cabeças dos perpetradores. O exercício natural dos apetites humanos traz bênção; e o uso desta função, dentro dos limites prescritos pela Natureza, é necessário para a saúde e o vigor. Não é infração da lei natural, mas o contrário, exercê-la enquanto o vigor da Virilidade e da feminilidade permanece, mesmo quando a descendência não é o objetivo.

Não é necessária uma homilia sobre deveres e privilégios domésticos para tornar claro o que a experiência de toda a sociedade humana, em todas as eras, e o que a experiência individual, em todo o mundo, confirma; a saber, a verdade das duas proposições acima. A Natureza não se desmente no homem. Escreve a sua lei a este respeito no seu ser de forma demasiado clara para ser mal interpretada e demasiado forte para

ser resistida. A prática monástica do celibato causou danos imensos na sociedade do princípio ao fim. Concebida na ignorância, serviu os propósitos de déspotas na igreja e no estado; tendo sido a ignorância sempre o pilar principal do seu sustento. A desonra da impotência é o selo do desagrado da Natureza perante a falha de qualquer dos seus filhos em servir o seu propósito de criadores de força para o mundo inferior. A história está repleta de evidências dos efeitos desastrosos do celibato imposto; e, nos dias de hoje, as colheitas de licenciosidade, ignorância e imbecilidade que a sociedade está a ceifar em algumas partes do mundo são, em parte, rastreáveis a um sacerdócio imbecil e licencioso, com quem o celibato é imposto, e cuja influência para o mal excedeu a para o bem.

Ao prescrever regras para a conduta humana — fixando as leis que devem governar o exercício das faculdades e propensões —, a Natureza providenciou a sua execução fixando penalidades para a sua negligência. O mau uso de uma faculdade trará certamente o devido castigo; e na questão vital da função procriativa, o seu abuso de uma forma ou de outra é acompanhado por consequências que são apenas más. Não há, nem pode haver, compromisso neste caso. No caso do apetite por comida, que ilustrará outro apetite tão natural quanto este; este pode ser mimado até ao uso desmedido; pode tornar-se um instrumento para escravizar e embrutecer e, finalmente, para destruir a vítima que se entregou à indulgência desenfreada do mesmo.

Por outro lado, crucificar este apetite ao abster-se da quantidade e tipos adequados de comida é matar o corpo à fome; e com ele, toda a natureza, em certa medida; é privar o indivíduo do estímulo necessário a todos os atributos e faculdades. O espiritual, no homem físico, está tão intimamente relacionado com a parte material que sofre perda quando as leis do ser são de algum modo mal utilizadas; e assim o ascetismo opõe-se ao crescimento e força espiritual, embora tenha sido, em todas as eras, estimado como um meio de promover estes e, por conseguinte, agradável ao céu. O jejum é um remédio para o corpo e para a mente, sob certas circunstâncias; e a abstinência de uma dieta fortemente estimulante é espiritualizadora e promove a intelectualidade, se praticada

criteriosamente; isto é, não levada ao excesso de privar o corpo de todo o estímulo da comida animal e condimentos saudáveis.

A aplicação do que foi dito acima é clara. Destruir o equilíbrio do sistema pela abstinência completa do exercício de uma das suas funções mais vitais está ao mesmo nível do efeito do seu abuso por indulgência excessiva. Uma faculdade ou um órgão adormecido por falta de uso é uma perda para o indivíduo de uma fonte de poder; e a perda real é proporcional ao ofício que naturalmente detém entre as faculdades ou órgãos. A função procriativa é a estimuladora de todas as outras do sistema, quando devidamente utilizada; derivando todo o ser, incluindo o intelecto, força através da sua atividade.

As reações dos centros nervosos uns sobre os outros, induzidas pelo exercício desta função, são o que é necessário para estimular todos à atividade adequada. Não é dizer demasiado declarar que as forças cerebrais são as mais suscetíveis a estas reações, visto que este centro absorve as energias vitais criadas pela estimulação, em excesso sobre qualquer outro centro; possuindo ele o equilíbrio de força no sistema. Isto sempre, lembre-se, quando o exercício é de acordo com a exigência do sistema.

O desperdício de forças cerebrais por excesso pode ser inferido quando se compreende a verdade de que o ato procriativo é uma criação, de facto, de elementos vitais a serem despendidos de alguma maneira; é um saque ao sistema por forças que só podem ser evoluídas desta maneira e que são necessárias para a reestimulação, como acima declarado, de todas as energias nervosas, e para os outros usos da Natureza. Saques demasiado frequentes de tais forças vitais exaurem as energias nervosas, que não podem extrair força ou estímulo de poder vital quando as essências vitais faltam para cooperar para este fim.

O filósofo concebe corretamente que os fluidos não desperdiçados em tal excesso são devolvidos ao cérebro como estimuladores do pensamento, e que a criação de ideias é o resultado, sendo a descendência digna do intelecto imortal. Mas, se ele perder de vista o facto de que deve haver um ato para criar as energias que assim operam,

a sua filosofia falha em mostrar qual é a lei que governa nesta matéria. A atividade funcional suspensa até se tornar latente, neste caso, acarreta perda para o intelecto e para todo o ser, que não pode ser totalmente compensada por outros meios. O homem pode sobreviver e florescer, de certa forma, tendo perdido um membro ou um olho; mas sofre, no entanto, uma perda de poder. O intelecto sustentar-se-á sob circunstâncias muito adversas, tal como todas as outras forças humanas, por virtude da sua capacidade de se adaptar às circunstâncias e suprir deficiências por substituição; contudo, a Natureza aponta infalivelmente a lei como acima indicado, e a experiência verifica-o.

A linha entre o uso adequado e o abuso é ténue neste caso, no entanto é como um abismo fixado que não deve ser cruzado se o homem ou a mulher quiserem ser tais na mais verdadeira aceção destes termos. O sentido mais elevado destas palavras é aquele que se aplica quando a lei perfeita é cumprida na capacidade criativa da unidade em dualidade. Cair abaixo disto é ficar aquém do objetivo da sua criação e colocação no topo dos reinos da Natureza.

Perante isto, compete aos indivíduos estudar este assunto com vista a criar regras de conduta para si próprios e a educarem-se na observância das mesmas. Ninguém pode julgar adequadamente as necessidades exatas de outro. Especificar o que constitui abuso ou uso lícito, nesta matéria, seria impossível, visto que as constituições e os temperamentos diferem. Os sábios serão uma lei para si mesmos; e os tolos pecarão, quaisquer que sejam as regras prescritas para eles.

Períodos de abstinência do exercício de muitos dos apetites naturais, o sexual entre eles, promovem a saúde do corpo e da mente, sob certas circunstâncias. A espiritualidade e a mentalidade são especialmente auxiliadas no seu desenvolvimento por se suspender assim parcialmente o vigor natural de ação das funções físicas. Através deste processo, o mental e o físico são de tal modo equilibrados que o trabalho intelectual pode ser realizado mais prontamente. Numa grande proporção da humanidade, os poderes físicos têm tal predominância sobre os mentais e espirituais que estes últimos são mantidos em suspenso, com grande prejuízo para o progresso individual. A temperança em todas as coisas é o

meio pelo qual a saúde é mantida depois de assegurada. Isto aplica-se à saúde e força mental e espiritual, particularmente. Alcançado o equilíbrio adequado, este deve ser mantido por uma regulação cuidadosa dos hábitos. Uma repetição do remédio será necessária, em períodos determinados pelo trabalho intelectual a ser realizado. Fazer dieta é o hábito de alguns estudantes dedicados da ciência, que aprendem por experiência que os nervos são acalmados, o cérebro limpo e os poderes de observação aguçados por um curso de abstinência.

O grande Agassiz foi um exemplo disto. Mas, perpetuar a prática de abstinência indevida é matar o corpo à fome e nanificar o homem inteiro; como testemunha o caráter dos ascetas em toda a parte e em todos os tempos. O homem pode desmanchar-se a si próprio, por assim dizer, vivendo contrariamente à lei do seu ser. Pode promover uma espécie de espiritualidade à custa de uma mentalidade vigorosa, crucificando as propensões naturais, que devem estar em exercício legítimo se o homem inteiro estiver em saúde plena e vigorosa.

Uma espiritualidade elevada é consistente com o exercício natural das funções do ser humano. O homem, com todos os seus poderes, com o seu ofício indizivelmente alto no universo das formas, não é criatura de um dia. O seu ser, o seu ofício, as suas funções, como homem, são tão eternos quanto o ser de Deus, de quem ele é o protótipo nestas coisas. Deus, o Poder Criativo, é o que é por virtude da Força Procriativa. Despojada disto, a Divindade é uma não-entidade. Na sua forma mais elevada, o legado da Natureza ao Homem, esta Força atesta a sua imortalidade coeva com a da Natureza; e atesta-o como Criador quando coloca em exercício os atributos do seu ser.

Parece, de acordo com o significado da Força Procriativa e do ofício do homem na Natureza, que a função Procriativa lhe pertence eternamente. Sendo um ser espiritual, é dotado como quando foi formado homem; e roubar-lhe um único atributo seria desfazê-lo. Ele mantém a mesma relação como criador de força para o mundo ao seu redor, enquanto ser espiritual, que mantém enquanto homem físico. Não reproduz a sua espécie como no estado físico, mas reproduz condições que favorecem a reprodução da sua espécie no mundo físico. A sua esfera

Magnética mistura-se com as dos seres físicos, quando ele assim o deseja para bons propósitos; e pela sua própria virilidade vigorosa como espírito, infunde energia nas forças magnéticas daqueles com quem entra assim em contacto. O seu poder assim exercido a partir do lado espiritual é uma influência santificadora para o impulso procriativo. Eleva-o acima do plano brutal, onde estagnaria e eventualmente morreria, não fosse pela estimulação superior de forças Espirituais Superiores, que descem dos céus curvados como a chuva e o sol de Deus, em quem todos "vivemos, e nos movemos, e existimos".

A tendência de toda a vida é para a morte — de todas as forças é para a exaustão; e é através de reestimulações por forças superiores que quaisquer processos de vida são perpetuados. Esta lei faz de cada grau sucessivo de matéria ou formas a força estimuladora, a força elevadora do anterior; faz do homem físico o ajudante da natureza inferior no seu próprio plano, e do homem Espiritual o benfeitor do homem no plano inferior.

Esta lei une a terra e o céu, o universo físico e o espiritual, em laços eternos; faz do homem na carne para sempre dependente do homem no espírito; une-os nas relações mais íntimas, ou preserva as relações próximas estabelecidas com a vida; une esfera com esfera dos céus da alma, atraindo todos os homens para cima, em direção à meta do seu ser, o estado aperfeiçoado, onde serão instalados nos mistérios do Templo Interior onde Deus habita para sempre. "Ele atrairá todos os homens a Si" é o evangelho desta lei Divina.

É hábito da humanidade em geral — tornado tal por um equívoco da lei da Natureza — menosprezar o impulso Procriativo, considerá-lo como pertencendo puramente à vida física e como expressão de bruteza. A educação e, acima de tudo, o mau uso da faculdade, fixaram esta crença nas mentes dos homens. Sobreviver a ela, pairar acima dela, tem sido, e ainda é, a ambição de alguns reformadores, como se fosse um atributo degradante. Fosse ele, na realidade, o que homens brutos fizeram dele — um servo da sensualidade —, deveria ser amaldiçoado como um Upas mortal, cujos frutos, cuja cada emanação, são veneno. Os resultados fatais

que advêm do abuso deste sagrado atributo da humanidade são extremamente expressivos do seu caráter.

A fonte, uma vez perturbada e envenenada, infecta todos os cursos de água que dela brotam; nem uma gota de água pura e límpida é fornecida às multidões sequiosas que neles procuram refrigério. As nascentes da vida, como se demonstrou, que são o vigor, a potencialidade da virilidade e da feminilidade, são alimentadas por esta fonte de Força; e os seus caudais saem para a sociedade e alcançam o mundo inferior das formas e da matéria. Degradar esta fonte é aviltar toda a vida que dela dependa de qualquer modo. É pecar contra si próprio, contra a sociedade e contra toda a Natureza, pois perturbações de toda a espécie propagam-se por toda a parte e esta, em particular, escreve-se indelevelmente nas condições de um mundo em progressão.

A maldição da Natureza recai sobre o transgressor desta lei. Ela escreve os seus anátemas em caracteres tão claros que são conhecidos e lidos por todos; e os homens desviam-se com horror das vítimas da luxúria, evitando-as como se estivessem atingidas pela Peste mortífera. É uma praga, mais letal do que qualquer outra, e nada pode ser mais destrutivo para as condições favoráveis à vida e à saúde de indivíduos, comunidades e nações.

É a Morte na sua forma mais hedionda e repulsiva, como todos os homens sabem quando o abuso desta função persiste nos indivíduos; e, dos indivíduos, propaga-se à sociedade em geral e à vida inferior; e assim as localidades onde o pecado prevalece tornam-se como autênticos lazaretos de corrupção.

Juízos tais como os que a Natureza inflige por infrações das suas leis, sem a intervenção do homem, sobrevieram a tais povos; e estes juízos foram acelerados pela intervenção humana. A espada auxiliou na extirpação de raças que eram impróprias para viver e procriar. Onde a procriação é contaminação e extensão de condições aviltantes, ela deve cessar; e os Poderes Superiores auxiliaram a Natureza a limpar-se, estimulando forças a agir para este fim. Permitiram que nações castigassem nações, e até as apagassem da face da terra, para que a

"terra fosse liberta" das suas influências corruptoras e uma raça melhor fosse estabelecida. As maldições nunca vêm sem serem chamadas. A Natureza é sempre fiel a si mesma. A semente semeada produzirá uma colheita da sua espécie. Uma raça energética e prolífica imprimirá tão certamente estas qualidades no que a rodeia, como os fertilizantes animais enriquecem os solos. O elemento magnético que inere em tais fertilizantes é vivificador para o solo, e a vegetação absorve-o e prospera com ele. Se os animais e o homem carecem do elemento vigoroso e vitalizador, a Natureza carecerá da fonte de suprimento do mesmo, que é derivado como o principal estímulo ao vigor em todos os seus departamentos.

A simpatia de condições entre todos os graus de formas e elementos em superfícies planetárias inteiras, e por todo o espaço universal, é a lei; e quando um membro da família universal, ou do corpo, sofre, todos sofrem com ele; e em proporção ao parentesco e proximidade. O homem é como o lavrador colocado num campo inculto, para viver e produzir condições que sustentem a vida e a tornem aprazível. Ele não pode esquivar-se às suas responsabilidades e viver. Infiel a elas, morre, raiz e ramo; fiel, prospera, e a sua semente depois dele; e o planeta torna-se um jardim sob a sua mão.

Assim, o declínio da atividade, que é periódico e desastroso quando os planetas estão em estágios iniciais, antes de o homem, com a sua força vital superior e o seu génio, chegar ao palco da vida, é modificado pela influência humana. Torna-se gradualmente uma influência menos perturbadora à medida que as condições de superfície melhoram antes de o homem aparecer; mas a sua presença dá um ímpeto marcado à ação progressiva neste aspeto; e onde ele é fiel às leis do seu ser, à medida que as gerações se sucedem, as catástrofes cessarão nestes intervalos de depressão, resultando apenas efeitos menores.

O próprio barbarismo, resultado de uma atividade subsidente da Natureza, agravará certamente as condições que favorecem a sua existência; como testemunha o Dilúvio de Noé. Assim a Natureza justifica a revelação, sua serva para auxiliar na disseminação da verdade necessária.

O ofício da raça humana torna a sua distribuição por todo o universo uma necessidade. Atingido o fim do esforço criativo no homem, dá-se a distribuição de poder tal como a raça o pode exercer, para o avanço de toda a ação formativa. Os ofícios peculiares que a humanidade desempenha em virtude da inteligência superior e de um conhecimento profundo das leis da Natureza, após se terem tornado espíritos e habitantes das Esferas Superiores, serão descritos num volume futuro. Para este, basta declarar, quanto ao povoamento do universo físico com a raça humana, que todos os sistemas do mesmo grau e ordem a evoluem simultaneamente em alguns planetas preparados.

Cada época desta evolução, das muitas deste caráter que ocorrem num universo num grande período de ação, é uma que dá um ímpeto ao progresso em toda a Natureza universal. Isto será óbvio para o leitor atento que compreenda o pleno significado das funções do homem. "As estrelas da manhã cantaram juntas de alegria" por ter nascido o bebé destinado a ser o Salvador de todas as raças, linhagens e graus de vida do império do Omnipotente, quando a terra deu à luz o homem; pois os universos distantes — todos os orbes do espaço — partilharam da bênção da presença desta Força Deífica adicionada em tal proximidade que provou ser um poder para o bem deles.

Um planeta está incompleto nos seus meios para o alto desenvolvimento das condições de superfície até que a raça esteja distribuída por ele onde quer que possa obter um apoio. E a sua energia, a sua persistência, é suficiente para todas as emergências; nenhumas barreiras detêm o seu avanço, enquanto marcha para ocupar o território que é seu por direito de posse. Neves árticas, areias do deserto, desertos de água e calores tórridos apenas servem para estimular o génio inventivo que jaz latente até ser despertado pela necessidade, e que encontrará meios para superar até estas dificuldades, quando os homens procuram lares, subsistência ou aventura.

A regra da "sobrevivência do mais apto", aplicada à raça, é o que assegura a sua estabilidade; pois é pela exterminação dos elementos aviltados da sociedade humana — as tribos corrompidas, restos de tribos e nacionalidades, pelos meios descritos e quaisquer outros meios que a

Natureza interponha para este fim — que ela é preservada de uma contaminação que seria fatal para toda a raça.

Os tipos de humanidade que se desenvolvem para interagir uns com os outros são figurativos dos tipos de forças que interagem para a produção da vida, e de graus de matéria e formas que interagem para a promoção da ação progressiva. A mesma lei de força prevalece em toda a parte, nos arranjos da substância inanimada, das formas animadas e da vida inteligente; no arranjo de raças humanas, tribos, nações, comunidades e indivíduos; de tipos e espécies dos reinos animal e vegetal, e dos diversos elementos que compõem a terra, o ar, a água e os éteres do espaço.

Todas as variedades simples e complexas de vida e força baseiam-se no princípio único da diversidade — de ação e reação, de Positivo e Negativo. O princípio fundamental assente na força fundamental do ser, as reações de Espírito e Matéria, propaga-se por todas as vias da vida progressiva, em todos os planos; o espírito e a matéria interagindo em tudo o que tem vida, e propagando a ação para forças que pertencem, especificamente, quer ao plano espiritual, quer ao material.

Já se disse o suficiente sobre o assunto da Filosofia da vida e da lei da Evolução, de modo a torná-lo claro para o leitor inteligente e atento. Aplicações dos princípios enunciados nas páginas anteriores serão frequentemente feitas no que se segue; portanto, é de suma importância para uma compreensão adequada de todo o capítulo que estes primeiros princípios sejam minuciosamente compreendidos.

O Espírito, como uma força ligada à Natureza material e necessária à sua vida, é ignorado pela maioria dos cientistas, e é para ajudar a dissipar este grande erro, que é tal barreira ao progresso, que se faz esta tentativa de enunciar a verdadeira teoria da vida. Ao confinarem as suas observações à esfera dos elementos e forças físicas, os cientistas falharam em alcançar a solução do problema primordial das eras. O exemplo que a Natureza forneceu para ilustrar a ação universal destaca-se como a forma proeminente entre todas as formas, convidando à investigação como o

epítome reconhecido do universo, e parece incrível que o mundo científico ignore a chave para os chamados mistérios da Natureza.

A incorporação da Mente, da Inteligência, como o Princípio Vital da Natureza, parece ter sido a ideia do Poeta Filósofo quando deu voz ao seguinte sentimento: "Todos são apenas partes de um todo estupendo, Cujo corpo é a Natureza, e Deus a Alma."

Os metafísicos aproximaram-se muito da verdade nas suas investigações sobre as relações entre mente e corpo; e não tivesse o materialismo obstruído os poderes de perceção das mentes pensantes, impedindo uma visão clara, uma verdadeira teoria da vida, abraçando a crença no espírito como o seu princípio fundamental, teria sido estabelecida há muito tempo. Mas "cada coisa a seu tempo" é a regra da Natureza. É "primeiro o germe na semente, depois a erva, depois a espiga e, por fim, o grão cheio na espiga". A Verdade colhe as suas searas depois de o tempo as ter amadurecido plenamente; o trabalho de cultivar o solo, semear e regar precede o tempo da colheita, tal como acontece com o lavrador diligente.

Mesmo agora, as paisagens resplandecem com os seus campos de grão maduro, e os seus celeiros estão a encher-se. "Levantai as vossas cabeças e regozijai-vos", portanto, ó trabalhadores diligentes, que estimais as suas aquisições como tendo mais valor do que moedas de ouro ou os diamantes que ornamentam as coroas da realeza!

Leitor, para um pouco no turbilhão da vida para refletir sobre as afirmações aqui oferecidas para tua consideração. Pensa no mistério do teu ser — nas tuas relações com o mundo da matéria e da mente; nas responsabilidades que sustentas perante todos; pensa na vida, na morte e no porvir; pensa em tudo o que queres fazer e ser; nas esperanças que baseaste na vida e nas possibilidades que vislumbraste vagamente em ti através das brumas com que uma falsa filosofia obnubilou a tua mente; e pensa na morte, que vem entregar-te ao esquecimento da sepultura antes de a vida ter mal começado ou de qualquer das suas aspirações estar plenamente realizada: pensa em Deus, a Grande Presença Invisível, em tudo, através de tudo e de tudo; o Benfeitor de todos, em quem "tens o

teu ser"; e na Natureza, a mãe em cujo seio repousas e de onde retiras o teu sustento, em comum com tudo o que existe; reflete sobre todas estas coisas à luz do que foi dado acima sobre a filosofia da vida, e vê se não desponta no teu entendimento — se já lá não está — uma plena compreensão e apreciação destas palavras do Poeta inspirado: "Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que as sonhadas na nossa filosofia."

A "nossa filosofia" ficou tão aquém de te dar uma visão verdadeira do teu ser como ficou de te dar uma compreensão verdadeira de tudo o que pertence ao caráter de Deus. As ideias que geralmente apresentou sobre assuntos ligados à filosofia da vida, ao ser de Deus, do homem e da Natureza, foram nebulosas e enganadoras. Deixaram de fora do problema os principais elementos necessários à sua solução e, assim, deixaram os seus devotos vaguear na escuridão do misticismo — em teorias impossíveis e especulações inúteis. Sê persuadido a afastar-te dos velhos canais de pensamento, gastos pelos séculos, e considera bem a filosofia que aqui é apresentada, autoritária apenas na medida em que é a Filosofia da Natureza.

Ao introduzir a discussão sobre a Evolução das Espécies, é necessário recapitular alguns dos princípios já enunciados, envolvidos que estão, necessariamente, neste ramo do assunto geral.

A Evolução revela-se como a lei primordial na grande sucessão de vida característica do universo. Vida é sinónimo de progresso — de evolução. A cessação da evolução que precede os vastos períodos de repouso, que são a ordem, indica, como o leitor compreende, a exaustão das forças da matéria, o que necessita de repouso; e através destas eternidades, a vida continua a ser evolução de força, para ser despendida em manifestações de vida ainda mais elevadas do que as que caracterizaram os períodos de ação precedentes.

Forças quiescentes são sempre proféticas de vigor renovado; não menos num universo de matéria caótica do que no sistema de um ser humano exausto por trabalho árduo. Para restaurar a Natureza exausta, as forças desta última devem simular a morte, tanto quanto possível; e a reinvigoração seguirá certamente este processo numa organização

saudável. Ação e repouso, estados reciprocamente dependentes e, tal como força e inércia, cooperando sempre para os propósitos de desenvolvimento; esta é a lição que o modo de vida do homem ensina. Não menos a Natureza inferior, nos métodos mais comuns e melhor compreendidos de ação progressiva, ilustra a mesma lei. Começando no degrau mais alto da escada da vida, onde o homem é visto como uma plena exemplificação do princípio único do qual todo o desenvolvimento depende para sempre, este princípio é rastreável onde quer que haja matéria planetária a ser atuada pelas forças de um sol e sistema maternos, onde quer que haja matéria e força a cooperar.

Os fenómenos vitais são os mesmos em essência na matéria inorgânica e na orgânica; a mesma lei operando na construção de mundos, na evolução de elementos químicos, tal como na de formas animadas e tecido vivo; como é evidente pelos fenómenos envolvidos em cada caso. A decomposição do tecido deve preceder a construção do tecido; o decaimento — a decadência da força, ou o retrocesso da matéria para um plano inferior — deve preceder a assimilação da matéria por um corpo vivo, assim ensina a fisiologia; que é a lei exata da evolução revelada pela Natureza em todos os domínios.

O processo de condensação de mundos, do estágio cometário ao planetário, procede por períodos alternados de ação e repouso; de novo, o trabalho de preparar a superfície planetária e a matéria de superfície para a evolução da vida orgânica é realizado da mesma maneira. No plano planetário, as forças são de grau mais elevado do que nos precedentes e são mais suscetíveis de investigação. Ao chegarem a esse plano, tornam-se encarnadas em formas, como elementos e espécies, que agem e reagem uns sobre os outros segundo o mesmo plano geral e para os mesmos propósitos gerais que os átomos e elementos da matéria não condensada, mas por um método muito mais eficaz.

A evolução revelou a força eficaz dos planos planetários, que é a Força Encarnada — Formas Organizadas. Daqui em diante o progresso deve marchar para uma conquista mais rápida, auxiliado assim por tão poderoso auxiliar.

A evolução das espécies segue-se à preparação da matéria de superfície e das condições para as sustentar, como consequência desta preparação; tal como estas condições de superfície se seguem como consequência do processo de arrefecimento pelo qual a matéria foi preparada para cristalizar e formar as várias combinações que precedem e iniciam a vida organizada. É um passo de cada vez, dado na evolução de formas e forças — de uma para a seguinte, sem saltar nenhuma. Assim:

Do plano da vida elementar para o plano dos compostos químicos é um passo; deste último para o plano da vida vegetal é um passo; e deste para o plano da existência animal é um passo; e para atingir o plano da vida animal, a matéria deve ser elevada do primeiro através de cada um dos estágios intervenientes até ao quarto. Em cada plano sucessivo é desenvolvida uma força para cooperar com as existentes, a fim de elevar a matéria ao seguinte. Por exemplo: No plano da existência elementar a afinidade química é desenvolvida, senão a formação cessaria aqui. As condições combinam-se para evoluir esta força quando a matéria planetária está no estágio semi-cometário.

Tal como plenamente descrito no capítulo final do Vol. I, e no capítulo de abertura deste, a matéria superficial da Terra sofreu a prova do fogo, repetidamente, após a solidificação ter começado. A decomposição — a degradação da matéria — reagiu com as formações instáveis que resultaram das forças em ação, com a precisão com que a decomposição do tecido reage com o processo vital de assimilação, na forma animal; e, através deste processo de alternâncias periódicas, e passando por estádios intermédios, o grande estádio foi alcançado — a afinidade química desenvolveu-se como uma força estável. Uma crosta estável resultou de toda esta ação; afinidades químicas atuando com outras forças sobre a matéria preparada para a união química numa base firme.

Um grande passo foi dado ao impulsionar a matéria do plano elementar para o plano do Reino Mineral. Foi lançada uma plataforma, tábua por tábua, sobre a qual as estruturas dos Reinos Vegetal e Animal podem ser erguidas; sendo o material para este último preparado pelos construtores, a Afinidade Química e a Força Vital Vegetal. O Reino Animal

sucede ao Vegetal na ordem da evolução, construído sobre o princípio desenvolvido no Reino Vegetal. Uma vez evoluído o Modo de Vida Orgânica no vegetal, o passo é fácil para o plano superior da organização animal. Não é como o do Reino Mineral para o Vegetal, onde as energias se concentram com o propósito de elevar a matéria sobre um abismo largo, por assim dizer, aquele que separa o reino orgânico do inorgânico. Tal arranjo de forças, que é inteiramente novo no mundo progressivo da matéria, no sentido de ser tão concentrado, sucede à evolução da força Vital Orgânica; e é um esforço grandioso que o alcança.

No plano do Reino Mineral, as forças atuam e reagem longamente sobre as superfícies planetárias em desenvolvimento, antes que o resultado seja atingido, o qual deve existir antes que outro plano de desenvolvimento possa ser alcançado. Terra, ar, fogo e água comungam as suas forças por eras imensas no trabalho de parto que precede um nascimento tão poderoso. E quando, finalmente, a "criança da esperança" nasce, o que é ela? Sob que aparência surge? Um átomo infinitesimal de protoplasma, uma célula minúscula, personifica a Nova Força que é o "Bebé na Manjedoura" para o mundo que espera.

Instituída a vida vegetal nas suas formas rudimentares, a vida animal em formas correspondentes sucede-lhe rapidamente, como um efeito das reações da força Química com a força recém-desenvolvida — a Vital. A existência dos dois Reinos, Vegetal e Animal, é coeva após o período que dá à luz as primeiras formas rudimentares deste último, através das espécies existentes do primeiro, na primeira era da sua vida.

A força essencialmente superior, personificada como a característica distintiva na nova forma, não foi previamente personificada — não pertence ao tipo de forma através da qual o superior é produzido, mas é evoluída através da ação de forças preexistentes — aquelas pertencentes à forma progenitora, e forças Magnéticas cooperando com estas. Foi feito um saque sobre essências Magnéticas Superiores para o germe de uma nova força, pelas condições superiores prevalecentes no ambiente da forma progenitora.

Este é precisamente o modo reconhecido de instituição do reino mineral a partir do elemental, do Vegetal a partir do Mineral, e do Animal a partir do Vegetal; está de acordo com a interpretação estrita dos observadores científicos das leis em ação na produção e crescimento dos quatro Reinos da Natureza. (Ver *"Conservation of Energy. By Balfour Stuart, LL. D., F. R. S."* no Capítulo ——, *"Correlation of Vital with Chemical and Physical Forces. By Joseph Le Conte"*).

A aplicação desta lei da evolução à evolução das espécies através das espécies, de todos os reinos, não parece ter sido feita por esses observadores cuidadosos, que tanto estão a fazer na revelação da verdade tal como ela é na lei natural. Esta é toda a lei da evolução de tipos, ordens, espécies e formas. Nem uma forma de qualquer espécie na Natureza vem à existência senão através da sua operação. Ela está no fundamento da perpetuação do ser e do progresso.

No período certo da vida de um planeta, a Força Vital Vegetal, cooperando com as forças químicas e as forças magnéticas da atmosfera, como a luz e as suas forças etéreas relacionadas, evolui a Força Vital Animal. Esta última força não pertence ao vegetal. Este princípio deve ser perfeitamente compreendido pelo leitor, pois dele muito depende. É a Nova Criação à qual a Natureza dá à luz, através da instrumentalidade das formas inferiores.

O progenitor — o Reino Vegetal — personifica a força procriadora que gera esta nova criação, pois não há outra personificação desta força, nenhum outro modo pelo qual ela possa ser produzida. Não está no poder do Reino Mineral, nem do Elemental, ir acima do seu próprio plano de trabalho. Estes não personificam forças que sejam adequadas para evoluir uma força tão superior à sua. Um passo de cada vez, repita-se, e isto sobre o solo sólido da lei tão antiga quanto o universo, é o modo.

No plano da vida vegetal, a força procriadora é primeiro concentrada em formas orgânicas, o que é o passo indispensável para o passo seguinte de avançar a organização para o próximo plano superior. O esforço formativo deve, daqui em diante, ser despendido com o propósito de melhorar o modo de organização, que deve ser

aperfeiçoado por meio da evolução de espécies de todas as variedades possíveis; de fundar tipo sobre tipo, e espécie sobre espécie, até que o degrau mais alto da escada da formação seja inserido; — até que a Pedra Angular do Poderoso Arco seja colocada, que é o Templo Vivo do Espírito que Nele Habita.

O princípio da Conservação da Energia é plenamente exemplificado na derivação de força através da força, por esta lei. O Impulso Procriador original que se moveu sobre os átomos no universo primevo, causando a agregação, é transmitido através de todas as transformações da matéria e da força, inalterado na sua qualidade essencial, mas modificado para se adequar à Natureza progressiva, até ser encarnado na forma vegetal; para ser ainda transferido através de forma após forma, até à mais alta; onde, apenas, se exibe no seu carácter perfeito.

As transformações que sofreu não alteraram o seu carácter, no sentido de conferir uma nova ordem de ação; elas evoluíram a forma aperfeiçoada de ação, que estava em incipiência no impulso original. A conservação da energia implica preservação e transmutações tais que adicionem eficiência à força original em ação, pela concessão de estímulo à mesma. Por meio desta concessão, uma forma de força é alterada, uma nova força é criada.

A relação da nova com a força original é exatamente a de descendente para progenitor, de uma espécie para a sua espécie progenitora, de um reino para o seu reino progenitor. A personificação de uma nova proporção de vida magnética vital é o que altera o carácter de uma força, conservando o antigo no novo. É isto também que individualiza os descendentes, as espécies e os reinos; e confere ao ser humano a sua qualidade distintiva de imortalidade; o que implica uma qualidade Deífica de força.

Não pode haver elos perdidos na cadeia de força; nenhum ultrapassar das fronteiras fixadas para limitar a ação de qualquer força na reprodução de outra. No entanto, existe variação nestes limites, determinada pelas atividades exercidas para a evolução ou procriação em diferentes períodos, ou sob diferentes circunstâncias. Assim é que uma

espécie pode ultrapassar o limite estreito que lhe foi atribuído para produzir a sua espécie, e atingir uma fronteira mais distante, onde agarra uma proporção de força vital magnética superior a, ou diferente daquela que extrai para os descendentes da sua própria espécie; a qual confere à descendência, fazendo-a variar do tipo progenitor. Existem ainda outras e mais distantes fronteiras que são alcançadas, quando um reino se torna o progenitor de um reino, e grandes tipos nos vários reinos se tornam progenitores de outros.

Todas estas variações estão dentro de limites prescritos, nos quais as forças podem recorrer à Natureza para um elemento adicionado para vitalizar uma descendência legítima. A era formativa desenvolve épocas adequadas à evolução de cada reino, tipo e espécie que um planeta produz; sendo estes períodos em que estimulações excessivas de forças peculiares produzem resultados peculiares. Todas as eras são férteis em evoluções, sob o mesmo princípio, embora menos marcadas na distintividade de carácter em algumas do que noutras.

A lei da dinâmica ilustra a evolução com perfeição. Um impulso para o movimento gera movimento, exatamente na proporção da força despendida. O movimento é conservado num movimento superior, ou numa qualidade que varia da original. A gradação de força exibida como resultado da ação do sol sobre o planeta exemplifica a gradação da vida desde o Reino Elemental para cima. Impulsos gerados na superfície do sol são propagados em movimentos que ganham ou perdem vigor à medida que passam de esfera em esfera de elementos, atingindo a superfície planetária como as forças vitais calor, luz e eletricidade, sendo ali transmutadas novamente pelos processos vitais ou mecânicos que servem, ou estagnando onde falta energia vital para cooperar para uma evolução superior.

O elemento nasce do elemento, como o movimento do movimento. A luz atmosférica como um elemento nasce dos éteres que recebem o impulso para um movimento superior de um grau ainda inferior, como afirmado num capítulo anterior. Da luz nascem forças ainda mais elevadas — forças dentro do cérebro do homem e do seio da terra. A estimulação do pensamento através do sentido da visão é o despertar de éteres da

mente, e conceção e nascimento de ideias; o que significa o proporcionamento e a apropriação de elementos pelo modelo de formação por evolução.

Do que precede, depreende-se que a lei da Evolução é a lei da Conservação da Força. Depreende-se também que a evolução ocorre através da cooperação de forças tais que interagem na procriação, e através da força reprodutiva aperfeiçoada no reino orgânico. Parecerá claro ao leitor atento que um reino, tipo ou espécie, resultante da lei aqui estabelecida, é uma nova criação no único sentido em que qualquer coisa na Natureza alguma vez o pode ser.

A lei da evolução não conhece mudança no seu modo de operação. Ela é uma da eternidade à eternidade; e, por ela, todas as coisas que existem foram evoluídas em séries de formações interdependentes e relacionadas; as mais recentes às mais antigas do mesmo tipo, por ordem direta de sucessão, como filhos de uma longa linhagem de ancestrais.

As "Criações Especiais" que a Natureza conhece são desenvolvimentos da lei da Evolução, não exatamente reconhecidos pela Escola de pensadores designados "Darwinistas". As modificações de espécies que resultam através da lei da "Seleção Natural" não são, em instância alguma, a mudança de uma espécie inferior numa superior, ou de uma espécie noutra. Elas são a preparação necessária para o processo radical de evolução de novas espécies através das antigas. O melhoramento de uma espécie é uma coisa, e a evolução de uma nova é outra bem diferente.

O princípio do melhoramento de uma espécie levado ao seu ponto culminante, contudo, é o seu desenvolvimento de algo radicalmente diferente do progenitor. Ou, para inverter a ordem: o princípio da degradação das espécies levado ao seu limite máximo é o desdobramento de algo especificamente inferior ao progenitor. As variações a que as espécies são suscetíveis são subsidiárias às mudanças nas características específicas que seguem a sua multiplicação; quer seja na escala ascendente ou descendente, ou no mesmo horizonte. O afastamento de um tipo progenitor nas primeiras instâncias implica novos

afastamentos, à medida que as espécies desenvolvem diferenças cada vez mais marcadas, em todas as direções.

É relevante para o assunto em questão — o princípio das diferenças específicas — declarar a aplicação da lei da evolução à introdução da vida num planeta, no que se refere às diferenças típicas, o que envolve uma repetição de alguns princípios declarados no primeiro capítulo. Os tipos existem desde o início; a vida primordial tipificando, em grau, toda a vida subsequente. As diferenças de tipo, ao início, são expressões da diversidade nas qualidades da matéria e das forças. As interações destas qualidades diversas devem continuar nas diferentes espécies dos reinos orgânicos.

Primeiro expressas no Reino Vegetal, depois no Reino Animal que se lhe segue rapidamente, nas formas incipientes que são de um grau de estrutura tão baixo que expressam apenas fracamente a ideia personificada nas suas formas, as diferenças são, no entanto, reais e proféticas dos futuros grandes tipos e espécies que hão de ser construídos, cada um superior sobre o seu predecessor imediato relacionado. Os tipos primitivos estão todos combinados num único tipo básico, designado Radiado. Os primeiros indivíduos desse tipo diferem na ideia estrutural suficientemente para propagar diferentes espécies; continuando a divergência dos tipos primitivos até que a fronteira seja alcançada, a qual, sendo ultrapassada, um novo tipo nasce em espécies relacionadas com a espécie antecedente do tipo mais antigo como descendentes para progenitores.

O passo aqui dado foi mais longo do que o comum, mas é apenas um passo. As ideias originais de estrutura encontraram aqui melhor expressão do que no tipo antecedente. A organização está a ser desenvolvida em modo. Este desenvolvimento progride através dos grandes tipos até ao humano, onde a ideia de forma personificada na Natureza é perfeitamente expressa.

A expansão dos tipos prossegue à medida que o desenvolvimento progressivo de uma superfície planetária evolui as forças da matéria; havendo o mesmo limite para esta expansão que para a das forças que

eles prefiguram. Os tipos alcançam o seu ponto culminante superior em algumas espécies selecionadas; as espécies em alguns indivíduos selecionados; em ambos os casos, a seleção alcançando o fim extraordinário de elevar o tipo ao ponto onde um afastamento dele é inevitável na ordem da Natureza. A convergência de força, para um propósito tão indispensável, é uma revelação das possibilidades da Natureza sob a ação da lei. A forma ideal está em embrião durante todo o tempo em que a variedade está a ser desenvolvida e as forças se estão a expandir; e a convergência de força, no período apropriado, segundo o modo seguido em cada época de introdução de tipos superiores, produzirá o tipo humano, o ramo mais alto da árvore da vida, cujas raízes estão no Reino Elemental.

A Era Formativa, incluindo quatro grandes eras de vida planetária, caracteriza-se por uma ação que é expansão da vida em tipos e espécies, e concentração de força. Condições ajustadas umas às outras durante este vasto período, e favorecendo a ação característica, culminam na evolução da estabilidade das forças num planeta. O ponto culminante na formação, aquele onde a evolução de novos tipos cessa após a ordem original, é quando o homem toma o seu lugar na cabeça, como o cumprimento da profecia de forma revelada na Natureza. O mais elevado é alcançado nele; e qualquer variação que, daqui em diante, ocorra, será segundo o plano de melhoramento ou deterioração de tipos e espécies; não evolução de novos tipos.

Daqui em diante, as energias naturais devem ser despendidas numa superfície regulada para além do plano onde grandes e específicas mudanças podem ocorrer, tais como as que caracterizam a era formativa. Um grau maior ou menor de estabilidade de tais ordens de vida que sejam adequadas de alguma forma às condições prevalecentes segue-se como uma consequência necessária da regulação das condições; e também a permanência de tais ordens que estejam num plano adequado ao tipo humano. O grande auxílio que este tipo presta ao suporte de graus de vida que lhe estão mais próximos é um meio eficiente para a sua perpetuação.

As mudanças vitais que são a ordem após a superfície de um planeta se tornar produtiva de vida orgânica, até que a condição acima mencionada seja alcançada, são fatais para a perpetuação da grande massa de espécies e graus de vida além de certos limites fixos de tempo e fronteiras de território; sendo estes limites decididos por revolução radical de condições sobre todo o planeta ou apenas revoluções parciais que efetuam mudanças vitais em localidades maduras para a revolução, e noutras efetuam apenas condições variáveis preparatórias para a mudança fundamental.

Existem certas ordens baixas de vida que são propagadas através de todas as eras após o seu aparecimento; sendo estas as que não são suscetíveis à influência das mudanças que ocorrem periodicamente; sendo as profundezas do oceano as localidades que costumam habitar, sendo a sua função o processamento dos depósitos viscosos em substância mineral, como formações de calcário, etc. Muitos tipos de vida atualmente existentes são tão parecidos com os mais antigos que representam, que são dificilmente distinguíveis destes últimos, tal como se encontram em forma fóssil.

Contudo, as diferenças reais que existem estão em conformidade com a regra da mudança, a qual, por si só, se pode dizer que teve carácter de permanência durante todo este vasto período. Os melhoramentos de que a superfície é suscetível após ter arrefecido o suficiente para permitir a evolução da vida medem aqueles de que a vida planetária de todos os graus é capaz; e um não tende mais seguramente ao avanço do que o outro. As variações das Espécies, ajustando-se, como se ajustam exatamente, às variações de condições sobre a superfície, em qualquer período, ou numa sucessão de períodos, são tão naturais como os processos pelos quais estas últimas são efetuadas; e são provocadas pelos mesmos meios — isto é, através de modificações da lei da evolução e da sua aplicação à vida orgânica.

A fidelidade da Natureza ao plano único de evolução em todos os reinos da vida, a similitude das forças em ação em todos os departamentos, são a exemplificação da verdade da teoria de que as

Criações Especiais são apenas a ordem pelo plano único revelado na Natureza.

A posição ganha pelos Darwinistas, a guarda avançada dos Naturalistas, a Esperança Perdida, que ousa enfrentar os projéteis de teólogos e outros lançados no interesse da "Religião" e contra a "Infidelidade", e cujas setas são frequentemente aguçadas com desprezo e ridículo, está precisamente na linha de fronteira da terra prometida da Verdade. Alguns passos em frente, e o cume do Monte da Promessa é alcançado, onde todas as glórias da Canaã de tantas esperanças e lutas são reveladas. Os restos mortais de tantos Moisés jazem enterrados nos recessos misteriosos desta montanha, que poderia parecer demasiado ousado até mesmo procurar obter um olhar do seu cume. No entanto, pode-se ousar; e o Josué que guiará as hostes de investigadores para a terra além será imortalizado.

Agassiz, um gigante em força intelectual, e um oponente inveterado da teoria Darwiniana, como é sobejamente compreendido, ao apresentar o seu protesto contra a teoria da transmutação, comentou o seguinte; e as suas observações têm uma pertinência que lhes confere consideração; não exatamente do ponto de vista que ele ocupava como oponente jurado da teoria, mas do terreno intermédio de uma teoria que não é a dele, nem exatamente a dos seus oponentes. Ele diz: "É minha convicção que os naturalistas estão a perseguir um fantasma, na sua busca por alguma gradação material entre os seres criados, pela qual todo o Reino Animal possa ter sido derivado por desenvolvimentos sucessivos a partir de um único germe, ou de alguns germes.

Pareceria, pela frequência com que esta noção é revivida — regressando sempre sobre nós com uma tenacidade de vida de hidra de sete cabeças, e apresentando-se sob uma nova forma assim que a anterior foi explodida e posta de lado — que ela possui um certo fascínio para a mente humana. Isto surge, talvez, do desejo de explicar a nossa própria existência; de ter alguma solução simples e fácil para o facto de vivermos. Confesso que me parece haver uma pobreza repulsiva nesta explicação material que é contraditada pela grandeza intelectual do universo; os recursos da Divindade não podem ser tão exíguos que, para

criar um ser humano dotado de razão, ele tenha de transformar um macaco num homem." Ao tratar da Embriologia e da sua relação com a teoria da transmutação, ele diz: "O que significam estas semelhanças, de algumas das quais recuamos por serem não naturais e até revoltantes? Se lhes dermos uma interpretação material, e acreditarmos que até o próprio homem foi gradualmente desenvolvido a partir de um peixe, elas são repugnantes para a nossa melhor natureza."

Nas duas citações acima está contido todo um sermão sobre os méritos da teoria verdadeira e os deméritos das erróneas. Ambas expressam a repugnância instintiva do homem ao reconhecimento da sua relação direta com a criação bruta, ao mesmo tempo que reconhecem o facto de que a Natureza aponta nessa direção quando o homem procura traçar a sua ascendência linear.

"O que significam estas semelhanças?", exclama o grande Naturalista, quando traça pela Embriologia a genealogia do homem e de todo o tipo vertebrado de animais até ao peixe; ou, o que é o mesmo, descobre que, no estado embrionário, cada tipo da classe dos vertebrados vive através dos estádios representados pela vida adulta de cada tipo inferior ao mais baixo; sendo o homem não uma exceção, mas revelando a ordem da vida vertebrada através da qual foi desenvolvido, nos vários estádios da vida embrionária. Dar uma verdadeira "significação material" a um facto como este seria aliar o homem ao peixe, de facto, e derivar o peixe e o seu progenitor distante, a molécula protoplasmática, da matéria sem alma. "Do nada, nada vem"; assim, a "significação material" cai por falta de base.

As correspondências de espécies que apontam para uma certa relação são o facto significativo que deveria confinar o observador aos pontos em questão entre as duas Escolas — os Darwinistas e os aderentes da velha teoria das Criações Especiais. As perguntas que devem ser feitas à Natureza são: Terá uma espécie de Macaco Antropóide desdobrado gradualmente os atributos humanos, tornando-se assim o progenitor da raça humana? Ou: Foi a espécie humana criada humana desde o início? E: Qual foi a ascendência da espécie humana e de todas as outras? Para chegar a conclusões corretas sobre princípios tão grandiosos e

fundamentais, não se pode dar demasiada atenção aos detalhes; como a persistência de tipos e espécies, e a gradação destas últimas, revelada por espécies vivas e por restos fósseis daquelas já extintas. Opor a lei da persistência dos tipos — o grande argumento da escola de Agassiz — à da relação estreita de tipos e ao desdobramento de características específicas, é colocar os fortes argumentos de cada lado uns contra os outros; os quais devem manter-se ou cair conforme concordem com a verdade na matéria.

O facto é que ambos serão compelidos a adotar um terreno intermédio e a conceder algo um ao outro. A observação de tipos e espécies vivas fornece argumentos para ambos os lados da questão; no entanto, deste ponto de vista, a lei da persistência de tipos e espécies está estabelecida tão firmemente na base dos fenómenos como qualquer outra lei da Natureza. A Embriologia revela os fenómenos que harmonizam as duas teorias o suficiente para mostrar um terreno intermédio onde outra teoria pode basear-se, mais consistente com todos os fenómenos envolvidos.

As características físicas de uma espécie são, como revelado pela Embriologia, desenvolvidas por estádios; isto é, um certo período da vida embrionária é dedicado ao desdobramento de certas funções e órgãos correspondentes, e outros períodos sucessivamente para outros, até que o ser seja completado por uma sucessão de estádios de crescimento, cada um representando um estádio específico — ou uma espécie no Reino Animal abaixo daquela a que o ser, plenamente desdobrado, pertence; e na exata gradação em que a Natureza desdobra espécies do tipo até esta. Isto é significativo da verdade do princípio de que uma espécie não altera as suas características específicas, mas é instrumental no desdobramento de uma nova.

As condições precedentes à instituição da nova são indispensáveis ao seu desdobramento. Assim, parece que as Espécies transmitem, através da vida embrionária dos seus sucessores, as suas características. É isto que estes factos da Embriologia ensinam, se é que significam alguma coisa. Que uma forma cresça através de estádios, desta maneira, que não sejam de derivação ancestral, é incrível; porque é contrário a qualquer lei

e a toda a experiência. A lei da hereditariedade, pela qual o filho é semelhante ao pai, e pela qual traços ancestrais surgem em gerações remotas, inscreve na descendência imediata as características parentais, embora estas estejam relacionadas com os pais como descendentes da mesma espécie, ou de uma nova à qual deram origem. Assim, as características da vida embrionária precoce são modificadas nas superiores dos estádios posteriores, agarrando-se ao ser durante todo o estádio de crescimento fetal e estendendo-se ao estádio seguinte, em algumas espécies, em órgãos rudimentares que são, em alguns casos, perdidos logo após o nascimento e, noutros, apenas na vida adulta.

As diferenças específicas podem ser comparadas a características individuais, que permanecem fixas durante a vida, mas podem ser modificadas, em grau, para se adequarem a circunstâncias diferentes. O carácter parental, no essencial, imprime as características da criança sobre ela, embora estas possam diferir materialmente das dos pais. Disto se pode argumentar que as diferenças específicas podem surgir da extensão deste princípio de modificação para além do limite fixado como o do carácter específico parental; sendo isto efetuado por uma mudança radical nas condições do ambiente.

Esta última circunstância é aquela de que depende a mudança específica, pois sem tal mudança de condições, as modificações não se estendem ao ponto de alterar a individualidade das espécies; e a Natureza não fornece fundamentos para basear uma conclusão contrária a esta; as suas analogias evidenciam a favor da proposição. O ambiente, por exemplo, do selvagem, prende-o ao estado selvagem e fixa o carácter da sua descendência igual ao seu. Alterem-se os seus arredores, introduza-se na vida civilizada, e à sua descendência depois dele, e a geração logo aparecerá que revelará a influência da mudança de condições.

Novas características aparecem e, após muitas gerações, a raça nem sequer pode ser reconhecida como sendo do tipo selvagem original. No entanto, não houve mudanças estruturais indicativas de mudança de espécie. As modificações foram numa escala consistente com a

permanência do tipo original de vida, adicionando elementos de estabilidade que eram uma necessidade para fixar a sua durabilidade.

As diferenças existentes entre as quatro diversas Classes ou Grandes Tipos do Reino Animal são tão marcadas que é com muita aparência de consistência que se defende que não há evidência para provar que os superiores foram derivados através dos inferiores. E, no entanto, admite-se que estão ligados por tipos compreensivos. Este facto é tão significativo que, perante ele, à luz das sucessivas descobertas de elos na cadeia da vida, a circunstância de diferenças marcadas, tal como são reveladas hoje em dia e em restos fósseis, é de menor importância na discussão da derivação de tipos.

Tipos compreensivos, como definidos pelos Paleontólogos, são tipos que representam, por características típicas, tipos futuros. Eles combinam, tipicamente, com as características estritamente definidas da espécie a que pertencem, outras que são plenamente elaboradas numa espécie futura. Estes, conforme descobertos e nomeados por cientistas, são elos na cadeia da vida que ligam ordens inferiores de vida a superiores, sendo espécies que progrediram em direção ao ponto de culminação na evolução de espécies superiores — em direção ao ponto, não até ele. Estão relacionados com as espécies que são as verdadeiras representantes que inauguram novas espécies.

O facto é notado pelos observadores de que os tipos compreensivos são menos estáveis do que os seus predecessores; e deste facto poderia seguir-se logicamente que os elos que faltam desapareceram de facto. E isto é verdade para os elos reais que uniam as espécies que povoaram a terra em eras passadas e que agora existem. Eram instáveis pelo próprio facto do cargo que desempenhavam no programa criativo. As espécies, os elos de tipos e espécies, esgotam tanto a sua vitalidade pelo esforço extraordinário de dar à luz novas espécies, que desaparecem demasiado completamente, especialmente as dos tipos superiores, para deixarem sequer os seus restos fósseis.

Parece uma estranha provisão da Natureza, decorrente, claro, da lei natural, mas nem por isso menos surpreendente, que assim seja. Parece

como se a clarividência providenciasse para que nenhuma espécie chegue à maturidade enquanto a inferior, através da qual nasceu, ainda estiver em existência.

O homem revolta-se com o pensamento de que a ascendência da raça lhe seja inferior, enquanto ignora a lei da derivação do Espírito, não vendo consistência na noção de que o superior é derivado do inferior. O esclarecimento sobre princípios naturais dissipa muitos preconceitos inúteis, decorrentes de instinto mal guiado pela ignorância. À medida que a Ciência exercer a sua influência a favor da verdadeira teoria da derivação do homem e de todas as espécies, este preconceito desaparecerá, e não será estigma traçar a ancestralidade através da linha da Força Procriadora, que é o Braço Criativo da Natureza.

A Embriologia tem sido afirmada como não dando evidência da relação dos grandes tipos, por autoridade tão alta como o velho Agassiz; contudo, que o faz, ele próprio é autoridade. Ao descrever o ovo ovárico, através do qual todos os animais são igualmente produzidos, ele comenta: "O material de construção (dos órgãos) é, por assim dizer, fornecido pelo processo que divide a gema em inúmeras células, e pela assimilação e modificação gradual deste material os órgãos surgem. Numa palavra, antes que todo o sistema funcione, ele faz-se a si próprio a partir dos elementos dados pela formação de ovos independentes.

O seu primeiro cargo é a auto-estrutura. No período acima descrito, porém, quando as novas gerações de células acabam de ser libertadas e tomaram o seu lugar na região onde o novo ser se vai desenvolver, nada se vê do animal cuja vida está ali a começar, exceto o disco pelicular que jaz na superfície da gema." O itálico não é dele. O "disco pelicular" é sumamente sugestivo do grande tipo do Reino Animal que serve de base à vida dos outros, tal como esta massa sem estrutura serve de base à vida de todos os órgãos que hão de constituir o animal "cuja vida está ali a começar".

De facto, a representação típica das espécies em embrião não é em lado nenhum mais expressiva do que aqui, onde o Radiado é prefigurado no ovo do Vertebrado. A massa gelatinosa que compõe a Alforreca é aqui

exemplificada; e mais adiante, na textura e aparência dos órgãos incipientes, e no desdobramento da estrutura perfeita, tanto os tipos Molusco como Articulado podem ser traçados, tipicamente, pelo estudante que note cuidadosamente cada aparência, sem nenhuma teoria preconcebida a ser servida pelas suas observações.

O grande naturalista citado encontra o que designa por uma "unidade de conceção orgânica"; noutras palavras, semelhanças nos tipos e espécies variados e sucessivos de cada grande classe, que são tão impressionantes nas ordens superiores como nas inferiores da vida. Estas "semelhanças", diz ele, "significam que, quando o primeiro peixe foi chamado à existência, o tipo Vertebrado existia como um todo no pensamento criativo, e a primeira expressão dele abraçava, potencialmente, todos os elementos orgânicos desse tipo até ao próprio homem".

Elas significam, rastreadas como podem ser até ao mais baixo grande tipo de animais, e através dele até ao Reino Vegetal, e ainda mais abaixo até ao Reino inorgânico, onde este último teve a sua origem, que todos os tipos e variedades de formas de todos os reinos estavam no "pensamento criativo", como os meios eficientes pelos quais o universo se haveria de desdobrar até à sua capacidade máxima; e mais: significam que este "pensamento" atentou nos meios através dos quais esta criação maravilhosa haveria de ser efetuada.

Não era meramente uma criação "ideal" que haveria de ser, por isso deve haver uma relação real baseada na "relação ideal" que o naturalista afirma ser tudo o que consegue descobrir, se é que deve ser uma realidade baseada na lei e evoluída através da lei. O único modo de realizar ideias criativas é projetá-las na matéria; e as leis da matéria e da força determinam a linha de progresso que a forma tomará ao atingir o seu clímax.

A ideia da criação está representada no ovo, como citado acima: "O material de construção é fornecido pelo processo que divide a gema em inúmeras células, e pela assimilação e modificação gradual deste material os órgãos surgem". Aqui está representada a ideia da unidade da vida, e

da variedade que sucede ao desdobramento do processo criativo. As células representam órgãos de uma forma, e representam, nesta ideia, os tipos básicos necessários que são construídos sobre um. Primeiro, a expressão incoerente de tipo na célula, o germe que se desdobra; e depois, a sua expansão e perfeição gradual, como um órgão do grande corpo da Natureza, como ela é. E aqui, no desdobramento do embrião, está a ideia elaborada através da matéria, diante dos próprios olhos daquele que não conseguia, ou não professava, vê-la.

Essências germinais, a base de toda a vida, surgindo da ação da Força Reprodutiva, que se mostra assim ser a Força básica; estas essências passando por estádios de progresso, sendo cada estádio, na verdade, um sobre o qual se constrói uma ordem de vida; e passando ao clímax atingido pelo progenitor do germe, o plano é alcançado onde a evolução de novos estádios já não é a ordem, mas onde as forças se concentram para aperfeiçoar a forma, ou a matéria nesse estádio; — quão perfeita a similitude entre a ideia e a expressão física dela! E quão sublime o pensamento de que a Mente Criativa simplifica assim as lições que o homem deve aprender, e assim as repete "preceito sobre preceito", para que ele não falhe, finalmente, em captar o seu significado.

É verdade que a linha divisória entre os Grandes Tipos é mais larga do que a que separa as espécies do mesmo tipo. Eles são tão distintivos que levam os Naturalistas quase a ignorar a relação que realmente existe e é apontada, mas como não tendo significado em relação à origem ou descendência, pela classe que persiste na teoria da "Criação Especial". A ampla divergência de tipos resultante da evolução pela ordem descrita é explicada pela diversidade de elementos criados pelas mudanças que inauguram os Grandes Tipos uns após os outros.

O seu uso na Natureza é atuar sobre todos os elementos de cada variedade evoluída no decurso do processo de preparação de uma superfície planetária. Água, terra e ar devem ser povoados por formas vivas e respirantes, que hão de servir como purificadores do elemento ao qual cada uma está estruturalmente adaptada. Os tipos representam a diversidade dos quatro Reinos — Elemental, Mineral, Vegetal e Animal — e reagem uns sobre os outros pela mesma lei. A diversidade decorrente

das condições naturais na superfície é o complemento necessário da coexistência dos quatro Tipos, como o é dos quatro reinos. Cada um é necessário a todos, e todos a cada um; e se as suas relações não podem ser tão prontamente rastreadas e definidas como nos quatro reinos, é pela razão óbvia de que a ciência ainda não as fixou claramente. As subdivisões dos grandes tipos representam as dos sub-reinos; tipos, ordens, famílias, géneros e espécies, tendo os seus representantes em cada reino, que estão relacionados como eles, e como eles interagem para o desenvolvimento mútuo, e para levar a cabo o trabalho de evolução em cada plano de todos os reinos.

O facto de existir diversidade de tipos e reinos, e de as quase infinitas variedades de tipos estarem tão entrelaçadas e interdependentes, é evidência quase demonstrativa a favor da proposição de que é por meio de todas as multitudinárias variedades de vida que a matéria é elevada e purificada, e a força evoluída para se adequar aos estádios progressivos de refinamento dos elementos materiais.

O erro que os Naturalistas da Escola Darwiniana estão a cometer relativamente à derivação das espécies é aquele que naturalmente decorre da ignorância da lei da vida baseada na existência do Espírito. Observadores atentos não podem perder de vista, nem ignorar, as semelhanças das espécies que denunciam relações que se estendem em longas linhas desde eras remotas; e traçam a genealogia de algumas espécies existentes recuando muito através de estratos de muitas formações por restos fósseis, baseando nisto e noutros factos tão pertinentes uma teoria que é a mais próxima da revelada pela Natureza de qualquer outra que o homem já tenha elaborado.

O grande factor deixado de fora do problema é o Espírito; e tentar resolver qualquer questão relativa aos fenómenos naturais sem isto é como o esforço para resolver qualquer problema de matemática deixando fora do cálculo o factor mais importante. Tais esforços, como este último, devem sempre provar-se fracassos; e o mesmo acontecerá com os de todos os que tentam basear a vida apenas em fenómenos físicos, não reconhecendo de todo o Espírito, ou reconhecendo-o num estilo tão vago e sem sentido que não lhe dão lugar no mundo das

causas que se combinaram para fazer da Natureza o que ela é. O orgulho e a jactância da Ciência, de que deve pesar e medir todos os fenómenos com precisão, não ignorando nem o menor iota que possa, por qualquer possibilidade, ter influência na descoberta da verdade — a verdade, que é a única coisa a ser procurada, "embora os céus caiam" —, esta assunção, apresentada pelos expoentes da Ciência, cai por terra, e acrescenta o maior estigma, perante os esforços constantes e persistentes dos Cientistas para apagar este factor do problema da Criação.

Os fenómenos que, acima de todos os outros, ajudariam a decidir corretamente as maiores questões da era, são postos de lado, ignorados, desprezados, como apenas dignos da atenção das mentes mais inferiores; enquanto os homens sábios seguem pesadamente o seu caminho, deixando à classe de mentes que mais desprezam o trabalho de esclarecer estes pontos importantes na ciência. Assim seja! A Natureza basta-se a si própria! Ela "esconde dos sábios e prudentes", no seu próprio conceito, o que ela "revela aos pequeninos"; os quais, por virtude de alguma capacidade oculta ao olhar comum, estão preparados para receber a revelação.

Os fenómenos físicos são a chave para a verdade. Os homens observam através de órgãos físicos, aplicam os poderes do intelecto ao que é revelado a esse intelecto no plano físico, enquanto estão nesse plano. Supõe-se que a perspicácia mental seja suficiente para penetrar o véu do físico e observar algo que está por trás disso, ou qual seria a utilidade de observar? São as relações das coisas, reveladas por esta aparência exterior, que mais interessam ao mundo intelectual; e estas são apreendidas pelo Espírito — elas são as realidades que a Mente mais anseia em todas as pesquisas sobre coisas passadas e presentes.

As relações da Mente com a Matéria assim exibidas, as dos ideais da mente expressos no mundo da matéria e das formas, são as relações existentes entre a matéria, o elemento inferior, e o Espírito, o Superior. Elas escrevem-se em todas as coisas. O Cérebro pensante expressa-se na página escrita e mostra-se aliado a todas as coisas pela sua capacidade de se estender a todos os campos de pesquisa; e descobrir, classificar e aplicar factos. A Vida Magnética da matéria revela-se nas multifárias

formas que esta assume, e nas formas em que serve os propósitos da Mente e da vida inferior.

Pensar é dissipar a noção materialista de que a matéria é tudo na Natureza. É estabelecer o facto de que existe algo intangível aos sentidos físicos que opera na delicada estrutura do cérebro para suscitar o fenómeno do pensamento. Sendo admitido que o fluido Magnético que opera diretamente sobre o cérebro físico é físico, ele é, no entanto, demasiado etéreo para ser apreendido pelos sentidos físicos. Ora, dar o passo através do abismo que separa o material do espiritual é reconhecer um fluido relacionado com este tão intimamente que interage com ele segundo o mesmo princípio que qualquer positivo atua com o seu negativo.

É apenas ir um passo mais além na eterealização da substância do que o alcançado no inapreciável fluido nervoso que se acredita comandar as forças da vida e montar guarda no seu portal. Quem presumirá fixar este ponto como o limite do refinamento da força! uma vez que ele apenas ocupa, por assim dizer, o vestíbulo da vida; — o cérebro e sistema físico, como o arrumador para o Templo onde o Espírito ou a Mente habita, que é uma força que domina a outra, embora seja demasiado etérea para atuar diretamente sobre um elemento mais grosseiro! Quem está disposto a arriscar a sua reputação de sagacidade e precisão de pensamento no inquérito analítico, recusando-se a admitir que os fenómenos apontam para um grau de força superior ao físico, cujas interações com este último tipificam as interações das forças magnéticas no plano do físico, e são para a vida de toda a Natureza o que estas últimas são para a vida de planos subordinados na Natureza material?

Quem está disposto a declarar abertamente que a Ciência pode resolver, para sua própria satisfação, um único ponto vital para a grande questão da Origem da Vida e das Espécies, sem admitir na discussão algo ainda não invocado, ou mantido à distância por mera força de preconceito ou adesão irracional a velhas teorias e métodos de observação?

A repulsa que os eruditos sentem em reconhecer o Espírito como tendo direito a um lugar entre as Forças da Natureza, para ser discutido por métodos científicos, deve-se, sem dúvida, ao facto de ele ter sido sempre investido com um véu de santidade que proibia a intrusão nos seus mistérios pelos não santificados. A consequência tem sido que, ao lidar com a coisa sagrada, como ela verdadeiramente é, a ignorância, a credulidade supersticiosa, tomou de tal forma o lugar dos métodos lógicos de inquérito sobre a sua natureza e funções, que expulsou do campo, em desgosto e incredulidade, aqueles mais qualificados para encontrar o lugar na Natureza onde esta força pertence e para lhe atribuir o seu verdadeiro cargo.

Especificar as eras exatas na sucessão geológica da história da Terra em que a vida vegetal e cada grande classe do Reino Animal apareceram, e a espécie particular da classe inferior através da qual a seguinte superior foi evoluída, e a espécie particular ou tipo compreensivo através do qual qualquer uma superior ou inferior do mesmo grande tipo foi desdobrada, não é o propósito desta obra. Cabe aos investigadores traçar os princípios aqui declarados e especificar, no interesse da ciência, quaisquer elos que possam ser descobertos unindo tipos e espécies. Tais especificações aqui estenderiam a obra além de limites razoáveis, visto que tanto espaço é necessário para declarar os princípios envolvidos neste assunto tão abrangente. Referências incidentais são tudo o que pode ser feito a qualquer tipo ou espécie de qualquer um dos reinos.

A divergência de tipos no plano descendente, e a deterioração de ramos dos grandes tipos, seguem-se como consequências necessárias de condições que os ultrapassam; ou do facto de ficarem atrás dos representantes superiores do seu tipo pelo facto de se tornarem isolados de influências tais que são necessárias ao seu progresso. As ordens elevadas de *Mammalia*, por exemplo, que culminaram no período Pós-Terciário, deixaram muito atrás de si muitas espécies que deterioraram, após um certo estádio ter sido alcançado; esta consequência seguiu-se a perturbações que afetaram desfavoravelmente as condições locais em algumas instâncias, e inverteram a ordem do progresso — isto é, desviaram a maré do desenvolvimento do fluxo para o refluxo. Há

necessidade de todas as ordens de vida que alguma vez fazem a sua aparição num planeta; assim, a justiça perfeita deste arranjo natural parece clara. Os necrófagos de hoje em dia, que são os descendentes de tipos mais nobres, são elementos de segurança para os habitantes superiores de qualquer distrito onde se encontrem. Está sempre a decorrer o processo de decadência e desintegração que causa uma acumulação de elementos prejudiciais à vida, e que devem ser reabsorvidos por alguma forma congénere a fim de que as condições vitais avançadas não sejam perturbadas.

As miríades de formas que povoam a terra, a água e o ar têm todas as suas utilidades peculiares no elemento onde vivem, e tornaram-se o que agora são na terra através das modificações que ocorreram nas espécies, desde o período em que a evolução das espécies era a ordem. Estabilidade de condições não significa estagnação; a mudança que é um levantamento gradual de tudo o que é suscetível de melhoramento, e decadência do que não o é, é a ordem após se ganhar tal estabilidade que complete as ordens de vida num plano, com a estrutura da superfície.

Os Paleontólogos descobrem que a radiação de tipos a partir de um grande tipo, e de espécies a partir de uma espécie ou tipo, começa não pelo ramo ou ramos mais baixos ou mais altos do tipo precedente, mas pelos intermédios; sendo as radiações para cima, para fora e para baixo. "Tipos Compreensivos e espécies associadas", diz Dana, "ocupam pontos nodais, como podem ser chamados, ou pontos de divagação muito remotos, na maioria dos casos, das espécies mais baixas de um grupo". E novamente:

"Um tipo não é desenvolvido pela aparição de espécies na ordem de grau". A divergência dos "pontos nodais" faz-se pela lei da modificação pelas condições, e por tipos e espécies superiores substituindo os inferiores, e vice-versa; de acordo com as circunstâncias mutáveis e os requisitos de eras sucessivas.

O planeta ultrapassou a flora da era do carvão. Os gigantescos Carnívoros e Herbívoros do Pós-Terciário não têm lugar na fauna da presente era; nem os répteis monstruosos e as enormes aves reptilianas

das eras anteriores ao Terciário. As condições modificaram as espécies de modo a que estas coincidam com as suas utilidades nesta era. Os peixes devonianos deram lugar aos de hoje, quando a pureza das águas e do ar são consistentes com a existência de animais aquáticos adaptados à era do homem. A exuberância da vida animal marca as eras de culminação dos tipos, pois é então que existe uma superabundância de vitalidade que é utilizada para impulsionar o trabalho de transformação das condições na superfície. A vida aérea desenvolve-se quando a atmosfera se torna adequada para ela, e quando pode servir o propósito das espécies Mamíferas superiores de eras posteriores, cujos pulmões requerem uma atmosfera pura.

Tudo na sua devida ordem e tempo, como antes observado, é a máxima da Natureza, da qual ela nunca se afasta, a não ser na aparência. Mamíferos típicos, aves, répteis e peixes típicos, que não são verdadeiros tipos compreensivos ou não são os originadores destes grandes tipos, aparecem como os precursores das formas que não estão qualificados para desdobrar. São desdobramentos prematuros e imperfeitos na estrutura, e não propagam a sua espécie além de um certo limite. A verdadeira descendência linear dos verdadeiros tipos não é, portanto, através destas formas típicas ou dos seus progenitores.

A distribuição de tipos e espécies dos Reinos Animal e Vegetal sobre um planeta, a partir dos centros onde surgem, efetua-se através de migrações de famílias ou indivíduos, e através dos ventos e das ondas, e das aves do céu que espalham a semente antes que a iniciativa do homem assuma o trabalho. Uma temperatura equilibrada sobre a superfície é o meio potente que, nas eras primitivas, favorece todos os graus e espécies de vida em todas as Zonas. As mudanças graduais de clima, que ocorrem à medida que a superfície continental desdobra o seu carácter regulado e as correntes atmosféricas e oceânicas fixam gradualmente as linhas térmicas, favorecem o pleno desdobramento dos grandes tipos em todas as Zonas e desenvolvem a adaptabilidade nas espécies aos seus diversos habitats.

A era que fixa os contornos das Zonas fixa o habitat das espécies; determina as ordens de vida de ambos os reinos que podem, daqui em

diante, prosperar nas diversas Zonas. As modificações de tipos por influências climáticas estão em progresso durante muitas eras antes de as suas características se tornarem fixas; e a prova que confere resistência extermina as espécies mais fracas de um tipo nas latitudes extremas e temperadas.

A vida vegetal e animal aparecem simultaneamente em muitas localidades sobre um planeta, e os Grandes Tipos fazem a sua aparição nos quatro cantos de um planeta ao mesmo tempo, ou quase isso. A temperatura térmica das águas, que é o elemento que primeiro dá à luz a vida de ambos os reinos, favorece a evolução da vida sobre vastas áreas de superfície submersa, onde a rocha é da qualidade adequada para ceder as suas correntes de força, para ajudar as dos outros elementos, no enriquecimento de leitos sedimentares que produzem os primeiros germes.

Assim, os centros de vida são numerosos desde o início; e o instinto impele a vida para fora destes centros, como ramos que saem de uma árvore, e ramos menores dos maiores, e galhos destes, preenchendo assim o círculo com a forma completa; as folhas, de certa forma, representando os indivíduos de espécies que ocupam toda a superfície disponível e todos os elementos.

O princípio da evolução das espécies através de espécies inferiores pode ser ilustrado exemplificando uma espécie, como a dos animais terrestres — traçando a lei da modificação até à culminação na evolução de uma espécie superior. Isto exemplificará a evolução da raça humana. Uma espécie cujos instintos estão devidamente desenvolvidos escolhe a sua localização num território acessível que seja favorável à sua existência e expansão. Vive durante eras, desenvolvendo força e estabelecendo estabilidade através da lei da "sobrevivência dos mais aptos", melhorando os seus instintos e todas as características gerais através deste meio e da melhoria gradual do ambiente.

O período de culminação chega, finalmente, quando esta atinge o seu clímax de expansão e desenvolvimento como espécie. O melhoramento fez o seu melhor e, ainda assim, a espécie permanece

inalterada no seu carácter específico. Os indivíduos de carácter mais elevado, porém, propagam a sua espécie neste plano até que ocorra uma mudança no ambiente que favoreça o seu melhoramento posterior, mudança essa que acaba por culminar em condições tão alteradas que as essências germinais mudam o seu carácter, ao ponto de as características específicas se alterarem na descendência. Uma espécie pode assim dar à luz várias outras, antes que a sua vitalidade se esgote; sendo esta variação em consequência da diferença decidida de condições das diferentes localidades onde são produzidas.

A Terra atingiu um estádio distinto daquele que deu à luz o tipo progenitor e, por isso, são fornecidos elementos que podem ser apropriados para a vida germinal, os quais não existiam no estádio anterior na mesma forma. As forças magnéticas do planeta foram tão estimuladas que uma nova força, ou novas forças, foram evoluídas, as quais são encarnadas na nova espécie. É a Natureza, a Grande Mãe, que instituiu o nascimento, ao fornecer um germe que é diferente do fornecido à antiga ordem de formas.

Depreende-se do que foi dito em relação ao assunto, aqui e noutros locais, que a Natureza, no lado espiritual, fornece os germes de vida para todas as formas individuais de cada tipo e espécie, e para cada nova espécie; usando organismos físicos como as matrizes através das quais dá à luz a forma, e o impulso reprodutor como o meio de a instituir. A vida provém da mesma fonte, seja de que grau ou tipo for. O Espírito é a "Pomba Descendente" que consagra a matéria ao trabalho de formação. Pelo ato da geração, os pais não conferem à descendência forças vitais próprias suficientes para completar a individualidade desta última.

Para usar uma comparação familiar, eles semeiam a semente que está instintiva de vida, e o germe, no solo congénere, atrai para si da generosa Natureza elementos para causar a expansão na forma que era apenas germinal na semente. Os pais ligam o germe com a Natureza, de modo a forçar esta última a completar o que a força generativa começou. As atrações do germe implantado são pelo seu semelhante e, com condições adequadas, são de uma força que assegura o seu crescimento e desdobramento no tipo perfeito dos seus progenitores.

Sendo a espécie humana um tipo de todas as outras, o modo de desdobramento da individualidade pelo germe humano é ilustrativo do modo de individualizar espécies e formas de cada grau. Nascidos da mulher, os seres humanos estão, no lado animal, relacionados com o animal através de laços de sangue; no lado espiritual, estão relacionados com o Grande Pai por laços tão estreitos como os que unem pai e filho. Gerados pela força procriadora, como todas as outras formas, eles vêm à existência, inicialmente, através desta instrumentalidade, quando as forças espirituais de um planeta estão preparadas para conferir o grau adequado de vida germinal.

As espécies de animais tornam-se aperfeiçoadas ao ponto de culminarem no plano imediatamente abaixo do humano; e o progresso posterior no plano animal é, por isso, impossível. Se o desenvolvimento planetário cessasse aqui, não poderia haver mais progresso de vida ou de espécies. Se a ordem fosse que todas as forças se concentrassem neste plano, esta época seria a culminante da existência de um planeta, e a rápida dissolução das suas forças seguir-se-ia; pois o progresso ou a degradação é a regra, e não há, nem pode haver, uma longa permanência em qualquer plano por qualquer forma ou sistema de forças.

É oportuno aqui declarar, quanto ao tema do desenvolvimento humano, que o clímax da evolução foi atingido em três secções distintas do planeta contemporaneamente, e as espécies ancestrais foram três, tão estreitamente aliadas que cada uma delas produziu o homem. O tipo humano é dividido em espécies pelos etnólogos na atualidade. A significação técnica da palavra espécie, aplicada a diferenças fixas no tipo que se referem à estrutura, etc., não sustenta de modo algum esta classificação. Variedades, existem muitas no tipo humano.

As variedades dentro dos limites de uma espécie são definidas com perfeita propriedade como subdivisões acidentais da mesma; a variação não se estendendo ao limite de alterar características específicas, mas modificando-as, possivelmente, até à fronteira extrema de uma espécie. "Espécies nascentes", poder-se-ão designar as variedades da raça humana; o termo significando diferenças que confinam com variações específicas reais tão de perto que é como se a linha que limita a variação

dentro dos limites de uma espécie fosse quase ultrapassada. A raça humana é uma unidade na variedade. O seu cargo é o mesmo onde quer que exista; todas as variedades do tipo estando adaptadas às condições que as desenvolveram, e também ao trabalho de melhorar essas condições e a si mesmas.

A inteligência e o vigor físico são o que constitui as qualidades salvadoras das famílias da humanidade; e estas são fomentadas pelo ambiente; sendo inicialmente conferidas às variedades primitivas em proporção às condições favorecedoras da ascendência e das secções onde apareceram. As variedades humanas cruzam-se com tanta facilidade como as famílias de um tipo, onde ambas são férteis. O poder de se propagarem indefinidamente que a descendência de variedades mistas possui é o que decide que a sua relação seja a de indivíduos de uma espécie.

"Um homem é um homem apesar de tudo." Apesar de todas as distinções de raça, cor e capacidade intelectual, todos os homens são dotados do princípio espiritual que os constitui filhos de uma só família. "Herdeiros de Deus e co-herdeiros" do domínio da Natureza, todos são feitos pela proporção superior da Força Superior conferida à espécie quando esta se ramificou do progenitor. Aqui houve convergência de força para o ponto onde uma forma superior assumiu o seu lugar onde Deus a designou, de acordo com o registo bíblico e de acordo com a lei imutável.

As três espécies progenitoras estavam tão estreitamente relacionadas em respeito à força espiritual e capacidade intelectual que convergiram para um ponto na linha de fronteira da espécie, e a descendência de cada uma foi humana; — aqueles produzidos naquele plano único onde a força espiritual exerceu a sua força máxima em obediência ao apelo das forças físicas atrativas. Uma variedade, distinta em características muito marcadas, representava cada uma das três espécies ancestrais na sua própria secção distinta; as quais deviam cooperar como forças diversas e, no entanto, suficientemente relacionadas para servirem como auxiliares necessárias umas às outras.

A questão quanto à espécie particular de animal que serviu o propósito de implantar um germe que deveria depois ser fecundado com uma força superior a qualquer outra que o planeta pudesse fornecer, perde importância perante o grandioso princípio que traça a derivação do germe superior a uma fonte espiritual. De acordo com este princípio, as novas qualidades específicas são derivadas não das espécies ancestrais, mas da Natureza, que preparou estas últimas como geradoras dos germes que hão de expandir-se e extrair do reino da força não encarnada elementos para fixar a diversidade de espécies na descendência. O axioma de que o que alguém não tem não pode dar aplica-se aqui. As novas características específicas, a espécie progenitora não as tinha.

Elas tipificavam a forma vindoura em todo o seu carácter; as suas características tinham sido tão modificadas que as empurravam para a beira do plano superior; mas havia um abismo que elas de modo algum podiam atravessar. Esgotaram as possibilidades do seu ser ao dar à luz germes de tão alta ordem, e o seu destino foi a rápida deterioração e a extinção célere. Até ao seu próprio plano culminante, tinham progredido como todas as outras espécies; indivíduos representando a espécie tinham passado este plano, conforme fixado pelos Naturalistas, e tinham melhorado ainda mais; assumindo características típicas deste sucessor superior. Isto foi o "atravessar o Rubicão" e, além dele, encontraram o destino vaticinado para os transgressores no terreno proibido de uma aristocracia exclusiva.

A lei da geração que faz do animal o progenitor do homem fixa características animais na constituição humana, e estas nunca podem ser erradicadas, tal como a relação entre espírito e matéria; pois o animal é o elo que liga a raça aos reinos inferiores e, dele, esta última herda propensões tão importantes para a sua existência como qualquer outra que possua. As qualidades inerentes da verdadeira humanidade são, em certo grau, prefiguradas no bruto. O que o bruto tem em parte, o homem tem em proporções plenas. A mentalidade do homem e as suas qualidades instintivas são uma combinação daquelas do mundo dos animais abaixo dele. Em alguns indivíduos, uma característica de uma tribo ou espécie será muito proeminente, noutros, outra; e assim se

podem traçar na humanidade, aqui e ali, entre diferentes tribos e raças, todos os instintos brutais; desde a propensão astuta e rasteira do insignificante roedor, a guile da serpente, a traição da raça felina, até aos impulsos mais nobres dos animais superiores, como a fidelidade do cão e das bestas de carga domésticas; a independência e o sentido de justiça e confiança que é exibido por estes dois últimos e pelo elefante, a paciência do boi e do camelo, etc., etc. Os homens por vezes exibem os traços brutais intensificados, destruindo a vida pelo mero prazer do assassinato ou pilhando pelo gosto de o fazer. Isto é uma exibição da inversão das faculdades naturais.

Os carnívoros destroem a vida para satisfazer uma fome quase insaciável; alimentam-se conforme a presa pode ser obtida, e matam para que possam comer, e para proteção de si mesmos e das suas crias, e para defender o seu direito às suas fêmeas. O homem, normalmente desenvolvido, não faz mais do que isto, mesmo num estado inferior. A selvajaria tende para uma inversão das faculdades humanas, e os homens no chamado estado civilizado exibem frequentemente os traços pervertidos de uma ascendência selvagem sob uma luz mais forte do que os traços mais naturais da raça animal.

As espécies ancestrais do homem — sendo este o caso em qualquer planeta — tinham instintos elevados. Como as espécies compreensivas que pressagiavam a raça intelectual que haveria de ser, eram um prodígio de intelectualidade no mundo animal. As mães da raça humana foram espiritualizadas a um grau que nenhum outro animal poderia ser, pelos seus hábitos instintivos. Eram protegidas do contacto com outras espécies animais e com todos os machos da sua própria espécie, exceto os seus companheiros, pelos instintos superiores dos machos.

Os instintos da espécie eram monogâmicos; e, por este meio, os indivíduos propagavam espécimes puros, geração após geração, em localidades isoladas da invasão de indivíduos intrusos de outras espécies relacionadas que eram de temer. O isolamento em localidades onde a abundância prevalecia, e todos os arredores eram elevados e calculados para fomentar todos os instintos superiores, era a condição necessária para a elevação dos progenitores, e especialmente do ser materno, ao

plano onde a vida germinal pudesse ser da qualidade necessária para assegurar a reprodução dos espécimes mais elevados possíveis do tipo; e para ir além disto, no momento oportuno, quando as forças estivessem maduras para a concessão de uma vida germinal superior, para vivificar os embriões que a força reprodutora fornecera.

Os progenitores da raça alimentavam-se de ambrósia e néctar, em jardins onde a beleza florescia para eles, e onde a Natureza tinha espalhado profusamente tais frutos que produziam os mais elevados elementos magnéticos possíveis na altura. Reuniam em si, através do seu alimento e de todo o seu ambiente, o grau mais elevado destes elementos que podiam apropriar, o qual era o mais elevado em existência até que a nova força fosse adicionada à Natureza nas suas localidades, que haveria de transformar as condições ali.

Então a Natureza dotou os germes que eles reproduziam com a nova força, e uma nova espécie nasceu. Tinham até superado a si mesmos ao gerar uma vida germinal que era de qualidade atrativa para a essência mental germinal. É sempre um prodígio da Natureza este ultrapassar dos limites da espécie pelos germes, suficientemente para captar o fôlego de uma vida mais divina do que a que os pais podem transmitir, que a Natureza mantém em prontidão para aqueles que estão devidamente dotados. E, no entanto, é o milagre da vida — o princípio sobre o qual cada forma é instituída.

O período da vivificação, no embrião humano, marca uma época importante no seu desdobramento físico. É o período em que as forças físicas são despertadas por um influxo de energia que fortalece cada órgão e dota o ser incipiente, em toda a sua extensão, de uma vida nova e mais enérgica. Com esta energização do ser material vem a do espiritual. As forças físicas e espirituais do embrião estão em simpatia e, quando chega o momento em que o ser exterior deve ser vivificado, é então que ocorre a germinação posterior, mencionada numa página anterior.

Então a individualidade incipiente do ser embrionário irrompe em individualidade completa. Então o "sopro de Deus" é soprado no embrião;

e o que era antes o germe de um ser imortal à imagem da Divindade, torna-se plenamente imortalizado — investido com o atributo da inteligência e de cada faculdade humana, no grau que fixa a eternidade da individualidade. O germe possui, antes disto, estas faculdades apenas em incipiência; isto é, em proporções incompletas; e sem este processo de vivificação, não poderia atingir o nascimento; pois a vivificação física é o complemento seguro da espiritual, e ambas juntas vestem o embrião com o atributo do ser, numa plenitude que assegura o seu pleno desdobramento; sendo favoráveis as outras condições.

A vida conferida pelos pais na conceção é da sua própria vida; a geração de um germe vivo sendo efetuada através da cooperação das forças de ambos, fornecidas por cada parte e elemento da constituição, física e espiritual. Os fundamentos do ser da descendência são lançados neste período, quando são impressas as características parentais com maior ou menor distinção, de acordo com a positividade de carácter possuída por eles, ou condições mentais e físicas na altura. Como ambos os pais contribuem com espírito e força material para formar o germe incipiente, as características mentais e físicas de cada um são impressas nele.

"Cada coisa segundo a sua espécie" foi o decreto da Força Omnipotente; e por esta lei. No entanto, daqui não se segue que os pais na conceção confiram toda a vida germinal que a descendência deve possuir para assegurar a imortalidade, ou para sustentá-la até ao período natural do nascimento, tal como não se segue que a semente lançada no solo possua todos os elementos necessários ao desdobramento da planta. O solo é uma matriz que é o meio pelo qual são fornecidos elementos para auxiliar a germinação completa da semente. Pode ele próprio ser riquíssimo em elementos fertilizantes; contudo, algo mais é necessário; influências etéreas, luz solar e humidade fornecem o que falta, mas que é indispensável para a maturação do germe.

Influências etéreas — essências espirituais da qualidade para formar a mente germinal — são o que o embrião necessita na conjuntura descrita. Estas derivam de éteres magnéticos da mente que estão em proximidade com o embrião na altura; sendo as emanações de seres

espirituais que, se são de um grau para compreender todo o seu dever, usam esforços especiais para impelir correntes do seu magnetismo mental dentro da esfera da mãe no momento crítico, quando o ser germinal está maduro para atrair o seu germe adicional de força espiritual. Milagre da Natureza! esta germinação espiritual do imortal incipiente!

As correntes espirituais que pairam, e que são as influências celestiais para as mães humanas mortais de todos os graus durante a gravidez, são as únicas acessíveis ao embrião; pelo facto de que os guardiões espirituais são os únicos que impelem forças espirituais de qualidade adequada para dentro do ser ou da esfera imediata da mãe com força suficiente para as fazer penetrar até à esfera do embrião, onde os germes podem ser agarrados pelas forças deste último e apropriados como elementos mentais. É o trabalho do espírito efetuar esta consumação, e ele fá-lo por virtude do seu cargo como guardião; sendo necessário que um guardião entre *en rapport* com o seu protegido, em certas ocasiões, o que significa infundir os seus próprios éteres magnéticos por todo o sistema do seu sujeito. A inteligência nas esferas superiores da vida fixou esta lei de guarda, que implica tanto para a raça humana neste uso particular.

Nenhuma contingência pode, ordinariamente, ocorrer para impedir a derivação da qualidade adequada de vida germinal no tempo certo; visto que a esfera magnética da mãe está impregnada com as essências da mentalidade do seu guardião, esteja ela num estado de espírito espiritual ou não no momento crítico; ou seja ela de natureza espiritual ou moral elevada ou baixa, pelo facto da assistência constante dele e das frequentes concessões das suas forças mentais para a esfera dela. Guardiões adequados a todos em mentalidade é a regra; e cada mãe derivará um germe para a sua descendência que coincidirá com o carácter conferido pelo ato da geração.

O estado de espírito das mães na altura tem uma influência importante na fixação do carácter do germe; visto que ela pode, quando num estado espiritual superior, atrair germes mais elevados do que o seu guardião imediato pode conceder — germes da esfera de um espírito de

grau superior em todos os sentidos, que estará presente no momento certo para fazer o que puder para impelir as suas forças mentais ao alcance do embrião; ou ela pode repelir os germes mais elevados que o seu próprio guardião poderia fornecer, ao estar num estado de espírito rasteiro. Ai da criança imortalizada sob estas últimas circunstâncias! mas a bênção será inevitavelmente a herança da outra.

Os companheiros mortais perto da mãe não podem infundir através do seu ser elementos do grau adequado para fornecer o elemento necessário ao ser germinal. O que é conferido por eles é demasiado material, ou combina demasiada essência material com o espírito para ser atraído pelo germe espiritual do embrião; o qual, como se compreenderá, é uma esfera de força espiritual por si só, que deve ser fortalecida por um átomo de Força Deífica para completar a sua individualidade.

O homem físico fornece as essências mais elevadas da mentalidade das quais os animais superiores podem extrair germes para a descendência, quando o homem e as suas influências são acessíveis pelos brutos. Quando ele não é acessível, éteres magnéticos impregnados com essências mentais de seres espirituais fornecem esta força ao mundo material. Isto está em correspondência com a lei da vida em cada reino do físico.

A pormenorização deste assunto manifestará uma lei, a mais abrangente nas suas consequências e, portanto, da maior importância. A lei é tão fixa como a lei da existência; e os seus requisitos devem ser estudados, como os de qualquer lei que envolva o bem individual. É um dever proclamar por toda a terra, tanto quanto os homens e as mulheres prestem atenção, o que pertence à geração que pode ser influenciada pela ação voluntária por parte dos pais.

É tão impossível para o organismo materno fornecer essências espirituais para completar a estrutura da parte espiritual — a mentalidade do embrião — como fornecer o nutrimento material para alimentar a parte material. Ela faz isto último apenas como o meio através do qual a Natureza fornece nutrimento ao feto; e assim a constituição espiritual da mãe — a sua mentalidade — é o meio sobre o qual se atua na

transmissão de essências espirituais para completar o germe. O anseio por nutrimento, material e espiritual, pelo embrião, é o que atrai isto para si. O estômago ansiará por comida e, se esta não for fornecida, o corpo consumir-se-á sob a ação das forças do sistema. Assim, parece que as forças atrativas do sistema têm uma linguagem, e que a fome é essa linguagem; e que esta denuncia um processo real a decorrer dentro do sistema. Quando o alimento é fornecido, estas forças usam-no para o corpo.

Ora, o organismo materno é suprido de fora com o que satisfará os anseios do ser germinal, ordinariamente, sem a ocorrência de fenómenos extraordinários; estes apenas ocorrem na ocasião da vivificação (*quickening*). Esta é uma época em que o germe atingiu um estádio em que há um apelo extraordinário por elementos para fortalecer todo o ser; e a mãe geralmente sofre em consequência disso. Se ela for fisicamente muito vigorosa e a sua mentalidade for bem equilibrada, poderá não notar a época; mas esta é acompanhada por fenómenos tão peculiares que poucas mães deixam de a apreciar, em algum grau. As forças atrativas do embrião buscam, por todo o sistema materno, aquilo que o ser deve ter, e alcançam o exterior deste, atraindo éteres magnéticos para fortalecer os fluidos do corpo.

Tendo o cérebro embrionário desenvolvido uma capacidade para a aquisição de forças espirituais superiores às que até então possuíra, recorre à Natureza através dos órgãos espirituais da mãe, com uma força que compele estes a recorrer a forças fora de si própria para o suprimento. O resultado de tudo isto é que o sistema nervoso materno é excecionalmente afetado, e a mente fortemente operada. A simpatia do organismo físico e espiritual causa, em alguns casos, prostração nervosa acompanhada de histeria; noutros, males físicos são agravados e resulta indisposição por um breve período, acompanhada de perturbação mental de algum tipo.

A variedade de fenómenos que acompanham este período corresponde à variedade de constituições entre as mães e às variadas circunstâncias que o acompanham. Contudo, sejam eles quais forem, as mesmas causas operaram para os produzir em todas. A mulher

nervosamente sensível, a de mente espiritual, é a mais afetada em tais períodos. O espírito de oração é por vezes despertado; e as "Marias" que deram à luz Salvadores podem traçar a origem do dote espiritual superior de um filho na sua própria mentalidade espiritual no período crítico que conferiu ao filho o dom de uma vida germinal completada.

A Ciência da Reprodução Humana e a Influência do Espírito

Existe uma filosofia envolvida na produção de espécimes superiores da humanidade por pais medíocres, ou que pouco estão acima da mediocridade, que explicará em grande parte a variação das espécies; sendo pelo melhoramento das espécies que esta produção é efetuada. Há uma ciência envolvida na reprodução da raça que deve ser compreendida; pois ela subjaz a todo o treino físico e moral, e o desrespeito ou a ignorância da mesma é frutífero em males para a humanidade em geral. O estudante que seguiu cuidadosamente para onde os princípios precedentes conduzem não poderá falhar em compreender o que é esta filosofia, esta ciência; contudo, é bom chamar especial atenção para pontos numa discussão que significam tanto como este acima nomeado.

Não é uma história mítica a do Nazareno, que deixou a sua marca nas eras e que vive na fé de milhões — o puro, o exaltado, o de mente espiritual, emular o qual em todos os passos da vida é a salvação das corrupções da carne. Nem a história de multidões de indivíduos superiores deve ser questionada, os quais, como Jesus Cristo, viveram acima do horizonte espiritual da sua era ou, como Newton, Goethe ou Shakespeare, ultrapassaram os seus semelhantes em capacidade intelectual. É legião o nome daqueles que foram dotados acima dos seus pares, e acima dos seus pais, a ponto de terem excitado a credulidade supersticiosa da multidão, que acreditou que os Deuses descem e condescendem ao nascimento mortal quando tais prodígios fazem a sua aparição.

Às mães entre o povo foi dado o privilégio sagrado de invocar a agência espiritual que é poderosa para auxiliar na concessão de dons superiores à descendência. Maria, a mãe de Jesus, estava em comunicação com anjos antes do seu nascimento, que lhe revelaram algo

do que o carácter do seu filho deveria ser. Também Isabel, a mãe de João Batista. Aqui está uma chave para a solução do problema acima. Mães de mente espiritual eram estas duas, e possuíam também capacidade intelectual para terem uma previdência sábia para a descendência a que iam dar à luz. Sem dúvida, foram fervorosas e sinceras nas suas devoções ao céu por eles; e estes exercícios devocionais foram espiritualizadores para essas mães, e tiveram o efeito de as colocar em contacto com elementos espirituais tais que forneceram germes superiores à sua descendência no período da vivificação.

Seres espirituais superiores respondem a tais orações, de tais mulheres, e das suas próprias esferas magnéticas mentais fornecem germes de mentalidade e espiritualidade para os embriões. Fazem-no porque a pureza de espírito e o estado de espírito das mães o tornam possível. A lei da atração e repulsão magnética decide que o semelhante procura o semelhante; portanto, a mãe despreparada não pode entrar na esfera do espírito altamente refinado, nem receber a atenção de um grau de espíritos tão elevado como a preparada.

Os Espíritos, ministros do Altíssimo, na sua assistência às mães durante a gravidez, fazem esforços especiais para excitar emoções espirituais e um estado de espírito que seja consistente com a aproximação de guardiões de alta ordem, para que o objetivo supremo da conceção possa ser melhor servido; a saber, a concessão à descendência de atributos divinos. Que Deus, ou qualquer classe de seres espirituais, interfira nas conceções e nascimentos mortais é quase uma noção mítica entre a humanidade hoje; no entanto, como existe um Poder Supervisor no universo e hostes de seres espirituais incumbidos de cumprir as ordens desse Poder, existe tal interferência.

Deus, o Criador; o que significa isto? Que nenhum poder existe na Natureza acima do dos pais para auxiliar no trabalho mais importante de fixar a qualidade do Princípio de Vida? Fé, credos, protestos de dependência de Deus são todos formas sem sentido, a menos que exista uma relação real entre a criança e o Pai celestial.

Poderes angélicos foram reconhecidos em todas as eras como tendo o propósito de fazer a vontade de Deus com a humanidade; mas, no presente, tantos se consideram superiores a qualquer crença no que chamam "o sobrenatural", que se tornou fora de moda reconhecê-los, a não ser de uma maneira tão geral e sem sentido que anula completamente a crença. Que o Céu ajude a descrença que fecha Deus tão completamente fora da esfera do homem mortal a ponto de impedir muito bem que lhe poderia ser feito por via de mais fé!

O Dever da Maternidade e as Consequências Pré-natais

A fé das mães na supervisão de poderes espirituais no período, acima de todos os outros, em que ela precisa de ajuda, é um forte acessório aos esforços destes poderes por ela. A oração — a oração sentida — é o braço que alcança o céu, de facto, e traz bênçãos. Ela eleva o suplicante para encontrar a bênção que é sempre estendida a cada alma. Um espírito imortal concebido e aguardando a chuva de influências celestiais que causará a germinação em individualidade completa! Pensem nisso, vós, futuras mães! Pensem que dever é o vosso e que consequências se seguirão à negligência ou à aquiescência neste dever!

A vossa descendência viverá para vos abençoar ou culpar pelo que a vossa vida foi enquanto ela estava ainda na incipiência do seu ser; pois assim a lei de Deus ordenou desde o princípio. Lançai a semente à terra e deixai-a ali repousar, enquanto os céus estão fechados contra a queda da chuva, do orvalho e da luz solar, e qual será o efeito? Poupai as influências destes, retende a chuva oportuna, ou a humidade e o calor, na conjuntura em que o germe rompe o seu invólucro seminal, e qual é o efeito senão a morte ou uma vida demasiado débil para servir qualquer propósito importante?

A vida germinal do embrião humano pode falhar o propósito de individualizar um espírito imortal, ou pode resultar numa tal inversão da lei perfeita de completar o germe que decida que o carácter da descendência seja baixo e rasteiro. O ambiente das mães — as influências que atuam sobre elas no momento da conceção e durante o período de gestação, particularmente até à conjuntura crítica — decide tudo isto. Os

Neros, Calígulas, Átilas e Tamerlões — esses "flagelos de Deus" que serviram como anjos vingadores da terra conspurcada ou de povos oprimidos — foram a descendência de tais influências pré-natais que descrevê-las chocaria os nervos sensíveis. Estes foram como as pestilências que frequentemente seguiram o rasto dos devastadores, que surgiram da corrupção das fontes de saúde e vigor, e que serviram o propósito da Natureza de aniquilar as condições que lhes deram origem.

Idiotas naturais, que são destituídos dos elementos de humanidade, são exemplos de inversões tão completas desta lei que roubam à descendência a imortalidade, conferindo uma vida que é tão próxima do bruto quanto uma mãe humana pode dar à luz. Acidentes, mais do que outras causas, decidem tais consequências; contudo, há outras que intervêm para produzir tais resultados, e estas prevalecem na camada mais baixa da sociedade humana, onde a bestialidade é prevalecente e as mães não são mais do que brutos humanos, e ministras de paixões depravadas do sexo oposto.

Tribos selvagens que, ao caírem abaixo do padrão da humanidade natural, se tornaram depravadas nos seus instintos e corrompidas em tudo o que pertence à natureza moral, produzem muitos não-imortais. Apressando-se no caminho seguro para a extinção, um a um, os indivíduos de uma tribo chegam ao ponto em que não podem conferir vida humana à descendência, e assim o limite da sua existência é atingido pouco depois. Famílias entre povos civilizados e semicivilizados, da mesma maneira, tornam-se extintas — para vergonha das instituições ditas civilizadas, diga-se. A bestialidade que não pode ser nomeada ou sequer pensada prospera na sociedade pela permissão que a ignorância dá sempre ao vício.

Ao declarar a lei em discussão e definir os deveres das mães em relação ao bem-estar da descendência, compreender-se-á que não se pretende transmitir a ideia de que nas mães, neste período ou em qualquer período, reside toda a responsabilidade quanto à formação do carácter da vida germinal; ou que tudo depende desta única circunstância crucial quanto ao carácter da vida germinal conferida ou ao carácter que a criança desdobrará eventualmente. Influências que rodeiam a mãe

durante todo o período de gestação deixam a sua marca no carácter da descendência; além disso, a educação precoce — o molde, por assim dizer, em que o fácil carácter moral e intelectual é moldado — tem um efeito poderoso para deformar ou melhorar o que a Natureza formou inicialmente como base do carácter. Com uma compreensão plena de tudo isto, que a maioria das pessoas em terras civilizadas possui em parte, é da maior importância olhar mais profundamente para as causas e aprender a lei sobre como o melhoramento pode ser feito nas características germinais enquanto estão em embrião, e ser o ser dotado de forma superior aos pais.

A Concepção Superior e a Manifestação de Deus

Em referência ao ponto acabado de declarar, pode perguntar-se: Como foi conferido a Jesus o carácter de Filho de Deus, que se afirma ter ele possuído num grau infinito acima de outros homens nascidos de mulher, e que ele de facto possuiu acima de multidões da sua raça? Afirma-se que ele foi gerado pelo "Espírito Santo" através de uma "virgem imaculada". Esta é a ideia de uma era supersticiosa, que captou a inspiração da verdade de profetas que, eles próprios, não compreendiam a lei que estavam a promulgar. Não teve origem no dia do Reformador Judeu, mas eras antes; e fora aplicada a muitas encarnações de Filhos de Deus, Budas ou grandes profetas.

A superstição personificou a ideia verdadeira numa forma exagerada. O "Espírito Santo" é o espírito que presidiu sobre a mulher no momento e impeliu da sua própria mentalidade para o cérebro embrionário, através da via da constituição espiritual da mãe; o que foi dotar o ser com as suas próprias características superiores. "Deus" estava "manifesto" no Ser Superior que assim conferiu das suas essências espirituais ao germe; e, portanto, Ele estava "manifesto" no carácter que desdobrou qualidades semelhantes. "Deus" está "manifesto" em cada ser humano; e a cada um Ele conferiu a Filiação, pela mesma lei, mas não em igual grau. A virgem imaculada foi a virgem pura que concebeu de um homem mortal e deu à luz um filho tão superior em carácter à maioria dos seus semelhantes; e ela foi uma exceção entre as mulheres apenas na sua espiritualidade superior e na sua pureza de carácter. Uma natureza aspiracional, aliada à

virtude, integridade estrita e bons poderes intelectuais, forma um carácter elevado; e mães deste grau atrairão para si influências tais que não poderão falhar em abençoar a sua descendência.

Na natureza das coisas, é raro que a descendência esteja num plano muito acima do parental. Caracteres excecionais, como Jesus, são o produto de circunstâncias peculiares que apenas ocasionalmente se repetem. No entanto, isto não altera o princípio ilustrado tão marcantemente na sua conceção e carácter. A raça deve ser melhorada praticando este princípio; pois de nenhuma outra forma o pode ser. Espiritualizai e educai as mães, e a sociedade será correspondentemente elevada. O Céu desce à terra através das influências espiritualizadoras da mulher elevada, verdadeiramente.

As circunstâncias por vezes combinam-se para causar que um grande carácter seja prejudicado quando está em embrião, ou que lhe faltem os elevados traços morais de um Jesus, possuindo outros igualmente excecionais. Por exemplo: a mãe do grande Napoleão fora altamente trabalhada por eventos políticos; o seu carácter estava melhor adaptado à mãe do guerreiro e estadista do que à do mestre de mente espiritual.

Daí que, quando altamente psicologizada pelos eventos passageiros e pelo cuidado com a sua descendência por nascer, atraiu para ela um germe de carácter elevadíssimo intelectualmente, mas carente em alguns pontos vitais de carácter moral ou espiritual. As circunstâncias controlaram inevitavelmente o Espírito no esforço de aproveitar a condição favorável desta mãe altamente qualificada para implantar uma alta ordem de vida na mente germinante. Tão intrincada é esta lei, tão maleável e sujeita às circunstâncias, e no entanto tão fixa, tão omnicontroladora!

Os Espíritos apenas cumprem as suas funções legítimas quando agem assim como o braço do Poder Criativo ao auxiliarem na conclusão do ser de crianças imortais. O poder está concentrado neles para este mesmo propósito, para levar a cabo a ação criadora — poder derivado do Supremo. A inteligência é o braço poderoso da Natureza em cada campo

de trabalho. Em páginas anteriores explicou-se como o desenvolvimento progrediu antes que espíritos individualizados fossem desenvolvidos, na ordem atual, para auxiliar em todo o desenvolvimento. Aqui mostra-se quão eficaz é este auxílio na mais importante de todas as evoluções. A evolução do humano através das espécies animais é assistida, tal como a evolução de um princípio espiritual aperfeiçoado o é, pela agência espiritual.

Antes de o homem existir no universo de formas em evolução, quando havia apenas as forças magnéticas das formas mais altas da Natureza física e um aroma difuso de espírito para cooperar com o Espírito Deífico na criação da ordem de vida germinal necessária para instituir o espírito imortal, as forças instintivas foram estimuladas, e reestimuladas, repetidamente, a partir da Esfera Deífica, para a realização do que é feito mais prontamente por ordens inferiores de inteligências na ordem atual.

Estimulações de um plano tão afastado em qualidade de força eram um alcançar através de um abismo infinito por uma Força que nada pode circunscrever, porque é Omnipotente; mas que, no entanto, opera sempre dentro dos limites de leis bem definidas. Por isso, uma eternidade apenas bastou para realizar o que uma única era efetuou quando a Terra foi povoada pelo homem. Quão poderosa força o homem é, existindo num universo de esferas graduadas, relacionadas cada uma com a sua seguinte inferior e superior como os elos de uma cadeia, é assim claramente revelado!

A Agência Espiritual na Evolução

O esforço extraordinário que a Natureza faz para desdobrar uma espécie superior através da inferior é exemplificado na evolução de espécimes superiores da humanidade através de ascendência comum, como descrito. Este último processo é o melhoramento da espécie levado ao seu clímax, por assim dizer, por esforço especial. É ir além do nível comum da espécie quando as condições favorecem este passo em frente. Isto é de acordo com a lei do progresso das espécies até ao ponto de culminação, e até ao ponto posterior de evolução de traços típicos das

superiores. Este princípio de melhoramento até à extensão que a Natureza permite, na era formativa, resulta em novas espécies quando o período oportuno chega. É o passo mais longo em frente, dado quando a ocasião se oferece; sendo a inteligência sempre a organizadora do esforço com o fim de produzir os resultados. Os espíritos combinam os seus esforços, como forças legítimas da Natureza, para auxiliar no trabalho de evolução de novas espécies em planetas onde o homem ainda não existe.

Têm poder para fazer isto através dos éteres magnéticos que rodeiam os animais. Congregam-se em número tão perto quanto possível da localidade onde vivem os indivíduos superiores da espécie progenitora e, por força da vontade, impelem os elementos mais elevados que podem entrar na constituição mental da espécie que há de ser para a proximidade imediata das mães, para que germes do grau mais elevado possível possam ser agarrados no momento certo.

Os homens, inconscientemente, colocam esta lei em operação ativa quando se misturam com os seus animais domésticos, nos quais estão a fazer experiências de melhoramento de raças, etc. A sua própria presença perto dos seus protegidos é um elemento no processo que é menos notado, mas é ainda de grande importância.

Tão extraordinário e supremamente importante evento no desenvolvimento progressivo das formas de superfície é a evolução da espécie humana, que evoca todo o esforço por parte dos Espíritos que se podem aproximar de um planeta neste estádio, que servirá para auxiliar o processo. O interesse da "Hoste Celestial" concentra-se no mundo que está em trabalho de parto para tão poderoso nascimento; e se os anjos vigiaram o nascimento do Bebé de Belém e cantaram hinos de boas-vindas no seu advento, o mesmo fazem no advento dos Primeiros Pais — a raça infante, que é o que aquele bebé era:

"Deus manifesto na carne". Quando a humanidade aprender mais sobre a lei do controlo Espiritual, compreenderá melhor como é possível para inteligências desencarnadas psicologizarem mães humanas no momento crítico em que o sopro de Deus deve ser soprado na criança

que germina, e mães animais no período auspicioso em que a vida germinal está pronta para receber o seu batismo de essências superiores que a constituirão humana. Que os animais são suscetíveis a tais influências psicológicas está abundantemente exemplificado na história. É ordinariamente uma ordem baixa de inteligências espirituais que entra em contacto suficientemente próximo com os animais para exercer este poder, mas são de uma classe que, com forte força de vontade, une a inteligência para cooperar para o fim a ser atingido.

As ordens elevadas usam as inferiores (quando estas existem) como instrumentos pelos quais obter controlo onde as suas próprias forças individuais podem operar mais prontamente através delas como forças mediadoras. É o braço Criativo Deífico estendido através de forças mediadoras, desde as alturas extremas onde a Inteligência Aperfeiçoada exibe os seus atributos sobre o grau mais eterealizado de éter magnético material. A "escada de Jacob" alcança desde este plano até ao grau mais baixo possível de substância material, onde os fluidos elétricos brutos são vitalizados pela vida magnética, que é o elo que une um universo material em caos com a Força Formativa Inteligente do mesmo.

A lei da evolução das espécies é uma só; e o que foi dito relativo à espécie humana, à sua evolução, à sua maleabilidade, aplicar-se-á a todas as espécies e tipos animais. A seleção natural, a seleção sexual — a modificação por quaisquer meios — efetua as mudanças necessárias para produzir a evolução de novas espécies através da instrumentalidade da antiga; mas nunca a transmutação da antiga na nova, de acordo com o significado aceite dos termos.

O inferior serve o propósito da Natureza como a matriz que há de gerar o superior. Dá do que tem à descendência que o há de transcender na escala do ser, mas não é isso que há de constituir o seu carácter específico. A mudança é radical, do progenitor típico para a nova forma; e não há possibilidade de confundir uma evolução de uma nova com uma transmutação de uma antiga espécie por aqueles familiarizados com a anatomia de cada uma, onde uma comparação de indivíduos das duas possa ser feita.

Os exemplos de tipos compreensivos são abundantes e fornecem aos naturalistas evidência que, aliada à extraída de outras fontes, é suficiente para estabelecer a verdadeira teoria. A agitação do assunto provocará mais luz; e, qualquer que seja o veredito dos doutores da divindade ou doutores da ciência, a verdade deve revelar-se no brilho da presente era espiritual.

O que pertence estritamente ao desenvolvimento da raça é tratado no próximo capítulo. Ao encerrar este capítulo, é apropriado referir o próximo para a ilustração adicional de princípios estabelecidos e exemplificados, em certa medida, neste. O leitor atento desejará seguir a linha de desenvolvimento da raça humana, tal como pode ser traçada por uma aplicação dos princípios da Natureza que operaram no desdobramento e regulação de todas as outras condições do planeta até ao estádio atual. Tentar-se-á agora traçar esta linha.

CAPÍTULO VIII

A RAÇA HUMANA — UM ESBOÇO DA SUA HISTÓRIA EM TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS

A RAÇA HUMANA — A SUA HISTÓRIA PRIMITIVA — EVOLUÇÃO DAS ARTES DA VIDA — EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM — CIVILIZAÇÃO E GOVERNO NA ERA ANTIGA — RELIGIÃO NA ERA ANTIGA — ERA DE DECLÍNIO — O DILÚVIO — INFLUÊNCIA DA RAÇA NO PLANETA — ERA HISTÓRICA PRIMITIVA

Em cada um dos capítulos precedentes são declarados princípios e factos que são, em certa medida, introdutórios a este, e que se aplicam particularmente na discussão dos assuntos a serem considerados. Ao retomar o tema da origem da raça, é apropriado, a fim de tornar este capítulo completo, resumir alguns factos que foram declarados em conexão com outros assuntos que passaram sob revisão.

A utilidade da humanidade na Terra é auxiliar no desenvolvimento do planeta. A Humanidade, à imagem da Divindade, serve como o braço do Poder Criativo, e fá-lo cada vez mais à medida que os graus de

homens atingem a capacidade de aplicar a lei em tudo o que é feito. A raça humana foi o produto de três espécies animais que convergiram para o plano onde podiam incorporar na descendência as faculdades humanas. Esta consumação foi efetuada através da lei da evolução, a lei pela qual tudo o que existe no universo de formas veio à existência. A raça era originalmente de uma só espécie, de acordo com a significação técnica da palavra espécie, mas de três variedades distintas, cujo propósito era interagir para promover o progresso mútuo.

A partir deste breve resumo, a história continua como se segue: das três variedades, duas estavam mais estreitamente aliadas entre si do que com a terceira, cuja distintividade das outras estava mais claramente marcada por características raciais do que a das outras duas entre si. A relação entre as três variedades era a seguinte: o tipo distinto sustentava a relação de negativo para ambos os outros, enquanto destes, um era negativo para o outro; — um positivo, um intermédio e um negativo — sendo a relação entre os três a mesma em princípio que a existente entre os três princípios distintivos na trindade da Natureza, e servindo um propósito semelhante.

Existiam dois centros distintos, amplamente separados, onde as três variedades tiveram a sua origem; as duas estreitamente relacionadas originaram-se em distritos separados do mesmo centro geográfico. Estes centros localizavam-se onde as forças superiores do planeta se concentraram durante um longo período anterior à evolução da raça, em consequência de circunstâncias favoráveis, como a situação, produtos, etc. As condições nos dois centros amplamente separados eram muito diferentes; e esta diversidade imprimiu-se nas raças.

O ramo positivo da raça era **branco**; a sua variedade estreitamente relacionada, a intermédia, era também **branca**, com características que são agora exemplificadas nos **Mongoloides** dos tipos superiores; o ramo negativo era **preto**. Este último originou-se na África Central; os outros dois no Sul da Ásia Central. Assim, a raça do homem foi, a princípio, uma unidade na dualidade, ao mesmo tempo que era uma unidade na trindade. O plano era tão antigo quanto o universo, sendo aquele pelo qual todas as coisas existem.

Centros de Origem e Supervisão Espiritual

A Inteligência que supervisionou a evolução da raça ordenara que tal fosse realizado nos dois centros e da forma designada. O progresso tendera para este resultado. A Natureza floresceu e desenvolveu os seus frutos de condições e produtos superiores nos jardins onde a raça haveria de aparecer, com uma luxúria tão invulgar que apressou o clímax da formação nessas localidades; para fixá-lo apenas nestas, enquanto o restante da superfície entregava os seus elementos mais escolhidos para frutificar estes centros.

O equilíbrio de força estava aqui, forçosamente, desde o tempo em que os tipos mais elevados dos Reinos Animal e Vegetal lançaram raízes mais profundas aqui do que em quaisquer outras secções do planeta; o que aconteceu logo após a época Glaciar ter renovado as condições gerais em toda a superfície. No decurso dos acontecimentos, certos distritos tornaram-se mais favoravelmente situados para o progresso do que quaisquer outros e, daqui em diante, assumiram a liderança no desenvolvimento progressivo, dispensando elementos elevados às outras porções e derivando de todas, em troca, o mais elevado que tinham para dar. Isto deu-se por uma lei inevitável; mas os resultados foram estimulados e intensificados pela interposição de Poderes Inteligentes.

Havia uma quantidade limitada de força da qualidade adequada para ser despendida nesta evolução suprema; e esta determinaria a localidade para onde as suas afinidades a atraíssem, como questão de curso. A diversidade de Elementos de diferentes Zonas, a Temperada e a Tórrida, decidiu a preparação de dois centros e a diversidade das três variedades da raça. Destes centros, as pessoas divergiram como forças divergentes de sóis centrais ou de qualquer forma ou qualidade de matéria que produz elementos superiores que se difundem para o uso de formas ou substâncias inferiores.

Não estando os quadrantes remotos do globo preparados para o homem quando este fez a sua aparição nestes centros, a sua influência emanada dali foi um auxílio eficiente para apressar o desenvolvimento sobre a superfície. A força magnética de qualidade superior a qualquer

outra anteriormente desenvolvida foi assim fornecida para estimular essências germinais e impulsionar o progresso em cada departamento sobre o planeta.

A evolução da raça humana sob circunstâncias que indicam tal supervisão dos Poderes Celestiais é uma demonstração da verdade de que a Natureza é cooperadora de Deus; e que todas as leis são os instrumentos com que o Supremo abrange os Seus desígnios. Se o homem foi objeto de tal cuidado no seu nascimento e arredores, os progenitores da raça devem ter partilhado desta solicitude, visto que tanto dependia do seu bem-estar.

Basta dizer, quanto a isto, que os instintos do tipo ancestral — como as três espécies ancestrais podem ser designadas — foram estimulados e fortalecidos acima dos de qualquer outro tipo animal; sendo este inerentemente superior a qualquer outro desde o período da sua conceção. As mães da raça humana foram fêmeas preparadas do seu tipo, em número reduzido comparado com a extensão do ramo preparado da espécie a que pertenciam, a qual era tão vasta como o distrito que compreendia os domínios ancestrais; e estavam espalhadas por toda a localidade. Havia método nisto, também. Evitou-se assim o parentesco de sangue próximo entre os primeiros indivíduos do tipo humano, o que foi uma circunstância da maior importância para que este começasse sob auspícios favoráveis.

O Surgimento da Humanidade e a Decadência Ancestral

Os primeiros pais foram poucos e distribuídos por uma área — cada variedade — suficientemente vasta para fornecer sustento ao novo tipo enquanto este desdobrava os seus poderes preparatórios para iniciar migrações para o território circundante, e também para servir o propósito da sua divisão em comunidades separadas, conforme os seus instintos os impelissem a fazer. As condições para a sua perpetuidade foram fornecidas antes do seu nascimento, por um método tão ordenado que não poderia falhar o seu propósito. Famílias do tipo ancestral cujos instintos eram mais elevados mantiveram-se naturalmente afastadas das outras; este foi especialmente o caso das mães, que, no cuidado das suas

crias, procuraram as localidades menos frequentadas, onde podiam, sem perturbação, assegurar os frutos mais ricos para a sua descendência. Desta maneira, manteve-se uma espécie de aristocracia até que os filhos da nova raça tivessem nascido e assumido, por direito, o lugar mais elevado.

Os evolucionistas da escola Darwiniana diriam que este instinto dos pais foi perpetuado na descendência, intensificado pela força dos arredores em instintos humanos — que os primeiros seres intrinsecamente humanos eram a progenitura de pais semihumanos, e cresceram em humanidade pelo desdobramento das suas faculdades através de circunstâncias favoráveis, tal como uma espécie na atualidade desenvolve um carácter superior. As primeiras crianças humanas foram humanas desde o nascimento; e a descendência de pais animais que se aproximaram da beira da humanidade tão de perto, pela lei do melhoramento das espécies, que foram capazes de atrair germes humanos para a sua descendência, como foi descrito anteriormente em detalhe.

A linha entre o animal e o humano nunca foi obliterada em nenhum caso singular, como não poderia ser, por nenhuma lei da Natureza. O tipo ancestral declinou rapidamente após dar à luz a sua progenitura humana, enquanto esta última, desde o início, exibiu a natureza humana que era sua, na sua inteligência e engenho superiores, nos instintos que os impeliam a associar-se de forma distinta da espécie progenitora, mantendo-se afastados dela e escolhendo companheiros entre si, exceto em casos raros onde o humano era dominado pela forte natureza animal.

Unidade e Migração

Tem sido uma questão para os etnólogos se a raça originou em numerosos centros dispersos pela terra, como as espécies animais — visão esta que foi favorecida por eminentes observadores — ou num só, como é indicado pela revelação nas Escrituras Hebraicas e noutros locais. Este é um problema que merece séria consideração, pois existem fenómenos que apontam para ambas as teorias como sendo a verdadeira. A teoria da evolução, que faz da raça humana a descendência do animal,

pareceria favorecer a ideia da derivação dos diferentes tipos de homens existentes a partir dos centros onde estes tipos ou raças são encontrados; onde as condições desenvolvem peculiaridades raciais nos homens, bem como as características distintivas dos animais, conformando-se um ao outro. Por outro lado, a evidência a favor da teoria aqui apresentada como verdade, e revelada em parte em ensinamentos alegóricos de antigos videntes, quando resumida e examinada de perto, é tal que carrega o peso da demonstração para a mente lógica que é livre e imparcial.

O primeiro factor no problema que exige atenção é este: o homem é inteligente e, quando na posse das suas energias naturais, possui a propensão para errar (vagabundear); e tendo estas duas qualidades como elementos básicos no seu carácter, ele deve tê-las colocado em uso a partir do momento em que passou do seu primeiro estado infantil e se tornou, em algum grau, consciente dos seus poderes. O segundo factor, igualmente importante, é o poder que o homem possui de se adaptar a cada clima, cada Zona; a todas as circunstâncias possíveis onde o acaso, o destino ou a escolha o possam colocar. A inteligência desenvolve este poder, é verdade; mas existem poucas tribos tão pouco inteligentes que não se adaptariam a uma localidade onde a força ou a inclinação as tivessem colocado; as necessidades da sua situação despertando os seus poderes latentes e forçando o exercício do engenho no combate às dificuldades.

A necessidade tem sido o grande impulsionador do progresso da raça; e tivesse sido possível aos primeiros pais permanecerem no seu Éden com a sua descendência, poucas gerações teriam marcado o tempo de vida da espécie. A efeminação de nações e famílias que é o resultado certo da inação e da vida luxuosa é a decadência que é o precursor da extinção, a menos que meios de salvação sejam aplicados a tempo de evitar a calamidade. Na ordem do progresso humano, os meios têm sido vários, e estranhos e surpreendentes, os quais serviram o propósito de perpetuar os vários ramos da família humana. "O Senhor Deus", diz o antigo vidente, interferiu e expulsou a família do homem do "jardim do Éden". O mesmo poder, pode bem acreditar-se, impeliu-a àquele grau de

atividade que a salvaria da destruição, através de todas as eras primitivas da sua existência, quando era como o infante, incapaz de julgar e agir sabiamente por si próprio.

A Necessidade do Deslocamento e a Economia de Energia

As emigrações agitam os elementos de vida dos homens, vitalizam todos os seus poderes, desde que sejam ocupadas terras que possuam as qualificações requeridas para serem aptas para a ocupação humana; e também, desde que os emigrantes tenham a energia natural para reagir sobre a sua localidade com bom efeito. Se a ordem fosse que os centros humanos, tal como os animais, fossem distribuídos, a princípio, pelas partes habitáveis do planeta, as emigrações teriam resultado numa exterminação que teria despovoado a terra dos seus elementos humanos mais necessários; pois foram sempre os mais enérgicos, os mais capazes e dignos de viver e propagar, que procuraram lares longe dos centros parentais.

A Natureza não quis que, quando as primeiras famílias se dispersassem do domínio paterno — mulheres e crianças, bem como homens fortes —, deparassem com o perigo de exterminação ao entrarem em contacto com outras famílias ou tribos que detivessem o direito de pré-ocupação das terras; havia demasiado em jogo para recorrer a meios tão questionáveis de estimular as energias da humanidade.

Os homens não desenvolveram a disposição errante até atingirem "o conhecimento do bem e do mal". Eles "comeram da árvore do conhecimento" e começaram a exercer o seu engenho, e exibiram propensões tanto para o mal como para o bem. Então, o mandato do seu ser foi: "Ide e explorai o país ao redor, e tomai o que encontrardes para vós; matai se necessário; imitai os animais que abatem para comer, considerando a gratificação própria como o bem supremo".

Eles foram, a salvo de moléstias de qualquer um da sua espécie, mas sujeitos a perigos e inquietações que eram um estímulo perpétuo para os seus intelectos despertos. Os guardiões zelosos dos filhos dependentes dos homens guardaram a entrada para os refúgios de ócio e indolência

com a "espada flamejante que apontava para todos os lados", para avisá-los de um perigo maior do que a fome ou o frio, a nudez ou as feras predadoras.

O terceiro factor no problema em discussão é o princípio segundo o qual a Natureza é sempre observada a trabalhar ao produzir as suas evoluções ordenadas; a saber: a **economia de energia**. Não há desperdício de força em todo o universo de vida e trabalho, tanto quanto se pode descobrir. Utilidade com Variedade é a ordem universal. Quaisquer desvios desta lei de economia que o homem descubra residem na sua imaginação, ou são ilusões resultantes da ignorância dos usos da variedade de processos observáveis.

A terra era a herança da raça do homem, por virtude dos poderes que possuía, através dos quais haveria de tomar posse do seu direito de nascença. Seria certamente um desperdício de energia ter criado homens em numerosos centros, quando as próprias condições sob as quais a raça poderia ser perpetuada dependiam da sua liberdade de expansão a partir de poucos centros — a sua liberdade para crescer espiritualmente, intelectualmente e fisicamente, da única forma que podia; isto é, pelo exercício dos seus poderes e propensões naturais, que a impeliam cada vez mais para a frente, para conquistar e desfrutar os frutos da conquista.

Os instintos que não seriam contidos deviam ter escopo para o exercício; e este exercício deveria ser para subjugar a terra para a ocupação do homem, e para multiplicar a espécie e repovoar o território vasto e desocupado com uma população humana.

Design e Providência na Natureza

Colocar o homem ao nível do bruto que vive apenas o seu curto dia com o propósito de satisfazer os seus apetites físicos, estando as suas energias confinadas a esse estreito compasso, e negando, com efeito, o propósito inteligente que operou na criação do homem — o propósito que lhe atribuiu as faculdades para uso da Natureza ao ajudar a subjugar a terra e tornar habitáveis as partes que não poderiam tornar-se tais sem a sua influência, e deu-lhe o trabalho a fazer para desenvolver os seus poderes inerentes — é apequená-lo além de toda a medida; é negar-lhe

os poderes que são seus, indiscutivelmente, e à Natureza a Mente projetista que originou a criação para propósitos inteligentes. Essa é uma filosofia de vista curta que explica o progresso sem dar lugar ao design, supervisão ou ao instinto da mente nas operações naturais; ou que faz da Natureza uma máquina vasta que, estando uma vez em movimento ordenado, o está sempre, por virtude das leis que a governam, sem a intervenção da inteligência para estimular as suas forças ou colocar em operação leis que impulsionem o progresso.

O homem no planeta interfere onde quer que possa; e a sua interferência é produtora de resultados tão maravilhosos como quaisquer outros produzidos sem ele no mundo que habita; embora possam não ser tão variados.

Quando a revelação afirma que Deus colocou o homem no jardim do Éden quando o criou, onde tudo o necessário para o seu sustento estava à mão, e depois o expulsou deste paraíso quando ele adquiriu o conhecimento do bem e do mal, estabelece uma proposição que é filosófica, porque consistente — de acordo com princípios bem estabelecidos. O que é necessário é despojar o registo do seu carácter alegórico e mostrar por que razão o Poder Supervisor provocou estas coisas; mostrar que houve motivo na direção que os eventos tomaram e uma necessidade severa que os impeliu.

O motivo que foi atribuído à Divindade para expulsar os primeiros pais do Paraíso, depois de se terem servido dos frutos da "árvore do conhecimento", denuncia o estado obscurecido das mentes que compilaram os antigos escritos e supriram dos seus próprios cérebros os "elos perdidos", fazendo uma cadeia de material tão diverso nas suas partes separadas como o barro o é do ouro batido.

Um pai humano não trará filhos ao mundo para deixá-los na sua infância e desamparo a cuidarem de si próprios. Tão certo como existem poderes angélicos que servem no reino do Altíssimo, tão certo é que eles cuidaram da raça na sua infância; estimulando propensões naturais e moldando a direção dos eventos como podiam, e o revelador foi inspirado com esta verdade e deu-lhe expressão numa linguagem que

podia ser entendida pelo povo a quem se dirigia. Cada era tem os seus reveladores; e nem sempre há a necessidade de recuar tanto no passado por verdades que apenas a inspiração pode revelar, a ponto de encontrá-las tão nubladas e ofuscadas pelo pó e teias de aranha de eras de ignorância e superstição que se tornam indistinguíveis dos erros mais grosseiros. O hábito de o fazer, que as pessoas adquiriram, está na base de muita da descrença que o mundo religioso deplora.

A Formação das Primeiras Comunidades e o Instinto Monogâmico

As famílias surgiram cedo, as quais foram as sementes de comunidades que se mantiveram afastadas umas das outras por motivos egoístas, como a posse das suas próprias localidades escolhidas e o impulso de afeição pelos seus. As comunidades não estavam isoladas do companheirismo ocasional que favorecia a escolha de parceiros entre as comunidades vizinhas por aqueles cujos instintos o impeliam, mantendo assim em operação a lei do intercâmbio matrimonial que está na fundação da estabilidade da raça.

Houve uma seleção dos mais aptos entre as primeiras crianças humanas; pois nem todas estavam qualificadas, em todos os aspetos, para propagar os elementos de estabilidade; e assim algumas famílias tornaram-se extintas, através da deterioração; enquanto outras desenvolveram uma forte vitalidade e instintos e inteligência superiores, os quais foram propagados em comunidades como elementos eficazes de progresso; e outros permaneceram no plano da mediocridade. Assim se criou, entre os pequenos círculos de habitantes humanos dos domínios domésticos, as condições necessárias ao progresso dos fracos e dos fortes.

As reações na sociedade humana que são tão vitais para o seu progresso e para a sua própria vida começaram assim cedo na sua carreira. A mistura das tribos e nações em miniatura formadas antes de a mistura de variedades e ramos ter começado retratou o efeito que isto teria quando a expansão e a crescente atividade e inteligência o provocassem.

Os instintos da raça, a princípio, eram monogâmicos. O tipo ancestral desenvolveu este instinto, em bom grau, pelo hábito de isolamento que algumas famílias praticavam, e a progenitura humana herdou-o intensificado pela sua espiritualidade superior. Desvios dos hábitos e práticas das primeiras gerações da raça ocorreram como consequência natural do desdobramento das suas faculdades; as quais, como seria de esperar, nem sempre mantiveram o equilíbrio uniforme consistente com uma observância justa das leis superiores do seu ser, que estavam apenas na sua incipiência.

O que era da maior importância era o desenvolvimento de constituições físicas fortes pelos pais prospetivos da futura raça; e tudo o que favorecesse isto era lícito para os primeiros homens, que eram demasiado pouco espirituais para compreender responsabilidades morais. A consciência foi um desenvolvimento posterior. Alguém disse: "Deus fez o homem reto, mas ele buscou muitas invenções". A sua retidão, a princípio, pode ser comparada à do infante que não sabe praticar o mal; que segue os seus instintos, que são a linguagem da Natureza e, portanto, bons.

Os seus desvios deste estado foram como os da criança que experimenta em todo o lado e de todas as formas para aprender, para descobrir o que pode fazer e para se tornar conspícua entre os seus pares. As "muitas invenções" que ele buscou marcam o seu caminho desde o estado de fraqueza e ignorância infantil até à maturidade plena, e por nenhuma outra rota poderia ter atingido a meta.

A lenda que chegou à presente era relativa ao Paraíso do Éden e à pureza dos primeiros pais tem o seu fundamento na verdade. O "Éden", ou o domínio onde cada raça nasceu e onde passou o seu primeiro estádio infantil, era um paraíso, se a luxúria da produção de tudo o que a raça desamparada precisava para subsistir e para tornar a vida agradável constituir um. Os primeiros homens possuíam os instintos humanos isentos de paixões humanas vis.

O que havia de bestial neles era derivado de um tipo de animais superior a qualquer outro que o homem na terra agora conhece. Este tipo

não era feroz, exceto na defesa do seu; a sua inteligência impelia a uma supervisão quase humana sobre as famílias, direitos individuais, etc. A docilidade era uma característica proeminente da espécie; e as crianças humanas herdaram-na, combinada com as suas outras faculdades, em tal proporção que modificava as propensões egoístas e fazia com que o carácter soubesse à inocência e pureza que foram atribuídas aos primeiros pais no Éden. A selvajaria surgiu entre os homens, porém, cedo na vida da raça. Foi uma consequência natural da perversão das faculdades por excessos e decadência marcada de tribos, tal como acontece atualmente.

A raça humana desenvolveu-se sob o mesmo princípio que as espécies animais. As primeiras famílias surgiram num ponto intermédio, pode dizer-se com propriedade, entre os ramos mais baixos e os mais altos, tal como apareceram posteriormente. Os mais baixos foram evoluções na escala descendente, e os mais altos na ascendente, como ocorre com as espécies no Reino Animal. Este princípio deve ser tido como fixo no que diz respeito às evoluções em cada reino e departamento da Natureza.

A decadência é tão natural sob as circunstâncias apropriadas como o progresso; e serve, por vezes, como um meio de manter as relações necessárias das coisas. As primeiras tribos de homens eram diversas, tão naturalmente como as espécies do Reino Animal ou Vegetal; e as reações que resultaram desta diversidade provaram a força e a estabilidade de cada uma. Algumas sucumbiram na batalha da vida, como continuou a ser o caso em todas as eras desde então; e algumas asseguraram uma ascendência que mantiveram até que nações fossem por elas desenvolvidas, através de acréscimos; tal como os sóis são formados a partir de centros de força.

"Revolver, revolver e revolver" era o método; e assim fortalecer a unidade das raças, nações, sociedades, e expulsar os elementos incongêneres ou grosseiros que se uniriam ou dissipariam de acordo com as suas afinidades, e formariam elementos perturbadores para as sociedades estáveis enquanto fossem capazes de manter uma existência. A marcha do tempo passou por ruínas de povos, tribos e nacionalidades,

uma vasta multidão; cada uma das quais deixou a sua marca indelével na era em que viveu e, através desta, em cada era sucessiva; servindo um propósito importante em alguma relação no panorama humano, cujas luzes e sombras, cenários emocionantes e pitorescos, terríveis traçados de crime e depravação, são delineados e preenchidos pelas multidões apinhadas que aparecem para deixar a sua marca e partem; uma procissão prolongada até que toda a cena se encerre.

O breve esboço da história humana primitiva contemplado no plano deste capítulo permite, simplesmente, uma menção breve dos princípios mais importantes e dos eventos que os ilustram, relacionados com o desenvolvimento inicial da sociedade humana. Os leitores podem traçar por si próprios a provável linha de progresso de toda a raça e dos vários ramos emanados dos primeiros centros, se compreenderem os princípios que subjazem a este progresso desde o início. Para tornar estes mais claros, é importante declarar, nesta ligação, alguns dos principais eventos que foram prolíficos em resultados da maior importância para toda a família humana e para cada factor individual da mesma.

O Éden e o Despertar das Faculdades

Já foi declarado que a evolução das três variedades da raça foram eventos coincidentes. O Éden da raça branca estava subdividido em dois distritos menores, cada um dos quais era o lar de uma espécie ancestral, cujos filhos humanos eram diversos — os de uma espécie em relação aos da outra — como o são as variedades de duas raças estreitamente relacionadas que ocupam secções diferentes mas adjacentes de um continente, cujas diversidades de clima, produtos, etc., estão gravadas no povo, tornando-os distintos. Neste caso, a diversidade foi suficiente para causar, ao unirem-se, uma estimulação das energias de cada um.

Este encontro ocorreu após o ramo mais enérgico ter desenvolvido a propensão errante o suficiente para deixar os seus antigos refúgios em busca de novos, e para satisfazer uma curiosidade que fora despertada com o despertar das faculdades. Os hábitos das duas famílias foram quase os mesmos até pouco antes do seu contacto. A mais fraca aventurara-se na experiência de usar alimento animal. Com instintos

carnívoros, estas duas crianças fracas tinham ambas, até pouco tempo antes, refreado o ato de matar para satisfazer as exigências da fome. Os frutos da terra que cresciam em tão tentadora abundância espontaneamente tinham-se tornado o único alimento das espécies ancestrais durante o tempo em que estas se tornavam espiritualizadas como preparação para a culminação final; e a progenitura seguira, até então, o exemplo dos pais, com quem se associava por uma temporada.

Esta provisão sumamente maravilhosa, pela qual as mães da raça se tornaram suscetíveis a influências espiritualizadoras e, assim, foram capazes de atrair germes humanos para a sua descendência, produziu o efeito que naturalmente se suporia seguir-se ao uso de tal dieta não estimulante durante algumas gerações. Causou que a raça fosse efeminada, em certo grau. A perda em energia física foi compensada pelo ganho espiritual; o que foi um ultrapassar das fronteiras do tipo e um emergir no plano acima de toda a criação inferior, na descendência. Esta abstinência da dieta estimulante necessária não poderia ser permanente sem que a raça perecesse.

Era necessária mais energia física e, a qualquer custo, ela deveria ser ganha. A sede de sangue que se seguiria à prática de matar para comer reagiria sobre a própria raça; e, além disso, uma maior quantidade de energia animal seria aviltante no grau em que tendesse a dominar os instintos espirituais. No entanto, deveria haver uma reação do estado semi-imbecil, aquela condição de "inocência" que resultou de uma obscuridade parcial de uma parte da natureza por outra, e o verdadeiro equilíbrio deveria ser ganho, gradualmente, através do desdobramento paulatino das faculdades.

A prova da experiência era necessária para fazer emergir os poderes humanos. "Eva", ou a comunidade mais fraca, aventurou-se primeiro na experiência de provar o que, até então, parecera o "fruto proibido" para estes noviços na filosofia da dieta. Com olhos ansiosos, ambos tinham visualizado este fruto tentador, e o mais impulsivo dos dois, sem contar o custo, comeu por sugestão de um apetite que não se aplacaria sem ele. "Adão", ou a comunidade mais forte, participou por sugestão da outra; e foi feita a partida que colocou ambos no trilho do progresso permanente.

O "fruto da árvore" foi eficaz em abrir-lhes os olhos para as relações das coisas; e eles cresceram em conhecimento e em força. O seu instinto de delicadeza foi despertado, e vestiram-se sob o ditame da modéstia. Assim ensinou a antiga alegoria que, tal como transmitida até ao presente nas escrituras hebraicas, está tão truncada e a sua consistência tão obscurecida que é dificilmente reconhecível.

A Interação das Raças e o Impacto do Ambiente

A mistura dos elementos positivos e negativos deste tipo superior da raça resultou favoravelmente para ambos. Multiplicaram-se e povoaram todo o domínio original, e espalharam-se pelo continente em direção ao oeste, rumo ao "Éden" da variedade negra. Muitos séculos decorreram entre os vários estádios bem definidos de progresso deste povo primitivo. As forças eram lentas, e a raça era retardatária na sua carreira ascendente; no entanto, havia progresso; e os séculos que passavam estavam cheios de sinais esperançosos que apontavam para o alto destino do jovem aventureiro, trabalhando à espera de um impulso progressivo ainda mais decisivo, que seria dado quando o tipo positivo entrasse em contacto com o negativo.

O início da raça para ocupar e cultivar a sua herança foi como o do pioneiro que entra na floresta para a subjugar e tornar a terra habitável para si e para a sua progenitura. Ele constrói a sua cabana solitária nalguma encosta ensolarada, e deste centro procedem as forças que ultimamente subjugam o deserto e abrem caminho para os que vêm depois dele. A sua própria presença é um poder para domar o selvagem.

As feras temidas fogem dele para lhe dar espaço, desenvolvendo-se rapidamente o pavor instintivo do homem; a erva brota sob os seus pés, como se houvesse uma afinidade entre ela e ele; as aves selvagens reúnem-se em torno da sua propriedade, como se deleitando-se com a sua presença; e os tímidos habitantes do bosque apinham-se nas suas sebes e sob a cobertura da sua "vinha e figueira", como se ele fosse designado o seu protetor contra as feras mais vorazes e como uma espécie de provisor das suas necessidades. Ele abre espaço para tudo o que lhe é útil e, ao fazê-lo, ministra ao bem de, e ajuda a perpetuar, as

espécies úteis do Reino Animal e Vegetal. O seu trabalho é para si e para os seus semelhantes, e para toda a Natureza além deles. O espinho e o cardo, as feras vorazes de rapina, dado o pleno alcance dos seus instintos e poderes, erradicariam os produtos mais tenros, refinados e úteis de um país, se lhes fosse permitido um poder ilimitado de expansão. A Natureza fornece controlos ao crescimento de tais espécies; e nenhum é tão poderoso como o homem, que, pelo seu génio, pela sua habilidade em idealizar expedientes e, acima de tudo, pela sua força Magnética, detém as rédeas do governo sobre todo o domínio do mundo inferior das formas, e conquista e extermina o inútil para dar lugar ao útil.

A terra estava diante da raça infante, para ser conquistada pelas forças que esta deveria desenvolver. A força para concluir esta sua habitação deveria ser desenvolvida pela raça. Este foi o meio mais económico para produzir o grande fim que poderia ser idealizado, considerando todas as circunstâncias, como foi mostrado. Tal como um Alexandre, ela partiu para a conquista com pouca força, mas equipada com a energia inerente de carácter que asseguraria o sucesso; e ganhando força à medida que avançava, até que a terra estivesse aos seus pés e ela olhasse para o céu e para os recessos mais íntimos das coisas em busca de outros mundos para conquistar.

A Raça Negra e as Condições Tropicais

O "Éden" africano localizava-se onde os calores tórridos desenvolveram, com uma luxúria de produtos tropicais das variedades mais elevadas, elementos que decidiram as características da raça Negra. Esta raça foi marcada para as latitudes tropicais desde o seu nascimento; onde pode florescer apesar dos miasmas de pântanos e selvas que tendem a ser fatais para os exploradores brancos.

O lugar do seu nascimento era onde venenos espreitavam em cada brisa; onde eram exalados com os orvalhos e vapores, nos odores das flores e nas emanações da vida vegetal e animal por toda a parte. As essências subtis deste carácter que permeavam a localidade, por assim dizer, envenenaram as fontes da vida; ou, por outras palavras, gravaram-se no carácter da espécie humana ali presente; tornando-a lenta de

intelecto, menos sensível a influências de desenvolvimento de todo o tipo, menos enérgica, física e mentalmente. Era negativa no sentido mais verdadeiro, devido à sua relação com as condições prevalecentes no seu local de nascimento.

A elevada ordem de elementos na zona tórrida é negativada por outros intrinsecamente baixos, tais como os que são eliminados em proporções indevidas da matéria pela força do calor do sol. Estes últimos têm o efeito de degradar, até certo ponto, todos os outros elementos e, consequentemente, as ordens superiores de vida ali desenvolvidas. As ordens de vida, animal e vegetal, cuja função peculiar é absorver este grau de elementos, são numerosas e servem o propósito de os refinar e elevar; no entanto, elas próprias são dispensadoras de eflúvios que degradam a terra, o ar e a água, e tornam a vida um horror para tudo o que é refinado e espiritual.

Respirar o ar de um continente infestado, como a África tropical é e tem sido desde que o tipo ancestral da raça negra ali teve origem, por carnívoros vorazes, répteis e serpentes de cada grau e variedade — uma fauna hedionda cuja presença é infeção — é embeber elementos prejudiciais a um alto desenvolvimento intelectual e a um desenvolvimento físico enérgico; é tornar-se um factor nas condições prevalecentes, cujo cargo é intercambiar essências com todas as outras formas, em maior ou menor grau, direta ou remotamente.

É por isso que as latitudes tropicais são tão desfavoráveis ao avanço da civilização ou à perpetuidade da vitalidade de pessoas civilizadas e enérgicas. As zonas de força intelectual e vida física enérgica, o que significa as zonas que incluem as raças e nações altamente civilizadas e iluminadas, são demarcadas pelos trópicos e círculos polares, sendo fixadas pelo clima e pelas suas influências acompanhantes.

A raça Negra partilhou, desde o início, mais fortemente de características animais do que a branca. Não houve uma separação tão completa do plano animal, em muitos aspetos, com esta raça como com a última; facto que é evidenciado agora pelas feições e instintos animais de alguns membros da raça. O plano humano foi atingido, contudo, e o

progresso neste erradicou as peculiaridades ancestrais mais proeminentes; mas não tão completamente, ou em tão curto tempo, como no caso da outra raça.

A história desta variedade, tanto quanto é conhecida atualmente, é uma confirmação exata do princípio sobre o qual foi desenvolvida e sobre o qual avançou e reagiu com a raça positiva. "Servo dos servos será ele para os seus irmãos" foi a profecia da natureza desta criança fraca e dependente. Não poderia haver revogação da sentença, visto que a mais forte desenvolveu força e vontade além de toda a proporção com a mais fraca, e as suas energias preponderantes estavam destinadas a controlar onde quer que decidisse fazê-lo.

O Encontro das Raças e a Origem das Variedades Mistas

Saindo do "Éden" e vagando na direção da raça irmã, após os homens se terem "multiplicado na terra", os "filhos de Deus", que eram a raça branca, entraram em contacto com a raça negra e casaram-se com as "filhas dos homens" — com os negros; e o resultado desta mistura foi uma raça de "homens poderosos". As declarações alegóricas da escritura hebraica acima citadas em parte tinham referência direta à mistura de sangue das duas raças distintas após o seu encontro. O significado original foi obscurecido por interpolações; mas a ideia proeminente permanece ali em plena luz. Os antigos consideravam as distinções de raça como sendo de origem divina; e para distinguir a raça superior, o vidente chamou aos seus filhos "filhos de Deus".

As filhas dos homens eram "formosas", o que significa atraentes; isto refere-se à atração sexual, mais do que à beleza física. As filhas lascivas da raça, que Cam é imperfeitamente feito representar na escritura, e cujo carácter é retratado no seu tratamento ao pai, exerceram as suas artes para seduzir os seus visitantes, e conseguiram. O fruto que resultou da união das duas variedades diversas foi uma raça superior à inferior — "homens poderosos, que foram os homens de renome da antiguidade". A lenda chega até nós exagerada, como é sempre o caso. "Na antiguidade" é sumamente expressivo na narração; pois sugere que, quando a compilação daqueles antigos escritos das escrituras foi feita, a tradição do

evento supracitado era velha; que a revelação era um fragmento transmitido de um período no passado remoto; o que era de facto o caso.

Pondo de lado a antiga narrativa, a verdade é aparente de que a mistura das raças produziu outra, diversa de ambas; superior a uma e inferior à outra dos tipos parentais. Aqui esteve a origem das variedades intermédias ou mistas da raça humana. Originando-se no Norte de África, onde os brancos encontraram os seus irmãos de cor, o primeiro tipo desta classe era muito escuro, com fortes características negras. O clima e outras condições do país determinaram isto.

As misturas continuaram a partir deste centro, e ramos partiram dali e estabeleceram-se noutras partes de África, no Sul da Ásia e, finalmente, nas ilhas do oceano e em continentes remotos. O fundamento das distinções nas várias variedades da raça mista foi a diversidade dos tipos parentais, a relação proporcional de cada um e de todos com os dois tipos originais; as condições locais, o modo de vida, etc., exercendo uma influência poderosa na modificação e fixação das características.

O primeiro efeito do contacto dos tipos originais foi bom; e este efeito foi propagado através das eras. As reações dos elementos positivos e negativos da raça começaram aqui a sério; e o resultado foi um forte impulso ao progresso de ambas. O tipo positivo definhava por falta de excitação — algo que despertasse e fizesse emergir os seus poderes; enquanto o negativo precisava do estímulo para a atividade, que apenas poderia ser dado pela humanidade positiva — um povo que pudessem imitar ou servir e, por este meio, adquirir artes superiores às suas próprias. O primeiro sentimento que seria naturalmente despertado no encontro dos dois era a curiosidade. Esta levaria ao intercâmbio de cortesias; e, talvez, a demonstrações hostis por um lado e aquiescência servil por outro.

As relações naturais das raças que se misturavam foram logo estabelecidas; afirmando-se o poder, como é sempre seu hábito, em exigências opressivas ou num governo brando que servia os fracos e os fortes de igual modo. O servo curvou-se então perante o mestre; e o emblema da servidão foi aceite, para ser usado através de eras de

conflito, de opressão, de escravatura; mas para ser abandonado, em parte, gradualmente, quando a raça se emancipasse das profundezas da depravação e ignorância, e se aproximasse do plano da superior o suficiente para partilhar com ela agências civilizadoras e adquirir a dignidade que a cultura mental confere à natureza humana. Juntos, era requisito para os dois, por um tempo, prosseguirem o seu caminho; para que o mais fraco se pudesse apoiar e aprender com o mais forte. A mentalidade era de grau tão baixo na raça negra que esta deveria necessariamente, por algum tempo, estar sob a influência da branca.

A servidão a esta última era preferível ao isolamento, na medida em que cumpria o propósito de impulsionar para a ação as energias latentes. Um ramo da raça branca, uma vez na posse do país onde encontrou o negro, manteve a posse por um tempo, enviando colónias pelo continente de tempos a tempos; cada uma e todas levando no seu rasto servos e concubinas da raça negra; semeando assim as sementes da raça mista à medida que avançavam e povoando cantos remotos do continente com ela. O espírito de iniciativa que foi despertado no Norte de África espalhou-se, ultimamente, por todo o globo; pois as migrações não cessaram a partir deste momento; sendo periodicamente estimuladas a partir de novos centros, adquirindo a maré força em cada fluxo.

O Desenvolvimento das Artes e do Conhecimento

Os emigrantes de regresso da raça branca que voltaram os seus passos para o seu domínio nativo, após explorarem o novo país e travarem conhecimento com os seus habitantes, levaram consigo sementes desta iniciativa, que germinaram entre as tribos da raça que tinham ficado para trás, que estavam espalhadas pelo país desde o Sul da Ásia Central até ao Nilo; não continuamente, mas em secções onde uma população de homens se pudesse manter facilmente; e estas eram densamente povoadas. Os instintos gregários dos homens impeliam à centralização da população onde a subsistência fosse fácil de obter; e tornando-se estas sobrepovoadas, as famílias separavam-se delas e, em colónias, iam em busca de terras novas e férteis.

As artes simples que a raça praticou durante milhares de anos eram aquelas que as raças não instruídas praticam agora; sendo estas aprendidas por graus lentos. A arte da agricultura demorou a ser aprendida; as produções espontâneas da terra foram o sustento dos homens durante eras após o seu aparecimento.

A fertilidade das terras que ocupavam e a abundância de caça bastavam para suprir as suas necessidades simples, até que a necessidade impulsionou a domesticação de rebanhos e manadas, e a experiências na cultura de cereais e frutos. Nas suas errâncias, as tribos observaram e aprenderam com a Natureza; tomando as suas ideias forma em experiências de vários tipos, que culminaram em descobertas de importância vital. O cérebro simples que concebeu o primeiro implemento de lavoura ou de cozinha realizara tanto para a raça como o inventor da máquina a vapor.

Tomara um rumo fora dos velhos trilhos batidos, e a novidade da coisa provocou espanto e admiração e, melhor de tudo, emulação. Um passo de progresso preparava o caminho para outro; sendo os germes de todas as invenções úteis fornecidos, um a um, nas coisas de uso de vários tipos que homens não instruídos inventaram. Foi um caminho longo e árduo para atingir a meta onde o homem era mestre de arte suficiente para se vestir, alimentar e aquecer confortavelmente, como o homem agora concebe o conforto.

Sem o auxílio das experiências de gerações passadas, sem mestres, apenas com o génio desajudado e com as sugestões que a experiência pessoal e o contacto com a Natureza forneciam, os primeiros homens tiveram de lutar com os problemas que eram continuamente forçados à sua atenção, exigindo solução. Quem poderia lidar com tais dificuldades? Quem, senão aqueles que não conheciam outro caminho e esperavam pela Natureza como a criança dependente, até que as suas sugestões suprissem o lugar de professores, experiência e habilidade adquirida!

Mas não se dirá que não houve mestres para estes primeiros filhos do Altíssimo — nenhuns instigadores para estimular a inteligência retardatária, para despertar a imaginação e pôr em ação cadeias de

pensamento que conduziram a descobertas e invenções. "O anjo do Senhor" encontrou-os muitas vezes "pelo caminho" e agitou as suas mentes infantis através de impressões que podiam ser criadas e compreendidas.

Os antigos registos contidos no Génesis ilustram este facto. Não é tudo fábula o que relata como os antigos Patriarcas foram guiados e protegidos, sendo os seus interesses motivo de preocupação para anjos guardiões, que lhes apareciam como homens, frequentemente, como é relatado; o que prova a esta era que o poder psicológico foi exercido sobre pessoas suscetíveis, e sobre muitos indivíduos ao mesmo tempo, em certas ocasiões, por inteligências superiores, para propósitos evidentemente bons. Estes povos primitivos tinham direito à vigilância do céu, e tiveram-na; como cada era sucessiva tem, e deve ter.

A Evolução da Linguagem e o Impacto do Meio

Assim foi que, na evolução da linguagem, a inspiração foi uma força importante. A associação de homens desenvolveu a linguagem; primeiro, a da gesticulação ou pantomima; depois, sons vocais significando ideias e coisas; finalmente, a linguagem falada. As ideias tomaram forma na fala à medida que os homens aprendiam a imitar os sons da Natureza nos seus multitudinários modos de expressão, e a copiar as entoações de voz das raças animais e uns dos outros.

O estatuto intelectual de uma tribo, raça ou ramo do tipo humano determinava o carácter da linguagem por ela desenvolvida. Esta era a lei na primeira instituição da linguagem, como o é no presente, de forma modificada, como cada observador sabe. A localização, os arredores, as tendências raciais, etc., de cada ramo separado da família humana, na atualidade, exercem uma influência no estabelecimento do seu estatuto intelectual e na determinação do carácter dos seus idiomas. A lei que fixa isto é a que cria as diferenças em cada reino da Natureza, dependente da localização e das condições. Diferentes continentes, países e zonas desenvolvem as diferenças de espécies nas mesmas famílias e tipos dos Reinos Animal e Vegetal. A aclimação de variedades destes em locais

novos e estrangeiros envolve mudanças importantes de carácter que se exibem, ultimamente, em gerações subsequentes.

É fácil compreender como, nas migrações e fixação de vários ramos da raça humana em todas as zonas, em diferentes continentes, em divisões remotas do mesmo continente e nos arquipélagos dos oceanos que limitavam os antigos domínios parentais da raça, as diversidades de raça e também de linguagem foram elaboradas. Estas têm sido tão mutáveis como os centros de poder, que se deslocaram, como os ventos errantes, de um ponto da bússola para outro, de uma tribo, nacionalidade ou raça e localidade para outra, ao longo dos séculos revolventes desde que o homem se tornou um ser agressivo até ao presente; e estas mudanças estão gravadas nos povos da terra nas suas características raciais e linguagem, em caracteres inequívocos, que, contudo, ainda não podem ser plenamente decifrados.

Civilizações Pré-históricas e o Legado Antediluviano

A obscuridade que envolve a história primitiva da raça não oculta o facto, evidente pelas investigações dos linguistas, de que a linguagem se desenvolvera numa ciência em tempos pré-históricos. Os dados em posse dos investigadores são, por enquanto, demasiado escassos para admitir a fixação de datas da origem de qualquer família de línguas, ou dos povos e raças que foram os seus fundadores; mas deve inferir-se do que se sabe que, antes do amanhecer do período da história autêntica, existiram povos que tinham atingido um estádio de civilização correspondente, em muitos aspetos, ao das nações civilizadas de tempos recentes.

As artes da vida civilizada eram praticadas entre algumas nações tão recuadamente quanto a história pode ser rastreada; e é uma questão de grande importância de onde estes povos antigos derivaram o seu conhecimento, e como foi que uma elevada ordem de artes floresceu naquele período primitivo, no limiar da era fabulosa, quando é suposto por muitos que a humanidade estava apenas a emergir da barbárie, o seu primeiro estado infantil, ou estava apenas a começar a povoar a terra após um dilúvio universal recente — artes, algumas das quais se perderam, e outras possuídas apenas por nações civilizadas que as

desenvolveram através de cultura superior ou as derivaram já aperfeiçoadas de eras anteriores de esclarecimento do período histórico. O abismo que divide as civilizações mais antigas das do período histórico é escuro e largo; atravessado em raras instâncias por memoriais deixados como marcos da era esquecida. A era fabulosa que precedeu e inaugurou o período histórico é como um véu que esconde desta era o grande passado, onde os começos do progresso em cada departamento da vida foram feitos; e onde a raça realizou um estádio importante na sua carreira.

Antes do declínio que marcou o período de encerramento da sétima grande era, ramos das raças branca e mista tinham desenvolvido um grau de cultivo nas artes e ciências que lhes confere o título de pais — os originadores — destas. Espalharam os germes de todas as artes e ciências úteis pelos centros densamente povoados das então partes habitadas do globo; e, nalguns casos, estes germes germinaram e deram frutos luxuosos antes das revoluções que culminaram na queda das civilizações mais antigas e no estabelecimento daquelas que culminaram no início da era histórica. Muitas das artes praticadas pelos Fenícios, Egípcios, Árabes, Assírios, Babilónios, Persas, etc., nos tempos mais recuados da história registada, eram heranças de família, transmitidas por gerações de antepassados na era antediluviana; que as praticavam e melhoravam quando o declínio começou.

Houve então uma suspensão parcial de tais atividades mesmo entre os povos mais avançados, enquanto a grande massa da humanidade se afundava na inatividade de um estado bárbaro ou semibárbaro, ou nos lodaçais da selvajaria, tendo muitas tribos e nacionalidades atingido antes algum grau de cultura em várias direções. Assim, a ciência da linguagem foi propagada desde a era antiga, e as artes da escrita alfabética e simbólica, com outras tão importantes que não são geralmente rastreadas até esta origem antiga.

As Famílias Linguísticas e o Domínio Ário

Os centros onde as famílias de línguas mais elevadas foram desenvolvidas foram, em data precoce, fixados pela fundação de

nacionalidades distintas em centros amplamente separados, aos quais se subordinaram inúmeras tribos e nações menores, que seguiram a liderança do estado progenitor, desenvolvendo-se no mesmo plano, tanto quanto qualificados para tal pela raça. As distinções de raça eram claramente marcadas desde os estádios incipientes do crescimento humano. Evidências disto existem em abundância na atualidade; entre as quais, tão claramente marcadas como qualquer outra, estão as línguas em uso pelos vários ramos da raça.

As línguas Árias originaram-se onde a raça branca detinha o domínio — onde esta nasceu; e propagaram-se com os ramos puros dessa raça dominante, como a linguagem dominante e superior do mundo esclarecido. As línguas Semíticas foram as de nacionalidades brancas desenvolvidas sob diferentes condições e vivendo em contacto com raças inferiores, ou nas fronteiras do domínio africano onde a mistura de raças era uma fonte de corrupção para a linguagem da raça superior.

A vaga relação que é descoberta e sugerida por alguns linguistas entre as famílias de línguas mais elevadas é tão real como a relação de povos que originaram do mesmo tronco comum, após as primeiras formas de fala terem sido instituídas; mas que se separaram na infância da linguagem e formaram tribos e nações distintas, desenvolvendo línguas a partir da raiz original peculiar aos seus respetivos locais de morada, adequadas à sua inteligência, condições de clima, solo, produtos, etc., e à sua posição em relação a tribos de raças inferiores.

A estabilidade que tem sido, em certo grau, característica das línguas mais elevadas, como consequência das literaturas e formas mais estáveis de organização de governo, etc., dos povos que as usam, tem faltado nas das raças inferiores. Os idiomas de todas as tribos e nações inferiores, hoje, trazem a marca de mudanças que têm ocorrido em cada era antecedente, consequência do baixo carácter da inteligência de pessoas que não tinham literatura para sobreviver a conquistas e subjugações, através da qual preservassem formas de fala e tesouros de saber nacional. Portanto, provar-se-ia uma tarefa ainda mais difícil rastrear a linhagem de qualquer uma das inúmeras tribos de povos bárbaros e selvagens dos quatro quadrantes do globo, recuando até aos centros originais de onde

emanaram, do que rastrear a origem das raças Semítica e Ária através dos labirintos de mudança que separam a era atual do período remoto da unidade de cada uma ou das duas.

Esta seria uma tarefa impossível com a luz presente que se possui sobre o assunto; mas é seguro prever que investigações continuadas na escala já iniciada entre registos antigos revelarão tesouros de conhecimento de um passado esquecido, que darão a chave para factos importantes relativos à história primitiva da raça. Não é o propósito aqui tentar um delineamento desta história além do necessário para mostrar como a história, a ciência e a Natureza a revelam, e rastrear efeitos até às suas causas, no domínio da Etnologia.

O Papel do Egito e a Transição de Poder

A Ásia foi o berço das línguas mais elevadas e da própria civilização. Até tarde na era Antediluviana, deteve a proeminência na aprendizagem e nas artes. O Norte de África estava a preparar-se para receber o legado de poder do estado progenitor, enquanto as populações brancas se centralizavam e desdobravam as capacidades de grandes nacionalidades, derivando de centros mais antigos o estímulo para o progresso.

O Egito é um exemplo de um estado que surgiu em poder antes do grande declínio, derivando o seu estímulo ao crescimento de nações asiáticas vizinhas que floresceram contemporaneamente com o seu início precoce. Estava na manhã do seu dia, o período de abertura da sua vida enérgica, quando as nações mais velhas tinham passado o seu meridiano; e, por isso, sobreviveu à idade das trevas como um povo enérgico, pronto a redobrar as suas energias e os seus trabalhos quando a Natureza estivesse preparada para cooperar com ele em pleno acordo.

As reações das nações naqueles dias foram o que têm sido desde então; produzindo os mesmos resultados, próximos e remotos. O poder deslocou-se de centro para centro, de nação para nação, centralizando-se, finalmente, com os mais enérgicos; e desenvolvendo força à medida que um povo desdobrava as suas energias. A supremacia estava com os mais fortes física e intelectualmente, como no tempo presente.

Que as nações têm a sua infância, maturidade e velhice, tão marcadas como estes estádios na vida humana, ninguém pode duvidar que esteja familiarizado com a história. Os túmulos das nações estão no vórtice de onde são evoluídas novas; o antigo vivendo no novo em formas sociais derivadas e no sangue do povo. A antiga arte, ciência, literatura e religião egípcias podem ser designadas os frutos da era antiga, como a moderna civilização americana é o fruto da Anglo-Saxónica e de outras, combinadas; com a diferença de que, no primeiro caso, uma era de barbárie e superstição sobreveio entre o período da fundação do império egípcio e o da sua culminação na era histórica, a qual deixara a sua marca em tudo, especialmente na religião do povo.

O mesmo se pode dizer das nações do Sudoeste Asiático, que surgiram na sua antiga grandeza no período histórico inicial, dando evidência em abundância de uma ascendência no passado de alta ordem. Não derivaram o seu conhecimento das artes e literatura, a sua ciência e economia política, de nações que não tinham ultrapassado a forma Patriarcal de governo, embora essa forma estivesse em voga entre muitos povos da mesma era, como esteve e tem estado em cada era precedente e sucessiva até ao presente.

Formas de Governo e a Evolução Social

As formas governamentais podem dizer-se indicativas da era e progresso de comunidades de nações. A forma Monárquica dos antigos era o despotismo exercido sobre pessoas que não conheciam melhor forma; que eram as ferramentas dos seus governantes, para serem usadas para os seus propósitos, fossem eles quais fossem. As massas do povo eram iletradas e em escravidão servil; sendo a escravatura uma instituição comum a todos os povos. A liberdade de ação estava restrita a poucos; e esses poucos eram aqueles que, por superioridade de inteligência e realização, podiam exercer influência sobre reis e cortesãos. Os sacerdotes nos templos, os conselheiros de estado, os filósofos e sábios monopolizavam a liberdade e a aprendizagem, usualmente; enquanto as massas, e geralmente os seus governantes, estavam na ignorância. Assim era que a aprendizagem era raramente difundida; e em tempos pré-históricos, tão raramente que deixou poucos memoriais a esta era

registando a sua existência. Exceções a esta regra existiram na era histórica inicial e na pré-histórica; mas foram poucas e confinadas a pequenas comunidades de homens que eram os depositários da melhor civilização de uma era; a principal influência através da qual esta seria estampada nas eras sucessivas.

Como a Antiga Atenas imprimiu a sua influência em todas as eras sucessivas através da sua cultura superior e forma de governo, assim existiram outras Atenas, outros estados que, como o grego, e em tempos remotos no passado em relação à Era de Péricles, lançaram uma luz sobre a escuridão circundante, ultrapassaram os seus vizinhos e transmitiram a eras posteriores tesouros que enriquecem mais do que ouro e joias — tesouros de aprendizagem e experiência armazenadas.

A forma Monárquica de governo sucedeu à Patriarcal, após esta ter sido desenvolvida, primeiro na sua forma mais simples e depois na complexa. Foi primeiro a família, depois a organização tribal, depois a comunidade de tribos. O pai na família, o avô mais honrado ou parente idoso numa tribo aparentada, e o sábio mais experiente na comunidade de tribos, que exerciam as funções de Patriarca entre os primeiros homens. O Rei sucedeu ao Patriarca quando um povo desenvolvera números e, parcialmente, ultrapassara a ideia de submissão servil ao pai, ou ao seu representante, o Patriarca.

O título de rei foi conferido a governantes, indiscriminadamente, após as prerrogativas da realeza terem sido definidas. Os Patriarcados mais antigos não eram despotismos como as Monarquias que lhes sucederam. As ideias dos termos pai e rei são diferentes; e esta diferença existia nestas distintas formas de governo. A prerrogativa do pai era governar despoticamente, mas ao mesmo tempo com um interesse paternal no seu povo; sendo o seu domínio nominal, se ele escolhesse fazê-lo assim, estando o povo livre para agir dentro dos limites da ordem familiar ou tribal. O rei centralizava o poder como o patriarca não fazia. A Monarquia tornou-se uma necessidade quando o povo de uma comunidade desenvolveu a inteligência e força para se tornar um poder ao concentrar as suas energias. A confusão e a anarquia eram perpétuas entre comunidades de tribos que tinham desenvolvido propensões à

agressão e aquisição; e é certo que este estado anárquico é menos favorável ao progresso do que o despotismo, que concentra o poder para desenvolver força e ordem.

As eras que foram requisitadas para a evolução de todas estas formas sucessivas de governo a partir dos rudimentos germinais nas primeiras famílias de homens foram muitas; como bem se pode conceber. Estão divididas em períodos distintamente marcados, eras menores e épocas, em correspondência com as subdivisões do tempo Geológico; sendo os vários estádios de progresso da raça como um todo períodos marcados que datam de épocas de renascimento ou estimulação do progresso geral; sendo estes estádios subdivididos de forma diferente de acordo com o estatuto e carácter de diferentes raças e ramos de raças.

A Natureza física atua e reage com a raça; portanto, nas eras passadas e esquecidas, como aquelas que podem ser estudadas à luz da ciência e da história hoje, houve uma correspondência entre as condições físicas nos diferentes continentes em localidades habitadas e os habitantes.

A Ásia Continental, com as suas condições de superfície superiores e como berço da raça branca — que reagiu sobre essas condições para intensificar a produção e o progresso durante longas eras —, pôde fomentar o crescimento da civilização a partir dos germes que as primeiras famílias da raça superior desenvolveram; enquanto na África Continental, o progresso foi dificultado por condições desfavoráveis de raça e país reagindo entre si; embora tenha havido exceções importantes a esta regra nalguns distritos deste continente.

Na Europa Continental, durante eras após a emigração nela ter entrado e procurado os seus locais mais favoráveis para fixação, as condições eram tais que o progresso estagnou, e o povo deteriorou em hordas selvagens que, nalgumas instâncias, rivalizavam com as feras de presa em ferocidade; vivendo ao mesmo nível que elas; deixando como monumentos da sua existência relíquias tão rudes como a sua era e país, misturadas com as de animais, que contam a história da era e das oportunidades dos "Habitantes das Cavernas" da Europa. A América

também conta a sua história no sentido de que uma raça não se perpetuará se não possuir os elementos de perpetuidade, qualquer que seja o seu país; mas alcançará um certo estádio de avanço sob condições favoráveis, após o qual deve certamente declinar, a menos que algum estímulo ao seu sangue e atividades seja dado através da intervenção de uma raça superior; reagindo ela, entretanto, desfavoravelmente sobre a sua localidade.

A exemplificação deste princípio é exibida nos restos de raças antigas que estão espalhados pelo continente americano, que não deixaram outro sinal além das tribos nativas da era presente, cujo estatuto denuncia o declínio fatal que começou num período demasiado remoto para ser rastreado; e muitas de cujas localidades são eloquentes da estagnação das forças humanas que foram destinadas a ajudar o deserto a florescer em fertilidade.

A Origem do Sentimento Religioso e os Primeiros Mestres

As eras Antediluvianas foram aquelas que deram à luz muitos dos deuses e semideuses da história fabulosa. Grandes heróis e estadistas, cujas façanhas foram transmitidas em saber tradicional através das idades das trevas, tornaram-se objetos de adoração para pessoas ignorantes e supersticiosas, muitas das quais tinham perdido até a memória da civilização e formas consistentes de religião. O sentimento religioso da humanidade foi despertado cedo na vida da raça; mas exibiu-se, primeiro, em tais formas que indicavam o baixo grau de espiritualidade e mentalidade do povo.

É difícil para aqueles que vivem à luz da presente civilização, tendo professores em cada departamento do conhecimento, absorvendo nutrimento mental e espiritual com cada respiração, bebendo-o com o leite materno, adquirindo ao colo da mãe uma visão das coisas espirituais que é fortalecida a cada passo na associação com a humanidade — é difícil, nestas circunstâncias, para as pessoas desta era conceberem as desvantagens sob as quais os primeiros povos trabalharam na aquisição de conhecimento de qualquer carácter — religioso como qualquer outro. As grandes ideias são de crescimento lento; a verdade lança raízes no

solo da mente humana tardiamente, em consequência da imperfeição das faculdades enquanto o homem está no estado material.

Os professores são uma grande vantagem, visto que implantam os germes de ideias que lançam raízes rápidas em mentes de outro modo bem providas; isto é, com um manancial de conhecimento adquirido que atua como um elemento fertilizante para novos pensamentos e ideias, assegurando algum tipo de colheita de cada germe recém-implantado.

A mente que é desprovida de qualquer conhecimento, exceto aquele que é adquirido pela experiência diária e associação com aqueles tão ignorantes como ela própria, pode ser comparada ao jardim que deve aguardar a ação tardia da Natureza para lhe fornecer as sementes que produzam uma colheita de bons frutos e, além disso, para preparar o seu solo para a receção da semente. As inundações, os ventos, as aves do céu e outras agências irão, no decurso do tempo, preparar o solo e plantar a semente; e então a colheita de tal sementeira é pobre.

O lavrador não desperdiçará o seu tempo a recolhê-la; mas ela regressa ao solo como um elemento fertilizante; e, com o tempo, ele aproveita esta preparação elementar e melhora-a através dos seus métodos inteligentes. As conceções das gerações mais precoces da humanidade foram colhidas como se das aves do céu e dos ventos do céu, e depositadas num solo mental tão estéril como um Saara. Os professores tardaram a chegar, cujas instruções fossem nutrimento sólido para a mente; tal como os pupilos tardaram na preparação para receber tais ensinamentos.

A Natureza forneceu professores de vários tipos que instilaram os primeiros princípios na mentalidade crescente. O sentimento de veneração foi despertado por demonstrações de poder. Os ventos sussurravam sons misteriosos; e quando a rajada feroz, acompanhada por trovões, relâmpagos e inundação, varria a terra, demolindo à sua passagem, o medo aprofundava-se em pavor; e uma conceção de poder além do que o homem possuía era despertada. O sol na sua grandeza e beneficência inacessíveis, os céus estrelados, a lua, as águas que, balançadas por tempestades, exibiam fenómenos tão temíveis e cujas

profundezas eram tão misteriosas como os céus, e mais pavorosas — tudo isto reagiu com efeito sobre o povo; e eles aprenderam de Deus através deles, finalmente, assistidos por tais inspirações de que eram suscetíveis de receber.

Videntes e Profetas desenvolveram-se entre eles e ajudaram as massas a desdobrar as suas capacidades espirituais; pois houve sempre aqueles entre o povo, então como agora, que eram superiormente sensíveis a impressões espirituais e que foram impelidos a fazer da instrução do povo em coisas espirituais a sua vocação. Nos tempos primitivos, tais homens eram governantes e guias para o povo em todas as coisas. Assumiam a autoridade como conferida pelo céu.

Isto está exemplificado na história dos Patriarcas registada nas Escrituras Hebraicas. Os pais de famílias e tribos — como Abraão e o seu filho Isaque, e o seu neto Jacob —, que eram suficientemente suscetíveis às influências espirituais e, ao mesmo tempo, de tal capacidade mental que os tornava guias seguros para as suas famílias e descendentes, e para tribos inteiras, foram impelidos pelas suas impressões a assumir autoridade e a agir como juízes e governadores, bem como instrutores religiosos.

Era o melhor que se podia fazer em tempos em que as massas se apoiavam na autoridade, e em que uma orientação pobre era melhor do que nenhuma. Profeta e povo eram, como seria de esperar, quase iguais; um apenas um pouco elevado acima do plano do outro; mas esse pequeno avanço era o ponto de apoio a partir do qual o inferior podia ser auxiliado a erguer-se.

As ideias religiosas desenvolvidas pelos pais, que podem ser denominadas as primeiras — as primeiras que assumiram qualquer forma definida, elaborando-se em modos de culto, etc. — embora rudes, não eram as superstições básicas da Selvajaria, que, nos dias de hoje, horrorizam os instintos superiores do homem civilizado e desmentem a ideia de inteligência, de humanidade, que se associa ao género humano de cada raça e grau.

A Humanidade, na escala ascendente do progresso desde o primeiro estado infantil, tal como a árvore da vida animal, enviou os seus ramos para cima, para fora e para baixo; como já foi sugerido. Os ramos que dispararam para cima foram aqueles que exibiram as tendências inatas da natureza humana sob a luz mais clara, desde o início; foram aqueles que, por virtude da dignidade humana inerente em si, perseguiram um caminho mais direto para o desdobramento das faculdades humanas superiores do que quaisquer outros; servindo como núcleos de onde emanavam forças de desenvolvimento que reagiriam sobre todos os graus inferiores. Sendo as faculdades religiosas tão naturais como quaisquer outras ao ser humano, elas desdobraram-se com as demais, e pelos mesmos modos naturais.

Os objetos, os fenómenos que evocavam pavor e veneração foram, naturalmente, aqueles que foram primeiro deificados. Os sentimentos de medo e amor eram exercidos para com objetos com os quais o povo estava tão intimamente associado que os compreendia e, por isso, estes falhavam em despertar sentimentos religiosos; os quais, para o serem na realidade, devem ser exercidos para com um princípio ou inteligência superior; um que esteja fora do alcance das faculdades ou poderes humanos comuns.

O medo aprofundado em pavor torna-se um sentimento religioso; e o mesmo sucede com o amor desenvolvido em reverência. A besta selvagem que devora pode ser morta ou subjugada à vontade do homem; e o sentimento que ela desperta dificilmente está aliado ao que é provocado pelos elementos, pelo sol e pelos céus estrelados, nas imaginações de homens não instruídos cujos instintos não se tornaram depravados pela selvajaria.

Os templos onde o Altíssimo foi primeiro adorado pelos filhos dos homens foram os bosques, os campos, onde eram revelados às suas mentes suscetíveis fenómenos estranhos, grandiosos e aterradores; e os primeiros objetos de adoração foram os elementos, o sol, a lua e os céus estrelados. Surgiram sistemas de religião que eram tão diversos como o estatuto mental dos diferentes ramos da raça; e foram propagados com estes sobre a terra; mudando a sua forma à medida que os povos

progrediam ou deterioravam. A raça que estava na vanguarda da intelectualidade desde o início, aquela em que os instintos superiores da humanidade se revelavam sob a luz mais clara, foi aquela com a qual originou a forma mais elevada de religião; e que desdobrou esta em várias formas adaptadas a diferentes ramos da raça; cada uma das quais possuía elementos de consistência e verdade, e em proporção aos poderes de visão clara dos instrutores e profetas que esses ramos produziram.

O Monoteísmo Primitivo e o Livro de Job

Uma forma de Monoteísmo foi elaborada na era antiga, a qual está exemplificada, em certo grau, no primeiro capítulo do Génesis e no livro de Job. Os primeiros Hebreus derivaram o seu sistema disto, através do seu grande Patriarca, Abraão. Do carácter deste sistema, algo se pode colher destes registos antigos. Era um sistema filosófico, superior a qualquer um que lhe tenha sucedido em aspetos importantes; sendo os fragmentos em existência um índice para o seu carácter e para o dos seus fundadores; e para os profetas e videntes desenvolvidos como instrutores do mesmo.

Poder-se-ia supor que a raça estava na sua infância quando Job da "terra de Uz" e Abraão de "Ur dos Caldeus" viveram e ensinaram? Então deve crer-se que ela se desenvolveu como um crescimento sobrenatural; como defendido pelos teólogos da escola mais ortodoxa; em vez de aparecer na ordem da Natureza e desdobrar-se segundo o seu plano. A teologia de hoje dificilmente consegue atingir o padrão de Job e dos seus amigos nas suas conceções dos atributos da Divindade e dos princípios que subjazem à responsabilidade moral.

Há uma inundação espantosa de luz lançada sobre as questões da antiguidade do homem, e sobre o estádio ao qual os ramos superiores da raça tinham progredido no período de abertura da era histórica, pelo livro de Job e por algumas partes do Génesis; luz que não pode ser ignorada na resolução correta destas questões. Germes de verdade na filosofia, ciência e religião sobreviveram ao grande declínio, para servirem de sementes de um novo crescimento, o qual estaria isento de muitas das

imperfeições inerentes aos velhos sistemas; estes últimos deviam necessariamente ser substituídos por um método de mudança radical, que reconstruiria minuciosamente os elementos que os compunham. A Natureza é minuciosa no seu trabalho, não poupando nada que esteja no caminho do progresso pela ordem estabelecida.

Os velhos sistemas estavam gradualmente a desmoronar-se em consequência de defeitos inerentes, tal como o povo estava no plano inclinado para o desmembramento de impérios e da própria sociedade, durante um longo período anterior a esta consumação numa idade das trevas; e foi a oportunidade da Natureza para erradicar o velho e implantar o novo, em solo já preparado e enriquecido com germes vivos.

No novo começo que o mundo tomou após a era fabulosa, houve muita confusão de sistemas e apropriação indevida de princípios na reconstrução de formas de religião, filosofia, etc. Ilustração disto encontra-se nos grandes sistemas do Oriente e nas Escrituras Hebraicas. Estas últimas foram compiladas a partir de registos fragmentários, alguns dos quais, como transparece pelo seu carácter, tiveram origem em povos que tinham perdido a verdadeira ideia do Monoteísmo e, com ela, uma compreensão clara da verdade religiosa e filosófica; mas que tinham incorporado no seu sistema fragmentos de um que estava tão acima das suas conceções como os céus acima da terra; veja-se o primeiro capítulo do Génesis, em comparação com o segundo e outras porções do livro.

Aqui, as revelações de um vidente antigo de um período remoto, de uma ordem elevada, estão lado a lado com mitos; as primeiras destacando-se claras e distintas dos seus arredores, como diamantes incrustados em terra e argamassa. Assim foram apropriadas, na nova ordem, relíquias da antiga; videntes e sábios cuja memória passara da terra, contribuindo para o renascimento da literatura e da aprendizagem. Arquitetos qualificados e artesãos de vários tipos, que viveram apenas nas obras das suas mãos, deram da mesma maneira a pista para artes que culminaram na arquitetura egípcia na era histórica inicial; e, mais tarde, na grega e noutras formas, e no engenho de artífices de todas as nações avançadas da antiguidade. A arte superior nasceu da inteligência, que foi o fruto da experiência e da aprendizagem — de um conhecimento de

princípios, que apenas se adquire por eras de investigação e prática com a Natureza por métodos corretos. Noviços não planearam a arquitetura de Mênfis, nem originaram as belas artes e manufaturas da antiga Tiro.

O Ciclo de Progresso e o Declínio das Nações

Abandonando a consideração das evidências da antiguidade da raça e do seu estatuto anterior à era fabulosa, a qual antecedeu e inaugurou o período histórico, é oportuno introduzir aqui a discussão das causas que conduziram ao grande declínio, e considerar os fenómenos vitais que acompanharam esta consumação; e apontar, a partir deste exemplo gritante, a influência do homem sobre um planeta.

O modo natural de ação estabelecido está ilustrado na vida do homem individual, das nações e da raça em geral. Vida e morte, trabalho e descanso, ação e reação — positivo e negativo; infância, juventude, maturidade, velhice e declínio; e mudança, que introduz numa vida superior, num estado de ação ou ser mais avançado: este é o modo da Natureza. O progresso faz-se por estádios; cada um destes representa o que foi realizado no trabalho geral de avanço, sendo cada estádio completo precedente iniciador de um superior.

Tal é a ordem no universo físico; como foi plenamente ilustrado em capítulos anteriores; e tal é a ordem espiritual, intelectual e moral, da qual a raça humana é a representante num planeta. Cada estádio distinto é típico de todos os outros, no mundo moral como no material; e todos são interdependentes, não havendo possibilidade de dispensar qualquer um, ou qualquer número destes estádios, para que o trabalho de progresso prossiga até à consumação plena e completa.

A juventude segue a infância; o período mais maduro da jovem masculinidade, a juventude; a plena maturidade, esta; a velhice e o declínio encerrando a carreira do homem físico, que vive o seu termo natural de vida numa ordem fixa, da qual não pode haver variação, na natureza das coisas. Assim em cada reino do ser e da força; a inter-relação de forças de todos os graus e caracteres fixa a lei. O plano intelectual exibe a ação superior desta lei, mas não a altera; sendo as variações do

que se observa na ordem física na elaboração da vida planetária, etc., esta ação superior.

A raça humana realizou um grande estádio antes do período histórico. Este estádio subdividiu-se em estádios menores, cada um deles marcado com referência a algum departamento do crescimento intelectual, que foi exibido nalguns ramos da grande família e não noutros, de acordo com as circunstâncias. A culminação do progresso na evolução da linguagem, artes, literatura e religião, tal como estas existiam no período imediatamente anterior à era do declínio, marcou o extremo do desenvolvimento que a raça poderia atingir na condição de coisas então existente. Marcou a evolução do tipo superior de forças; o qual, como o leitor se lembrará, nasce sempre imediatamente antes da era de declínio que encerra todas as eras, estando adaptado às condições superiores da era seguinte, como um nascimento espiritual — "uma voz clamando no deserto, preparai o caminho" do progresso.

Um nascimento espiritual, estas forças superiores o foram, com toda a certeza. O passo avançado foi dado, o qual saltou o abismo da grande idade das trevas, quando as nações avançadas desenvolveram as formas de linguagem, literatura, artes e religião que sobreviveram a esta, e formaram as bases das estruturas que a nova era haveria de erguer sobre as ruínas de tudo o que era destrutível na antiga. Havia necessidade de uma remodelação da sociedade segundo um plano superior; um retrabalhar do material e uma seleção da melhor parte, com a qual se iniciaria de novo a jornada progressiva em direção a um desdobramento mais completo dos poderes e possibilidades da natureza humana no agregado.

Isto apenas poderia ser feito por meios extraordinários — meios tais que as exigências da situação desenvolveram, de acordo com o plano exibido na ordem das coisas, do princípio ao fim. Emergências extraordinárias produzem certamente meios extraordinários de alívio; vejam-se as crises nas eras de desenvolvimento físico, de vida nacional e individual. A própria dificuldade gera os meios de libertação dela, ao desenvolver os recursos, as energias, físicas ou mentais, ou ambas, que resolverão o problema do progresso ao ultrapassar a crise. Neste caso, o

meio foi nada menos que a desintegração da sociedade — de nações e comunidades —, a destruição de velhas formas e instituições, e o despovoamento parcial da terra; e a remodelação de tudo isto a partir do material selecionado, no plano superior que uma nova era, com condições renovadas, haveria de desenvolver.

Reconstrução Social e o Dilúvio Noaquiano

A reconstrução da sociedade por meios tão extraordinários tem o seu paralelo em menor escala em cada época de revolução entre tribos e nações, em todas as eras. Os velhos modelos são copiados tanto quanto servem os propósitos de reconstrução num novo plano; elementos indestrutíveis na sua natureza imprimem-se em instituições de cada era, como germes imortais que estão destinados a elaborar uma individualidade ao interagirem com outros no sistema social. Modelos antigos precisavam de ser esquecidos, em parte, por pessoas no plano intelectual dos pais da nova era, para que não fossem copiados de forma demasiado fiel à vida; e fazer isto não era vantajoso para os seus sucessores.

A história dos eventos que conduziram à catástrofe da subversão completa da ordem antiga e à substituição por aquela que introduziu a era histórica não pertence ao tema propriamente dito deste capítulo, apenas a parte intimamente associada aos princípios que se pretende estabelecer e exemplificar. Declarar o facto de que, antes do grande dilúvio Noaquiano, existia um estado da sociedade na terra que evocava as maldições do céu, é apenas repetir o que o mundo cristão sempre acreditou; mas o que a razão de uma era materialista duvida, ou desacredita totalmente.

E mais: declarar que antes da era de Noé existira um melhor estado de sociedade moral e espiritualmente, um que dera à luz as ideias, a religião deste velho Monoteísta e pregador da retidão — o filósofo, que podia declamar contra as corrupções de um povo cuja própria presença na terra era uma influência corruptora para ela; o profeta, cuja espiritualidade lhe permitia antever o evento que haveria de consumar a ruína dos transgressores — é declarar o que pode ser prontamente

inferido do relato Escriturístico destes eventos, e de toda a história antiga que recua até aos primeiros limites da era da fábula.

Que existira uma idade de ouro no passado longínquo e esquecido é atestado por toda a evidência que pode ser trazida sobre a questão. Esta era foi o tema de canções nas eras Homérica e Védica; deuses e deusas, prodígios de virtude, poder e proeza, figurando como os heróis e heroínas de contos tão antigos que o seu verdadeiro significado se perdera na fábula. A ideia disto, tão proeminentemente exposta em escritos antigos, inspirou sectários com a crença na queda real do homem de um estado paradisíaco no qual se supõe ter sido criado, para aquele em que se acredita que ele estivesse no início da era histórica.

A seguinte verdade raramente foi concebida por teorizadores antigos ou modernos sobre o assunto: a de que a raça, sujeita à mesma lei de progresso que a Natureza inferior, atingiu um certo estádio de avanço na era pré-histórica, onde repousou e recrutou as suas energias, preparando-se para tomar um novo começo num estádio novo e mais avançado da sua carreira; que este repouso foi como o das forças da Natureza nas eras primitivas mais do que qualquer outro subsequente poderia alguma vez ser; que foi uma desintegração de formas sociais tal que pode ser comparada à desorganização de sóis num universo; ou de formas de matéria numa superfície planetária numa era primitiva, nos intervalos inativos que precedem períodos ativos.

A Civilização Antediluviana e a Propagação do Conhecimento

A ideia deve, de imediato, sugerir-se ao pensador atento: a perda de realizações na civilização, em tudo o que denota a inteligência de um povo, indica superficialidade e defeitos radicais na inteligência e no conhecimento adquirido. Este é um princípio que deve ser cuidadosamente tido em mente, pois tem uma influência direta no assunto. Aquilo é necessariamente deficiente em força orgânica que se pode desmoronar quando levado à prova de medir forças com agências perturbadoras. Aquela civilização dificilmente é digna do nome, que não consegue sobreviver aos ataques da força bárbara, a menos que esteja confinada a um povo demasiado fraco em número para se confrontar

com hordas. É a prerrogativa peculiar do conhecimento superar a ignorância e propagar-se à custa da crueza e dos costumes bárbaros. Mas, para ser um poder num mundo onde a ignorância e o barbarismo são prevalecentes, a verdadeira civilização deve ter o equilíbrio de poder do seu lado; deve estar suficientemente difundida entre as massas, ou nalgumas raças, para ter atingido um ponto de apoio que não possa ser perturbado e perdido quando as revoluções derrubam governos e criam confusão no corpo social.

A civilização antediluviana não era deste tipo — não poderia ter sido, na natureza das coisas. O conhecimento não estava disseminado; o verdadeiro esclarecimento não se estampara nas instituições de nenhum povo com clareza e poder suficientes para fixar a sua estabilidade através de uma era de revoluções. O progresso que fora feito, contudo, era real; tendo-se gravado em marcos duradouros em certas formas e instituições, que transmitiram as suas excelências como um legado a todas as eras futuras.

Como exemplo: a ideia Monoteísta, transmitida à era presente através da agência dos primeiros Hebreus, provou a sua imortalidade; o seu valor inestimável como agente civilizador. A luz que brilhou do passado sobre a presente era fê-lo em poucas e dispersas cintilações; mas foi suficiente em volume para iluminar, embora tenuemente, o caminho que conduziu os pais desta era a um plano de progresso mais elevado do que o que os pais mais antigos ocuparam.

Na infância e na juventude, todo o conhecimento adquirido é superficial. O conhecimento experimental, por si só, está profundamente enraizado na mente individual; tal como a juventude não pode possuir por falta de anos. No final da era antediluviana, as raças de vanguarda eram jovens em tudo o que pertencia à verdadeira civilização. Estavam a experimentar ideias e descobertas nascidas há pouco; e os seus erros e fracassos eram tão naturais como o progresso real que fizeram.

A pausa na carreira progressiva da raça foi universal, por causa do estatuto de todos os ramos — tanto elevados como baixos. A juventude não tinha a força de mentalidade para resistir às influências deprimentes

que a ameaçavam; faltava-lhe a experiência, a força de carácter, que a maturidade fornece como salvaguarda contra males ameaçadores. Consequentemente sucumbiu — os ramos mais elevados da raça sofreram com os mais baixos, sendo engolidos no mesmo turbilhão; o qual foi um abismo de depravação para a maioria dos povos, e um nível baixo para todos.

As forças físicas, no seu declínio, arrastaram pessoas que não tinham o intelecto e a força de carácter para conceber e pôr em operação meios para travar a propagação de influências desmoralizadoras na sociedade; influências estas que reagem sobre a Natureza física, apressando o declínio. O barbarismo gera o estado selvagem na Natureza, tal como a inteligência, os métodos civilizados mantidos em operação por um povo enérgico, geram energia e fertilidade no solo.

Numa era em que as indústrias esmorecem por falta de conhecimento e estímulo do carácter certo para as manter em operação, enquanto ao mesmo tempo a tendência universal em todo o mundo material é para a depressão, a decadência, não há poder para travar o declínio tanto das forças mentais como das físicas; ambas, tão inextricavelmente entrelaçadas, retrocedem juntas para o plano onde devem fazer uma pausa, e recompor-se para uma renovação da batalha do progresso. Não podem cair mais para trás do que para o solo firme, o degrau seguro já alcançado, de onde ensaiaram subir a alturas fora do seu alcance antes que a sua força tivesse sido renovada, as suas energias estimuladas a um ponto além do que foram capazes até então.

A Inteligência como Força Superior

Na presente era industrial, quando as numerosas indústrias de nações esclarecidas reagem umas com as outras, e de nação para nação, por todo o mundo civilizado, e o comércio é estimulado por uma emulação saudável, enquanto novas descobertas no domínio da ciência e da arte, e necessidades recém-descobertas, estimulam perpetuamente a maior esforço e em todas as direções possíveis; e o comércio sulca todos os mares, levando as sementes da iniciativa às portas das tribos mais degradadas — em tal era, a Inteligência é o poder que fornece um

estímulo a forças que, de outro modo, esmoreceriam. A Inteligência, a força superior e nascida por último, afirmou o seu domínio, demonstrou a influência do homem inteligente sobre um planeta, ensinando, por analogia, o inverso — a influência do homem não inteligente e depravado nas localidades que habita. Este último torna-se, primeiro, a sanguessuga que bebe das fontes da vida sem devolver nutrimento; depois o ghou (carniçal), que devora os vivos e banqueteia-se com os mortos; até que a Natureza se torna um deserto, onde nem os destruidores conseguem encontrar subsistência adequada.

O povo degenerado do mundo antigo poluiu as fontes da vida no planeta pelos seus hábitos. O anátema pronunciado por Noé denuncia as condições: — "A terra também estava corrompida diante de Deus". As inundações de sensualidade e barbarismo que inundaram a terra, neste período, foram sem precedentes na história da humanidade. As comportas da ignorância e da degradação moral foram escancaradas quando as restrições do governo e da regra moral foram removidas pelo derrube de governos e sistemas religiosos, e das outras várias influências restritivas; todas as quais são o resultado da civilização, e a sua salvaguarda, enquanto as populações estão a melhorar lentamente em tudo o que torna os homens os instigadores de formas sociais seguras.

A vanguarda da civilização é a hoste de reformadores morais, estadistas, sacerdotes e profetas, que estão à frente das massas, e concebem formas de sociedade, como governos, religiões, formas de casamento, etc., e que lideram na fixação do sentimento moral do corpo social. Nos tempos primitivos, o povo era mais dependente dos líderes do que no presente, onde prevaleciam as formas sociais mais elevadas; e as revoluções eram mais perigosas, visto que tão poucos possuíam as qualidades requisitadas de reconstrutores de tecidos sociais estáveis. Revolução significava retrocesso e destruição das salvaguardas da sociedade, quando o corpo social carecia da fibra, da iniciativa para conceber novas formas.

As exigências de tempos revolucionários produzem certamente os recursos intelectuais de um povo enérgico; os quais, juntamente com o patriotismo e virtudes afins, são suficientes para evocar algum tipo de

ordem do caos e colocar um povo de novo na estrada do melhoramento. A inteligência é desenvolvida pelas próprias emergências que provam as almas dos homens nas suas sensibilidades mais ternas; sendo o amor ao lar e à família, aos parentes e ao país, os estímulos para despertar tudo o que existe num povo, em lutas que ameaçam perigo às instituições queridas. Mas onde falta energia, não há salvador para um povo das consequências dessa carência.

Eles estão no plano onde a estimulação das suas forças vitais se tornou uma necessidade vital para a sua própria existência. Declinarão até que um novo começo seja dado por alguma influência estrangeira, ou morrerão — serão totalmente perdidos da terra como um povo distinto; os últimos remanescentes da raça morrendo de pura estagnação das forças da vida. As energias do povo antigo tinham minguado; e por isso, com todas as condições como estavam, eles deviam declinar até que o estímulo fosse fornecido para pôr em ação as suas forças latentes.

Não se tinham desenvolvido, em larga escala, para o plano onde as suas indústrias forneciam a força para contrariar a tendência minguante das forças físicas. Havia apenas poucas pessoas que estivessem qualificadas para erguer barreiras contra os ataques das forças desintegradoras, que marchavam seguramente para vencer onde pudessem. Mas estes poucos provaram ser uma hoste; pois embora não pudessem deter a maré avassaladora, foram um poder para forçar a reação mais cedo do que esta poderia ter vindo se todos os povos estivessem no nível baixo das raças mais degeneradas.

A degenerescência naqueles dias significava o que Noé e outros profetas primitivos caracterizaram — o que significa em cada era em que a selvajaria degenerou nos lodaçais mais baixos da sensualidade, quando povos outrora civilizados perverteram os usos da civilização para servir as paixões mais vis do homem degenerado. Na escala ascendente, quando as raças estão a emergir para a luz a partir da escuridão primeva em que nasceram, exibem tendências de carácter afins à sensualidade, mas não aquele sensualismo vil que é o resultado de paixões mimadas — bestialidade educada, se o termo for permitido —, que é a perversão de apetites naturais nas luxúrias mais grosseiras. A história e a revelação

retratam os vícios que as sociedades desenvolvem quando caem de um estado onde aprenderam as virtudes, desdobraram os atributos naturais do carácter humano e praticaram as artes, tudo o qual perverteram para os usos de um barbarismo mais bárbaro do que o nome ordinariamente implica.

A associação de pessoas na escala descendente desenvolve os vícios repugnantes que envenenam as fontes da vida na sua origem, corrompendo as forças reprodutoras. As sementes da decadência e da morte são lançadas aos quatro ventos na atmosfera, deitando raízes no solo e em tudo o que tem vida, a partir dos "lazaretos", ou distritos infetados, onde homens e mulheres vivem em devassidão, praticando o incesto e outros crimes contra si próprios e uns contra os outros, e contra todo o universo exterior também; visto que toda a Natureza é uma unidade, no sentido de que as forças agem reciprocamente, propagando-se do centro à circunferência do domínio da vida e da força.

O homem ou as comunidades de homens são tanto para a Natureza, no que toca a instigar a vida e a força, que quando eles sofrem, toda a Natureza no seu domínio sofre com eles. Eles carregam a devastação no seu rasto, como o terrível Gêngis, quando desrespeitam as leis do seu ser, pecando contra si próprios. A raça ou nação que fomenta os vícios referidos é, acima de todas as outras, corrompida; e não encontra lugar para o arrependimento após um certo estádio ter passado; mas deve enfrentar a destruição que gerou. O flagelo que convidou descerá sobre ela tão certamente como as leis desafiadas são os seus próprios vingadores; e com uma severidade proporcionada à ofensa.

Noé investiu contra todo o povo; toda a terra estava sob a maldição proferida pelo profeta. Isto é significativo da verdade de que a degenerescência era universal; o declínio estava a minar as fontes da vida não apenas da raça do homem, mas de todo o mundo sob o seu domínio. Nação reagia com nação, tribo com tribo, com poucas exceções, e todas com o mundo material, para intensificar as condições deprimidas. Era como se o caos tivesse voltado; e, não fosse pelos remanescentes que provaram ser o elemento salvador e "acharam graça", como o "justo Noé", a terra ter-se-ia despovoado, de tal modo a maioria da humanidade

se afundara naquele poço do qual não havia extração senão através dos poucos favorecidos, que serviram como núcleos em torno dos quais se iniciaria a reorganização da sociedade.

O Estado Social Pré-Diluviano e a Filosofia da Queda

Quem descreverá esse estado social do qual não restam registos senão os contidos em fábulas extravagantes e na breve história do tempo de Noé encontrada na Bíblia? Não é necessária a pena do historiador para contar em detalhe a história de tempos tão degenerados que o que resta da sua memória horroriza pela sua hediondez e excita a melancolia e o presságio pela sua contemplação. As denúncias do profeta eram para um mundo perdido — ido além da esperança de salvação.

"Destruirei os homens da face da terra; eles são demasiado corruptos para viver e são um elemento corruptor para a terra." Este era o peso da maldição registada. É, de facto, uma denúncia patética; implicando mais miséria humana do que pode ser prontamente concebido; e mais um aviso para todas as gerações futuras de homens. Diz-se que a história se repete; e esta história repetiu-se em menor escala em muitos casos de nações, tribos e famílias da raça humana, desde aquele período; e deve continuar a fazê-lo quando as mesmas condições se repetirem.

Há uma filosofia na ascensão e queda de estados e nações, no seu progresso e declínio, que todos nesta era fariam bem em estudar; visto que há uma falta gritante de uma verdadeira compreensão da ciência da vida e do progresso social. As lições da história são para o presente e para o futuro; e o povo negligenciá-las, e desconsiderar o seu significado, é uma injustiça que confina com a criminalidade.

O carácter mítico da história de Noé e do dilúvio contida no Génesis, e de todas as outras histórias do mesmo evento, as quais são ainda mais míticas do que essa, faz com que sejam desacreditadas pela maioria daqueles que não tomam as escrituras e as velhas lendas como o seu padrão literal de crença. Contudo, não se pode duvidar, à luz dos registos antigos, que Noé viveu e que ocorreu um dilúvio pelo qual a destruição de vida e a devastação de um extenso distrito foram causadas — quão extenso, pode inferir-se apenas em parte. Não parecerá mítico — aquela

porção do registo bíblico que narra as causas da destruição que atingiu os homens — para aqueles que compreendem o que a situação deve ter sido.

O mito é o exagero da extensão do dilúvio e o carácter sobrenatural atribuído a causas e efeitos naturais; além disso, as porções precedentes e sucessoras da narrativa são vagas e, no essencial, pouco fiáveis. Causas legítimas produziram resultados legítimos; e as inundações que encerraram a Sétima Grande Era da história da terra foram os meios de a purificar da imundície que lhe fora legada por gerações de pessoas degeneradas.

A Lei da Purificação Planetária e a Subsidência das Terras

A lei foi detalhada num capítulo anterior, a qual decide que as condições gastas e corrompidas da superfície planetária não serão propagadas de era em era através do abismo natural que divide os estádios ou eras de progresso. No caso em questão, esta lei é ilustrada e plenamente vindicada. "Um remanescente será salvo" foi o decreto do Supremo; e a desolação que aguardava os eventos para a levar à sua consumação foi apressada pelo rápido declínio da raça, após esta ter passado o ponto de viragem e entrado plenamente na escala descendente.

O homem tornou-se o vampiro que minou as forças vitais nas localidades onde caiu mais baixo. Consumiu mais vitalidade do que devolveu, após ter perdido a sua força nativa pela indulgência em hábitos aviltantes. Os jardins que a sua indústria fizera florescer e produzir em abundância elementos energizantes para o seu próprio uso e o dos seus arredores tornaram-se desprovidos de força magnética vivificante; "lugares desertos" é um nome adequado para eles. A força ali estagnou — declinou rapidamente, sob as influências deprimentes; e o declínio foi propagado a partir destes centros humanos, e o clímax apressado. Como era prerrogativa do Homem apressar as condições progressivas, neste caso, ele indubitavelmente realizou este fim pela inversão da verdadeira lei do progresso. "A ira do homem o louvará, e o resto da ira ele o

restringirá", disse um antigo profeta. Aqui o significado deste ditado foi literalmente exemplificado.

Os desígnios da Sabedoria Infinita não foram frustrados pelos transgressores; mas o bem foi extraído da catástrofe inevitável. Os conspurcados encontraram a destruição que cortejaram, mas a Natureza, a Justiça Divina, a Misericórdia, foi vindicada pelo resultado final. Depreende-se desta história quão certas são as compensações da Natureza, e como elas são suficientes para satisfazer os chamados "juízos de Deus" sobre os transgressores das leis naturais.

As águas devastaram onde ocorreram subsidências. "As fontes do grande abismo" dos oceanos e mares foram soltas, por uma temporada, e as inundações foram a ordem; enquanto as tempestades prevaleciam, adicionando terrores sobre terrores à guerra selvagem dos elementos. As inundações foram de curta duração em localidades onde a crosta atingira espessura e força para resistir à influência das áreas em subsidência, como bacias marítimas e depressões naturais onde não existiam barreiras à subsidência como cordilheiras ou cristas rochosas.

Terras estáveis foram, em numerosas instâncias, perturbadas e parcialmente arrastadas com as secções que afundavam; mas raramente permaneciam muito tempo deprimidas, visto que reagiam sobre os estratos adjacentes e, ou cortavam a ligação com eles, ou forçavam-nos a níveis mais elevados pela solidez e força da sua estrutura. Assim, o dilúvio de Noé foi de curta duração, sendo uma consequência de tal depressão; a reação num curto período restaurou o nível antigo ou, pelo menos, causou um recuo das águas a tal ponto que deixou a superfície seca onde os poucos sobreviventes da região puderam iniciar a vida de novo.

O registo não declara, o que é facto, que as águas recuaram tão gradualmente naquela secção que anos decorreram antes que o nível atual fosse atingido, ou antes que qualquer porção considerável da área desolada fosse drenada de modo a ser habitável.

Mudanças Geográficas e o Destino das Raças

Em redor do Mediterrâneo, nas suas margens orientais e meridionais, houve uma área que afundou, parcialmente, com esse grande leito marinho, e logo recuperou o seu nível acima do leito dessa bacia, ao reagir sobre ela com tal força que cortou a sua ligação com ela onde os estratos o permitiam; e, onde a deslocação era impossível com a força exercida, forçando esta última a um nível mais elevado; as terras costeiras, em tais localidades, permanecendo a um nível mais baixo do que nas outras e, nalgumas instâncias, submersas, até que a reação tivesse elevado toda a área deprimida ao nível original, ou àquele que manteria para a era seguinte.

Este é um exemplo entre muitos, onde uma população densa sofreu com influxos e inundações; sendo a de Noé a família típica ou remanescente salvo da destruição por arcas de segurança, ou fuga para terras altas que limitavam os distritos inundados, das muitas espalhadas pelos continentes.

A superfície da terra foi remodelada apenas numa ligeira extensão, comparativamente, como o leitor já sabe pelas declarações num capítulo anterior, pelos movimentos que encerraram a Sétima Era e abriram a Oitava. A raça humana gravara a história do seu declínio e degradação na terra em caracteres que contariam a gerações futuras remotas as consequências da perversão das leis naturais. A lei da transferência de força de uma secção para outra da superfície, de continente para continente, ou de hemisfério para hemisfério, nas épocas de mudança entre eras ativas, foi plenamente explicada e ilustrada no lugar próprio; mas nesta ligação surge uma exemplificação completa da lei, que o leitor deve compreender plenamente.

A exaustão da força pela degenerescência dos homens, ou por qualquer outra causa, ou por todas as causas combinadas, em qualquer secção, grande ou pequena, foi seguida pela consequência legítima; a mesma que resultara das mesmas causas ao longo de todo o passado. A ação, na nova era, foi transferida para novas localidades a partir de onde o desperdício fora tão grande; e assim os antigos jardins onde o povo florescera mais, e pecara mais, que tinham sido despovoados, permaneceram lugares desertos após o renascimento da força. Desertos

usurparam os lugares de áreas cultivadas, nalgumas instâncias, e noutras, mares cobriram os sítios de cidades e secções densamente povoadas. Sodoma e Gomorra tiveram o seu paralelo em mais de uma instância numa época de mudança que foi intensificada em localidades por tais causas como as que foram descritas.

A "fabulosa Atlântida" não foi uma fábula, mas uma realidade envolta em mito; e é típica de muitas ilhas de mares e oceanos que foram submersas pelo afundamento dos leitos marinhos para maiores profundidades. Nesta época, numerosos ramos da raça que se tinham espalhado pelos continentes e ilhas dos vastos Arquipélagos dos oceanos tornaram-se isolados do resto da humanidade pelo aprofundamento e alargamento dos canais oceânicos principais que os separavam uns dos outros e dos continentes; e alguns foram obliterados da terra, como acima sugerido.

As autoestradas outrora destruídas, que tinham preservado, em certo grau, a unidade de algumas raças, ao fornecerem meios fáceis de comunicação entre as terras mais remotas, as características raciais tornaram-se fixas como decididamente distintas, onde anteriormente o eram menos. A América, na era antiga, era acessível a partir do Continente Oriental em latitudes setentrionais, através de séries de ilhas que polvilhavam densamente o Pacífico; e até ao presente, continuou de fácil acesso na sua divisão setentrional; mas as raças degeneradas da Zona Ártica dos dois continentes perderam a arte e a memória da intercomunicação.

As raças que povoaram a América não eram do tipo para sobreviver a grandes desastres como o que está em consideração, com um novo fôlego de vida e progresso que nunca expirasse enquanto o planeta oferecesse condições para a existência, como as variedades brancas do Continente Oriental. Sobreviveram com um grau de energia nativa que elaborou diferentes estádios de semicivilização em diferentes ramos; mas o declínio alcançou-as enquanto lutavam por aquela estabilidade que nunca poderiam assegurar para as suas nacionalidades ou para a sua posteridade. Sendo de tipos inferiores, estavam condenadas por virtude

do seu isolamento das agências de desenvolvimento proporcionadas pela intercomunicação com raças superiores.

A história da sua existência, das suas lutas, dos seus triunfos e do seu declínio, e a extinção total das raças outrora avançadas do continente, está inscrita em registos monumentais espalhados por toda a sua extensão, e nas tribos sobreviventes, cujo estatuto diz volumes sobre a filosofia da vida nacional, prosperidade e perpetuidade. O solo e outras condições nalguns dos seus centros outrora mais populosos falam de exaustão e da negligência que falha em usar os meios à disposição do homem para melhorar a sua condição e criar aquela ordem elevada que é o sucesso para nações e indivíduos, e um meio poderoso de assegurar um apoio estável na terra.

A Ásia fora o grande centro de progresso para as porções avançadas da raça, desde a sua existência; e, por necessidade, as suas forças vitais tinham sido recrutadas em tão vasta extensão que impossibilitavam a sua continuidade, através de outra grande era, como o núcleo das forças mais elevadas. Uma transferência era inevitável, dos seus centros mais povoados para novas terras e continentes, não despojados da sua vitalidade e prontos para a mão do explorador e emigrante aventureiro. O mesmo aconteceu com a África.

As suas raças, naturais e estrangeiras, tinham-se viciado sobre o seu solo; e, juntos, raça e país sofreram no grande declínio e nas suas consequências últimas. Havia, contudo, porções destas duas grandes divisões que eram de ocupação mais recente do que outras; e, consequentemente, possuidoras de mais vitalidade e força para resistir ao grande declínio e para recuperar das suas consequências.

A Europa, também, era um vasto campo para a iniciativa das nações que despertavam; o seu armazém de elementos vitais estava cheio até transbordar. Era, por assim dizer, uma força de reserva, a ser utilizada por localidades contíguas nos Continentes Sul e Este, enquanto estas nutriam os elementos humanos que haveriam de se apossar desta terra da promessa, ultimamente; e fazer dela um centro de progresso de onde emanariam correntes de força, para reagirem com efeito salvador sobre

toda a terra. Da Ásia e África para a Europa, daí de volta, de um lado para o outro, e para a América — o novo "Éden" da raça branca —, tem sido esta a direção da corrente de força vital que a raça superior criou, a qual tem vindo a ganhar força e vitalidade com o passar das eras e o desdobramento dos recursos da natureza humana, até estar na iminência de se espalhar por toda a terra; não excetuando as ilhas remotas do mar e os recessos daquele continente que, até agora, parecera terreno proibido a todos exceto às suas raças nativas.

De conquista em conquista tem sido a sua marcha, desde o período em que a raça acordou do seu sonho de eras para contemplar a sua habitação desolada, a sua herança devastada em algumas das suas porções mais favorecidas; com lapsos ocasionais de nações e estados em diferentes países, consequência das mesmas causas gerais e locais que precipitaram o grande declínio e o intensificaram.

O Repertório da Raça após o Dilúvio

No prosseguimento da história da raça até à abertura da era histórica, pouco resta dizer; e isso com referência ao seu estatuto imediatamente subsequente às perturbações que encerraram a antiga e abriram a nova ordem das coisas. A era de perturbação foi curta, comparativamente, sobre toda a terra; visto que as condições simpatizavam entre si em toda a sua extensão. O clímax passou com o "Dilúvio" — ou dilúvios —, e a reação foi rápida e eficaz.

O repouso da raça, que assumira o carácter de um estupor cadavérico em direção ao amanhecer da nova era, de tão profundo que se tornara, foi perturbado quando cumpriu o seu propósito. Como o sono profundo imediatamente antes do romper do dia, que é tão revigorante, este descanso efetuara um novo nascimento para a raça, ou para as porções dela que não tinham passado o limite além do qual não havia salvação. Havia sinais de vigor no redespertar que eram ricos em promessa para o futuro.

Não se deve supor que as influências do declínio não foram propagadas para a nova era de outra forma que não a já indicada. Elas viveram nos sobreviventes das grandes catástrofes e foram impressas nas

instituições que estes originaram; sobrevivendo a gerações de homens que vinham gradualmente para a luz. Foram propagadas como entraves ao progresso, até que nascessem as gerações que pudessem elevar-se acima delas e as suplantar. Está registado como Noé e um seu filho pecaram; e isto é típico do estatuto de muitas das tribos e nações sobreviventes da terra no período; algumas das quais não sobreviveram muito tempo ao renascimento; outras sobrevivendo à sua degradação e estabelecendo a sua posteridade sobre a terra.

Sodoma, Gomorra e a Intervenção Angélica

As cidades de Sodoma e Gomorra são citadas na escritura como exemplos de comunidades que convidaram a vingança do céu pelos seus desvios do caminho da virtude e da retidão, até estarem completamente imersas, como um povo inteiro, no lodaçal da sensualidade — tal injustiça que o persistente Abraão deplorou quando o anjo regressou, como está registado, após repetidas visitações, e não encontrou sequer "dez justos" em toda a Sodoma.

Este relato é exposto segundo a maneira dos tempos em que foi registado e é expressivo de duas grandes verdades que se destacam claras e distintas no meio de todo o lixo com que a superstição investiu os factos; a saber: primeiro, a interferência angélica nos assuntos da humanidade, nações e indivíduos; segundo, a potência do aviltamento generalizado do carácter moral, tal como existia na condenada Sodoma segundo o relato, como um corruptor de todas as condições e um meio de gerar destruição para toda a vida nas localidades em que prevalece. A exaustão da força pelo envenenamento das fontes da vida no abuso das funções sexuais está claramente indicada no caso das "cidades da planície", que foram destruídas por uma convulsão da Natureza que deixou a localidade como uma área afundada coberta por águas salgadas.

O próprio Céu — as hostes angélicas, que cumprem as ordens da Sabedoria Divina — não foram espectadores desinteressados ou descuidados de pecados como estes; visto que, no seu resultado último, pela lei eterna, eles devem produzir tal ruína ao homem e às suas obras; e era função destes ministros do Altíssimo avisar e suplicar através de

profetas e, finalmente, denunciar e ajudar a precipitar a catástrofe que era inevitável. Tal, está registado, foi a sua missão, e foi de acordo com a lei e a prática em todas as eras.

Os Cananeus, como registado, não esqueceram os pecados dos seus pais, mas herdaram a maldição, a qual os Hebreus foram instrumentais em trazer sobre eles. Estas últimas tribos herdaram o seu domínio até que elas, também, o perderam, ao transgredirem leis evidentes; quando foram espalhadas pelos quatro ventos e perdidas, exceto algumas tribos, cuja vitalidade notável e zelo inconquistável pelas instituições nacionais nenhuma reversão pôde extinguir; mas que as preservaram como um povo separado até ao presente.

O Povo Hebreu e a Arca do Monoteísmo

Os Hebreus foram um povo notável desde o início; notáveis na característica única de espiritualidade superior — suscetibilidade a impressões espirituais. Noutros aspetos, não eram superiores a outras nações e tribos, como mostra a sua história. O seu progenitor, Abraão, era um profeta; e o seu filho e neto depois dele; e os profetas e videntes multiplicaram-se entre o povo com os seus números. Este dom peculiar serviu-os de uma maneira notável, como mostram os seus registos, e como é a verdade, embora o seu orgulho e vaidade nacional tenham magnificado os factos em inúmeras instâncias.

A sua libertação do cativeiro egípcio através de uma série de notáveis interferências proféticas não tem paralelo na história nacional; sendo uma lição proveitosa para todas as gerações estudarem. O exagero dos incidentes desta história conferiu-lhe um carácter mítico; contudo, despojada disso, resta o suficiente para mostrar os factos à luz acima declarada.

Abraão transmitiu à sua posteridade a ideia do Monoteísmo, como foi dito; tendo sido ele, de acordo com a afirmação de Melquisedeque, o sacerdote, "Abrão do Deus Altíssimo, possuidor do céu e da terra". Esta ideia foi corrompida nos seus descendentes, que fizeram do seu Jeová um homem segundo os seus próprios corações, revestido de poderes sobrenaturais. Contudo, reteve vitalidade e pureza suficientes para

elaborar um sistema superior através de uma nova ordem, a Cristã, que lhe é diretamente rastreável através do seu originador, reivindicando a relação ao adotar as Escrituras Hebraicas como parte do cânone sagrado. Esta Ideia transcendente era a "Arca da Aliança", que foi confiada a este povo espiritual como os seus guardiões mais seguros, para ser transportada pelos seus sagrados sumos sacerdotes da profecia e do vaticínio até à era distante em que a verdade pudesse ser compreendida mais claramente pelas massas; quando seria entronizada como o "Santo dos Santos" no templo de uma civilização abrangente, onde estaria a salvo de toque sacrílego.

As suas jornadas foram através dos desertos do barbarismo, através de tribos e nações que a desprezaram juntamente com os seus guardiões, mas que não puderam lançar mãos ímpias sobre ela para a sua destruição, visto que possuía em si mesma os elementos de perpetuidade. Era, e é sempre, o "Deus connosco", que vive por virtude da sua supremacia sobre qualquer outra ideia que a mente humana tenha concebido da Divindade.

Politeísmo e o Renascimento do Pensamento

Outras tribos contemporâneas dos primeiros Hebreus, na sua vizinhança, corromperam esta ideia religiosa, multiplicaram as suas divindades e aviltaram o seu culto. A era da fábula, de deuses e semideuses inumeráveis, projetou-se na era histórica e decidiu o carácter das religiões do povo durante eras. Nações a Este, Oeste, Norte e Sul adotaram o Politeísmo; corrompendo de tal modo o que da verdadeira ideia alguma vez possuíram que quase a obliteraram dos seus sistemas religiosos.

Muito de bom sobreviveu nestes últimos, à medida que foram emendados na nova era por sacerdotes e profetas que, como Abraão, foram os veículos de transmissão de ideias para eras futuras. As ideias renasceram no renascimento do pensamento, tão modificadas na sua enunciação que pareciam novas, as quais em velhas dispensações tinham usado uma roupagem que as desfigurava ou obscurecia. Como é o caso em cada passo avançado que a raça deu, algum lixo foi descartado com a

primeira remodelação do pensamento; enquanto houve muito no antigo que valia a pena preservar sem modificação, pelo menos pela luz que a nova era fornecia.

A mente pensante que contempla a era histórica inicial à luz da história, tal como chegou até à era presente, vê nela refletido o antigo e o novo; este último usurpando o lugar do primeiro tão gradualmente que é escassamente percetível; o primeiro mantendo a sua posição com uma pertinácia fruto de costume continuado por eras, e apenas cedendo ao mandato do progresso. Cada era sucessiva repete o quadro da verdade lutando pelo domínio; e é apenas comparando eras ou séculos amplamente separados uns com os outros, ou com o presente, que se pode discernir claramente que progresso foi feito em qualquer era ou época.

Os registos mais antigos das nações cuja história é melhor conhecida abrem-se num nevoeiro de fábula, que é eloquente sobre o estado da literatura e de todo o conhecimento na época. Continuando em direção a eras posteriores, a luz torna-se mais distinta até que, finalmente, se torna mais fácil discernir o verdadeiro do falso na massa de narrativa acumulada; o que, em si mesmo, é evidência de progresso na inteligência, o qual faltava em relação à era precedente quando esta foi inaugurada. As próprias narrativas eram registos de falhas, fracassos, ignorância total e degradação, parecendo por vezes transmitir a ideia de que a natureza humana estava no caminho seguro da descida e perto do seu término; mas temperadas com presságio esperançoso suficiente para inspirar confiança num futuro mais brilhante a ser revelado.

De Atenas ao Futuro: O Progresso Irrefreável

A transição da era bárbara para aquela que revelou as civilizações da Grécia e Roma antigas foi efetuada tão gradualmente, e com tantos retrocessos, que a história do período é borrada como a do precedente. Esta indistinção é o resultado das mesmas causas que, intensificadas, obliteraram a da era bárbara. Fábula, exagero, quebras, omissões, tudo se combina para tornar a história deste período pouco fiável. Mas a glória da era de Péricles e de Augusto irrompe sobre a visão, ofuscando-a com um

esplendor que obscurece as condições circundantes e a era que lentamente elaborou tais resultados a partir de tais começos.

O caminho que a raça humana trilhara tendera para cima, com muitas aclives íngremes para subir, muitos longos trechos de inclinação mais gradual para percorrer, e alguns vales profundos para atravessar, cujos horrores ultrapassavam aqueles que o herói de Bunyan encontrou no seu vale da desonra. Tinha agora atingido um nível onde serpenteava através de campos de deleite, tais como não encontrara antes, e que eram apenas a entrada para a terra deleitosa mais além, acima, no topo da montanha. Mas, ai! bocejava ainda um abismo que deveria ser ultrapassado; e, na sua passagem, obscureceu-se, por um espaço, a luz que a raça levava para a frente.

Um registo de declínio está escrito nas ruínas da Grécia e de Roma; cuja história e causas são bem compreendidas na atualidade; escrito da mesma forma que em monumentos de uma era perdida no passado indistinto; — da mesma forma que em monumentos egípcios de diferentes eras, nos da antiga Assíria, de Palmira no deserto, de Petra na Arábia e em multidões de outros. Todos estes dizem a cada era que os lapsos são a regra com nações e comunidades da humanidade; os quais correspondem ao estádio de civilização a que a nação individual ou comunidade de nações, ou tribos, chegou.

A reciprocidade de ação entre nações e comunidades de nações, tal como a existente entre localidades e secções, grandes e pequenas, na superfície de um planeta, determina que todos sofram com um, e um com todos; mas num grau dependente do estatuto individual. Contudo, aquela porção da raça que passou para dentro das fronteiras da civilização, para a sua luz mais ampla, revelada na comunidade de nações esclarecidas da terra, não tem de temer tais lapsos como marcaram eras anteriores, quando esta radiância era mais ténue e difundida por espaço menor. O volume e o carácter da luz impossibilitam a sua extinção num futuro onde a iluminação espiritual está destinada a ser um poder para adicionar um estímulo forte e perpétuo à chama que já se tornou um sol em esplendor e poder de iluminação e frutificação. O equilíbrio de poder e influência está agora com a porção civilizada da raça; e este facto resolve o destino

de todos os ramos dela que não estejam fora do âmbito do progresso. O progresso não pode cessar num planeta no estádio atual da Terra; mas pode ser retardado em várias direções, parado em certos canais e confinado, em certas épocas, a uma porção selecionada da raça; sendo a seleção de acordo com a lei anteriormente definida. Daqui em diante, quando as nações avançadas descansarem, deverá ser à luz da civilização. O seu declínio será das alturas vertiginosas para planaltos intermédios, mas não para as planícies baixas.